# As Faces do Invisível

A influência do nosso passado em nosso presente

# As Faces do Invisível

A influência do nosso passado em nosso presente

Elaine Gubeissi de Lucca Alexandre Possato

#### ® 2010 Elaine de Lucca, Alexandre Possato São Paulo - SP - Brasil

2ª Edição - 2010

1ª Edição - 2002

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmera Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lucca, Elaine de As faces do invisível / Elaine de Lucca, Alexandre Possato - São Paulo, 2010.

- 1. Psicoterapia. 2. Reecarnação e psicoterapia.
- I. Possato, Alexandre. II. Título.

ISBN 85-294-0244-8

#### Direção Geral:

Julio E. Emöd

#### Supervisão Editorial:

Maria Pia Castiglia

#### Revisão de Texto:

Sílvia Ricardo

#### Capa:

Cássia Caetano

Diretora de arte e artista plástica pós-graduada em Linguagens Visuais. Contatos: (11) 8119-8105 - cassinha6@hotmail.com

#### Editoração Eletrônica:

Docuprint

#### Impressão e Acabamento:

Docuprint (11) 4993-8400

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, guardada pelo sistema "retrieval" ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, seja este eletrônico, de fotocópia, de gravação, ou outros, sem prévia autorização escrita dos Autores.

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

## Conteúdo

Prefácio		ix
Introdução		xiii
Agradeciment	0	XV
<b>Espíritos:</b>		
onde estã	o e como surgem dentro da	
Terapia de	e Vida Passada	1
-	As várias moradas do espírito	
	A possibilidade da manifestação espiritual	
	Como se manifestam os espíritos	7
Quem acr	edita?	16
	Os espíritos no antigo Egito	
	A crença espiritual na Grécia	
	Os espíritos se comunicam com o povo hebreu	
	Na China	
	Na Índia	
	Idade Média: ebulição espiritual	28
	"Era Espiritual"	
	Nos tempos modernos	34
A comuni	cação dos espíritos	36
	A medicina que também trabalha com os espíritos .	
	O método que adotei	39
	Afinidade e empatia	42
	Vida passada e obsessão	45

Mediunida	ade: a porta de acesso	53
	Todos nós somos médiuns?	55
	O que propicia o contato espiritual?	56
	Mecanismos biológicos	
	A glândula pineal	
	Um elo de ligação	
	A lixeira	
	A mediunidade e os pacientes	64
Ohsessão	e realidade	74
00303340	"Ele está com encosto" ou "você tem mediunidade	
	Espíritos do presente	
	O que sente o obsediado?	
	O diálogo de desobsessão	
	Quando é grande o desejo de vingança	
	A atração é recíproca	
	Não aceitar a morte de um ente querido	
	O aborto trazendo a obsessão	
	A influência dos obsessores sobre o terapeuta	
Problema	s atuais – influências do passado	112
Tioolemas	<del>-</del>	
	Sintomas, doenças: culpa de quem?Instabilidade profissional	
	Neurose obsessivo-compulsiva	
	Desarmonia conjugal e depressão	
	Dermatite gerada pela proximidade espiritual	
	Medo de dirigir em estrada	
	O paciente foi o obsessor	
	A cabeça parece que vai explodir	
	Meu marido está muito distante	
		17
Atraindo a	a proteção espiritual	
	Oração e TVP	
	A prece e a relação com o espírito	
	Os amigos espirituais estão sempre próximos	
	A importância de confiar na própria capacidade	166

Confiar em si e no invisível	173
Os diferentes tipos de proteção espiritual	177
O conteúdo das mensagens	179
O caminho	187
Desabrochando espiritualmente	194
Conclusão  Um novo conceito para paciente,terapia e tera	
Oração a Deus	203
Bibliografia	

# Prefácio

Nas últimas décadas, o mundo ocidental vem incorporando alguns padrões de pensamento até então distantes da nossa realidade, descritos em livros com títulos sugestivos: o poder do pensamento positivo, a arte de amar, a felicidade ao seu alcance, ser feliz no casamento... Procurando no mais profundo de nosso eu, quem, em sã consciência, encontraria a idéia de se casar para ser infeliz? Ou quem cultivaria diariamente, com metódica paciência, o poder do pensamento negativo?

O ato de amar, não apenas ao próximo, mas principalmente a nós mesmos, como ensinam os livros de auto-ajuda, respeitando nosso corpo, nossa mente, "fazendo a faxina" dos pensamentos, deveria ser inerente ao ser humano. Mas não é. Permitir-se perdoar, respeitando as nossas imperfeições também poderia ser natural...

Sabemos que a vida de hoje é atropelada pela inconcebível, mas também irrefreável, necessidade de sobreviver, de progresso, de conquista material. Também sabemos que, conforme o homem moderno vai conquistando mais espaço na escala social, um conforto a mais no seu lar, um curso a mais em seu currículo, passa a conviver com doses antagônicas à sua satisfação: frustrações, pessimismo, inveja... As atribulações do dia-a-dia, o excesso de informação que digerimos a cada minuto, as regras culturais e sociais, muitas vezes nos impedem de pensarmos em padrões de comportamento óbvios, como a necessidade do pensamento positivo, a necessidade de amar...

Mas seria apenas isso? O ambiente em que estamos é responsável pelas mazelas que nos atormentam? Os livros de auto-ajuda ensinam o contrário e mostram que, na verdade, o que existe é uma dificuldade do ser humano de se situar diante desse novo "ambiente" de competição, acúmulo de informações, relações conturbadas e distorções de valores. E temos que ser ponderados: essa dificuldade que o homem enfrenta diante de novas circunstâncias não é novidade — ocorre desde a antigüidade. A dificuldade de pensar positivamente também não é privilégio de agora: basta olhar nossos pais, avós, conhecidos, a história da humanidade. Podemos dizer que nem o conteúdo dos livros de auto-ajuda é novidade — nada mais é que uma adaptação do velho conhecimento oriental, baseado na tradição zen-budista, taoísta, hindu...

Conhecimentos antigos, comportamentos antigos. Então, o que há de novo? Basicamente um dado: hoje o Homem está mais evoluído intelectual e espiritualmente. E isto significa um mundo de alterações. A começar pelo intercâmbio entre o Ocidente e o Oriente. Há cinqüenta anos não se falava em meditação, acupuntura, reiki, yoga etc., como se fala hoje. Por outro lado, o Oriente importou a gana desenvolvimentista dos ocidentais e as noções cristãs de fraternidade e caridade.

Olhando por este prisma, a evolução passa, então, a significar a busca do bem-estar físico e espiritual em qualquer fonte, com a mente livre de preconceitos, pronta a aceitar idéias longe do seu contexto cultural. Exatamente neste momento, estamos vivenciando este estágio em um alto estado ebulitivo, e como não poderia deixar de ser, é necessário um período para "separar o joio do trigo".

Pela televisão, rádio, revistas e jornais, internet, telefone, somos bombardeados por informações sobre conhecimentos milagrosos, pretensamente milenares, amuletos especiais, gurus infalíveis e coisas do gênero. Paralelamente, técnicas sérias, conhecimentos fundamentados e filosofias construtivas se estruturam e se estabelecem definitivamente na sociedade, tanto ocidental, como oriental.

E o Homem, em evolução, vem aprendendo que pode amar a si e ao próximo, que a competição material só é saudável dentro de parâmetros baseados no respeito mútuo, que mesmo em ambientes agressivos é imprescindível a busca da paz interior, que a religiosidade e a fé são armas importantes na busca do equilíbrio, que temos um espírito poderoso e imortal. Voltando ao início do texto, compreendemos com mais facilidade a importância do pensamento positivo, descobrimos o real significado do amor, captamos naturalmente temas que, anteriormente, eram relegados sob o pretexto de misticismo.

Idéias anteriormente inconcebíveis – como a oração pode curar; a mente pode curar; a mente origina doenças; ambientes de trabalho tranqüilos proporcionam maior produtividade; o inconsciente do indivíduo registra fatos e emoções de vidas passadas; uma pessoa pode se comunicar com outra ou sentir sensações de outra sem estar fisicamente em contato – hoje não soam tão estranhas e esotéricas como antigamente, porque temos maior consciência de que o pensamento é uma fonte de energia efetiva e que o inconsciente é um banco de dados muito maior do que até então imaginávamos.

Mas o que tem a ver o poder da mente, o pensamento, o que está por trás do inconsciente, as tradições orientais, a Terapia de Vida Passada e os espíritos?

O advento da Terapia de Vida Passada, técnica psicoterápica que busca a origem dos problemas do ser humano em outras encarnações, também faz parte deste novo estágio de desenvolvimento da Humanidade, onde conhecimentos antigos e de diversas origens se incorporam aos mais modernos conceitos. Reafirma o conceito oriental de que a responsabilidade de adaptação ao meio cabe ao Homem, e vai além: explica o porquê das dificuldades que enfrentamos no nosso cotidiano. Indica que os conflitos de relacionamento, a maneira como enfrentamos situações de irritabilidade, as dificuldades profissionais, doenças etc., não são necessariamente originados pelo meio. O meio apenas apresenta situações onde o problema latente, originado em outras épocas, se manifesta. É óbvio que hoje, como a velocidade em que os fatos e as situações se apresentam é muito maior, a manifestação dos problemas também é maior.

A TVP demonstra que cada atitude que tomamos, cada emoção que nos acomete, fica registrada em nosso inconsciente, e são capazes de provocar sintomas no futuro. Existe um exercício fácil para provar esta afirmativa: basta lembrarmos de uma desavença séria que tivemos no passado, aparentemente já esquecida. Caso nos transportemos mentalmente até a época do ocorrido, tentando vivenciar os mínimos detalhes, facilmente teremos as mesmas emoções retornando, e talvez com a mesma intensidade. Assim, percebemos quanta energia está concentrada numa situação aparentemente deixada para trás.

Da mesma forma que os pacientes da TVP revivem circunstâncias de outras vidas com toda a intensidade emocional, também descrevem espontaneamente a presença de espíritos, almas de pessoas que já deixaram este plano, mas que estão próximos com as mais diversas intenções possíveis, mas que podem ser resumidas a duas: auxiliar ou prejudicar. É nesse ponto que se relacionam TVP, o poder da mente, o pensamento, o que existe por detrás do inconsciente, as tradições orientais e os espíritos.

Tomo como verdadeira a continuidade da vida após a morte física como também creio absolutamente na reencarnação e na lei do carma. Meus pacientes demonstram que a individualidade não sofre nenhuma transformação pela morte física: defeitos, virtudes, perspectivas, frustrações, medos, tudo continua "vivo" com o espírito. Sabendo que o pensamento é uma poderosa fonte de energia, podemos então aceitar que continuaremos a exercer influência mesmo em estado espiritual.

Confirmando esta hipótese, dentro de meu consultório surgem tanto relatos de mentores – espíritos evoluídos que orientam, esclarecem, aconselham – como também surgem casos de espíritos que "acompanham" os pacientes com motivos menos nobres, muitas vezes movidos pelo desejo de vingança por atitudes do passado.

Estas manifestações, que não se limitam apenas às comunicações, mas trazem consigo uma série de efeitos sentidos pelo próprio paciente, são o tema deste livro.

Nesta nova obra, Alexandre Possato e eu consideramos imprescindível trazer ao leitor o apoio de conceitos filosóficos, religiosos e científicos estruturados, argumentos que "temperam" o controverso tema "influência espiritual". Com isto o leitor terá uma visão séria, em que foram eliminados preconceitos e dogmas que buscam desqualificar o tema.

Por fim, esta obra proporciona um farto material de estudo e discussão. A leitura e releitura deste livro é muito importante, pois gradativamente pode-se descobrir um universo de conceitos e dados que não são conflitantes entre si, mesmo vindos de épocas e lugares diversos.

Apoiada nestes dados e, principalmente, em meu trabalho diário de terapeuta, busco neste livro demonstrar a causa dos espíritos influenciarem a vida dos pacientes, o grau de influência que podem exercer, como identificar uma influência espiritual, e diversos outros aspectos que serão a partir de agora comentados.

Por fim, concluo que as pessoas que buscam a terapia trazem consigo muito mais que sintomas para serem tratados...

Elaine Gubeissi de Lucca

# Introdução

Diante da vida somos todos aprendizes.

Antes, muito antes da ciência afirmar que tudo à nossa volta é energia, incluindo a própria matéria, o saber popular interpretava, muitas vezes de forma desconcertante, acontecimentos da vida humana. Distorções ocorriam, e ocorrem, em todas as áreas, tanto entre o povo, das mais diversas culturas, como entre os homens da ciência.

Mas é preciso reconhecer a sabedoria popular e ao mesmo tempo estar aberto para o desenvolvimento científico e tecnológico, ter uma postura equilibrada.

A crença na influência dos espíritos na vida das pessoas é uma realidade em qualquer cultura e em qualquer época do mundo, como veremos em capítulo mais adiante. Embora nós, brasileiros, estejamos afeitos às religiões que tratam diretamente do assunto, como o espiritismo e a umbanda, e indiretamente, como o próprio catolicismo e algumas correntes evangélicas, a maneira de encararmos a influência espiritual não é nada prática, nem isenta de discriminação.

Conforme cada linha de pensamento, fala-se em anjos, satanás, exus, obsessores, guias e outras denominações para o que acredito ser um fenômeno único. No trabalho que faço com a Terapia de Vida Passada, procuro me afastar dos dogmas religiosos, visando estar aberta às evidências espirituais trazidas pelos meus pacientes, sem nenhuma indução da minha parte. Conforme já descrevi em meu primeiro livro A Evolução da Terapia de Vida Passada, numa regressão, muitas vezes a pessoa em tratamento comunica a presença de espíritos espontaneamente, não importando qual credo ela professe. Não são manifestações simplesmente de energia, mas sim de espíritos, porque as presenças possuem personalidade própria, se comunicam inteligentemente, demonstram em muitos casos conhecerem fatos fora do saber do próprio paciente.

A teoria da TVP, que se desenvolveu no Brasil no início da década de 1980, pelo estudo do trabalho do psicólogo norte-americano Morris Netherton, em nada indicava a possibilidade da manifestação espiritual durante um tratamento. Entretanto, criara-se com a regressão um estado propício para isso, pois:

- para que haja a possibilidade de uma comunicação entre um espírito desencarnado e um encarnado, é necessário um estado alterado de consciência, ou seja, um estado onde o indivíduo esteja com suas ondas cerebrais funcionando entre alfa e teta, como, por exemplo, quando estamos em devaneios, ou em relaxamento, meditando, sonhando ou até em transe. No caso da TVP, o indivíduo está em relaxamento;
- os pacientes demonstram a existência de diversas encarnações, sendo que o espírito ultrapassou a barreira do tempo, conservando todas as características de personalidade. Onde estaria o espírito no espaço de tempo entre uma encarnação e outra?
- o fato de se trabalhar as vidas passadas deixa aflorado no paciente situações onde ele amou, odiou, matou, protegeu outras pessoas, provocando uma atração natural entre os envolvidos (paciente e espírito), caso exista uma relação de afinidade entre os dois.

Até recentemente, não se falava na influência espiritual dentro da TVP. Apenas aqui e ali fazia-se uma vaga alusão à possibilidade de surgirem espíritos relacionados com vidas passadas dos pacientes, muitas vezes dando a impressão de que o espírito se ligava a determinada pessoa quase que por acaso, sendo que a única relação de afinidade era a inclinação para determinado tipo de vício, ou algum desvio no comportamento, causado, por exemplo, por uma depressão.

Agora, começa uma movimetação entre terapeutas norte-americanos que, trabalhando com o paciente em estado alterado de consciência, utilizam uma técnica denominada Terapia do Desligamento Espiritual, mutias vezes concomitante à TVP.

Meus pacientes narraram casos e demonstraram comunicação ou influência advinda de relações afetivas originadas em vidas anteriores, como também na vida presente (pai, mãe, irmão etc.).

A comunicação espiritual ocorrida dentro do consultório é uma manifestação clara da sobrevivência após a morte física e, sobretudo, um ingrediente a nos cobrar a responsabilidade de viver e a necessidade de agir com ponderação e equilíbrio, a cada momento.

# Agradecimento

A você, meu paciente, que ao permitir desnudar suas vidas passadas, muitas vezes marcadas pela dor e sofrimento, possibilita ao leitor um aprendizado de evolução, justiça e esperança.

E a você, meu paciente, companheiro nestes vinte anos de trabalho, cujas vidas não puderam ser mencionadas na obra em virtude do espaço restrito de que dispomos, deixo o meu carinho e sincera gratidão.

Vocês são o alicerce do meu trabalho.

Elaine Gubeissi de Lucca

# Capítulo 1

### Espíritos: onde estão e como surgem dentro da Terapia de Vida Passada

Quando me formei psicóloga em 1975, estava numa fase de transformação interior muito ativa, questionando diversas situações que se ofereciam pela frente: tanto a prática quanto a teoria da psicologia apresentavam-se de maneira nebulosa para mim. Tinha certeza da minha vocação terapêutica, porém faltava definir qual linha seguir – que caminho poderia unir minha vocação à crescente espiritualização e conseqüente descrédito em relação às teorias mecanicistas que vêem o homem como uma máquina. Como me enquadrar na psicologia tradicional, que julga ser o conteúdo da mente uma somatória da história pessoal observável do paciente, enquanto eu acreditava em vidas anteriores, além de uma relação mais abrangente entre o inconsciente e o Universo?

Não posso negar a importância de Jung ao abrir os horizontes da teoria sobre a consciência humana, introduzindo o conceito do inconsciente coletivo — observando sonhos, delírios, alucinações e fantasias de pacientes, o famoso austríaco descobriu que a psique humana tem acesso a imagens e motivos que podem ser encontrados nas tradições culturais de diversos povos, inclusive em civilizações já extintas. A isso ele denominou arquétipos, que estariam todos em um "banco de dados" universal, o inconsciente coletivo, que explicaria, juntamente ao inconsciente individual, uma série de manifestações das pessoas que não têm origem nas experiências vividas anteriormente.

Contudo, tal hipótese também não me seduzia. Nesta época, eu já estava em contato com a teoria reencarnacionista, cuja proposta pareceme mais lógica: somos um espírito imortal, que encarna num corpo material como forma de aprendizado e evolução, desencarnando e voltando ao estado espiritual, e assim sucessivamente, até alcançar um estágio onde não necessitaremos mais da experiência em corpo físico.

Durante este trajeto de idas e vindas, estamos subordinados à *lei do carma*, também conhecida como *lei de causa-e-efeito* em que, para cada ato praticado, há uma conseqüência. Nas encarnações em que o espírito se encontra em estado mais primitivo, com pouco desenvolvimento moral, as ações são muitas vezes baseadas no instinto, levando a atitudes brutais e, conseqüentemente, a lei do carma demonstra-se em reações igualmente duras.

Pela nosso *livre-arbítrio*, ou seja, a possibilidade de agir conforme a própria vontade, vamos, a cada minuto, alterando nosso presente e futuro.

### As várias moradas do espírito

O poder de transformarmos nossas vidas, seja no sentido material, sentimental, moral ou físico, é inquestionável. O homem de hoje, *intuitivamente*, vai adquirindo esta noção e colocando-a em prática na vida moderna, mesmo sem crer na evolução espiritual, no carma e na reencarnação.

Poderíamos perguntar: mas essa "intuição" não poderia ser obra do acaso? A resposta categórica é não. Basta observarmos a natureza e veremos que nada ocorre por acaso – para todo o tipo de fenômeno existe uma causa, uma ação e uma conseqüência.

Esta intuição também é o carma da Humanidade agindo, e confirmando a evolução na qual todos estão incluídos e não podem escapar. Num processo ainda embrionário, o homem procura modificar este mundo material em um mundo mais justo e hospitaleiro, mais acolhedor.

Mesmo com tantos problemas sociais e econômicos, somos obrigados a reconhecer que o padrão de vida, em média, vem melhorando progressivamente no decorrer da história. O mais impertinente pessimista não pode fechar os olhos aos avanços da medicina, aos confortos da tecnologia, ao crescimento da produção etc., situações que há apenas cem anos eram impensáveis.

Demonstrações irrefutáveis de evolução podem ser demonstradas nas relações sociais: há pouco mais de um século, a escravidão era um instrumento de produção aceitável, enquanto hoje, é um crime hediondo; o papel da mulher, que de simples reprodutora alcança o direito ao voto, ao trabalho, ao destaque social e intelectual; o divórcio, como uma alternativa ao casamento onde não há mais afinidade, mantido apenas pela aparência, trazendo toda a sorte de conseqüências perniciosas.

Assim, se não existe acaso e o progresso é inegável, até onde nos levará esta intuição de poder transformar positivamente nossas vidas e o mundo?

Como somos espíritos buscando a evolução no plano material, estamos tentando recriar, com os instrumentos de que dispomos, as condições que tínhamos em um mundo espiritual, que é a nossa verdadeira morada. Não é assim que ocorre quando imigrantes deixam sua pátria e procuram recriar o antigo ambiente no novo país?

Esta suposição de que almejamos as condições que temos quando em estado espiritual vai de encontro à antiga tradição oriental, segundo a qual "o que está no microcosmo, está no macrocosmo". O planeta Terra representaria um microcosmo, enquanto que os planos espirituais seriam o macrocosmo.

A mente extremamente racional pode julgar inconcebível a idéia de diversos planos onde habitariam os espíritos – onde estariam tais planos? Em outros planetas?

Penso que tal pensamento só é racional se imaginarmos o "além" como um local geográfico possível de ser determinado. Mas um lugar, no sentido físico da palavra, só é útil para abrigar corpos materiais, seres que se assemelhariam a nós, de alguma forma, mas, neste caso, estamos falando de espíritos imateriais...

Segundo o Yogue Ramacháraca, mestre ocidental da filosofia iogue, "um plano é uma condição ou um estado de atividade na eterna energia do espírito, no qual o Cosmo vive e se move e tem a sua existência. Em qualquer ponto do espaço pode haver muitos planos de atividade". O hindu continua, em *A Vida Depois da Morte*: "Outro exemplo de elucidação pode fornecer-vos o domínio da eletricidade, onde encontramos vários graus e várias condições da energia que ocupam o mesmo espaço ao mesmo tempo".

No mesmo sentido que devemos considerar o espaço físico de uma maneira diferente da que estamos acostumados, o tempo também deve ser visto de outra forma. Para a mosca, uma cidade é tão grande quanto o planeta Terra o é para nós. E este mesmo inseto, cuja vida se resume a algumas semanas, tem em poucos dias todo o significado de anos para o homem.

Utilizando este parâmetro, podemos entender que todas as descrições realizadas sobre a vida espiritual, quer por religiões, pelos meus pacientes ou por outros métodos, são apenas imagens nebulosas para os sentidos humanos. Nem por isso podemos descartá-las como alegorias. Textos milenares contidos nos Upanishades, anexados aos Vedas — a obra base da filosofia e religião hindu —, contêm ensinamentos riquíssimos transmitidos aparentemente em forma mitológica.

"Quando um homem morrer, que tenha, pela meditação, purificado a si mesmo e obtido sabedoria; no princípio irá à luz; depois, da luz ao dia; do dia à metade iluminada da lua; de lá aos seis meses, quando o sol vai para o norte; de lá ao ano; do ano para o sol; do sol para a lua; da lua para o relâmpago; e quando vai para a esfera do relâmpago, encontrar-

se-á com uma pessoa que não é humana, e essa pessoa conduzir-lhe-á a Brahma. Este é o caminho dos deuses. Quando os sábios e as pessoas prudentes morrerem, irão por este caminho e não retornarão..." Este trecho contido no Chandogya Upanishad IV, mostra a crença na diversidade dos mundos, no caminho da evolução e na existência da reencarnação.

Rudolf Steiner, filósofo, criador da antroposofia, deixou um trabalho que abrange religião, medicina, pedagogia, artes e outros campos do interesse humano. Steiner acreditou existir um plano onde vivem espíritos: "Além do mundo que vemos com nossos sentidos físicos e daquele, etérico, que percebemos em segundo lugar, existe ao nosso redor um mundo exclusivamente espiritual onde vivem e se movimentam seres espirituais atuantes que nunca descem à Terra. Mas essas entidades, cuja atividade se desenrola no mundo espiritual, interferem na vida terrestre. Para isso transmitem ao éter da Terra aquilo que fazem no próprio mundo espiritual".

Todas estas concepções sobre o mundo, ou mundos espirituais, são muito próximas entre si, e mesmo visões com ares excêntricos, como a do céu e a do inferno, difundidas desde a Idade Média, têm a sua parte de admissível. Pessoas de regiões, épocas e culturas diferentes podem perceber a mesma realidade de maneira diversa.

A existência de diversos planos espirituais, com características distintas entre si, é aceitável não só pelo que dizem inúmeros textos, como também pela lógica.

Dentro de uma mesma família não existem tantas diferenças de personalidade, cultura, força, educação etc.? O que dizer em uma cidade, em um país, no planeta? Haveria apenas um local para receber os espíritos que estão regressando após viverem com tantos hábitos e costumes divergentes?

A esse respeito, os espíritas kardecistas interpretam a passagem de Jesus, descrita no Evangelho de João 14:2 ("Na casa de meu Pai há muitas moradas. Não fora assim e eu vos teria dito; pois vou preparar-vos um lugar"), como uma confirmação da diversidade dos mundos.

Também a obra espírita A Gênese, que não contradiz a hipótese científica\*, afirma: "Não vedes, pois, ao redor de cada um dos sóis do

<sup>\*</sup> Mesmo não levando em conta a possibilidade de mundos paralelos, de outras dimensões, os dados estatísticos obtidos através de estudos da NASA (*National Aeronautics and Space Admnistration*) dizem que, somente na nossa galáxia, a Via Láctea, 14% das estrelas são semelhantes ao nosso Sol, podendo, portanto, possuir corpos planetários. Estima-se que a Via Láctea possua entre 100 e 200 bilhões de estrelas. Façamos as contas e teremos uma impressionante cifra de 14 a 28 bilhões de estrelas com a possibilidade de terem planetas orbitando ao seu redor.

espaço, sistemas semelhantes ao vosso sistema planetário; não vedes, sobre esses planetas desconhecidos, os três reinos da Natureza que brilham ao vosso redor; mas pensais que, do mesmo modo que um rosto de homem não se parece com nenhum outro rosto em todo o gênero humano, assim também uma diversidade prodigiosa, inimaginável, manifestou-se nas moradas etéreas que vagam no seio dos espaços".

A intenção da Terapia de Vida Passada não é confirmar ou investigar o que ocorre com o espírito após o desencarne. As regressões são direcionadas no sentido de descobrir as origens dos sintomas que levam o paciente a procurar o tratamento, e ele só falará dos mundos espirituais se houver algo de importante relacionando esse estágio aos sintomas ou à sua vida presente.

Em grande parte das vezes, o paciente diz, ao narrar a vida após a separação do corpo físico, ter atividades idênticas às praticadas quando em vida material, como comer, descansar, dormir, tratar-se em hospitais etc. Vêem plantas, animais, montanhas, campos, lagos, contudo procuram realçar, em certas ocasiões, que as cores não são exatamente como conhecemos, a matéria possui uma densidade diferente, ou os sons e músicas também diferem.

### A possibilidade da manifestação espiritual

Com o paciente encontrando-se em relaxamento, um estado alterado de consciência, se percebem com mais facilidade pensamentos e outras formas de energia.

Sendo o planeta Terra apenas uma etapa no desenvolvimento dos espíritos, o que os levaria a se comunicar numa sessão de Terapia de Vida Passada?

Nas encarnações, nos relacionamos com diferentes pessoas, com as quais tivemos atitudes diversas, e há a possibilidade de espíritos com os quais tivemos alguma relação de afinidade ainda estarem junto ao nosso espírito. O auxílio dos nossos *protetores* (no caso, dos pacientes) também é melhor percebido numa regressão, pela ampla visão que se tem das encarnações anteriores e pela própria vontade do protetor em mostrar alguns detalhes da evolução do indivíduo.

Na trajetória de idas e vindas dos espíritos entre os planos materiais e os planos espirituais, é plausível que haja um intenso intercâmbio espiritual – sabemos que nada desaparece simplesmente, num passe de mágica, e seria ilógico pensar que um espírito, que é sem dúvida um forte emissor de energia e pensamentos, estivesse fadado a desaparecer de repente, sem deixar vestígios. Energia e pensamento não desaparecem, ape-

nas exigem métodos e condutores específicos para demonstrarem a sua existência. Usando um exemplo bem simplista, hoje sabemos que à nossa volta, acima e abaixo de nós, existem ondas eletromagnéticas que, com os devidos aparelhos receptores, transformam-se em vozes, sons e imagens: são as ondas de rádio e de televisão.

No plano espiritual, livre do bloqueio provocado pelo corpo físico, as sensações, os sentimentos de alegria ou culpa, ódio ou amor, que também são energia, demonstram-se com toda intensidade.

Temos de lembrar que a presença espiritual nem sempre é percebida apenas como aquele guia protetor, que nos intui, orienta e transmite boas energias. Os casos onde espíritos procuram interferir negativamente na vida das pessoas são muitos, e é bastante significativo o interesse médico neste aspecto, uma vez que esta visão mais abrangente permite uma melhor observação, compreensão e tratamento de qualquer enfermidade onde esteja envolvida a obsessão.

Este e outros assuntos sempre foram abordados exaustivamente na Associação Médico-Espírita, entidade sediada em São Paulo, que promove conferências, cursos, ciclos de estudo e simpósios, com o objetivo de abordar e esclarecer temas atinentes à fenomenologia espírita com relação à classe médica, de maneira geral.

Participando ativamente das reuniões, impressionava-me, positivamente, a convicção e propriedade com a qual era abordado o tema pelo saudoso Dr. Wilson Ferreira de Melo, médico psiquiatra que qualificava a obsessão como uma doença nervosa ou mental sem causa orgânica, subdividida em *auto-obsessão* e *hetero-obsessão*. Na *auto-obsessão*, o Dr. Wilson reconhecia ser o paciente o responsável por toda a sintomatologia, sendo de extrema importância as heranças de vidas passadas. Contudo, é nos casos de *hetero-obsessão* que se verificam a presença e a ação persistente de um outro espírito, podendo traduzir-se em uma simples influência moral ou até na perturbação completa das faculdades mentais.

Segundo o psiquiatra, no estudo intitulado *Das Obsessões*, publicado no Boletim Médico-Espírita de dezembro de 1984, os sintomas diversos como "idéia fixa em alguma coisa, manias, cacoetes, atitudes estranhas, recalques, complexos diversos, delírios e alucinações têm origem nas dificuldades da vida, na educação mal conduzida, nas influências do meio ambiente, nos estados de desnutrição, nos distúrbios emocionais e, sobretudo, nas **causas** anteriores, de **vidas passadas**, **gravadas no arquéti-po** do paciente, que se acha lesado ou desintonizado. O perispírito é o corpo do espírito, o que lhe dá a forma humana e que grava indelevelmente todos os atos e pensamentos do ser humano. Na união com o corpo, no processo da reencarnação, todas as falhas do perispírito tendem a exercer

influência mais ou menos acentuada tanto na área psíquica, como física do paciente. Comumente agem como fatores desencadeantes o remorso ou a falta de ambientação à nova vida e a não aceitação da personalidade atual. Inconscientemente há retorno ao passado, cujos acontecimentos se acham arquivados no perispírito e a vivência deste passado, que se torna presente, leva com frequência ao isolamento, ao autismo e a um tipo de vida em desacordo com o habitual do paciente".

Neste resumo teórico das doenças emocionais sem causas orgânicas que o psiquiatra denominou auto-obsessão, podemos então visualizar com absoluta clareza **o papel** desempenhado pela **Terapia de Vida Passada** nestes casos: **demonstrar** quais **vínculos** existem entre os **sintomas** e as **vidas passadas**, descobrir quais **fatores** desencadearam o **aparecimento** dos sintomas, **conscientizar** o paciente da **origem** dos problemas – **em suas vidas passadas** – e realizar o trabalho de percepção da **não-necessidade** de permanência **destes sintomas** influenciando a vida **atual** do indivíduo, fazendo assim com que ele vá se **desligando** dos **sintomas**.

Em nosso trabalho, detectamos que existe, geralmente, não uma, mas diversas vidas onde determinado sintoma é recorrente e, portanto, é necessário analisá-las todas, demonstrando paulatinamente as relações e o porquê dos sintomas ainda se manifestarem na vida atual, quando já deveriam estar esquecidos. Além desta gama toda de circunstâncias envolvidas com um determinado sintoma, o Dr. Wilson de Melo também colocava a possibilidade da hetero-obsessão, ampliando em muitos casos a abrangência dos problemas do paciente.

#### Como se manifestam os espíritos

Em três anos de trabalho com TVP eu não havia me defrontado com espíritos obsessores. Tinha apenas a teoria de que deveria esclarecêlos, mostrando que cada espírito deve seguir o seu caminho evolutivo, sem interferir negativamente em outro. Mas tais espíritos, conforme fui descobrindo, estavam ligados intimamente ao contexto da vida ou vidas passadas que eram revistas no consultório, o que demonstrava claramente que os problemas que levavam o paciente até a terapia não eram fruto apenas da auto-obsessão. Estas entidades estiveram presentes nas vidas passadas e hoje, desencarnados, continuavam presos aos mesmos sentimentos e emoções. Assim, com uma freqüência cada vez maior, mais pacientes apresentavam manifestações espontâneas, reafirmando-me que a presença espiritual é constante, não havendo como nem porque negligenciar esta realidade.

Casos, como o relatado a seguir, onde se comunicavam espíritos obsessores e espíritos amigos, traziam também a certeza de que a presença espiritual significa não somente obsessão, mas também a ação de entidades protetoras.

Este paciente era um executivo em ascensão na empresa, com uma vida financeira equilibrada. O que não estava equilibrada era sua vida sentimental: casado pela segunda vez, atravessava uma fase muito conturbada com a atual esposa, com brigas e desentendimentos constantes. Foi exatamente este problema que trabalhamos nesta sessão. Perguntei ao seu inconsciente se houve algum momento passado onde já tivesse vivido com a atual esposa, e ele iniciou a narrativa, após alguns instantes em silêncio:

Uma moça de cabelo curto no campo, eu sou ela. Sinto-me bem, tenho mais ou menos treze anos, e moro numa casa simples, mas não tão pobre.

Tenho mãe, pai e dois irmãos. O mais velho é distante e pouco carinhoso. Eu conheço um rapaz que parece ser a minha esposa de hoje. Ele diz que desde que me viu, gostou de mim e pede a permissão para casar comigo. Meu pai aceita e, diante do meu espanto, diz que a vida é assim mesmo, não devo ficar apavorada com o casamento que vai ocorrer daqui a seis meses.

Neste tempo não se namora muito. Meu futuro marido vem em casa e, junto com meus pais, ficamos conversando. Na verdade, sinto medo deste homem: ele usa farda, é um militar, e tem o temperamento agressivo – fica nervoso constantemente e não aceita opiniões.

Falo com meus pais, digo que sinto medo, mas eles retrucam que é assim mesmo, não há o que fazer. Chega então o casamento, continuo assustada... Todos estão conversando, e depois vamos embora para longe.

O novo lugar onde moro é próximo do trabalho do meu marido. A casa é rústica, fria, não há quase ninguém por perto. Ele é rude, eu sou obediente, mas mesmo assim não sou bem tratada. Sou obrigada a manter relações sexuais quando ele deseja, e obedeço, pois tenho medo. Meu marido trabalha muito, é responsável por

um castelo, onde há lutas, e eu fico em casa, sozinha, desesperada, sem saber o que fazer...

Após um período, fico grávida e, mesmo com medo, consigo sentir alguma felicidade. Meu esposo se envaidece porque terá um filho e me trata bem durante a gestação. Porém, eu não estou bem, tenho pavor, sinto muitos enjôos, é uma fase muito difícil. Quando se aproxima a hora do parto, estou péssima, dói muito... Algumas mulheres estão ajudando, a agonia dura uma eternidade.

Enfim, a criança nasce, estou desfalecida. Não ouço nada, o bebê não chora: ele nasceu morto! Meu marido fica furioso:

— A culpa é sua, você é imprestável! Eu desprezo você!

Não sei o que fazer. Depois deste parto, sinto-me melhor, mas continuo fraca. Sou humilhada, subjugada, usada, desejo sumir... Todo dia sou acusada de não poder ter sido mãe, e por isso sou imperfeita, que sou uma desgraçada.

Tenho uma vida cruel: não me sinto bem com nada, e mais um pouco ele começa a dizer que tem outras mulheres, com as quais tem prazer, prazer que eu não posso lhe dar.

Quero morrer. Caio doente, fraca, todo o meu corpo dói, continuo a ser ofendida e desprezada – não há descanso nem na doença. Durante dois anos permaneço neste estado, definhando a cada dia, até a morte chegar.

Percebo que ele comemora e coloca outra mulher no meu lugar. Ela lhe dá filhos. O tempo passa, vejo que ele morreu numa luta: levou uma facada, caiu, e um cavalo passou por cima do seu corpo, esmagando-lhe o peito e as costas.

Então, explico ao paciente, ainda em estado de relaxamento: perceba que você teve uma vida muito difícil, em que passou por humilhações, privação, não pôde ter filhos... Veja por que teve de sofrer tanto. Há algum momento passado que tenha causado estes sofrimentos? E ele, imediatamente, começa o relato de outra encarnação anterior a essa, que explicaria a razão pelas agruras que passou nessa vida.

Tenho um castelo pequeno, situado numa região de que sou o responsável. Sinto-me um grande senhor, mas na realidade, não sou. Possuo estas terras porque elas estão na fronteira do reinado, numa região inóspita e hostil, difícil de controlar. Ajo como se tivesse título, porém também é mentira.

Sou um déspota libertino: possuo todas as mulheres que desejo, mando pegar quem eu quero e levar para o castelo, e faço o que quero com elas. Não me importo que chorem, gritem, reclamem, penso apenas no meu prazer, e ainda ameaço exterminar a família delas, se não for bem servido. Sinto-me feliz, afinal, tenho tudo o que quero: comida, bebida, e as mulheres que desejo.

Tenho mais ou menos uns 28 anos. Depois que me tornei soldado, vim defender as terras onde ninguém queria ficar. Eu era um oficial, fui designado para esta região, onde cobro os impostos e luto constantemente contra os invasores: como este território fica na fronteira com outro reino, é sempre alvo de ataques.

Esta vida me diverte. É bom lutar, matar, aqui não tem perdão: ou mata, ou morre. Todos são bárbaros. Depois de alguns anos, começo a enfrentar problemas com alguns filhos bastardos que tenho – eles se acham no direito de dividir o poder comigo, pensam em me derrubar.

— Enquanto eu tiver soldados, isto jamais ocorrerá! Digo isso a eles, ordenando prisões, enviando outros para a frente de batalha. Neste lugar, ou sou obedecido, ou mato os rebeldes.

Passa-se o tempo, tenho agora 40 anos. Ainda pego algumas mulheres, porém não tenho tanto vigor físico. Minha coragem se foi, não luto mais, prefiro me esconder. Cansei-me deste lugar, que é um charco, e até quis ir para uma região melhor, mas tudo é política, e quem não está próximo ao rei, nada consegue.

Os meus filhos bastardos me desprezam: dei-lhes tudo, mas eles me odeiam. Dei até a oportunidade para as mulheres terem filhos comigo, para algumas arrumei bons casamentos, e só tenho ingratidão... Mulher não tem que querer, tem que obedecer o seu senhor e os pais.

Penso agora que minha comida está sendo envenenada, sinto dor de estômago, fraqueza e tontura. Mas sou um homem, senhor de todos, sou servido pelos criados, e tenho que comer esta comida assim mesmo.

Não me casei, nem tive esposa. Para quê? Pude ter todas as mulheres. Amor é algo que só se tem ao poder, ao dinheiro, o resto é coisa de ignorante.

Sinto que estou morrendo. Neste momento, quero que todas as mulheres que ofendi e abusei me perdoem. A dor no estômago é insuportável, tudo parece queimar, estou morto.

Pedi ao paciente que se visse antes do momento adulto. Como foi a sua infância, o que aconteceu antes de estar tomando conta do castelo?

É necessário entender que a narrativa de uma vida não vem de forma contínua, progressiva. A pessoa em regressão inicia a visão da reencarnação em momentos aleatórios – pode começar vendo a morte, o nascimento, a juventude, e assim por diante, e eu a direciono no sentido de que se abranja toda a vida, do começo até o fim, pois os traumas podem estar escondidos em qualquer fase da vida física – e até além dela. Anotando cada detalhe, preocupo-me também em não deixar grandes espaços de tempo sem que o paciente descreva o que vê. Esta atitude, além de não permitir que o consciente trabalhe e interfira na história, podendo querer bloquear ou esconder determinado fato, fantasiar etc., ajuda no sentido de permitir a emoção aflorar com toda a intensidade.

Meu pai é um homem de letras. No castelo, é um dos poucos que sabe ler e escrever, e por isso faz todos os registros, é um escrivão.

Minha mãe é simples e boa, de família tradicional. Moramos na ala do castelo onde ficam os funcionários mais graduados. Vejome com 7 anos de idade. Meu pai me ensina a ler e escrever. Mas meu sonho são as armas: gosto muito da idéia de lutar, contudo sou repreendido pelo meu pai, que deseja me ver como uma pessoa culta.

Cresço, estou mais jovem, falo que ele irá morrer escrivão, nunca será um nobre, e somente os guerreiros conseguem títulos – por isso quero ser um deles. "Você irá morrer cedo", diz meu pai, com a cabeça baixa, visivelmente contrariado.

- E o que o conhecimento lhe deu? Nada! Sua vida é medíocre, enquanto que os nobres mandam e desmandam...
- As pontas das penas não ferem como as das espadas... retruca.

Começo a praticar a arte da guerra. Os melhores lutadores me treinam, e tenho rápida ascensão – em pouco tempo sou oficial.

Pergunto a um conselheiro qual é a melhor forma de obter um título de nobreza. Ele diz que é defendendo os pontos fracos do reino.

Assim, conquistei aquelas terras que já descrevi, com o objetivo de ganhar um título, mas podendo voltar ao castelo. No entanto, com a politicagem, impediram a minha volta, e tive que ficar nas terras mesmo. A vida que tenho vai me deixando inebriado, o prazer fácil e o poder logo fazem-me esquecer do objetivo de retornar ao reino.

Lembro-me que meu pai dizia que o conhecimento é duradouro, e as batalhas são momentâneas. "O conhecimento dominará as batalhas, mas estas jamais dominarão o conhecimento", falava. Vejo que ele tinha razão.

Pergunto se meu paciente ainda vê mais alguma coisa com relação a esta vida e, neste momento, o rosto dele se contrai, sua voz muda a tonalidade, e percebo que uma entidade está se manifestando:

Ah! Ah! Agora ele está descobrindo porque teve que nascer mulher naquela outra vida e o que isto significou! Eu fui uma daquelas que ele violou, humilhou, pisou. Mas eu gostei, ficava por perto, sem reclamar...

Quantas ele abusou, nunca teve amor nem respeito por ninguém. Que tolo! Tanto tempo passei dando veneno a ele, e só agora foi descobrir. Sinto-me vingada: eu tinha que pará-lo, para que não continuasse a pegar outras moças.

Durante muito tempo fui administrando doses pequenas, deixando-o debilitado. Três anos de envenenamento!

Agora estou bem! Aqui posso ter o prazer que quiser, é só me aproximar de alguém e tenho sexo, comida e bebida. O que mais posso desejar?

A manifestação deste espírito demonstra que ele esteve observando a regressão do paciente desde a vida anterior, ao afirmar que a vida como mulher foi obviamente ruim. Por isso é importante percorrer cada detalhe da vida narrada, para que o terapeuta possa compreender as relações que existem entre as vidas passadas e a vida atual, com os problemas que o paciente apresenta.

Porém, o papel que realizo no momento da manifestação de um espírito obsessor não é o de estabelecer relações, e sim de indicar que a permanência dele junto à pessoa encarnada está impedindo a própria evolução do espírito, como neste caso, em que o espírito estava "preso" a um sentimento de vingança, pretensamente usufruindo gozos. Deixo claro ao obsessor que está cobrando um comportamento do paciente, porém ele mesmo se encontra no plano espiritual tendo as mesmas atitudes que recriminou, divertindo-se com sexo, comida, bebida. Explico a lei do carma, a oportunidade que todos têm de reencarnar novamente, desde que se desvinculem do pensamento de querer mal ao outro. Enfim, finalizo falando das vantagens que ele teria se partisse rumo ao próprio progresso, aceitando a ajuda que espíritos evoluídos, com certeza, lhe dariam.

— Tudo que você está me dizendo eu também falo para levar outros para o lugar onde estou. Falo da beleza, do conforto, da proteção. Você acha que acredito nisso? Depois de tanto tempo aqui, não se acredita em mais nada — não existe ajuda para gente como nós...

Há espíritos que resistem muito tempo para aceitar partir. Com certeza também temos uma equipe de espíritos de luz que auxiliam neste desenlace. Contudo, é necessário doar-se no diálogo, procurar entender, passar compreensão, mas ter firmeza quando necessário.

Continuei o diálogo, dizendo que sempre há oportunidades de mudança, basta querer e acreditar. Depois de relutar muito, o espírito desta mulher aceitou partir, dizendo:

— É incrível, eu nunca vi tanta luz, tanta paz, nunca senti isso, é algo estranho para mim, nunca senti tanta ternura... Ele (o paciente) criava uma ponte comigo, de vez em quando, porque no íntimo tinha lembranças de quando o matei, fazendo assim que eu me aproximasse. Agora vamos nos libertar definitivamente...

Em seguida, o paciente estremece, respira pausadamente e diz que muitas das pessoas que ele magoara, nesta vida passada, estão hoje reencarnadas ao lado dele (são seus familiares). Fala que está sentindo todo o ódio provocado pelos raptos das mães de família que foram tiradas dos maridos, filhas dos pais — "é pior que uma espada", assegura. Sinto que a minha esposa de hoje foi uma dessas mulheres...

Passam-se alguns instantes em silêncio, quando o questiono se vê mais alguma coisa, ele diz estar recebendo outra mensagem, mas esta provém de um espírito amigo:

Boa noite! Mais uma vez tenho a oportunidade de estar presente, aprendendo aqui também. Vim dar uma mensagem para que ele (meu paciente) compreenda o que eu já disse em outra oportunidade: fazer a reforma íntima é difícil, e é uma luta muito mais grandiosa que as guerras. Este é o reinado do verdadeiro poder. Controlar o orgulho e a ânsia pelo poder é importante e necessário para conhecer o verdadeiro amor pelo ser humano.

Acho que agora está compreendendo: o amor real é desinteressado, é espiritual, e ele não soube colocar em prática – mas agora poderá fazê-lo. A lição de casa será descobrir as nuances do verdadeiro amor, sem ódio, sem obrigação, sem amarras, e então entenderá como é poderoso, maravilhoso, este amor.

O tratamento continuou com outras sessões, em que também foram descobertas vidas em que relações com os problemas conjugais foram encontradas. Porém, as duas encarnações citadas exemplificam o que pode haver por trás do inconsciente da pessoa, agravando problemas na vida atual que, para muitos, poderia representar apenas incidentes, sem maiores conseqüências. Traumas, sentimento de culpa, dificuldade em lidar com situações originadas no passado, e inclusive espíritos obsessores, podem representar muitos problemas, quando não há a firme intenção da pessoa evoluir, descobrindo falhas e buscando o acerto.

São exatamente os pontos de discórdia, alimentados por lembranças incômodas e ocultas das vidas passadas, que servirão de porta de acesso para os espíritos que estiverem envolvidos nestas mesmas vidas passadas, como observamos no caso relatado anteriormente. Mesmo que os diálogos e a situação da obsessão em si possam parecer um pouco fora do comum, o leitor não deve esquecer que é o próprio paciente quem percebe, "ouve", "fala" no lugar do espírito, exprimindo uma situação que não deve nem pode ser desprezada pelo terapeuta, pois é real e atua nos sintomas.

Os próprios pacientes que não são místicos, visionários, fanáticos, ou alucinados – muitos inclusive não acreditam em espíritos –, demonstram o alívio de se verem libertos da obsessão, expressando frases do tipo: "Sinto-me mais leve", ou "Depois daquela regressão, parece que minha vida começou a engrenar...".

# Capítulo 2

### Quem acredita?

O primeiro contato que tive com um espírito obsessor ocorreu em uma sessão onde desenvolvia meu trabalho buscando a causa dos problemas de relacionamento entre uma paciente e seu marido. Eu já trabalhava com TVP há três anos.

A moça acabara de ver uma vida passada e, estando ainda em relaxamento, sua expressão foi sofrendo modificações, os músculos contraindo-se, o corpo contorcendo-se em movimentos que demonstravam desconforto. De súbito, ouviu-se uma voz alterada e forte:

Eu odejo você e odejo o seu marido!

Apesar das palavras provirem da própria paciente, o espírito estava se dirigindo a ela mesma, e começou a detalhar como atuava para desestabilizar a união do casamento, lançando dúvidas e intrigas em ambos – marido e esposa –, causando discórdia e provocando discussões e brigas.

Estremeci por dentro, diante daquela situação até então inusitada: a manifestação espontânea de um espírito obsessor. Contudo, com firmeza, e ao mesmo tempo dedicação, consegui demovê-lo da intenção de perturbar a vida da paciente, demonstrando que os atritos que ambos tiveram no passado não deveriam continuar. Mostrei a possibilidade da reencarnação que não estava sendo aproveitada pelo espírito, pois este continuava preso à idéia de vingança...

Descrita desta maneira, a desobsessão ou desligamento do espírito obsessor parece ser simples, rápida e eficiente. Não é exatamente assim. "As causas morais, de extensa gama e variedade, geralmente são as causas primárias facilitadoras do progresso e quase sempre os complexos de culpa, nem sempre conscientes, e que mesmo assim geram automaticamente no campo psíquico do sujeito áreas desestruturadas, são o ponto inicial e que podem ser chamadas de 'tomadas mentais'

através das quais a entidade desencarnada obsessora encontra fácil acesso pelo fenômeno da sintonia entre os campos informacionais de um e outro". Este trecho, de autoria do Dr. Alexandre Sech, médico psiquiatra, transcrito do Boletim Médico-Espírita nº 9, esclarece que as causas morais e a culpa são a "porta de entrada" para as entidades obsessoras. Portanto, deve ficar bem claro que, enquanto não houver a mudança de comportamento da pessoa, o esclarecimento e o perdão, continuará existindo a atração por outras entidades – a porta estará aberta.

A Terapia de Vida Passada é capaz de transformar a culpa em compreensão – o espírito obsessor geralmente nutre um sentimento de vingança para com o paciente, enquanto este tem, inconscientemente, a culpa por tê-lo prejudicado. Como cada detalhe da vida (ou de várias vidas) é visto por ambos – entidade desencarnada e paciente –, a lei do carma demonstra-se na mais perfeita lei de justiça, onde ninguém é lesado sem ter cometido uma ação igualmente danosa a outrem. Por isso existe o entendimento, por isso existe o perdão. O obsessor aceita que foi prejudicado, mas também prejudicou, e o paciente entende que foi também responsável pela obsessão, mesmo que indiretamente.

A desobsessão não é nada "sobrenatural"; ao contrário, conforme a prática comprovou, é freqüente e ocorrem na maioria dos casos que tratei: não importando qual o sintoma, qual nível cultural ou social, qual credo praticado, incluindo até os ateus, pacientes percebem espíritos desencarnados, não só obsessores, como também espíritos amigos.

Não é de estranhar que seja tão comum este tipo de acontecimento: quando conseguimos observar um fato sem os adereços do misticismo, do folclore, da imaginação, e também de certa distorção, percebemos que praticamente 100% das religiões crêem na realidade da comunicação do homem encarnado com o mundo espiritual. O que varia são as alegorias. Deuses, espírito santo, santo, orixá, espírito, anjo, exu, guia, entidade, demônio, seres etc., são expressões designativas aos espíritos da mesma essência que nós todos, em graus diversos de evolução.

"A classificação dos espíritos funda-se no seu grau de desenvolvimento, nas qualidades adquiridas e nas imperfeições de que ainda não se livraram. Esta classificação nada tem de absoluta: nenhuma categoria apresenta caráter bem definido, a não ser no conjunto."

A transição é imprecisa, pois, nos limites, as diferenças são tênues, como na natureza, nas cores do arco-íris, ou ainda nos diferentes períodos da vida humana. É isto o que diz *O Livro dos Espíritos*, de Kardec, reafirmando, novamente, a sugestão de que o que está no macrocosmo, está no microcosmo.

Olhando à nossa volta, percebemos pessoas capazes de cometer crimes bestiais, hediondos, convivendo com outras cujo exemplo de vida é tão digno que, às vezes, nos perguntamos se tal criatura é mesmo deste mundo. Entretanto, pelo conhecimento espiritual que temos hoje e, principalmente, pelas evidências trazidas pela Terapia de Vida Passada, percebemos que são pessoas de níveis diferentes, convivendo num mesmo plano. Entre os extremos, que vão da bestialidade à santidade, existem os diversos níveis intermediários, nos quais estamos quase todos incluídos.

Da mesma forma, imaginar que somente espíritos boníssimos ou, ao contrário, "demônios" estabeleçam comunicação conosco seria acreditar que só há dois tipos de mundo espiritual e, portanto, é incoerente com a natureza.

### Os espíritos no antigo Egito

No reinado de Ramsés II (1290-1224 a.C.), talvez o faraó de maior destaque, tanto pelas suas realizações, quanto pela sua megalomania, ocorreu um fato singular, que chegou até nós através do texto gravado em uma lápide no templo de Khonsu, em Tebas.

Ramsés recebeu um mensageiro enviado pelo príncipe de Baktã, pai de uma das suas esposas, de nome Nofiruri, como contam os hieróglifos:

"— Glória a Ti, Sol dos povos estrangeiros! Tu por quem nós vivemos! O meu senhor envia-me porque um mal penetrou nos membros da princesa Bintiassite, tua irmã mais jovem, e da real esposa Nofiruri. Meu senhor pede a Vossa Majestade que lhe envie um sábio, a fim de examiná-la."

O escriba real, considerado o mais sábio entre todos, foi até a jovem, descobrindo estar ela dominada por um inimigo difícil de combater, um demônio ou espírito de um morto – a interpretação varia segundo o egiptólogo.

O faraó, informado da gravidade da situação, orou ao deus Khonsu – divindade de forma humana, tendo na cabeça um disco lunar, às vezes também representada como um menino, cultuada na cidade de Karnak. Atribuía-se a este deus a capacidade da cura e do exorcismo. Foi orientado, então, que uma imagem de Khonsu partiria até a princesa, acompanhada pelos devidos sacerdotes. Continuam os hieróglifos:

"No aposento da princesa Bintiassite, os passes do deus imediatamente livraram-na da possessão. E, saindo do corpo da princesa, declarou o espírito:

— Grande deus, expulsor de seres estranhos! Vem a Baktã com a tua paz! Esta cidade pertence-te. Os habitantes são teus escravos, eu sou teu escravo! Volto para o lugar de onde vim..."

Nestes ritos, utilizavam-se estátuas representando o deus, e quem intermediava o cerimonial eram os sacerdotes. Provavelmente o diálogo realizou-se através da mediunidade de um deles, testemunhado pelo príncipe e por seus generais que ficaram completamente atemorizados.

Pela maneira como foi descrita a "dominação" da princesa Bintiassite, onde nomes e datas estão esculpidos no templo de Khonsu, percebemos que a história não é uma mera obra mitológica. "... as fábulas nem sempre eram fantasiosas, mas com freqüência narravam fatos realmente ocorridos", diz Federico Arborio Mella, pesquisador italiano e autor de O Egito dos Faraós.

É interessante notar que tal relato, com mais de três mil anos, seja próximo ao que hoje convencionamos descrever como desobsessão. Nada tão estranho para um povo que acreditava na sobrevivência do espírito e na ressurreição dos mortos – alguns textos deixam sugestões implícitas sobre a reencarnação. Mesmo não nos esquecendo que a civilização egípcia esteve fortemente estruturada durante três milênios antes de Cristo, tempo suficiente para surgirem e desaparecerem crencas diversas, não havendo portanto uma linearidade filosófica ou religiosa. É notória a sua influência exercida na civilização grega, e contemporânea à egípcia – os gregos, como veremos adiante, incorporaram muitos conceitos egípcios, principalmente no que se refere à reencarnação e à sobrevivência espiritual. Isso quer dizer que civilização ocidental, tão influenciada pela cultura helênica, recebeu "ecos" egípcios, direta ou indiretamente. Por exemplo, uma contribuição egípcia é a prática médica, posteriormente estruturada por Hipócrates: os egípcios conheciam cirurgia óssea; afecções do coração, fígado, intestinos; tinham nocões de algumas funcões do cérebro; o câncer era chamado de "doença que devora os tecidos" e tratado-o cirurgicamente quando possível; usavam a anestesia derivada do ópio; a odontologia era avançada; as noções de higiene eram exemplares.

Se filtrarmos os elementos essencialmente mitológicos das crenças sistematizadas e atuantes na sociedade egípcia, verificamos que certas práticas estavam enraizadas e eram aceitas pela população, mas não receberam o devido interesse dos egiptólogos, devido ao cunho "místico" que as envolvia.

A prática da desobsessão pelos egípcios foi assim definida pelo pesquisador Federico Mella: "A medicina popular de todos os dias era contaminada de superstições: o mal era considerado a influência de um espírito maligno e antes de mais nada seria necessário sua expulsão do corpo do paciente com adequadas fórmulas de esconjuro. Depois é que entrava a terapia com as mesmas formas de hoje: comprimidos, supositórios, produtos de decocção, clisteres, inalações". Esta prática nada mais é do que a

moderna conduta para se tratar uma doença tanto no sentido físico, como no psíquico e espiritual.

É interessante acrescentar que muitos pacientes meus, cujas regressões levaram a encarnações vividas no povo que habitava as margens do Nilo, na casta sacerdotal – que dominava a sabedoria científica da época –, descreveram de forma surpreendente o avanço da medicina egípcia, além da prática comum da comunicação com os espíritos. Nas regressões, alguns citam aparelhos diversos, cujos mecanismos não sabem definir, que seriam usados em diagnósticos e tratamentos; falam também da prática da telepatia... Outros, que foram soldados, artesãos, artistas ou cidadãos comuns, comprovam o caráter esotérico das ciências, reservadas apenas aos sacerdotes, conforme atestam os historiadores.

### A crença espiritual na Grécia

Quando falamos de religião grega, não podemos deixar de imaginar, em primeiro lugar, a riquíssima mitologia em que divindades antropomórficas eram adoradas e temidas pelas suas atitudes e desvios de compleição nitidamente humanos. Deuses e deusas envolvidos em tramas, assassinatos, conspirações, traições, ingenuidade, ira, benevolência, estavam mais próximos às virtudes e desvirtudes de qualquer mortal, que de um deus superior.

Neste ambiente fantástico, encontraríamos vestígios da crença nos espíritos? Sim, basta prestarmos atenção a certos aspectos. Por exemplo, se pensarmos nos "deuses e deusas" imperfeitos e temperamentais simplesmente como espíritos desencarnados, semelhantes a qualquer ser humano que vivesse naquele tempo, não teríamos problema em aceitar que havia grandes distorções morais e práticas de atos dos mais grosseiros – o conceito de um deus justo e bondoso é um legado de outros tempos.

Obviamente, a prática religiosa grega não pode ser resumida na crença nos espíritos – isto apenas é uma hipótese aceitável, que explica a exigência de alguns deuses quanto a sacrifícios e oferendas. Seria a comunicação de espíritos pouco evoluídos com os médiuns da época. Quando dizemos "pouco evoluídos", queremos dizer com senso de moral rudimentar. Conforme o *Livro dos Espíritos*, nesta ordem de espíritos, qualificados de imperfeitos, há a "predominância da matéria sobre o espírito. Propensão ao mal. Ignorância, orgulho, egoísmo e todas as más paixões conseqüentes. Têm a intuição de Deus, mas não O compreendem. Nem todos são essencialmente maus; em alguns, há mais leviandade. Uns não fazem o bem, nem o mal; mas, pelo simples fato de não fazerem o bem, revelam a sua inferioridade".

Uma das tradições que evidenciam a comunicação entre os deuses/espíritos e os habitantes comuns da Grécia antiga eram os oráculos. Espalhados por todo o país, os oráculos eram locais dedicados a determinado deus padroeiro, onde pessoas de todas as classes sociais vinham buscar orientação, consolo, cura, ajuda espiritual, conselhos, soluções, favores e profecias. Controlados por um grupo sacerdotal, geralmente havia um sacerdote ou sacerdotisa especialmente preparado para estabelecer comunicação com o mundo espiritual, e assim transmitir as respostas esperadas pelos consulentes.

Existiram centenas destes oráculos, dos quais o mais famoso foi o de Delfos, consagrado ao deus Apolo, situado ao sul do Monte Parnaso. Neste local, a pitonisa (sacerdotisa responsável pela consulta ao deus) sentava-se sobre um banco de três pernas, numa sala onde transparecia uma fenda no solo. Desta fenda, um vapor frio e estonteante emergia, levando a pitonisa ao transe. Assessorada por sacerdotes, as respostas, muitas vezes dadas em linguagem metafórica, eram traduzidas aos consulentes.

Paralelamente a estes cultos místicos, desenvolvia-se na Grécia outras formas de pensar teologia, principalmente expressas pelos filósofos – Pitágoras, Sócrates, Platão, Aristóteles, entre outros – e pelo orfismo.

Orfeu foi um personagem mítico considerado "fundador" de uma doutrina que contrasta radicalmente com as idéias religiosas até então correntes, principalmente por estabelecer regras de comportamento e pressupostos teológicos mais claros. Pregava o vegetarianismo, o ascetismo, a purificação, a instrução religiosa e acreditava na transmigração da alma e, conseqüentemente, na imortalidade do espírito. Segundo a teoria órfica, a alma está encarcerada no corpo devido a um crime primordial. Portanto, a existência encarnada pode ser comparada mais como a morte, enquanto que a morte é o início da verdadeira vida. A "verdadeira vida" deverá ser alcançada após um julgamento dos erros e acertos — a alma, após um tempo, retornará a encarnar e assim sucessivamente, até a libertação final.

Utilizando muitos conceitos órficos, mas tendo sobretudo o mérito de ser o responsável por uma filosofia fundamentalmente holística, Pitágoras integrou em sua escola o conhecimento científico a princípios éticos, metafísicos, religiosos e comportamentais. O sábio soube tão bem perceber a relação intrínseca entre astronomia, matemática, religião, música, o Homem, que podemos considerá-lo um patrono para as modernas idéias holísticas. Percebemos, no legado do orfismo e no pitagorismo, idéias e conceitos que sobreviveram até nossos dias, sendo que o conceito do espírito imortal e da transmigração da alma, através de encarnações consecutivas, formaram a base do pensamento teológico destas escolas.

E o que será que pensavam os grandes filósofos quanto à possibilidade de comunicação entre os desencarnados e os encarnados? Já vimos que, no âmbito místico, os oráculos exerciam o papel de intermediários entre as entidades e os homens.

Sócrates, cujo importante trabalho filosófico procurou se desviar da preocupação com o problema físico e cosmológico, baseando seus princípios na vida regrada através do auto-conhecimento, também teve de encarar a existência de influências supra-sensoriais. Ele mesmo confirma a existência do "daimónion" (espírito bom ou mal, segundo os gregos), que desde a infância lhe orientava, como uma voz interior: "É uma voz que sempre se deixa perceber somente em sentido de advertência negativa, a fim de me demover de um intento, nunca, porém, em sentido de persuasão afirmativa", disse Sócrates, em palavras transcritas pelo seu discípulo Platão. Este último, filósofo, juntamente com Aristóteles, realçou o sentido da alma ser mais importante que a própria vida, pois a verdadeira vida está no estado desencarnado.

Resumir a obra de tantos pensadores em apenas algumas linhas só é perdoável pela intenção de expor os antigos conceitos da reencarnação, sobrevivência da alma e comunicação espiritual como algo amplamente aceito por estes pilares da cultura ocidental.

Analisando estes tempos onde homens com uma capacidade intelectual acima da média deixaram trabalhos influentes para a posteridade, corre-se o risco de imaginar que a humanidade tinha uma evolução espiritual e moral muito superior ao mundo de hoje. Não é bem assim. No mesmo século do nascimento de Sócrates, houve a segunda guerra medopersa, envolvendo gregos e persas. Houve também um conflito entre Atenas e Esparta, disputas políticas eram resolvidas por assassinato e a busca da liberdade utópica contrapunha-se à prática imperialista.

Estava procurando descobrir em uma paciente a origem de uma dor de cabeça que se manifestara durante a semana, dor insistente, latejante, com as pontadas partindo da nuca. Feito o relaxamento, ela não titubeou em descrever:

- Um campo de batalha, a poeira levantada mal deixa ver quem é aliado ou inimigo. É um tempo antigo, estou num cavalo, não consigo controlá-lo, caio de bruços, sob o peso das armas. Mal consigo direcionar de onde vem o golpe, mas ele é certeiro e mortal. Uma pancada na minha nuca e estou morto... Tinha mais ou menos 30 anos.
- Vamos voltar para antes deste momento da morte, veja como era a sua vida até esta batalha...

Estou num lugar cheio de colunas imensas. Deve ser na Grécia. Vejo uma casa grande, decorada com mosaicos, sou um menino, tenho pai e mãe.

Papai é grande e forte, ele vai nas batalhas, e minha mãe é muito bonita. Eu sou o filho do meio: tenho duas irmãs, uma mais velha e outra mais nova. Meu pai disse que vai me ensinar a lutar e serei um grande guerreiro – gosto da idéia, sempre admiro quando ele chega das batalhas, com condecorações por bravura...

Moramos numa cidade e ele vai constantemente a Esparta treinar os guerreiros. Quando eu estiver maior, irei para lá também aprender a arte da guerra. Por enquanto, tenho um professor que vem em casa, ensina-me a escrever, contar...

Já estou maior, sei lutar com espada e não vejo a hora de ir para Esparta. Estou moço, é hora de ir, finalmente, minha mãe está muito triste e chora, porém papai briga com ela, dizendo para deixar de drama, que serei um grande guerreiro.

Vamos embora, sinto-me radiante de felicidade. Chegamos num lugar onde a vida militar é predominante e vou para onde treinam os soldados. Meu pai diz para não decepcioná-lo.

Fico vários anos aqui, gosto muito, sobressaio-me dos outros pela força e agilidade. Já sou um soldado, estou pronto para a próxima luta.

Volto para casa, meu pai precisou amputar um braço e está me esperando na soleira da porta. Tenho saudades. Minhas irmãs estão moças e noivas. Meu pai organiza uma grande festa em minha homenagem. Conheço uma mulher linda, cabelos claros, danço com várias, mas quem me chama mais a atenção é ela. Vamos para um jardim e digo que simpatizei com ela. Entretanto, a moça fala estar

comprometida com outro soldado. Peço desculpas, mas quero saber quem é o pretendente.

Decido que vou tê-la de qualquer maneira, custe o que custar. Descubro onde está o rapaz, está em Esparta e é mais velho que eu. Ele é um comandante, e peço ao meu pai para que arrume um jeito de me colocar sob o comando desta pessoa.

Volto para Esparta, meu pai consegue o que quero, estoura outra guerra. Conheço o homem, e sinto ódio dele, penso que preciso me livrar dele. Faço tudo para agradá-lo, não deixo que ele perceba meu rancor – pelo contrário, ele gosta dos meus agrados e me promove. Enfim, torno-me o braço direito dele.

Agora estamos indo para a guerra. O lugar é montanhoso, a vegetação não muito fechada, o solo é pedregoso. Mato muita gente, isso para mim é natural, tenho que defender minhas tropas e faço isso com prazer. Estamos no acampamento e à noite planejo matálo. Pego uma espada do outro exército e corto seu pescoço, sua cabeça está quase separada do corpo. Deixo a tenda sorrateiramente, é alta madrugada, ninguém percebeu nada. Voltamos para Esparta e depois, retorno à minha cidade. Fomos recebidos com louros, espalho a versão de que algum agente inimigo se infiltrou em nosso acampamento e assassinou o comandante.

Consolo a noiva, a mulher que sempre desejei, e em pouco tempo ela se apaixona por mim. Nos casamos. Continuo lutando, é minha profissão. Temos vários filhos. Sempre luto, até aquela última batalha.

Pedem-me para cuidar da propriedade, meu pai morreu e fiquei muito rico, não preciso mais lutar, temos vários servos. Digo, entretanto, que sou jovem para parar e é um dever defender meu exército.

Agora luto contra romanos. Sou um comandante, apesar da minha pouca idade. Matamos muito, mas meus soldados estão sendo derrotados. Caio no chão, gritando para os homens recuarem. Sou ferido no braço e, não conseguindo levantar, tenho a nuca esmagada por um golpe. Há muito sangue, minha cabeça está pendente do corpo.

Pensei que morri, porém me vejo fora do corpo, chamo meus homens, não me ouvem, estão morrendo por todos os lados. Fico andando insano, pelo campo de batalha, por todos os lugares existem corpos, sangue, armas abandonadas.

Vejo então o homem que degolei, com outros, eles vieram me buscar e conduzem-me a lugares tenebrosos. Não sei por quanto tempo sofri... Em determinado momento, sou retirado dali, encontro um local de paz...

Conforme disse anteriormente, é interessante notar a aparente discrepância entre uma civilização culturalmente tão significativa e um povo tão belicoso quanto as tribos guerreiras da África. Embora não tenha a preocupação histórica em relação às regressões dos meus pacientes, volto a dizer que é muito comum a narrativa de guerras e conflitos quando as encarnações se situam na Antigüidade Clássica.

## Os espíritos se comunicam com o povo hebreu

Como sabemos, a antigüidade, conforme a Bíblia atesta, foi um período de ebulição cultural e religiosa, aliada a manifestações de brutalidade e imoralidade, espelhando o difícil e vagaroso caminho de evolução da raca humana.

Tanto na teologia como na prática popular, vê-se que a comunicação entre os seres humanos e os espíritos desencarnados é realizada com freqüência e aceita em culturas e épocas diversas.

O livro que relata com maior riqueza as tradições, cultura, história e religião dos judeus é a Bíblia, e não são poucas as passagens que demonstram um intercâmbio entre homens e seres espirituais – parece ter sido até um fenômeno aceito culturalmente durante séculos, e as únicas dúvidas que surgem são devidas às traduções.

Há um trecho do Velho Testamento, em que não há a menor dúvida quanto ao significado do ocorrido. Em I Samuel 28:3-25, se relata uma consulta espiritual através da mediunidade de uma pessoa. Vamos ver alguns trechos, conforme a Tradução do *Novo Mundo das Escrituras Sagradas*.

<sup>3</sup> "Ora, o próprio Samuel havia morrido, e todo o Israel passara a lamentá-lo e a enterrá-lo em Ramá, sua própria cidade. Quanto a Saul, tinha removido do país os médiuns espíritas e os prognosticadores pro-

fissionais de eventos." 6 "Embora Saul indagasse de Jeová, Jeová nunca lhe respondia, nem por sonhos, nem por Urim\*, nem pelos profetas." <sup>7</sup> "Finalmente, Saul disse aos seus servos: 'Procurai-me uma mulher que seja dona de mediunidade espírita, e eu irei ter com ela e a consultarei.' Seus servos disseram-lhe então: 'Eis que há em En-Dor uma mulher que é dona de mediunidade espírita.' 8 Saul disfarçou-se, portanto, e vestiuse de outras roupas e foi, ele e dois homens com ele; e foram ter com a mulher à noite. Ele disse então: 'Por favor, use de adivinhação para mim por meio da mediunidade espírita e faze-me subir aquele que eu te indicar.' 9 A mulher, porém, disse-lhe: 'Eis que sabes muito bem o que Saul fez, como ele decepou do país os médiuns espíritas e os prognosticadores profissionais de eventos. Por que ages então como quem arma laços contra a minha alma para me fazer morrer?' 10 Saul jurou-lhe imediatamente por Jeová, dizendo: 'Por Jeová que vive, não recairá sobre ti culpa pelo erro neste assunto!' 11 A isto a mulher disse: 'Quem te farei subir?' Então ele disse: 'Faze-me subir Samuel.' 12 Quando a mulher viu 'Samuel', comecou a clamar ao máximo da sua voz: e a mulher prosseguiu, dizendo a Saul: 'Por que me lograste, sendo tu o próprio Saul?' 13 "Mas o rei lhe disse: 'Não tenha medo; mas o que vês?' E a mulher prossegiu, dizendo a Saul: 'Vejo um deus subir da terra'. 14 "Ele lhe disse imediatamente: 'Qual é a sua figura?' a que ela disse: 'É um homem idoso que está subindo, e ele mesmo se cobriu com uma túnica sem mangas.' Em vista disso, Saul reconheceu que era 'Samuel', e ele passou a inclinar-se com o seu rosto para a terra e a prostrar-se." 15 "E 'Samuel' começou a dizer a Saul: 'Por que me inquietaste, fazendo-me subir?' A isso Saul disse: 'Estou num sério aperto..." e assim continua o diálogo, através da mediunidade da mulher de En-Dor, entre Saul e o espírito de Samuel.

Tanto no Novo quanto no Velho Testamento temos a menção aos espíritos desencarnados. Em Atos 5:16, por exemplo, temos "Também a multidão das cidades em volta de Jerusalém afluía, trazendo os doentes e os afligidos por espíritos impuros, e todos eles eram curados". Na Primeira Epístola Universal de São João, IV:1, encontramos: "Amados, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus; porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo".

<sup>\*</sup> Segundo explica o pesquisador Hernani Guimarães Andrade, no livro A Transcomunicação Através dos Tempos, Urim, ou melhor urim/tumim, é um instrumento composto pelas letras do alfabeto hebraico, dispostas sobre uma placa metálica sagrada, através do qual os sacerdotes podiam se comunicar com os espíritos. Seria algo semelhante ao ouija — um tabuleiro formado pelas letras do alfabeto, números e alguns sinais, onde, utilizando-se uma prancheta ou um copo se recebem mensagens. Este instrumento foi muito utilizado no século passado para a psicografia de mensagens espirituais.

Nesses e em outros trechos, encontramos que os povos mencionados na Bíblia não apenas acreditavam no contato com espíritos (muitas vezes denominados anjos), como também faziam uma distinção entre eles, havendo os espíritos confiáveis e os não confiáveis.

#### Na China

Embora pouco estudada por nós, ocidentais, a China possui uma história tão antiga e rica como as das grandes civilizações que floresceram séculos antes de Cristo. Mesmo com características bem diferentes no que tange à cultura e costumes dos povos do oeste, a crença na sobrevivência espiritual e na possibilidade de comunicação com eles também existia. Segundo Hernani Guimarães Andrade, os chineses, há cerca de 4.000 anos, utilizavam um instrumento rudimentar para realizar o contato com entidades espirituais. Tratava-se do Chi-Ti, uma forquilha de madeira manejada por duas pessoas, cuja haste principal deslizaria sobre uma tira de papel, ou sobre uma canaleta de areia, desenhando os caracteres chineses de acordo com a inspiração espiritual.

Este instrumento pode ser comparado ao *urim*, citado na Bíblia, como também ao *ouija*, mencionado anteriormente. Utilizando este método, como também através da participação de xamãs ou feiticeiros, a China antiga demonstrava sua crença na comunicação sobrenatural. Por possuírem uma tradição muito grande da etnia e dos laços hereditários, os chineses acreditavam que os espíritos dos ancestrais mortos estariam próximos às pessoas, transformando-se em protetores ou até atemorizando seus descendentes.

Conquanto alguns textos chineses que relatam fatos dessa natureza tenham sobrevivido até nossos tempos, é certo que, por volta do século IV a.C., quando a influência do Tao estava enraizada e as idéias de Kung Fu-tsé (Confúcio) se agigantavam, a sobrevivência espiritual e a conseqüente "vida no além" passou a ter importância secundária. A religiosidade direcionou-se para a vida presente, para a perfeita integração entre o ser e as forças da natureza – atitudes, comportamento, ritos, concentração, pensamentos controlados, tudo em busca do entendimento do que é a vida. "Se nós não temos capacidade nem para cumprir nossas obrigações para com os vivos, como poderemos cumprir nossas obrigações para com os espíritos dos falecidos?", dizia Kung Fu-tsé, confirmando, entretanto, crer na existência espiritual.

### Na Índia

País vizinho ao sul da China, a Índia, além de acreditar na sobrevivência do espírito, foi o local onde a teoria reencarnacionista floresceu com maior fulgor, estabelecendo a lei do carma como o fator determinante para a continuidade do ciclo de idas e vindas ao plano espiritual. São inúmeros os textos contidos nos Vedas — o conjunto da obra no qual se apoiou o hinduísmo — e por isso mesmo nasceram diversas vertentes de pensamento, não havendo uma unidade doutrinária. Sanquia, Vedanta e loga são correntes filosóficas originárias dos mesmos textos. Também o budismo surgiu na Índia.

O Yogue Ramacháraca – mestre iogue do início deste século, que procurou elucidar a doutrina para o mundo ocidental – deixa claro a idéia de comunicação espiritual em sua obra *A Vida Depois da Morte*: "Deixando totalmente fora da nossa consideração os fenômenos fraudulentos e semifraudulentos, podemos dizer que há duas espécies de comunicações entre pessoas encarnadas e almas desencarnadas, a saber: comunicações de ordem inferior e comunicações de ordem superior. À primeira classe pertencem: 1) os casos em que as almas desencarnadas, de uma ordem baixa, que ainda estão 'presas à Terra', manifestam a sua presença a pessoas que ainda vivem na carne; 2) os casos da animação de 'cascões astrais'.\*

A classe superior dos fenômenos de 'comunicação espiritual' consiste nos casos em que as almas do plano astral superior manifestam a sua presença a pessoas que vivem na terra".

### Idade Média: ebulição espiritual

Embora alguns historiadores coloquem a Idade Média como um período de obscurantismo e decadência, outros, com visão mais ampla, a classificam como um momento crucial na formação da moderna civilização ocidental, onde a cultura greco-romana não foi destruída, mas incorporada ao espírito germânico que exprimia culto à raça, à independência, à terra. Como não poderia deixar de ser, quando existe a justaposição de uma cultura concomitante à formação de outra, passa-se por um período de adaptação nada tranqüilo, onde valores sociais, políticos, econômicos e espirituais são postos em conflito.

<sup>\*</sup> Cascões astrais são restos energéticos de pessoas que já morreram, muitas vezes usados por espíritos de níveis inferiores para magia e trabalhos afins.

Por isso, viveu-se nesta época uma efervescência religiosa onde cultos xamânicos, arte adivinhatória e religiões pagãs se confrontavam com o poder instituído da Igreja Católica. Obsessões, mensagens mediúnicas, feitiçaria, charlatanismo, superstição, medo e santos videntes se misturavam. Porém, a *falta de um movimento organizado* e os poucos registros dificultam o levantamento das ocorrências espirituais desse período, suscitando mais curiosidade ainda em torno do tema.

Mesmo assim, as obras artísticas focalizando possessões espirituais são várias, demonstrando a abrangência da crença nos espíritos malfazejos. "A obsessão do demônio é, sem dúvida, uma das características da época e uma das mais duradouras... Toda a gente, quer siga, quer estigmatize ou persiga os seus adeptos, acredita então nos feitiços, nos filtros, nos encantamentos, nos juramentos ao diabo", afirma Édouard Perroy, em *História Geral das Civilizações*, vol. VII. Considerando que a obsessão, nessa frase, deve ser entendida como mania, e não incorporação, ainda assim entendemos a abrangência do credo na magia e nos demônios durante a Idade Média, vindo a confirmar as centenas de vidas que verifico no consultório, onde pacientes descrevem encarnações referentes à bruxaria.

Dentro do seio da própria Igreja, que possuía dezenas de ordens e centenas de segmentos com práticas religiosas distintas, vemos se tornar comum o uso da contemplação como forma de abrir a alma aos segredos da revelação, trazendo inúmeras comunicações atribuídas ao Espírito Santo ou Jesus. No século XII, por exemplo, Santa Odila, na França, recebeu uma mensagem que pode ser interpretada como uma visão da Segunda Guerra Mundial. Nesse mesmo século, Santa Hildegarda de Bingen escreveu um texto sob o comando de uma "voz interna". Posteriormente, este material foi analisado pelo papa Eugênio II, que o considerou como "voz de Deus". A santa também entrava em transe mediúnico, chegando a falar em línguas estranhas nessas ocasiões.

O início do século XV viu surgir a quase mítica Joana D'Arc, menina que aos treze anos ouvia vozes identificadas como sendo São Miguel, Santa Catarina de Alexandria e Santa Margarida de Antióquia, exortandoa a defender a França, ocupada em parte pelos ingleses. Morta na fogueira aos vinte anos de idade, após conduzir os franceses a vitórias heróicas, Joana é talvez a vítima mais famosa da Inquisição, que desde meados do século XII se utilizou da tortura e execução contra pessoas que manifestavam idéias que pudessem ser contrárias ao interesse dominante.

A perseguição brutal realizada pela Inquisição não foi suficiente para inibir a manifestação espiritual na Europa, porque este fenômeno é natural e incontrolável. Prova disso são as ocorrências dentro do próprio meio religioso, que por serem pretensamente de "inspiração divina", eram

perdoadas e aceitas. Tal situação continuou a ocorrer na chamada Idade Moderna, a partir do século XVI.

### "Era Espiritual"

O inglês Arthur Conan Doyle, autor de *História do Espiritismo*, busca na figura de Emmanuel Swedenborg, cientista sueco de grande capacidade intelectual e médium, um marco para a chamada "era espiritual", uma época onde manifestações bem documentadas mostraram a possibilidade da existência e comunicação com os espíritos. Vivendo na metade do século XVIII, este peculiar homem demonstrou incrível capacidade sensorial, e a partir de 1744 desabrochou sua vidência espiritual, como ele mesmo conta: "Na mesma noite o mundo dos espíritos, do céu e do inferno, abriu-se convincentemente para mim, e aí encontrei muitas pessoas de meu conhecimento e de todas as condições. Desde então, diariamente, o Senhor abria os olhos de meu espírito para ver, perfeitamente desperto, o que se passava no outro mundo e para conversar, em plena consciência, com anjos e espíritos".

Doyle, renomado intelectual com cerca de cem publicações científicas, detalha melhor o seu pensamento: "Estou bem consciente de que muitos dirão que ninguém pode possivelmente falar com espíritos e anjos enquanto vive no corpo... (mas) eu vi, ouvi, senti... Quando os espíritos começam a falar com o homem, é preciso estar alerta para não acreditar em qualquer coisa; pois eles dizem qualquer coisa; coisas podem ser inventadas por eles e eles mentem... E como eu desejava saber de que maneira esses homens (profetas bíblicos) eram influenciados por espíritos, isso me foi mostrado por meio da experiência vivida. Para tanto, fui por toda uma noite possuído por espíritos que tomaram posse de meu corpo... Mil vezes eu os vi (os espíritos humanos desencarnados), ouvi-os e falei com eles – até sobre o fato de pessoas da Terra não acreditarem nos espíritos como eles são... Os espíritos sofriam em seu coração com a persistência dessa ignorância da Terra, especialmente dentro da Igreja", afirma, conforme transcrição em Channeling. É óbvio que a Igreja não aceitava este tipo de consideração por confrontar seus dogmas, mas dentro de seu próprio seio surgiam manifestações espirituais autênticas.

Dois séculos antes de Swedenborg, Santa Tereza d'Ávila, acometida por visões e transes, afirmava ver a imagem de Cristo e ouvir vozes, ficando conhecida como uma das maiores místicas católicas, ao lado de seu contemporâneo São João da Cruz. Ambos deixaram vários escritos interessantes pela visão pouco ortodoxa da vida, entre os quais *O Caminho da Perfeição e Castelo Interior*, de Santa Tereza, e *A Noite Escura*, de São João.

Todos estes acontecimentos podem ser considerados como precursores da onda espiritualista que invadiu o século XIX, período em que aumentou consideravelmente a quantidade de relatos, mensagens e manifestações mediúnicas.

O caso das irmãs Fox, ocorrido nos Estados Unidos a partir de 1848, no vilarejo de Hydesville, é considerado o marco da chamada era espiritual moderna.

Antes de narrá-lo, vou me permitir retornar no tempo, quase dois mil anos, para expor um texto do filósofo romano Plínio, uma carta em que descreve um fato singular que muito tem a ver com os acontecimentos de Hydesville. Devemos nos lembrar que Plínio, uma pessoa renomada e séria, pertencente a uma cultura latina completamente distinta da anglosaxônica, fala de um fato semelhante ao que aconteceria dezoito séculos depois:

"Havia, em Atenas, uma casa grande e espaçosa, mas pestilenta e de má reputação. No meio da noite, ouvia-se fregüentemente um barulho parecido com o som metálico de ferro que, se ouvido mais atentamente, parecia o chocalhar de grilhões. A princípio, parecia distante, mas aos poucos se aproximava cada vez mais; logo depois, surgia um fantasma, um velho extremamente magro, esquálido, com uma barba comprida e cabelo ericado, chocalhando os grilhões presos aos seus pés e mãos. Os pobres moradores, consequentemente, passavam as noites em claro, sofrendo os piores terrores imagináveis... Assim sendo, a casa foi finalmente abandonada, e todos julgaram-na completamente inabitável. Portanto, estava totalmente entregue ao fantasma. Contudo, na esperança de encontrar algum inquilino que desconhecesse esta enorme calamidade, foi colocado um cartaz, anunciando que ela estava sendo alugada ou vendida. Nesta época, o filósofo Athenodorus veio a Atenas e, ao ler o anúncio, quis averiguar o preço. A extraordinária barganha levantou suas suspeitas. No entanto, quando ouviu a história, não se sentiu desanimado, muito pelo contrário, ficou fortemente inclinado a fechar negócio e, logo depois, foi exatamente isso que aconteceu. Quando a noite se aproximava, pediu que fosse preparado um sofá para ele na parte dianteira da casa e, depois de pedir uma lâmpada, sua pena e papel, ordenou que todo o seu pessoal se retirasse...

A primeira parte da noite transcorreu no costumeiro silêncio: depois, teve início o chocalhar dos ferros. Contudo, ele não tirou os olhos do papel nem pousou sua pena, mas fechou os ouvidos, concentrando sua atenção. O barulho aumentava e avançava cada vez mais, até que pareceu estar na porta e, por último, na sala. Ele olhou a sua volta e viu a aparição exatamente como tinham-lhe descrito: estava na sua frente, acenando-lhe com o dedo. Athenodorus fez-lhe um sinal para que esperasse um pouco e inclinou-se novamente sobre o papel, mas o fantasma continuou chocalhando suas correntes sobre a sua cabeca enquanto ele escrevia. Ele olhou a sua volta e viu o fantasma acenando-lhe como antes. Assim sendo, pegou imediatamente sua lâmpada e seguiu-o. O fantasma deslocava-se lentamente, como se estivesse tendo dificuldades com suas correntes; e após virar no pátio da casa, desapareceu repentinamente. Athenodorus, sozinho, marcou o local com um punhado de grama e folhas. No dia seguinte, foi até os magistrados e disse-lhes que ordenassem a escavação do local. Lá, encontraram ossos misturados e entrelaçados com correntes; o corpo havia se desintegrado por ficar tanto tempo na terra, deixando só os ossos, corroídos pelas correntes. Os ossos foram recolhidos e enterrados às expensas públicas. Depois que o fantasma foi enterrado, a casa nunca mais foi assombrada." (Extraído de A Experiência da Morte, de Ian Wilson.)

Estes acontecimentos têm semelhanças com os de Hydesville, no seio de uma família simples e interiorana dos Estados Unidos, na metade do século XIX. John Fox, sua esposa e duas filhas pequenas, certa noite começaram a ouvir barulhos de batidas e outros sons inexplicáveis vindos da parede, teto, telhado e outros cantos da casa. A filha menor reparou que sempre que o pai mexia no ferrolho da janela, um som semelhante se reproduzia nas paredes. Então a menina disse: "Senhor Pé de Cabra, faça o que eu faço", e bateu palma algumas vezes. O misterioso som foi ouvido, acompanhando o número de palmas. A senhora Fox, então, propôs iniciar um "diálogo" com os sons, perguntando a idade das filhas e outras questões, que poderiam ser respondidas através de batidas, obedecendo a um código: uma batida significaria sim; duas batidas – não. Por este método, soube que se tratava do espírito de um homem, assassinado naquela casa, aos 31 anos de idade, e cujo corpo encontrava-se enterrado no porão.

O interesse pelo caso espalhou-se pela vizinhança e rapidamente difundiu-se, atraindo a atenção dos jornais de Nova Iorque e de personalidades da sociedade, mesmo porque os sons continuavam. Vieram cientistas das Universidades de Buffalo e Harvard, defensores e detratores do espiritualismo se digladiaram em torno das meninas. Os anos se passaram e elas acabaram virando atrações, suscitando todos os tipos de problemas que a fama pode trazer: inveja entre elas, ciúme, confissões de fraude e até alcoolismo.

O fato de o corpo não ter sido achado após escavações também colaborava para o descrédito. Mas em 1904 com a casa já em escombros, foi descoberto o esqueleto de que as meninas falavam.

Não somente o caso das irmãs Fox, mas dezenas de outras ocorrências espirituais no século XIX acabaram atraindo a atenção do intelectual francês Denizard Rivail, conhecido pelo pseudônimo Allan Kardec. Homem de talentos múltiplos, era pedagogo, falava e traduzia obras em inglês e alemão, organizava cursos e dava aulas de química, física, astronomia e anatomia comparada, possuindo várias obras publicadas e adotadas pela Universidade de França. Suas atividades conferiam-lhe reconhecimento e garantiam-lhe a sobrevivência razoavelmente confortável.

Acostumado a pensar em tudo racionalmente, intrigou-se quando, por volta de 1850, tornou-se comum na alta sociedade francesa sessões em que pessoas se reuniam em torno de pesadíssimas mesas de madeira, fazendo-as levitar e inclusive responder questões através de métodos de pancadas no chão, semelhantes à comunicação ocorrida do outro lado do oceano, em Hydesville.

Disposto a encontrar algum tipo de fraude, buscando a explicação lógica do fenômeno, que incluía também incipientes experiências de escrita mediúnica, Rivail passou a freqüentar as sessões, analisando tudo metodicamente, conforme ele mesmo diz: "Foi aí que fiz os meus primeiros estudos sérios em espiritismo, menos ainda por efeito de revelações que por observação. Apliquei a essa nova ciência, como até então o tinha feito, o método da experimentação; nunca formulei teorias preconcebidas; observava atentamente, comparava, deduzia as conseqüências; dos efeitos procurava remontar às causas pela dedução, pelo encadeamento lógico dos fatos, não admitindo como válida uma explicação, senão quando ela podia resolver todas as dificuldades da questão. Foi assim que sempre procedi em meus trabalhos anteriores, desde a idade de quinze a dezesseis anos".

E logo o pesquisador percebeu estar diante de um fenômeno intrigante, onde comunicações lógicas advindas de um plano além da matéria

começaram a trazer informações relevantes, conforme Rivail ia aprofundando os questionamentos. Trabalhou com mais de dez médiuns, para os quais foram formuladas perguntas idênticas. As respostas foram analisadas, comentadas e separadas de acordo com a lógica e a coerência científica, surgindo a primeira edição do *Livro dos Espíritos*, em 1857. Rivail assinou a obra como Allan Kardec, nome que, segundo uma comunicação de um espírito protetor, pertencera ao pedagogo francês em antiga encarnação vivida na Gália, no tempo dos druidas.

A partir daí, Kardec atraiu muitos admiradores e formou o embrião da doutrina espírita. Seu trabalho metódico ficou conhecido como a codificação do espiritismo, baseada em suas obras O Livro dos Médiuns e O Evangelho Segundo o Espiritismo, entre outras.

Dessa época em diante, as comunicações espirituais tornaram-se constantes: médiuns no mundo todo transmitiam mensagens, psicografavam, tinham premonição, entre outras demonstrações de um fenômeno que não parou mais de se desenvolver. Sem dúvida, seria necessário uma outra obra para estudar os grandes médiuns que surgiram desde a metade do século XIX até hoje, como Edgar Cayce, Eusapia Palladino e, obviamente, Chico Xavier.

### Nos tempos modernos

O aumento em velocidade, quantidade e abrangência que os meios de comunicação sofreram no século XX trouxe relatos dos mais diversos contatos espirituais. Convivemos hoje com obras vindas de diferentes grupos que crêem na sobrevivência espiritual: espíritas, umbandistas, praticantes de religiões africanas e orientais, místicos, esotéricos.

Crer em espíritos, amigos e obsessores, cuja atuação interfere em cada pessoa pois, como foi dito, somos também espíritos, não quer dizer que não se deva crer no avanço científico e no progresso da medicina. Inegavelmente, os recursos tecnológicos vão abrindo o horizonte rumo à descoberta da origem das doenças, desmistificando muitas delas, o que antigamente não era possível.

Mas existe também a saudável tendência de buscarmos o bemestar através do equilíbrio entre corpo, mente (consciente e inconsciente) e espírito, quer em virtude do fracasso de alguns tratamentos, quer pela cura "inexplicável" através da fé, do poder da mente.

Um bom exemplo para esta comunhão de idéias são as palavras do Dr. Núbor Facure, professor titular de Neurocirurgia por 30 anos na UNICAMP, fundador do Instituto do Cérebro, em Campinas – SP: "Cada

ser humano, por discórdias promovidas em vidas anteriores, pode ser perturbado por espíritos que se considerem credores de suas vítimas. Estas entidades passam a exercer uma perturbação obsessiva, impondo sofrimento, principalmente, através de doenças mentais ou somatizações as mais complexas possíveis". (Extraído de *Muito além dos Neurônios*.)

# Capítulo 3

### A comunicação dos espíritos

Nos últimos cem anos, a humanidade vem ultrapassando rapidamente os limites das conquistas tecnológicas. Vemos o conhecimento humano paulatinamente se infiltrando no desconhecido, a ponto de se imaginar que as possibilidades para a capacidade do homem são infinitas. Apoiados na sabedoria científica, diversas áreas são desbravadas metodicamente — medicina, genética, astronomia, física, computação. Assim, dificilmente olhamos à nossa volta e não notamos alguma novidade tecnológica introduzida ou aperfeiçoada pelo avanço do conhecimento.

Discutir sobre Deus, sobrevivência após a "morte", influência espiritual, teologia, leis morais, renegando a ciência, é incoerente e irracional, pois seria renegar o próprio progresso. "Os fatos, que a ciência demonstra peremptoriamente, não podem ser negados por nenhuma crença religiosa", diz Allan Kardec, em *Obras Póstumas*.

Religião e ciência são perfeitamente compatíveis – Pitágoras já propunha encontrar um sistema global de doutrinas, cuja finalidade seria descobrir a harmonia que preside a constituição do cosmo e traçar, de acordo com ela, as regras da vida individual e do governo das cidades. Um pensamento tão global não poderia sequer ser formulado sem que diversas áreas do conhecimento fossem abarcadas. Pitágoras não relutou em incorporar matemática, geometria, astronomia, comportamento, moral, religião, num único sistema.

Na mesma linha de pensamento, percebemos que os egípcios também não tinham restrições a esse tipo de associação – sacerdotes eram incumbidos tanto da prática religiosa quanto da prática médica.

Porém, de modo geral, este binômio harmonioso nem sempre se concretizou: a religião passou a interferir em questões científicas – por exemplo, o criacionismo "bateu de frente" com a teoria da evolução –, como a ciência pregava verdades absolutas que, muitas vezes, transfor-

maram-se em inverdades ou "verdades parciais" – por exemplo, conforme novas teorias surgiam, a física newtoniana, base de explicação para todos os fenômenos do mundo sensível, passou a ser uma verdade parcial, sofrendo revisões fundamentais quando a Teoria da Relatividade foi postulada por Einstein.

Se, no passado, a absoluta disparidade entre as colocações religiosas e científicas tornava a formação de um pensamento em conjunto quase impossível, hoje verificamos que religiões, filosofias e ciência descobriram que muito do que afirmavam não condiz mais com o conhecimento atual e, portanto, deve ser alterado ou adaptado.

O aspecto saúde, por afetar-nos de forma direta e estar relacionado tanto com ciência como com religião, além de também ser o objeto de trabalho da Terapia de Vida Passada, é um ótimo exemplo onde se pode conciliar ambos os pensamentos. Longe da simplicidade de se achar que uma cura realizada fora dos padrões médicos é um milagre ou que sem ciência não existe cura, é necessário, para o bem do próprio paciente, estabelecer uma ponte entre a auto-cura, a cura espiritual e a prática médica.

Hoje percebemos os primeiros movimentos rumo à busca de um conhecimento mais amplo e efetivo nesse campo. Nos Estados Unidos, por exemplo, a *John Templeton Foundation* destina milhões de dólares para pesquisas que unam a ciência com a busca espiritual.

"... a ciência também está sentindo suas limitações, deixando um vácuo que a religião sente-se feliz em preencher. Os neurocientistas podem explicar o cérebro como redes de células que se comunicam, chamadas neurônios. Mas é difícil imaginar uma teoria satisfatória sobre a experiência consciente – sobre como é ser vivo", diz George Johnson, em artigo traduzido na edição de 26 de julho de 1998 do jornal O Estado de S. Paulo. Este artigo procura reproduzir o movimento atual de aproximação entre ciência e religião que ocorre nos EUA, onde há várias publicações de cientistas respeitados, como Science & Spirit (Ciência & Espírito), Cybergrace: The Search for God in the Digital World (Graça Cibernética: A Busca de Deus no Mundo Digital) e God & the Big Bang: Discovering Harmony Between Science & Spirituality (Deus & a Grande Explosão: Descobrindo a Harmonia entre Ciência & Espiritualidade) entre outros.

No Brasil, as experiências no sentido de aproximar religião e conhecimentos científicos tomaram um rumo mais prático. A Associação Médico-Espírita (AME), presente em 19 Estados, após o congresso que reuniu cerca de 800 profissionais de cinco países evoluiu para a Associação Médico-Espírita Internacional. Com cerca de 300 membros católicos, formou-se a Associação Católica de Psicólogos e Psiquiatras de São Paulo,

com objetivos semelhantes aos da AME – conciliar a doutrina espiritual com a prática médica.

O fato de haver pessoas reconhecidamente capazes trabalhando com a hipótese de que existem fatores além dos limites humanos que interagem conosco, o reconhecimento de que podem existir estruturas diversas invisíveis aos nossos cinco sentidos, sem, entretanto, deixarem de ser reais, a consideração de que existe algo a mais que nosso corpo físico e o mundo material, é um grande avanço.

## A medicina que também trabalha com os espíritos

Como já dissemos, a Terapia de Vida Passada admite e trabalha a presença espiritual durante o tratamento dos pacientes, buscando a causa da presença dos espíritos (quando a interferência provoca sintomas) e até realizando seu desligamento, utilizando para isso elementos culturais e conhecimentos de cada terapeuta.

Existe hoje um movimento de psicólogos e psiquiatras que trabalham utilizando uma metodologia de desligamento dos espíritos desencarnados que interferem na vida dos pacientes.

Spirit Releasement Therapy, ou Terapia do Desligamento Espiritual, é o nome adotado pelos americanos para este tipo de tratamento. Geralmente unida à prática da Terapia de Vida Passada, esta conduta confirma o que, desde início dos anos 1980, verifiquei através dos meus pacientes: a presença espiritual é inerente à regressão às encarnações anteriores.

William Baldwin, terapeuta da Flórida, considera que existem diferenciações entre os motivos da presença de espíritos desencarnados: pode ser por benevolência, por alguma necessidade pessoal do espírito, por malevolência ou sem uma intenção definida. Ainda segundo William, seguindo a mesma idéia de Edith Fiore, uma das pioneiras no reconhecimento da obsessão em seus pacientes, nos EUA, a ligação pode ocorrer absolutamente por acaso, o que contraria a lei do carma, segundo a qual para todo efeito, existe uma causa.

A TVP brasileira busca seu caminho. A linha representada pela Sociedade Brasileira de Terapia de Vida Passada – como deixa claro o autor e psicólogo Milton Menezes, em *Terapia de Vida Passada e Espiritismo* – também desenvolve seu método admitindo a influência de "presenças" no tratamento.

A abordagem no tratamento depende do terapeuta, uma vez que o próprio profissional cria certas barreiras filosóficas, éticas, de método ou preconceituosas. Adolfo Bezerra de Menezes, respeitado médico e político, já considerava a obsessão como um fator que pode até ocasionar lesões cerebrais, em casos graves, conforme descreve em *A Loucura sob Novo Prisma*.

Conforme lembra o neurologista e neurocirurgião Núbor Facure, fundador do Instituto do Cérebro, em Campinas, São Paulo, "todas as nossas atitudes implementam memórias no corpo espiritual que, boas ou más, vão repercutir na estruturação de novos corpos que vamos ocupar no futuro. Assim, as lesões congênitas são reflexos de nós mesmos ao permitirmos desvios graves de conduta como o suicídio, o aborto ou a violência com o próximo, repercutindo inexoravelmente em nós mesmos, exigindo, mais tarde, resgate e regeneração".

Professor titular da Unicamp durante 30 anos, Dr. Núbor é um dos exemplos desta tendência de unir os conhecimentos científicos com o conhecimento espiritual, deixando a mente livre dos preconceitos, seja no campo científico, seja no religioso: "O homem terá que desenvolver sua segurança através da autoconfiança. Ele terá que se libertar das amarras culturais e dos preconceitos, de mitos e crendices e dos estigmas sociais. Ele terá que saber que pode aprender de tudo, mas só deverá vivenciar o melhor".

### O método que adotei

E como será que um cientista definiria teoricamente as relações entre o cérebro e a influência espiritual? Em sua obra *Muito além dos Neurônios*, Facure desenvolve uma linha de raciocínio que nos permite tirar diversas conclusões interessantes sobre o tema vida passada-espíritos:

"O pensamento é energia que expressa nossos desejos. Somos sensibilizados por estímulos externos que desencadeiam percepções cerebrais de vários matizes. As cores, os sons, os sabores ou os afetos geram em nós sensações que despertam desejos, criam idéias e organizam pensamentos que expressamos pela linguagem. Esta experiência sensorial nos permitiu desenvolver reflexos, hábitos, instintos, automatismos, discernimento, raciocínio e, finalmente, a inteligência e a consciência de nós mesmos num processo evolutivo do ser unicelular ao homem com seus bilhões de neurônios. Por efeito das vibrações que emitimos ao pensar, estamos obrigatoriamente ligados, por sintonia mental, a todas as criaturas que no mundo inteiro pensam como nós. O conteúdo de qualquer pensamento materializa idéias, em formas-mentais, que nos acompanham como uma atmosfera psíquica. Somos os responsáveis diretos por este ambiente psíquico que criamos às custas dos nossos desejos. Somos livres para pensar e induzir os

outros a pensarem como nós. Porém, somos escravos das idéias que fixamos para nós mesmos e das sugestões que nos incomodam."

Dentro desta teoria, ao mesmo tempo abrangente e lógica, percebemos as relações do ser humano com a Terapia de Vida Passada:

- ▶ o pensamento é energia e expressa os nossos desejos;
- ▶ há sintonia entre as pessoas que pensam da mesma forma;
- o conteúdo do pensamento materializa idéias;
- estas idéias formam uma atmosfera psíquica em torno de cada um:
- somos livres para transformar esta atmosfera;
- ▶ podemos influenciar os outros através do pensamento;
- somos escravos das idéias que fixamos para nós mesmos e das sugestões que nos incomodam.

Seguindo o mesmo conceito, podemos explicar algumas situações verificadas nas regressões:

- situações traumáticas geram pensamentos marcantes e, portanto, energias que permanecerão na "atmosfera psíquica" do espírito;
- dívidas espirituais, ou seja, situações onde existe a culpa e a cobrança entre dois espíritos, os aproximarão, pela lei da afinidade – explica-se assim a obsessão, onde os dois lados estão ligados por pensamentos na mesma sintonia;
- ▶ reviver vidas passadas, entendendo as relações cármicas, gera a compreensão e, conseqüentemente, pensamentos renovados que substituirão os pensamentos antigos, presos a situações negativas;
- essa mesma compreensão transformará o padrão de pensamento do paciente obsediado, desligando a afinidade com o obsessor;
- ▶ enfim, à medida que o paciente transforma seus valores, seu pensamento também acompanha esta evolução, e assim pessoas com o mesmo direcionamento positivo se aproximam.

Compreendendo estes aspectos, podemos entender melhor porque as entidades desencarnadas se manifestam nas sessões de terapia – elas estão intimamente ligadas ao contexto das vidas passadas comuns ao paciente. Isto significa que não são apenas as emoções inconscientes, os traumas do passado que acompanham a pessoa nesta vida atual, trazendo-lhe problemas. Os espíritos desencarnados que estão presos aos mes-

mos sentimentos e emoções também colaboram para que os sintomas não desapareçam.

É uma ligação interdependente: vida passada-paciente-obsessor — o paciente tem gravado em seu inconsciente tudo o que ocorreu em suas vidas passadas e que se exteriorizam na nossa vida atual, sob a forma de comportamentos, sensações, sentimentos etc., gerando os conflitos que levam a pessoa a procurar a terapia. Os espíritos que os influenciam também têm gravado as mesmas coisas (pois participaram de uma ou mais vidas passadas), e é por isso que os pensamentos passam a vibrar na mesma sintonia. Como diz o Dr. Núbor, "somos escravos das idéias que fixamos para nós mesmos e das sugestões que nos incomodam".

Não existem limitações para um espírito encontrar outro, quando há afinidade. Desse encontro, acionam-se no paciente as encarnações onde estiveram juntos. Conseqüentemente, os sentimentos existentes naquela época afloram. Como este processo não é consciente, é comum a pessoa não saber o que está ocorrendo, ficando perturbada com sensações que, aparentemente, surgiram sem motivos aparentes – raiva, medo, angústia, irritação, sentimento de culpa, instabilidade emocional etc.

Caso o indivíduo não consiga equilibrar os pensamentos, estas emoções (que foram despertadas por um espírito obsessor, mas que pertencem à história do paciente) poderão levá-lo a um quadro neurótico ou até psicótico. Não esqueçamos que o ser humano, por ter vivido várias encarnações e, portanto, por ter cometido vários erros, traz consigo uma mente onde há culpa, medos, insegurança, emoções negativas que são exteriorizadas ou permanecem definitivamente "enterradas" no passado de acordo com o próprio esforço e mérito. Se o problema aflorou, seja devido à obsessão, seja por outro fator, é porque ainda existe algum aprendizado a ser adquirido. Esta é a justiça da vida. Como diz Paul Pearsall, psiquiatra e professor de psicologia americano, "nós é que somos injustos naquilo que esperamos da vida. Esperamos saúde perfeita, filhos normais, ausência de decepções e imunidade em relação aos problemas".

Pearsall traça um paralelo entre a conhecida ordem dos sistemas biológicos vivos – evolução – e a hipótese do cosmos se mover para a desordem máxima, teoria da termodinâmica, demonstrando que as doenças não são apenas justas, como necessárias: "Se compreendermos que a Segunda Lei da Termodinâmica demonstra que a doença é natural e necessária, e aceitarmos o fato de que a entropia (desordem) da doença é, como todas as coisas, parte da nossa existência como um todo, vamos parar de tentar combater a doença e começar a tentar compreender de que modo a doença atua como uma forma de cura suprema do espírito coletivo humano", diz em A Arte de Fazer Milagres.

A idéia de que a influência espiritual pode desencadear sintomas físicos, apesar de muito antiga, era praticamente ignorada pelos meios médicos. Entretanto, existe um grupo que considera real a possibilidade de um indivíduo exercer, através do pensamento, influência até mesmo física em outro, não importando para isso a distância entre ambos. Larry Dossey, especialista em medicina psicossomática na *Dallas Diagnostic Association*, crê nesta possibilidade, denominando esse fenômeno de telessomático.

"Os acontecimentos telessomáticos ocorrem comumente entre pessoas com fortes elos emocionais", diz o Dr. Dossey, em *As Palavras Curam*, e acrescenta: "Uma sensação de empatia ou de proximidade emocional parece estar na base de muitos acontecimentos não-locais".

Temos aí a mesma idéia de afinidade: um espírito vivo, com ligações com outro espírito vivo, provocando sensações emocionais e físicas. Como trabalho com a certeza da continuidade do espírito, basta estender esta concepção para o espírito desencarnado e então teremos praticamente uma só definição.

### Afinidade e empatia

Até que ponto podemos culpar outros espíritos pelo surgimento de problemas em nossa vida?

Só haverá obsessão se nossos sentimentos estiverem sintonizados com os sentimentos do espírito obsessor. Mas essa sintonia é um fator delicado – durante muitos momentos da nossa vida, deixamo-nos levar por situações complicadas, pensamentos desconexos. A vida nos impõe provas a todo instante, tornando difícil manter a mente equilibrada. Obviamente, se conseguimos atingir este objetivo, mantendo nossos sentimentos elevados, não haverá obsessão, e sim aproximação de espíritos evoluídos.

Algumas pessoas dotadas de vidência mediúnica, ou que percebem a presença de espíritos desencarnados, muitas vezes simplificam a questão dos problemas ao dizer que determinada situação é culpa de um obsessor ou 'encosto' – afinal, é muito mais agradável pensar que o motivo pelo qual sofremos é externo e, conseqüentemente, eliminado esse fator o problema desaparece. No meu trabalho, verifico que isto não corresponde à verdade. O desligamento obsessor-paciente deve ser feito juntamente com a compreensão de ambas as partes, com o perdão recíproco e a mudança de atitudes e pensamentos do paciente, para que haja a eficaz resolução do problema.

Tento sempre mostrar às pessoas que me procuram que tudo na vida é interdependente – este é um conceito que está se enraizando cada vez mais em todas as áreas do conhecimento humano, e na saúde não poderia ser diferente. Devemos evitar eleger um único fator como responsável por determinado problema, pois isto significa reduzir a vida a um simples jogo em que o ser humano é um instrumento inerte. É muito comum um paciente relatar que teve dificuldades para chegar até a terapia, em determinado dia. Aconteceram diversos imprevistos, ou ele sentia-se tão mal que quase não conseguia vir. Há casos em que o paciente chega a ficar, de fato, acamado.

E este mal-estar é provocado por obsessão?

Sim e não. É bem provável que espíritos desencarnados, que tenham relação com as vidas passadas que serão trabalhadas no consultório, e com diferenças a serem esclarecidas, se tornem mais "ativos", perturbando o paciente com mais intensidade. Por outro lado, traumas e emoções diversas, arquivadas no inconsciente do paciente, também estarão se manifestando e agindo sobre ele. Buscar energia para ir contra esses sintomas já é um primeiro passo para iniciar o desligamento de qualquer entidade envolvida, pois implica numa mudança de padrão de pensamento.

Mas o "mal" não está exclusivamente relacionado com a obsessão – uma série de outros fatores influem tanto no surgimento, como no desaparecimento deste problema, além da presença espiritual: padrões de pensamento, comportamento, a força de vontade do paciente, o desejo de mudar, situações de vidas passadas, o estado físico e emocional da pessoa etc.

O fato de se acreditar em espíritos pode facilitar a compreensão e a percepção de determinados sintomas que estão relacionados à influência espiritual, mas não quer dizer que isto seja fundamental para o sucesso da TVP. Logicamente recebo pessoas que são resistentes ao tema, por motivos religiosos, filosóficos, desconhecimento, preconceito – percebendo esta resistência, procuro deixar o paciente mais tranqüilo, explicando o estritamente necessário para desenvolver a terapia.

No primeiro livro deixei claro que as situações que ocorrem dentro de uma regressão vêm do paciente para o terapeuta, e não o contrário. Por isso, se aparecerem manifestações espirituais durante a terapia (nem sempre ocorrem), elas virão através do paciente, ele estará "vendo", ou sentindo, ou descobrindo frases em seu inconsciente que ele perceberá não vir dele—isto, além do conteúdo coerente da mensagem, e as emoções envolvidas lhe darão a certeza da presença espiritual. Lembro outra vez que também nossos protetores espirituais se manifestam e são percebidos da mesma forma.

Minha experiência em consultório mostra que o mais fácil é eu esclarecer melhor a situação e deixar que pela própria experiência do paciente ele deixe de ser resistente e compreenda – ele verá que estes tipos de interferência são comuns, não são absolutamente nada parecidas com

aquelas manifestações sangüinolentas reproduzidas pelo cinema, e são totalmente controláveis, bastando para isso força de vontade e mudança interior.

Caso o paciente crie um bloqueio mental contra a Terapia de Vida Passada, se negando peremptoriamente a acreditar que já viveu outras vidas ou aceitando ter vivido outras encarnações, mas negando que pudesse ter cometido erros (estes casos são poucos, mas acontecem), então, geralmente, ele não entra em regressão e não há como desenvolver a terapia. Digo que esses casos são poucos porque geralmente a pessoa que chega até a TVP já passou por vários tipos de tratamento, sem resultado, e está disposta a abrir seus conceitos em busca da solução dos problemas. Além disso, na primeira sessão explico detalhadamente o processo, no qual fica explícito que o desenrolar das vidas passadas que serão vistas na regressão estão ligadas entre si pela lei do carma, onde não existe uma causa sem um efeito, não existe sofrimento gratuito, assim como não existe felicidade sem mérito.

Se o paciente veio me procurar para solucionar seus problemas, é porque há "débitos" para serem esclarecidos, compreendidos e desligados. E unidos aos problemas, poderão estar também os espíritos desencarnados.

O budismo, no que diz respeito à afinidade, nos traz que "As atividades da mente não têm limite, elas criam as circunstâncias da vida. Uma mente corrompida cerca-se de pensamentos impuros e uma mente pura, pelo contrário, cerca-se de coisas puras; disto se conclui que o ambiente ou as circunstâncias são tão ilimitáveis quanto o são as atividades mentais".

Acompanhando o mesmo raciocínio, o grande escritor alemão Hermann Hesse exemplificou: "Aquele cuja alma não é pura, nem capaz do bem, incapaz até mesmo de crer na bondade, a este nem mesmo o bem melhor e mais sublime lhe parece de todo rico e bom. E para sempre terá de contentar-se com a imagem pequenina, deturpada e triste do mundo, esta imagem que ele próprio se criou para ser o seu tormento e a fonte de sua miséria". Um exemplo forte, descrevendo uma pessoa amarga, sem fé, com valores distorcidos, cidadão que geralmente acredita entender todas as "verdades" do mundo. Este tipo de comportamento não abre caminho para a auto-análise, uma vez que o orgulho é um sentimento que impede a compreensão dos próprios defeitos e exalta as virtudes, muitas vezes além do limite da realidade.

Quem buscar a mudança interior com humildade e coragem, reconhecendo seus erros e buscando a correção, mudará as circunstâncias ao seu redor, pois a sua mente se ligará aos seres (encarnados e desencarnados)

que trilham o mesmo caminho. Por outro lado, a "atmosfera psíquica" da pessoa, conforme Dr. Núbor esclareceu, também acompanhará estas mudanças. Estas idéias demonstram que o que é material, apesar de importante, é apenas um detalhe face à grandeza e complexidade do mundo espiritual.

### Vida passada e obsessão

Quais são os mecanismos que levam o paciente a perceber a presença de espíritos, durante a regressão e, em alguns casos, até na rotina diária?

Notar a presença de espíritos envolve o tema mediunidade e suas diversas manifestações, e esta faculdade independe da idade dos envolvidos.

O protagonista desta história é um rapaz de 13 anos de idade, filho adotivo. O fato dele ser ainda um pré-adolescente e o problema estar estritamente ligado a um obsessor demonstra que não é o fator cultural que influencia alguém a perceber ou não um espírito – algumas pessoas que negam a existência espiritual insinuam que os adultos, por influência do meio onde vivem, fantasiam a respeito do assunto. A criança, pela própria ingenuidade e pureza, seria mais sincera e com menos preconceitos, passando uma visão mais realista do que realmente vê e sente.

Lucas é um menino bonito, olhos vivos, inteligente, e com o raciocínio bem estruturado. Afirmou gostar muito dos seus pais adotivos e, mesmo querendo um dia conhecer a sua história, quem foram seus pais, não trocaria de família.

Seu grande sonho é ser jogador de futebol. Esta idéia não lhe sai da cabeça, a ponto de acabar prejudicando seus estudos: seu rendimento não está bom, na escola seu pensamento se dispersa com facilidade e inclusive foi pego várias vezes cabulando aula para jogar. Para ir atrás do seu objetivo, não tem escrúpulos ao mentir, enganando os pais quanto ao seu paradeiro:

— Fui estudar, pai!

A família sabia que não era verdade. Preocupados, apertaram a vigilância sobre o menino e verificaram que ele estava mentin-

do em outros pontos também. A mãe ficava profundamente irritada, discutiam, ele a ofendia e a situação começou a ficar insustentável.

Imaginando que os problemas poderiam ter surgido devido ao fato dele ser adotivo, e que talvez na gravidez ocorreram maus tratos, o pai veio me procurar.

— Talvez a senhora encontre alguma coisa na vida intrauterina dele, que não conhecemos. Só queremos entender o que está acontecendo...

Lucas também sabia que havia algo errado. No fundo, seu sentimento de amor e gratidão pelos pais era maior que os desentendimentos, e ele aceitou iniciar a terapia.

Não tive problemas em fazer o relaxamento com o menino. Após alguns minutos, ele estava tranqüilo, no divã, com sua mente consciente indo aos poucos permitindo que o inconsciente fosse acessado sem, entretanto, deixar de controlar a situação.

— Vamos ver a sua vida intra-uterina, Lucas. Vá até o dia em que sua mãe engravidou, sinta-se lá, deixe que sua mente perceba a situação, as emoções, o que se passava com você, sua mãe, seu pai...

Mês a mês fui indagando, perguntando se houve alguma situação que pudesse ter lhe trazido algum trauma, ou se alguns pensamentos e atitudes da mãe haviam sido captados pelo espírito em via de reencarnar, conforme ensina o método de Netherton, e nada descobri.

Então mudei a abordagem:

- Lucas, vá até um momento passado onde haja relações com o fato de você estar mentindo muito, hoje em dia, discutindo com sua mãe, descubra por que você só pensa em futebol... Deixe que seu inconsciente viaje no tempo, e descubra uma situação que tenha relação com estes fatos...
- Elaine, estou sentindo uma coisa esquisita, uma pressão na cabeça, sinto uma dor, como se algo entrasse dentro dela.
- Veja se você descobre o porquê desta dor, o que está acontecendo? Você está em algum lugar, vê pessoas, consegue ver a você mesmo?

— Sim, estou começando a entender. Moro no Rio de Janeiro, sou muito pobre, não saio muito de casa porque tenho medo. Adoro jogar futebol. Trabalho vendendo coisas no farol e moro numa favela, com meus pais.

Costumo jogar futebol num campinho de areia. É um lugar barra pesada, muitos usam drogas, tenho medo, mas gosto de ir lá para jogar. O técnico me convida para jogar no time dele. Conforme vou crescendo, fico mais forte, sei me defender melhor.

O tempo passa, vou jogar no time do América, e ganho muitos jogos. Passo para outro time, ganho um dinheiro que dou para meus pais. Faço 18 anos, não sei escrever. Na minha cabeça, eu quero estudar e jogar também. Meus pais, apesar da simplicidade deles, procuram ajudar no que podem. Minha mãe até arruma uma pessoa para me ensinar.

Sou uma pessoa ingênua. Empresto dinheiro para amigos e eles somem, nunca pagam, me fazem de bobo. Mas, enfim, tenho um talento para o futebol, e acabo indo jogar no São Paulo.

Agora estou com 25 anos e me vejo indo jogar num lugar muito alto, frio, transpiro e tenho dor de garganta, o nariz fica congestionado, a sensação é horrível. (O paciente relatou na entrevista que há 2 anos passou a ter sinusite e rinite.)

Volto para casa, tenho que me tratar num hospital, com inalação. Sou um jovem solteiro. Muitas mulheres gostam de mim, elas se aproximam porque jogo num clube importante. Também gosto da noite: vou aos bares, começo a beber, fazer farras, vou perdendo o que consegui com o meu esforço. Aos 35 anos já estou afastado do clube, mais por causa da bebida, e em pouco tempo não tenho mais casa, carro, viro um indigente.

Agora vivo na rua, sou muito triste e solitário, me dói a barriga...

— Mas Elaine, isto não é meu! A dor na cabeça não vem de mim! É um jogador que está na minha cabeça, ele é o cara mulherengo, a história é dele!

Lucas estava nitidamente percebendo um obsessor que estava influenciando fortemente sua vida. Como ele sabia que esta vida era de outro espírito, e não dele? Conforme já disse anteriormente, o

paciente sente a vida principalmente devido às emoções — o garoto viu que as emoções não vinham dele, apesar que elas também deixavam um rastro na sua personalidade. E eu, então, iniciei o diálogo com este espírito:

- Perceba que você não está mais encarnado, e de nada adianta permanecer junto a este menino...
  - Mas eu vou mudar agora, eu vou fazer diferente, eu sei!
- Agora não há mais o que fazer aqui na Terra. Você terá outras oportunidades, com certeza, mas deverá seguir o seu caminho no mundo espiritual até chegar o momento. Procure à sua volta, veja que você poderá encontrar ajuda e estas pessoas lhe indicarão o que fazer insisti.

Lucas, plenamente consciente da situação, também procurava ajudar, dizendo:

— Vamos, você pode compreender agora que esta vida de jogador já passou. Vá agora, por favor...

E então sua voz mudava, dando lugar para o espírito falar:

— Eu quero estar aqui, você é como eu, gosta de futebol...

Veja que não há maneira de você progredir permanecendo aqui, realcei. Através deste paciente, usando o corpo dele, nada mudará, o que passou, passou. Peça ajuda aos seus amigos espirituais, ore pedindo ajuda, você será apoiado e, quando estiver pronto, terá um novo corpo e poderá fazer o seu caminho da maneira que achar melhor.

Meu paciente se contorce no divã, sente dores e formigamento no corpo todo, além de uma pressão na cabeça. Contudo, finalmente o espírito aceita ir embora. Encerro então a sessão, esclarecendo ao menino que muitas daquelas atitudes que ele estava tomando, as mentiras, fugir das aulas, desrespeitar a mãe, eram influenciadas pelo obsessor, que via nele apenas o mesmo gosto pelo esporte e acabava prejudicando no discernimento do resto da vida, do que era e não era importante...

A próxima sessão estava marcada para a semana seguinte e, logo que ele entrou, perguntei como havia passado:

— Olha, Elaine, nestes últimos dias não menti nenhuma vez para meus pais, e também consegui ficar mais concentrado nas aulas e até estudei um pouco.

Mas alguma coisa me incomodava, à noite ia deitar e não conseguia dormir... é estranho, pensei muito em você, a semana toda!

Fiquei surpresa, não entendi o que este fato poderia revelar, e apenas continuei ouvindo o seu relato:

— Ontem fui dormir e, de novo, foi uma noite péssima. Acordei várias vezes, e as vezes começava a andar pela casa. Minha avó acordou, me colocou na cama e então consegui pegar no sono. Engraçado. Hoje de manhã, ela disse que falei várias vezes o seu nome, Flaine

Curiosamente, eu também não dormira bem na noite anterior. Tive insônia, acordei de madrugada, andei pelo meio da casa e, como não ocorrera nada de estranho durante o dia, não conseguia entender a razão da insônia, mesmo porque não é normal para mim este problema. Falei isso a ele e expliquei que existe a comunicação de inconsciente para inconsciente, isto é comum e, embora eu não soubesse o motivo, isto ocorrera na noite anterior.

Fizemos então o relaxamento, e solicitei ao inconsciente dele que buscasse um momento passado que pudesse ter gerado esta situação. Mais surpresa fiquei quando ele iniciou:

— Sou pequeno e você também. Nós somos irmãos. Temos muita afinidade, somos muito amigos e estudamos na mesma escola.

Gosto da minha família. Há um garoto na escola que é nosso amigo, nós nos damos muito bem. Acho que ele começa a gostar de você. Temos uns 12 anos, mais ou menos.

Você é uma boa aluna, e ele não – parece que só vive no mundo da lua e esquece de estudar. Isso faz com que ele comece a ir mal na escola. A professora conversa com a mãe dele, e então você começa a ajudá-lo, deixando-o feliz e, com o seu esforço, começa a

se recuperar. A paixão dele aumenta, embora nunca fale nada e não haja retribuição pela sua parte.

Ele gostaria de ser considerado mais que um amigo, mesmo porque já temos uns 16 anos – mas você não percebe e até lhe conta que gosta de outro rapaz. Isto o abalou muito – o jovem relaxa nos estudos, perde o ano, fica muito triste e deprimido. Por outro lado, ele nunca se abriu, nunca se declarou... O tempo passa, você se forma, o moço vem até me procurar e pede para que eu fale sobre os sentimentos dele com relação a você.

Eu já não simpatizo tanto com ele, e acabo mentindo depois, dizendo que minha irmã não estava interessada. Pelo que sei, o moço nunca mais gostou de ninguém – pensa em você mas, por medo de ser desprezado, não a procura.

Com mais ou menos 30 anos, ele deixa o trabalho, entra em depressão, causando preocupação para os pais dele. Talvez mais uns 10 anos se passaram, nada mudou, ele morre em casa, após uma dor no peito.

Eu casei com uma moça, sou atlético, gosto muito de correr. Sou advogado, tenho filhos, levo uma vida normal. Você também se casou... Eu acabo morrendo de velhice...

- Mas Elaine, ele está aqui! Vejo este espírito, do homem que gostava de você, ele tem muita raiva de mim porque menti ao dizer que você não o queria... Ele diz que quer te abraçar, ainda gosta de você...
- Veja que a situação é outra, você já está desencarnado e nada mudará com este sentimento seu. Como pôde observar, esta vida onde estivemos juntos é passado, este menino que aqui está já não é aquele meu irmão e eu também tenho uma vida diferente. Nós tivemos oportunidade de reencarnar novamente e você também pode é só se desligar deste pensamento, deste amor irreal, e deixar que a vida tome o seu curso natural. Em nada adiantará você ter raiva desta pessoa que aqui está; ela mentiu, mas creio que ela pode te pedir perdão por isso. Você pode pedir perdão a ele, Lucas?
- Sim, eu peço perdão. Não queria que ele ficasse tão magoado.

- E você, pode perdoar também?
- Não, eu não quero perdoar e não quero ir embora. Agora te encontrei e vou ficar com você.

Ainda foi necessário algum diálogo e esclarecimento para poder desligar este espírito do garoto e também de mim. Sempre oro, pedindo aos Mestres de Luz (amigos espirituais que nos acompanham) para que ajudem no trabalho, mostrando as melhores saídas, enviando energias positivas que vençam todas as barreiras, ajudando-nos a escolher as melhores palavras...

Na semana seguinte, Lucas me contou que estava novamente consciente das suas obrigações. Não que deixasse de gostar de futebol, mas sabia que havia hora para tudo. Conseguia estudar com mais determinação, deixara de mentir e não havia mais brigas com a mãe — com exceção de pequenos casos, normais para qualquer relacionamento. Portanto, optei pela alta, combinando para que ele voltasse, caso surgissem outros problemas. Foi um caso rápido, no total de cinco sessões e, até recentemente, quando encontrei seu pai, para minha satisfação fui informada que tudo estava bem.

O caso de Lucas nos mostra que a idade não interfere nem influencia nos contatos espirituais — pesquisas realizadas por Ian Stevenson e Hemendra Nath Banerjee demonstram que crianças são ótimas fornecedoras de informações sobre reencarnação — parece que algumas delas encontram facilidade em acessar o conteúdo do inconsciente, onde estão registradas as situações pretéritas. Além disso, crianças dotadas de faculdade mediúnica mostram-se despreocupadamente capazes de ver e conversar com entidades desencarnadas, para espanto e muitas vezes censura dos adultos. O caso das irmãs Fox, citado no capítulo anterior, é um clássico da comunicação espiritual que teve como foco a mediunidade das meninas.

Outro fator interessante no caso de Lucas foi demonstrar que a proximidade de um espírito obsessor, além de mudanças de comportamento, pode causar insônia e outros distúrbios – muitas vezes a idéia do obsessor é entendida como do próprio paciente, levando-o a praticar atos que geralmente não faria. No caso do menino, ele começou a mentir e a ter problemas de relacionamento com a mãe. Enfim, a vida que ele viu na

qual eu participei como irmã, demonstrou uma afinidade entre nós que foi realçada pelo fato de sentirmos insônia no mesmo momento.

Todas estas sensações que Lucas teve são indícios da proximidade de espíritos, o que ficou confirmado na regressão. Entretanto, existem inúmeras maneiras de se sentir obsessores ou entidades amigas: meus pacientes relatam as sensações das mais diversas formas, como vidência, audição, intuição, captação de energias, sonhos, presságios, desdobramentos e até a insensibilidade.

No próximo capítulo abordaremos a mediunidade, um assunto amplo e, ao mesmo tempo, envolto em uma aura de mistério. Através do conhecimento de o que é ser médium, iremos entender um pouco da comunicação espiritual que percebo no consultório, por intermédio dos pacientes.

# Capítulo 4

### Mediunidade: a porta de acesso

Ao longo dos capítulos anteriores, percebemos uma série de manifestações espirituais que ocorrem desde os primórdios da nossa história. Atualmente, essas manifestações transformaram-se em objeto de estudo e prática de trabalho, como é o caso da Terapia de Vida Passada.

As narrativas egípcias, os textos bíblicos, as pitonisas gregas, o daimón de Sócrates, os acontecimentos de Hydesville, as manifestações espíritas, as percepções de meus pacientes – estes fenômenos todos são possíveis graças a um dom muito comum, mas que apresenta facetas diversas, sofrendo por isso interpretações tão díspares: a mediunidade.

Segundo definição de Kardec, médium é aquela pessoa que sente, em qualquer grau, a influência de espíritos. Esta afirmação aparentemente simples oculta um universo complexo de percepções e manifestações – o *Livro dos Médiuns* os subdividia, de acordo com as aptidões de cada um, em nove grupos principais: de efeitos físicos, sensitivos ou impressionáveis, audientes, falantes, videntes, sonâmbulos, curadores, pneumatógrafos, escreventes ou psicógrafos. Não raro uma pessoa pode reunir duas ou mais habilidades mediúnicas, o que não equivale dizer que ela seria melhor ou pior que outra que "apenas" desenvolve uma única habilidade.

A mediunidade deve ser entendida como mais um sentido, como o tato, a audição, o olfato. Nesse contexto, não podemos afirmar que existe um olfato melhor que outro, ou uma audição melhor que outra — o que difere são os níveis de compreensão e análise dos cinco sentidos. Por exemplo: uma orquestra, através dos seus diversos instrumentos, produz um som. O som se propaga, pelo ar, em ondas sonoras, e é captado pelo aparelho auditivo. Estas ondas sonoras são decodificadas pelo cérebro e interpretadas, de acordo com a capacidade de cada indivíduo. Assim, uma pessoa pode ouvir o som e dizer: é uma música. Outra, cuja bagagem cultural é mais diversificada, dirá ao ouvir o mesmo som: é música clássi-

ca. Enfim, aquela habituada ao tipo de música que está sendo executada, dirá, por exemplo: é uma composição Vivaldi!

Apesar de tosco, este exemplo pode ser transportado para o campo da mediunidade, acarretando duas afirmações:

- o fenômeno é acessível a todas as pessoas o que difere é a interpretação;
- de acordo com o acúmulo de experiências e conhecimentos, é possível dar uma interpretação mais próxima à realidade – isto quer dizer que o treino e o estudo são essenciais para a compreensão sobre o que significa a mediunidade e como utilizá-la da melhor maneira.

Aindo no Livro dos Médiuns, Kardec explica os diversos tipos de médium:

- ▶ de efeitos físicos: é o que produz fenômenos materiais, como movimento de corpos inertes, ruídos etc.;
- sensitivo ou impressionável: percebe os espíritos de uma maneira bem sutil, não muito clara, sendo capaz, contudo, de estabelecer certas distinções quanto à natureza do espírito;
- audiente: é o que, literalmente, ouve os espíritos, seja de uma forma íntima, a chamada "voz interior", como também o que tem percepção de uma voz exterior, como se fosse emitida por um espírito encarnado;
- ► falante: segundo Kardec, é aquele que exprime as palavras dos espíritos, sem, entretanto, ter plena consciência do que é dito;
- vidente: é aquele que possui a habilidade de ver os espíritos desperto, em estado alterado de consciência ou até em sonhos, a visão independe dos órgãos físicos.
- ▶ sonâmbulo: é o médium capaz de se comunicar, consciente ou inconscientemente, durante o estado sonambúlico.
- ► curador: de maneira geral, é capaz de realizar curas de enfermidades, por meios não-materiais;
- ▶ pneumatógrafo: é o médium que realiza a escrita direta, onde o espírito domina os movimentos de braços e mãos, e o teor da escrita independe da vontade do médium.

Estes conceitos, expostos há mais de cem anos, foram emitidos numa época em que se iniciava o interesse pelo estudo da capacidade mental do ser humano, propiciando o desenvolvimento não apenas das teorias espiritualistas, como também da psicologia e parapsicologia. Entre metade do século XIX e início do século XX, a humanidade viu surgir Freud e a psicanálise, Kardec e o espiritismo, Blavatsky e a teosofia, Steiner e a antroposofia, Vivekananda e Ramacháraka difundindo o hinduísmo no ocidente, enfim, movimentos importantes que deram contornos mais nítidos tanto ao lado espiritual humano, quanto ao lado psíquico.

Felizmente, a incrível velocidade das comunicações de hoje nos dá a possibilidade de compreender e de comparar inúmeras idéias e situações ao mesmo tempo – filtrando o que é aparentemente lógico do que parece inconsistente, usando nosso raciocínio e poder de decisão, podemos aceitar idéias e recusar outras.

Com a mente aberta, conseguimos entender e assimilar idéias que, anteriormente, poderiam parecer desconexas. O Yogue Ramacháraca, na obra 14 Lições da Filosofia Yogue, publicada no começo do século XX, nos diz: "Cada indivíduo atrai para si os pensamentos que correspondem aos produzidos pela sua própria mente, e é, naturalmente, influenciado, por sua vez, por aqueles pensamentos atraídos. É o caso de agregar combustível ao fogo. Aquele que, durante algum tempo, cultivar pensamentos de maldade ou de ódio, horrorizar-se-á com a inundação de pensamentos vis que virão derramar-se na sua mente".

### Todos nós somos médiuns?

Cada um de nós já provou situações parecidas com esta "inundação de pensamentos" que não podemos explicar a origem e julgamos não pertencer a nós mesmos. Se o fenômeno é acessível a todos, e esta "inundação de pensamentos" tão comum também é mediunidade, significa que todos nós somos médiuns?

Kathryn Ridall, psicóloga americana e autora do livro *Como Entrar em Contato com seus Guias Espirituais através da Canalização*, afirma que todos possuem esta faculdade, mas poucos têm plena consciência de como e quando a estão utilizando. Dra. Ridall, admiradora confessa de Edgar Cayce, talvez o mais famoso paranormal americano, usa seu próprio exemplo, que é certamente uma faceta mediúnica presente na maioria das pessoas: "Como possuo um forte poder intuitivo, já tive dificuldade no passado de distinguir entre os meus sentimentos e aqueles que capto das pessoas à minha volta. Também costumava ter a tendência de me perder naquilo que os outros queriam que eu fosse, negligenciando minhas próprias necessidades e impulsos".

Tais percepções, a capacidade de captar inconscientemente pensamentos e sugestões de espíritos encarnados e desencarnados são realmente comuns, e a prova disso são meus pacientes que, em estado de relaxamento, descrevem dezenas e dezenas de contatos com espíritos elevados ou não, falam de obsessões que eles mesmos protagonizaram ou sofreram, em vidas passadas ou na vida atual – o que é isto, a não ser uma forma de mediunidade?

O estado alterado de consciência, ou seja, o estado que o relaxamento induz ao paciente, facilita o contato com outras realidades, fato que normalmente não ocorre quando o indivíduo se encontra desempenhando as atividades do dia-a-dia.

Estas experiências já foram fruto de profundos estudos da Psicologia Transpessoal, onde o estado alterado de consciência era induzido quimicamente, levando ao psiquiatra Stanislav Grof, um dos criadores dessa escola, a afirmar que os fenômenos que ele analisou envolvem "domínios experienciais claramente além dos limites daquilo que o Ocidente aceita como realidade objetiva. Exemplos disso são: visões arquetípicas diversas, seqüências mitológicas, experiências de influências divinas ou demoníacas, encontros com seres desencarnados ou sobre-humanos e identificação experiencial com a Mente Universal ou com o Vazio Supracósmico". (Extraído de Além do Cérebro – grifo nosso.)

### O que propicia o contato espiritual?

Já dissemos que – conforme nosso desenvolvimento espiritual ou estado emocional – atrairemos mentes que estarão vibrando na mesma sintonia. Mas em que estado de consciência podemos perceber a presença espiritual?

Há pessoas que nasceram com a mediunidade mais aflorada, outras vão percebendo que, com o tempo, esta habilidade vai se desenvolvendo. Muitos já tiveram mediunidade em outras vidas, e as sensações que têm hoje são resultado do passado. No meu trabalho percebo pessoas que, embora não tenham a mediunidade aflorada e atuante, também possuem graus diferentes de percepções.

O relaxamento, como é realizado nas sessões de TVP, ou substâncias químicas podem induzir ao estado alterado de consciência, que é um facilitador para os contatos espirituais. Mas não é só isso. O sono é um estado onde também pode ocorrer um contato espiritual. Situações traumáticas – um acidente, por exemplo – doenças graves e estados de coma também são situações que induzem ao estado alterado de consciência.

Nada tendo de místico, hoje sabemos que o cérebro emite ondas que podem ser analisadas num eletroencefalograma. Estas ondas são as alfa, beta, teta e delta.

A onda *alfa* indica o estágio em que o paciente está acordado, em meditação ou relaxamento, mantendo seus olhos fechados. Estas ondas desaparecem durante o sono. Este é o estado em que se trabalha o paciente durante a TVP.

O estado alfa pode ser alcançado através da monotonia e da constância de estímulos visuais e auditivos. A entrada no estado alfa nos daria acesso, hipoteticamente, a outras dimensões do inconsciente.

A onda *beta* é identificada como a que ocorre durante o funcionamento racional do cérebro e nos períodos de atividade mental. Via de regra, neste estado ocorrem poucas percepções extra-sensoriais.

A onda *teta* ocorre em indivíduos que estão passando por situações que geram grande *stress* emocional. O *estado teta* está próximo do estado alfa, em que a pessoa tem vaga consciência física.

Já a onda delta é registrada durante o sono profundo.

O mundo ocidental está tomando conhecimento do que a filosofia oriental chama de *terceira visão*, um sentido espiritual, ligado e atuante como todos os outros cinco sentidos físicos que possuímos, e que nos garante a integridade física e psíquica em todas estas experiências.

Se sabemos que o nível alfa, teta e também delta (o mais profundo de todos) são os adequados para despertar novos sentidos num indivíduo, podemos entender algumas práticas aparentemente ilógicas. Na religião católica, pode-se citar o rosário e o canto gregoriano. Ambas são ladainhas em que, depois de certo período de tempo, as frases vão perdendo o sentido, a monotonia e o som grave das orações em uníssono provocam uma sensação de desligamento da realidade.

Também é possível estabelecer a mesma comparação com os cânticos hinduístas e as rezas ritmadas budistas. Quem já teve a oportunidade de ver documentários ou filmes dos monges tibetanos orando, com as vozes graves ecoando nas grossas paredes de pedra, entenderá este aspecto quase hipnótico.

O ritmo da percurssão nos ritos das tribos africanas exerce o mesmo papel. Mais recentemente pode-se citar a música *New Age* que tenta induzir o estado alfa através de sons relaxantes repetitivos e monótonos.

### Mecanismos biológicos

E quais seriam os mecanismos biológicos que permitem estabelecer este contato com realidades diversas? A ciência ainda não nos dá argumentos conclusivos para que seja esclarecida a relação entre espírito-matéria. O cérebro, este órgão maravilhoso, complexo e em grande parte desconhecido, pode conter algumas respostas para esse enigma. Como diz o

neurologista Núbor Facure, "podemos conjeturar que, hoje, nós somos apenas aquilo que nosso cérebro nos permite estar sendo e não tudo aquilo que o nosso espírito é ou já foi".

Utilizando esta frase como ponto de partida, podemos inferir que: nada, em termos de faculdade mediúnica ou paranormalidade é originário de algum fator miraculoso ou mágico – o raciocínio coerente nos leva a crer que deve existir um mecanismo biológico que explique o porquê de determinadas pessoas terem a sensibilidade mais aflorada, a percepção para este ou aquele tipo de fenômeno mais aguçada. Assim, é provável que a mediunidade ative com mais eficácia alguns setores do cérebro que nem sempre são utilizados por todos.

Hoje a ciência só compreende a função de cerca de vinte por cento do cérebro, e se dedica a entender qual o exato papel do hemisfério direito cerebral. Segundo o autor Hermínio Miranda, em *Alquimia da Mente*, é justamente este lado direito que reserva os dados da individualidade, da alma, do espírito, sendo a chave para a compreensão transcendental do indivíduo. Ainda segundo Miranda, os dois hemisférios funcionam conjuntamente, por exemplo, no aprendizado da linguagem, processando ou compartilhando simultaneamente as informações, até completarmos dois anos de idade.

Se for verificada a hipótese de que os conhecimentos adquiridos durante as jornadas espirituais podem ser acessados pelo hemisfério direito do cérebro, e que nos dois primeiros anos de vida os dois hemisférios convivem em constante troca de informações, entenderemos a razão de as crianças apresentarem características distintas desde as mais tenras fases, mesmo que submetidas ao mesmo processo educativo, ao mesmo ambiente e, teoricamente, à mesma atenção.

No livro *A Evolução em Dois Mundos*, psicografado por Chico Xavier e Waldo Vieira, existe a explicação de que a causa de determinadas pessoas apresentarem aptidão para esta ou aquela manifestação mediúnica se deve ao fato de elas possuírem "elos de ligação" menos densos entre os implementos físico e espiritual, havendo uma maior fluidez entre as informações, que passam de planos espirituais para o plano material, utilizando-se simplesmente do nosso organismo biológico, no qual o cérebro desempenha função extraordinária.

Mas qual seria a estrutura de nosso organismo que possibilitaria uma maior comunicabilidade entre o mundo espiritual e o mundo físico? Se a idéia de Miranda estiver certa, o hemisfério direito do cérebro funcionaria como um arquivo e processador de informações advindas da vida espiritual pretérita, além de poderoso instrumento de interpretação de informações subjetivas – seria quase que um supervisor mais próximo à rea-

lidade espiritual do indivíduo que da realidade material e, portanto, com percepções que o nosso raciocínio não consegue apreender. Mesmo assim, aceitando que temos no nosso cérebro a capacidade de interpretar as informações de outros planos, falta saber por onde captamos tais informações, onde estão os tais "elos de ligação"?

# A glândula pineal

Desde o século XVII, o filósofo francês René Descartes já postulava que a glândula pineal ou epífise seria a "sede da alma", hipótese também aceita na filosofia hindu.

Até 1958 praticamente não se sabia quais as funções desta estrutura cerebral minúscula, do tamanho de uma ervilha, pesando não mais que cem gramas. Até então, reconhecia-se que ela determinava certo controle na sexualidade infantil, pois lesões nesta glândula provocavam a puberdade precoce. Além disso, a constatação de que a pineal entra em processo de calcificação a partir da segunda década de vida do ser humano contribuiu para a visão depreciativa de sua função.

Criou-se uma situação curiosa: filosofias preconizavam uma função mística da glândula, enquanto a ciência desconhecia o seu verdadeiro valor. Na obra espírita *Nosso Lar*, psicografada por Chico Xavier, publicada em 1945, vemos uma descrição detalhada da utilidade da epífise. O livro esclarece que esta estrutura é a controladora de todas as glândulas sexuais e do sistema endócrino, refreando a sexualidade na infância para, a partir da puberdade, liberar a energia sexual acumulada nas encarnações anteriores, ditando as características espirituais de cada pessoa. Também é responsável pelos fenômenos nervosos da emotividade; manipula as forças subconscientes através do comando da vontade de cada indivíduo (seria, portanto, importantíssima na determinação das alterações que imprimimos em nossa vida, a partir da mudança de nosso padrão mental); abastece o corpo físico de energias psíquicas. É a glândula da vida mental.

Marlene Nobre, médica e importante partidária da tese da união entre doutrina filosófica espírita e ciência, desenvolveu em *Obsessão e suas Máscaras* uma análise entre este livro e as descobertas científicas sobre a pineal, e aposta numa comprovação posterior às colocações lançadas pela obra *Nosso Lar*. Conforme ela nos diz, "... em 1945, André Luiz (espírito desencarnado) revelou funções extremamente especializadas e importantes da pineal na economia orgânica, não suspeitadas ainda pela pesquisa médica terrestre e foi além, afirmando que estamos plugados a outras dimensões da vida, através dela. Durante a tarefa mediúnica, a epífise torna-

se extremamente luminosa. Nesse momento, entram em jogo vibrações sutilíssimas, não detectadas por aparelhos comuns".

Mesmo entendendo que as suposições lançadas pelas obras mediúnicas na área científica são passíveis de falhas, assim como a própria ciência muitas vezes não comprova suas hipóteses, estas suposições possuem lógica e coerência.

Corroborando com a informação de que há uma diferente atividade da pineal durante os trabalhos em transe, em 1998 o pesquisador norte-americano Stephen Kosslyn, da Universidade de Harvard, ao analisar médiuns em transe através de um tipo específico de tomografia, detectou uma atividade eletromagnética mais intensa na glândula pineal. Outro pesquisador, Vilayanur Ramachandran, da Universidade da Califórnia, ao analisar pacientes epiléticos, percebeu que certas palavras relacionadas com religiosidade (Deus, fé, Jesus, por exemplo) provocam um frenesi de atividade eletromagnética na parte direita do lobo temporal (coincidentemente, é a mesma região ativada na experiência com os médiuns...).

E o que tem a ver o eletromagnetismo com a experiência mediúnica ou a religiosidade?

Segundo Sérgio Felipe de Oliveira, pós-graduado em Ciências Biomédicas pela USP, psiquiatra, pesquisador da área de anatomia e diretor do Instituto Pineal-Mind de Saúde, a comunicação entre espíritos (encarnados ou não) ocorre através de um magnetismo de baixa intensidade, e a epífise é capaz de converter estímulo magnético em estímulo neuroquímico. Por isso é detectada a atividade eletromagnética no lobo temporal das pessoas estudadas por Kosslyn e Ramachandran.

Mas a ciência ainda não esclareceu completamente o papel da glândula pineal. A partir de 1958, quando foi descoberta a propriedade da produção do hormônio denominado melatonina, os estudiosos vêm perscrutando a função desta glândula no corpo humano. Estudos mostraram relação entre a melatonina e o ritmo circadiano (mudanças fisiológicas que ocorrem com base na duração de um dia, como períodos de sono e de virgília, por exemplo). As observações mostraram que a escuridão favorece a maior produção de melatonina, ao contrário da luz.

Os pesquisadores também investigam a hipótese do mal funcionamento da pineal ou disfunções na secreção da melatonina acarretar problemas como a depressão, ansiedade e até esquizofrenia, o que confirmaria a afirmação da obra *Nosso Lar*, em que se afirma que a glândula é a responsável pelas funções emotivas.

Ser "responsável" não deve ser entendida como ser "culpada" pelo problema emocional: ela é somente mais um instrumento biológico comandado pelo nosso espírito, e responderá de acordo com o estímulo que lhe for dado.

Devemos ter sempre presente, que nosso organismo não é uma máquina, onde a peça defeituosa pode ser substituída quando nos aprouver. A natureza do homem deve sempre ser vista de forma abrangente, onde a saúde é representada pelo bem-estar físico, emocional, moral, social, material (no sentido qualitativo, e não quantitativo) e espiritual. Tudo isso está entrelaçado.

O bem-estar, o equilíbrio, está relacionado com nossa sintonia (faixa vibratória que nos permite captar pensamentos de espíritos de diversas graduações evolutivas). Podemos estabelecer que a glândula pineal recebe vibrações através de ondas eletromagnéticas, que são transformadas em estímulos neuroquímicos, enviados para todo o corpo.

# Um elo de ligação

A milenar cultura hindu definiu a glândula pineal como o elo de ligação com o chacra coronário. O próprio Ramacháraca afirma que "os iogues sabiam desde séculos que esse corpo pineal é uma estrutura pela qual o cérebro recebe impressões por meio de vibrações causadas pelos pensamentos projetados por outros cérebros".

Se a pineal recebe ondas eletromagnéticas, ela está também recebendo informações sensoriais, assim como a imagem e o som da televisão também são transmitidos pelas ondas eletromagnéticas.

A epífise, ao captar tais ondas, as envia para o cérebro, que as decodifica, formando as palavras e as imagens. "O espírito comunicante pensa (em qualquer idioma) e através do chacra coronário e do corpo pineal o médium capta esse pensamento (em sua própria lingua) e o transforma em palavras e frases (com seu próprio vocabulário)", afirma C. Torres Pastorino no livro *Técnica da Mediunidade*. Afirma inclusive que "... as palavras, os termos, o vocabulário, o sotaque, as frases serão do médium que recebe as idéias e as veste de forma e não o ditado de frases construídas pelo espírito". A lógica desta afirmação é clara: a glândula pineal não é uma estrutura semelhante a um microfone, que capta as ondas sonoras, que vibram e necessitam de elemento gasoso, líquido ou sólido para a sua propagação. Ela capta ondas eletromagnéticas...

Em relação a este fato, Hermínio C. Miranda propõe, em *Diversidade dos Carismas*: "Será que todo fenômeno mediúnico é puro ou, para usar o impacto preciso dos números, cem por cento mediúnico, sem participação anímica?" E continua: "Estou consciente de que minha resposta poderá surpreender ou até mesmo desagradar a muita gente, mas

não vejo como deixar de dizer não. ... Não há fenômeno mediúnico puro, pois haverá neles, sempre, um inevitável componente anímico", ou seja, a participação do consciente ou inconsciente do médium. Mais adiante, o pesquisador preconiza que o bom médium é o que procura reduzir a influência da sua personalidade, paixões e imperfeições na sua comunicação.

Entretanto, Hermínio admite a hipótese de que um espírito possa se comunicar de uma segunda forma: através de um contato mais ligado à aura do médium que, em desdobramento, permite a justaposição da aura do espírito desencarnado, que exercerá um domínio mais efetivo sobre o corpo físico do médium – nunca total. Esta idéia explicaria os trejeitos e entonações demonstrados em alguns fenômenos mediúnicos, mas não em sua totalidade. Por exemplo, um espírito desencarnado que tenha vivido sua última vida na França, e vem se comunicar com um médium no Brasil. Se ele utiliza o organismo físico do médium para se expressar, mas a comunicação não passa pelo inconsciente do médium, a fala seria em puro francês, como ocorre nos fenômenos de xenoglossia. Se, por outro lado, o espírito desencarnado transmite as idéias ao médium através do eletromagnetismo, e este decodifica o pensamento, utilizando-se do seu conhecimento, então não existe a necessidade de sotaque, pois esta pronúncia evidentemente pertence ao médium, embora tal ocorrência não signifigue que a comunicação seja inverídica.

Mas, se a pineal capta ondas eletromagnética emitidas por outras consciências, decodificando-as e transformando-as em impulsos neuro-químicos, que exercerão influência no nosso organismo, o que acontece com os nossos pensamentos, aqueles que *nós* originamos?

#### A lixeira

Sempre estou sugerindo aos meus pacientes que vigiem o pensamento, procurem selecionar o que vão ler, ouvir, ver na televisão ou cinema, que tipo de conversa estabelecem com os outros... Nós estamos vindo de uma geração onde se preconizava "tudo é permitido", e sabemos que qualquer forma de radicalismo acaba induzindo atitudes erradas.

Por isso o vigiar não tem o sentido da censura explícita, da moralidade arcaica, da proibição sem sentido. Antes de tudo é um exercício de amor, a nós mesmos e um exercício de razão. Não peço a nenhum de meus pacientes para que tenha uma vida monástica ou asceta. Mas peço que antes de aceitar tudo o que nos jogam pela mídia, pela sociedade, pela família, que façam uma triagem: Isto é bom para mim? Vai acrescentar algo para o meu desenvolvimento? Tem coerência?

E será que existe alguma lógica orgânica para esta atitude? Lembremos que pela lei de afinidade, o tipo de sintonia que emitimos através do nosso pensamento atrai formas semelhantes, que são captadas, decodificadas e passam a influenciar nosso organismo.

Se os pensamentos são energia, esta energia não vai desaparecer pura e simplesmente. Vejamos o que diz o neurologista Núbor Facure, cuja clínica já atendeu mais de 100.000 pacientes: "Considerando todas as mentes humanas capazes de pensar e criar, podemos deduzir que estamos mergulhados num mundo psíquico de proporções gigantescas e, seguramente, interferindo uns sobre os outros, induzindo-nos a comportamentos coletivos massificantes.

Quando toda uma população vê uma notícia pela televisão ou lê a mesma notícia nos jornais, estas pessoas estão criando representações mentais com referência a estas notícias, reconstruindo e revivendo os cenários e as personagens envolvidas ou citadas nos noticiários". E Facure prognostica que no futuro tais "formas-pensamentos" farão parte da etiologia das doenças, principalmente psicossomáticas, "e o médico aprenderá a prescrever a prece e a meditação para equilíbrio da nossa psicosfera".

A forma-pensamento não deve mais ser considerada uma extravagante visão mística, originária de tradições ocultistas: hoje é possível propor a idéia de outros "estados" da matéria, como a "matéria radiante", sensível à influência da mente, dando forma ao mundo psíquico criado pelo nosso pensamento, conforme explica o neurologista.

Imaginemos este mundo psíquico incessantemente bombardeado por notícias, imagens e comentários de violência, pornografia, desonestidade, discriminação racial, social e intelectual, drogas, incentivo ininterrupto à conquista dos bens materiais, do poder, exaltação do orgulho, da vaidade, da beleza física, da sensualidade desmedida em qualquer idade...

Será que é nossa "obrigação" aceitar toda esta carga psíquica captada pelo nosso organismo? Para se manter o padrão de pensamento positivo, devemos conviver o máximo possível com pessoas e situações positivas.

"Tudo é, portanto, criado, controlado e regido pela mente. Assim como o carro segue o boi que o puxa, o sofrimento segue a mente que se cerca de maus pensamentos e de paixões mundanas." (Buda)

Tal qual os computadores possuem o arquivo denominado "lixeira", em que jogamos fora tudo aquilo que julgamos inútil – e, periodicamente, fazemos uma "faxina", a fim de que o computador tenha mais espaço para trabalhar melhor –, podemos e devemos evitar o acúmulo dos pensamentos que nada nos acrescentam.

Verificamos até agora que todos nós somos influenciáveis pelos pensamentos e, conseqüentemente, pelos espíritos que nos acompanham. Se possuímos uma sensibilidade mediúnica mais aflorada, percebemos com mais nitidez os efeitos da influência, mas também poderemos interpretar a situação de maneira distorcida, se não mantivermos as atitudes e pensamentos "vigiados". Se a mediunidade é pouco percebida, ainda assim existe a intuição, e a influência também é real: cabe à pessoa se auto-analisar, buscando a meditação ou oração constantes, que propiciam um estado de compreensão muito mais eficaz que a simples busca realizada através do intelecto, do raciocínio.

# A mediunidade e os pacientes

Um fato que observo pelas vidas vistas nas regressões, é que a mediunidade também obedece à lei de evolução, se desenvolvendo durante as sucessivas encarnações: os pacientes que têm este "dom" mais aflorado, vêem vidas onde também usaram da faculdade mediúnica com intensidade. Este é o caso principalmente daqueles pacientes que sentem medo, angústia, pavor da mediunidade, tendo muitas dificuldades em lidar com as sensações advindas com esta capacidade. É comum pessoas que, mesmo tendo diversas demostrações de mediunidade (como premonição, sensação de desconforto em determinados ambientes ou com determinadas pessoas, visões etc.), não querem falar em espíritos ou comunicação, demonstrando o desejo de ignorar uma realidade que está influenciando profundamente a vida delas.

Também há pacientes que não têm problemas em aceitar a mediunidade e mantêm grande interesse no tema. Porém, a falta de conhecimento, de estudo, de busca de material que possa ajudá-los a compreender melhor o assunto acaba tornando-os vulneráveis a todo e qualquer tipo de influência, trazendo igualmente confusão.

Tanto os pacientes que negam a mediunidade, mesmo sentindo sensações, como os que buscam diferentes formas de manifestações mediúnicas, muitas vezes, quando em regressão, descobrem vida ou vidas em que esta faculdade foi utilizada, deixando marcas no inconsciente e explicando a origem da percepção destes fenômenos.

Posso exemplificar esta situação através da história de uma paciente, Celina, que passou por grandes dificuldades e, embora não tivesse uma sensibilidade mediúnica aguçada e nem medo deste dom, uma idéia fixa a perseguia, deixando-a angustiada e tensa: queria largar uma carreira de anos como profissional liberal para se dedicar ao trabalho com tarot.

Quando comecei a atendê-la, Celina mostrou-se uma mulher madura, mas sofrida e cheia de dúvidas. Contou que não conseguia mais trabalhar – era profissional autônoma com mais de quinze anos de profissão, e mesmo tendo um bom desempenho no seu trabalho, sempre duvidou de que aquela era a profissão correta. Esta insegurança foi se agravando quando a situação financeira começou a piorar – veio o desânimo, daí para a depressão foi um rápido estágio. Seus pensamentos não tinham mais coordenação, crises de choro eram constantes, e acabou por fechar as portas do seu trabalho. Isso ocorria há dois meses.

Na TVP, vimos várias vidas, porém a sessão em específico ilustra a relação que a paciente tem com a vontade de jogar *tarot* e atender pessoas, aumentando o sentimento de desconforto, insegurança, confusão...

Sou uma bruxa. Sou solitária, e tenho o poder nas mãos e premonições. Uso um caldeirão, onde preparo minhas beberagens. Pessoas vêm até minha casa, pedem consultas e trabalhos. Eu as auxilio na abertura do seu consciente, embora isto seja um pouco perigoso, porque onde moro devemos todos seguir as leis, as crenças, a verdade imposta. Porém, existem aqueles que também não crêem nisto, querem saber de outras verdades e me procuram.

Falo que precisam confiar no coração, aconselho, e também leio cartas, mexo com pedras...

Há um caldeirão no fogo, ouço o crepitar da lenha, estou preparando um caldo que me protege. Mas há pessoas em casa. Eles vieram me pegar. Alguns conhecidos – que foram atendidos por mim durante anos, suplicam para me soltar, para não me queimar. Não adianta. Algum dos meus clientes me entregou, fazendo intrigas, teve inveja do meu poder e me denunciou.

Soldados me arrastam, levam-me até um local onde já há outra mulher amarrada. Despem-me, estamos ambas nuas. Tenho a pele muito branca, sinto vergonha. Os homens ateiam fogo – não compreendo por que tanto ódio, por que fazem isso... Sinto os músculos das costas retesarem, vão endurecendo, tenho medo e uma tristeza profunda. Não tenho ar, não entendo o por quê disso tudo... Morri.

Solicito à paciente que retorne para a infância desta vida e veja como ela foi antes disso tudo acontecer.

Vivo na cidade, as ruas são de pedra e subo várias escadas — moro no alto. Vejo uma escada grande. Na sala do lugar onde moro há cadeiras de madeira e couro, escurecido pelo tempo, e uma mesa muito comprida, com doze lugares. Há uma senhora no fogão, cozinhando, eu coloco a mesa. Um homem forte se acomoda na cabeceira, é um rei, e ele come sozinho.

Costumo ficar observando da janela, olho as pessoas, o céu, a vida se desenvolvendo. Existe um quarto com diversos livros, e sou muito curiosa – eu leio vários deles, tenho sede de conhecimento. Nessa biblioteca há um quartinho, e uma roupa do tipo franciscano, com cordinha, fica dependurada num canto: gosto de usá-la, e penso que a sabedoria que estou adquirindo deve ser passada para outras pessoas. Sou moça, muito clara, meus cabelos são ruivos.

Ando pelas ruas de pedra, todos me olham, e me dirijo a um local subterrâneo, onde atendo quem me procura. Depois, volto para o castelo, onde sou uma serviçal. O trabalho que faço no subterrâneo é secreto, e por isso uso a roupa de franciscano, para não ser reconhecida.

Sou procurada pelas pessoas, e as ajudo de diversas maneiras. Sempre digo para estudarem. E assim minha vida prossegue, até o dia que me pegam.

E por que você teve que passar por esta experiência, em que não mereceu a injustiça e o sofrimento? Você vê alguma coisa a este respeito? perguntei, utilizando o conceito cármico de que não há efeito sem causa e, portanto, se ela teve uma vida onde buscou auxiliar e mesmo assim foi punida, deveria haver um motivo para isso numa vida anterior.

Sou uma bruxa, moro numa casa de pedras. Tenho o olhar desconfiado. Tenho uma bengala na mão, tenho as unhas em forma de garra. Vivo das consultas que realizo. Porém, eu engano todo o mundo, finjo um saber que não possuo, sou ignorante, mas falo que sou sábia. Uso diversos objetos, e com eles iludo a todos.

Sou irresponsável. Mas ganho dinheiro – coloco as moedas que recebo numa caneca. Uso cartas, pedras, tenho habilidade em falar e iludir, sou uma charlatã sem vergonha e indiferente. Tenho um sorriso irônico, rio muito, debochando de tudo. Mesmo assim, me procuram julgando que sou uma velha sábia e eles crêem no que falo.

Como a paciente havia parado alguns segundos, como se encontrasse dificuldade em prosseguir na regressão, solicitei ao seu inconsciente que voltasse para antes desta fase, e mostrasse como foi a infância...

Sou uma menina feia. Minha madrasta é cigana, e está sentada numa mesa de cozinha. Ela ensina-me a colocar as cartas, dá as dicas de como parecer que estou prevendo coisas, ainda sou bem pequena.

Ela é uma mulher bonita e vive enganando as pessoas que vêm consultá-la. Vou crescendo, ajudo na arrumação da casa, e observo como ela age.

Sei que nasci numa tenda, e minha mãe me deu logo após o parto para esta pessoa, pois eu era prometida. Conforme os anos passam, vou me transformando numa bonita moça, e desperto os ciúmes da madrasta. Ainda trabalho como empregada, porém sonho em ser como ela, usando os mesmos truques para enganar os clientes.

Certo dia coloco as roupas dela, e quando sou surpreendida, discutimos muito, até ela me dar um tapa no rosto:

— Você nunca será como eu, menina!

Penso em me vingar. Neste momento, eu supunha já saber tanto quanto ela, e que não precisava mais me submeter aos caprichos desta megera.

Logo que ela me atinge na face, eu pego uma faca, com a outra mão seguro o seu pescoço, e enfio profundamente em seu peito:

— Ninguém bate na minha cara! Grito, enquanto que a energia dela vai se esvaindo.

Jogo o corpo no rio, limpo a casa, e assumo o lugar dela. Os anos passam, vou ficando mais velha, olho-me no espelho e penso que estou arrependida. Mas este sentimento é só um lampejo – continuo enganando as pessoas, não tenho vergonha do que faço.

Quando estou bem mais velha, saio da casa e vou morar naquele lugar, de pedras, onde me vi anteriormente. Imagino que a vida não valeu a pena. Morro solitária.

Estas duas vidas da paciente demonstram que ela, em encarnações anteriores, já havia entrado em contato com a mediunidade, embora em ambos os casos a experiência não foi amplamente satisfatória – sobraram marcas de um final trágico, e esta sensação de que, ao trabalhar utilizando a sensibilidade mediúnica poderia significar conseqüências desagradáveis, estava presente na vida de hoje. Havia ainda a culpa por haver explorado a fé das pessoas, dizendo possuir habilidades que não tinha, e a terapia indicou que também poderia utilizar desta sensibilidade para o bem, trazendo a harmonia com espíritos que antes foram prejudicados.

A paciente, que antes se recusava a aceitar que tinha percepções além dos cinco sentidos, começou a perceber que poderia mudar de atitude. Enfim, enquanto terminávamos a terapia, ela me informou que estava recomeçando o seu trabalho, e se sentia muito bem. Cabia a ela, então, saber entender conscientemente as sensações mediúnicas que não desapareceriam, com certeza, mas que poderiam ser bem assimiladas e utilizadas no seu desenvolvimento pessoal. Seu grande impulso em querer jogar o tarot vinha dessas vidas e ela entendeu que para se desenvolver hoje não significava repetir o passado. Não era necessário trocar a profissão, desperdiçando tantos anos de estudo e trabalho, podendo conciliar as duas vontades.

Recentemente, nos encontramos e Celina reafirmou o seu estado: "Estou ótima!", disse ela. A carreira profissional estava deslanchando e ela foi convidada para trabalhar em outro consultório, onde ganharia muito bem. Conseguindo conciliar os trabalhos, a moça realmente parecia feliz.

Vidas em que foram utilizadas habilidades ditas "paranormais", e principalmente encarnações onde foi explorada esta sensibilidade de maneira desonesta ou inescrupulosa, são comuns em pacientes que trazem sintomas relacionados com a dificuldade de convívio com as sensações provenientes da mediunidade, principalmente o medo.

O autor Edgard Armond, em *Mediunidade*, concorda que existem casos onde o médium sofre uma série de manifestações decorrentes da falta de controle desta habilidade, podendo provocar, em alguns casos, "moléstias de toda a ordem, que resistem aos mais acurados tratamentos; alterações físicas incompreensíveis de causas impalpáveis, que desafiam a competência e a argúcia da medicina; complicações as mais variadas, com reflexos na vida subjetiva, que a medicina descarta, impotente, para o campo do vago-simpático, e das alergias que devem então arcar com a paternidade de toda uma sintomatologia complexa e indefinível de nervosidades, angústias, depressões; ou alterações, já do mundo mental, como temores, misantropia, alheamento à vida, manias, amnésias etc..."

Logicamente estes exemplos não podem e não são aplicáveis em todos os casos onde há mediunidade sem prática e esclarecimento, mas muitos destes sintomas já foram presenciados em pacientes meus, sendo que nas regressões se verificou que parte da causa estava relacionada com sua sensibilidade mediúnica.

Esta paciente apresentava coceira nos braços e pernas, um tipo de alergia que havia resistido a antibióticos e diversos outros tratamentos. Sob relaxamento, viu a seguinte vida:

Sou uma mulher de meia-idade. Meu corpo está cheio de feridas. Vejo-me jogada numa cama feia e acabada, cercada por muito pó e sujeira.

Sou muito má, sou uma bruxa, e estou nas últimas. Tenho muita tosse, coceiras no corpo todo me torturam, já não sinto energia para nada, vou morrer... Morri.

— Volte então e veja como era a sua vida antes disso, o que você fazia, como foi a sua infância?, solicitei ao inconsciente dela.

Moro com meus pais e vejo coisas – na verdade, eu converso com os espíritos. Falo em voz alta com eles, gosto muito de conversar. Minha mãe sobe até meu quarto e manda me calar. Finjo que obedeço, mas sempre estou a tagarelar com estes duendes – eles são muito brincalhões...

Sou uma moça agora, e muito bonita. Os homens me olham muito. Neste tempo, os espíritos me ensinaram a fazer algumas coisas. Por exemplo, as mulheres cujos maridos as traem, pedem que eu realize feitiços para prendê-los; outras, querem conquistar alguém etc.

Um dia vem um homem me procurar, com um pedido mais sério:

— Quero que você mate uma pessoa – ele me diz.

Não me perturbo se estou fazendo algo certo ou errado: preparo um veneno para ser colocado na bebida da vítima, e entrego para o cliente.

Em troca pelos meus serviços, recebo favores, coisas, bens. Porém, esta vida que levo afasta os homens de mim, pois todos sentem medo de se aproximar. Acabo levando uma vida solitária, tendo a companhia apenas momentânea das pessoas que me procuram para fazer magias. Esta situação dura muitos anos, até o dia em que vou perdendo a vontade de continuar com meu trabalho. Devo ter, nesta época, por volta dos trinta anos.

Sou então perseguida: as bruxas são queimadas, e desejam me pegar. Fujo dali, vou para um local bem longe, com muito verde, onde me sinto mais protegida. Eu planto para sobreviver. Justamente neste momento começo a sentir coceiras por todo o corpo, de forma insuportável. Eu faço meus feitiços, busco desesperadamente um alívio, mas nada, nada me ajuda a resolver o problema.

Sempre incomodada, vou ficando triste e perturbada. Busco espíritos que me ajudem, mas eles dizem que fiz muita coisa errada, e não tem jeito. Sinto-me culpada por tudo o que fiz; eu era jovem, mas agora estava acabada, envelhecida.

Vou definhando, tusso muito, está tudo sujo e mal cheiroso, sem alimentos, sem força, vou morrendo.

— Qual tipo de pensamento lhe passa neste momento da sua morte?, pergunto.

Eu queria pedir perdão, eu não sabia o que estava fazendo, agi sem pensar...

Esta paciente, numa vida posterior, verificou que também veio dotada de sensibilidade mediúnica, mas desta vez soube se sair

melhor, levando uma vida mais equilibrada e buscando auxiliar outras pessoas. Desta forma, pôde harmonizar o carma, aliviando as conseqüências futuras que poderiam ser muito mais profundas, devido ao que foi realizado nesta encarnação que acabamos de ver.

Uma paisagem bonita, tenho pais, estamos andando. O caminho é para a casa da minha avó. Tenho mais ou menos cinco anos de idade. Ela me oferece doces, gosto muito dela.

Quando tenho por volta dos dez anos, ela morre, deixandome muito triste. Mas pouco tempo depois, passo a vê-la e começamos a conversar. Ela me fala como é o lado espiritual onde se encontra, e entre outras coisas, pede que eu cuide de minha mãe.

Conto para minha mãe – ela não acredita. A partir deste período, começo a ver pessoas mortas, converso com elas, mas sou uma pessoa muito solitária. Estes espíritos que me procuram são bons, eram parentes que já morreram. Mas ninguém da minha família acredita nisso: meus pais crêem que estou doente, e levam-me a um médico.

— Ela está muito nervosa, e deve descansar!

Este é o diagnóstico dele, e eu grito que é mentira. Não adianta: quando chego em casa, meus pais não me deixam sair do quarto para nada. Percebo que só vou poder sair se disser que estava enganada, que era tudo alucinação minha, e assim procedo:

— Eu não vejo mais nada! Não sei o que acontecia comigo...

Desta maneira, posso novamente sair de casa e estar livre. Logicamente minhas visões continuam; o problema é a impossibilidade de se tocar neste assunto com qualquer pessoa.

Os anos passam, me caso com um rapaz, com quem também nada falo sobre os espíritos. Porém, o contato é tão freqüente que certo dia meu marido percebe, e briga comigo. Neste tempo já tenho filhos.

Morre então meu pai, e procuro falar com ele. Consigo vê-lo:

— Pensei que você inventava tudo isso, filha, mas vejo que é verdade. Você pode conversar com os mortos! Desculpe-me. Eu sempre julguei você de maneira errada.

Com os anos, meu marido também morre e eu falo com ele. Depois disso, muitas pessoas começam a me procurar para conversar com os entes queridos que já se foram. E eu falo a verdade o tempo todo, sou sincera, minha vontade é apenas ajudar.

Envelheço assim, sempre auxiliando as pessoas com a minha mediunidade, até começar a perder a vitalidade. Com tosse e falta de ar, eu morri.

Esta regressão demonstra claramente como a reencarnação é um instrumento de aprendizado e não de castigo, como muitos pensam. O paciente, por não ter usado a mediunidade de forma ética, enganando a muitos, voltou em outra vida com a sensibilidade aflorada, porém não houve compreensão por parte das pessoas, inclusive familiares próximos. Aceitou a situação e com o tempo soube usar esta sensibilidade para o seu auxílio e dos outros também. Enfim, pôde ter uma morte tranqüila, sentindo, nos instantes finais, que sua vida foi boa. Isto é evolução.

O leitor pôde perceber, neste capítulo, que a possibilidade do ser humano perceber outras realidades em que estão incluídas a percepção e comunicação com espíritos não está mais tão longe da lógica, como poderia parecer a algum tempo atrás.

Bruxaria e feitiços hoje devem ser entendidos não mais como algo sobrenatural, sem possibilidade real de existir a não ser pelas mãos de alguns "eleitos", mas sim como manifestações de habilidades mediúnicas — às vezes mascaradas e teatralizadas —, onde todos os fatos podem ser explicados logicamente, embora muitos fenômenos ainda careçam de comprovação científica.

Por isso, pessoas comuns como eu, você e os meus pacientes de modo geral podem sentir diversos fenômenos que, longe de ser alucinação, são a demonstração de que existe muito mais coisa além do que os cinco sentidos materiais podem captar. E, mais importante, estes fenômenos, às vezes sutis e quase imperceptíveis, estão presentes em todos os instantes da vida, interagindo com o organismo, provocando sensações e sintomas.

No entanto, não se deve pensar que a mediunidade, em si, é causadora de problemas ou soluções: ela é, como vimos nos exemplos expostos, um "recurso" que pode ser dirigido para qualquer lado.

Todos que possuem este "recurso" deverão, assim, ter a habilidade de saber utilizá-lo como aliado em seu progresso espiritual, pois poderão perceber com melhor clareza que a sintonia estabelecida auxilia na aproximação de espíritos evoluídos. Pelo contrário, a utilização da mediunidade de forma equivocada atrairá espíritos obsessores, assunto que será tratado a seguir.

É importante salientar que a Terra é o planeta das grandes obsessões onde a mediunidade ainda é necessária porque as pessoas estão treinando sua sensibilidade e crescimento. Mas as formas de mediunidade estão se modificando de maneira sutil, pois nos encontramos em um período de transição também sutil e gradual.

Ser um médium atuante e perceptivo (o espiritismo kardecista costuma dizer "médium desenvolvido") não significa imunidade às obsessões. Recebo muitos pacientes que utilizam a mediunidade em benefício do próximo, buscam uma vida correta e percebem, com isso, mudanças positivas profundas. Mesmo assim, em determinados momentos, na busca de um maior desenvolvimento pessoal, percebem certos defeitos, sentimentos desconexos ou problemas que os trazem à terapia, onde então acabamos descobrindo influências espirituais.

# Capítulo 5

# Obsessão e realidade

O que é obsessão? Como ficamos obsediados? Até que ponto a influência espiritual pode interferir no nosso cotidiano? Como evitar a obsessão?

Estes questionamentos são comuns no meu consultório, principalmente quando o paciente, ao iniciar o tratamento ou durante uma regressão, sente a presença de um espírito perturbador.

A presença espiritual deve ser encarada com naturalidade, como uma situação real, perfeitamente lógica, inclusive passível de comprovação científica, apesar de ser compreensível que alguns pacientes tenham dificuldades em lidar com a idéia da obsessão.

Os espíritos obsessores, que se apresentam durante as sessões, estão ligados à vida do paciente devido, geralmente, a erros cometidos no passado, em que ficaram situações para serem esclarecidas, sentimentos profundamente presos no âmago do inconsciente, que acabam gerando uma firme ligação entre obsessor-obsediado. Há uma perfeita sintonia entre esta situação e a sabedoria oriental que diz que os sentimentos devem fluir como a correnteza de um rio: a raiva, o ódio, a culpa, o medo, a insegurança, o orgulho, a vaidade, tudo o que "enferruja" o espírito, dificultando o seu progresso. Se forem escoados, ocorre a quebra das conexões com pensamentos do mesmo gênero, emitidos por outros espíritos. Quebra-se a afinidade.

Mas, isto não é tão fácil. Quebrar a afinidade significa mudar o comportamento, assumindo as atitudes errôneas para então procurar adotar nova postura diante dos parentes, amigos, sociedade, a vida. Este é um ponto constantemente lembrado na Terapia de Vida Passada: o paciente, ao rever suas atitudes de outras vidas, percebe as relações e semelhanças de comportamento nesta vida atual, e vê a necessidade de mudar para não repetir os mesmos erros do passado ou até para dirimir culpas e mágoas.

Principalmente no começo do tratamento, quando o paciente se defronta com sentimentos enraizados em seu inconsciente, mesmo antes de perceber qualquer obsessão, pode sentir vontade de desistir; afinal, é o mais cômodo. Nem o fato de saber que existe um espírito dificultando nossa vida assusta tanto quanto saber os reais motivos pelos quais damos abertura para que tais espíritos permaneçam perturbando.

Como geralmente vemos ligações dos problemas atuais com vidas passadas, entende-se que, no início da terapia, as memórias arquivadas no próprio inconsciente da pessoa são ativadas, mesmo sem a sua percepção racional – a pessoa não fala, por exemplo: "Ah! Estas dores nas costas que surgiram repentinamente são por causa de uma vida passada". Ela não percebe isso.

Ela não sabe com precisão o que está ocorrendo, mas tem sensações intensificadas. Todas as vidas acionadas dentro do próprio "arquivo" pessoal, e não revividas, ficarão no limiar da consciência, gerando sintomas emocionais e físicos, o que, concordo, não é muito agradável. Neste sentido, espíritos que tenham ligação com as vidas acionadas estarão neste momento influentes, pois é um período de sintonia intensa.

Aceitando o paciente o fato de que é necessário esclarecer e compreender os estigmas do passado, passando por este período perturbador do começo do tratamento, não haverá maior problema em aceitar também a possibilidade da presença espiritual. Obviamente os conceitos preconcebidos, provenientes de heranças religiosas ou filosóficas também pesam na crença deste intercâmbio entre encarnados e desencarnados. Porém existem dois fatores favoráveis para que o fenômeno seja encarado com maior naturalidade: um é a própria aceitação na influência do "além", que o brasileiro compartilha despreocupadamente, seja ele de qualquer classe social. O outro fator é a própria predisposição do paciente: em regra o paciente se apresenta com o firme propósito de se modificar. Está cansado, muitas vezes, de tantas terapias e tratamentos com resultados insatisfatórios, e percebe que deve percorrer outro caminho, que o leve às verdadeiras raízes dos sintomas. Daí se esforçarem ao máximo para vencer os obstáculos representados pela efervescência das sensações provocadas na afluência das vidas pretéritas.

Para o leitor entender melhor, posso dizer que, de certa forma, os pacientes experimentam as mesmas sensações descritas pelas pessoas dotadas de mediunidade: sonhos ou visões de trechos de vidas passadas, vidência ou audição de espíritos, desarranjos orgânicos sem causa aparente, desdobramento, clarividência etc. Isso não significa necessariamente que estas sensações venham todas e nesta seqüência, pois devemos admitir que alguma modificação sempre ocorre no paciente. Um dos mo-

tivos já foi descrito: ele acessa os "arquivos" do inconsciente, ativando vidas passadas latentes. Mas o Homem é sempre um todo, e não é correto imaginar simplesmente que um determinado ponto no cérebro foi acionado, dando acesso a uma área antes bloqueada.

Estamos em constante interação com o mundo a nossa volta, – o mundo visível e o invisível –, energias sutis que desconhecemos estão sendo emitidas por nós e, ao mesmo tempo, recebidas, como mostraram os experimentos com a glândula pineal realizados em pessoas em estado de religiosidade profunda. Portanto, quando uma pessoa, ao iniciar a terapia, tem afloradas as vidas passadas relativas ao sintoma atual, além de, teoricamente, ativar o lado cerebral responsável pelo processamento destes dados, ela também está ativando a glândula pineal. Isso quer dizer que, fora a suposição de que ela possibilita a captação de ondas eletromagnéticas de baixa intensidade, trazendo fenômenos mediúnicos até então desconhecidos à pessoa, o próprio organismo também é influenciado, pois a pineal está relacionada tanto com a produção de hormônios, como especula-se também que ela seja a reguladora do sistema endócrino.

Mesmo sabendo da fundamental importância do progresso da medicina e da ciência, vejo o reducionismo com o qual é tratado o ser humano como pernicioso para a compreensão dos problemas que atingem cada um e suas conseqüências. Em um texto recentemente publicado numa revista de circulação nacional, cujo tema era o *stress* provocado pelas atividades do dia-a-dia, "revelava-se" que a tendência à depressão ou ansiedade é genética, as características de personalidade, como timidez ou irritabilidade são congênitas e decretava que a postura do indivíduo diante da vida é determinada na infância. Chegava a comparar o limite físico e mental de cada pessoa ao limite de um cheque especial – acabado o crédito, estourava a conta.

Contudo, no mesmo texto, descreve-se um estudo realizado pelo Instituto de Imunologia da Universidade de Witten, na Alemanha, onde foram acompanhadas trinta pacientes de câncer no seio, todas com tumores em estágio inicial. Após dez anos de estudo, verificou-se que quinze mulheres haviam sido curadas, seis alternaram períodos de regressão e evolução da doença e nove tiveram agravamento do câncer, provocando a morte. O coordenador da pesquisa observou que, das pacientes curadas, todas adotavam postura mais positiva diante da doença e da vida; no lado oposto, dos casos de óbito, oito estavam relacionados também com ansiedade e stress.

Todas estas pacientes foram submetidas aos tratamentos convencionais conhecidos, porém aconteceram reações diferentes. Se houvesse uma única causa para o câncer de seio, por que algumas se curaram, outras alternaram períodos de melhora e piora e um terço das pesquisadas veio a falecer? A lógica conduz o pensamento rumo à amplidão de fatores determinantes da cura: os medicamentos deram resultados positivos, as terapias também, a atitude positiva idem, e podemos tecer outras conjecturas, como um relacionamento afetivo proveitoso, o cuidado com a saúde, atividades físicas, a ocupação sadia do tempo etc.

Quando procuro explicar aos meus pacientes que trabalhar os problemas através da Terapia de Vida Passada equivale envolver aspectos espirituais, biológicos, morais e comportamentais, não estou me afastando da ciência. Não renego a necessidade do tratamento médico, conforme o caso, e jamais aconselho um paciente a deixar algum remédio, quando este é indicado por um especialista. Cada área deve ser respeitada e até deve-se trabalhar em conjunto, quando possível.

Descrevi esta pesquisa com pacientes com câncer, apenas como ilustração da inter-relação entre mente-corpo-espírito. Através de exemplos extremos, posso demonstrar às pessoas que há uma infinidade de sintomas e manifestações possíveis, das mais simples às mais complexas, envolvendo a vida do ser humano.

# "Ele está com encosto" ou "você tem mediunidade..."

O fato de sermos um povo com uma tradição espiritualista profundamente incorporada, facilita o entendimento do paciente quando se fala em vidas passadas, sobrevivência espiritual, reencarnação, carma, e outros conceitos abordados pela TVP. Sabemos que nas tradições religiosas da umbanda, candomblé e no espiritismo kardecista, é comum o diagnóstico de "encosto" ou "mediunidade aflorada", que se aplica a situações diversas, desde desavenças amorosas até doenças crônicas.

Mas deve-se estar atento para a banalização do espiritualismo, pois a generalização acaba levando a duas situações: o cidadão crédulo fica com a idéia distorcida do que é obsessão (encosto) e mediunidade – a série de sensações físicas e psíquicas que envolvem experiências com planos não-materiais. Na outra ponta, a falta de informação e a má informação ocasionam o descrédito e ridicularização por parte dos que não crêem, porque, geralmente, os diagnósticos de "encosto" e "mediunidade aflorada" não resistem a perguntas do tipo: por que existe o encosto, como entender e trabalhar com a mediunidade, se educar a mediunidade é freqüentar religiões espiritualistas, o que vai ocorrer com a maioria esmagadora dos seis bilhões de seres humanos que não pertencem a estas religiões?

Há de se buscar a lógica, e a lógica diz que os dogmas e preconceitos devem ser substituídos por idéias aceitas universalmente, mesmo que vestidas com diferentes roupagens. E à Terapia de Vida Passada cabe demonstrar que certos aspectos já mencionados (reencarnação, sobrevivência e influência espiritual, carma) estão presentes no inconsciente de pacientes, sejam eles brasileiros, norte-americanos, franceses, alemães, indianos ou de qulaquer outra nacionalidade.

Por isso, o paciente que está passando pelo processo terapêutico da TVP, não está obrigatoriamente acreditando num determinado conceito religioso, professo por uma religião específica – está vivenciando uma situação existente dentro dele, comum a todos os pacientes que passam pelo mesmo processo.

Quando disse, no livro A Evolução da Terapia de Vida Passada, que esta técnica representava uma iniciação espiritual, estava falando da espiritualidade sem barreiras: a visão que se cria da morte, do espírito, do "outro lado" é pessoal e, por isso, extraordinariamente significativa, uma vez que está livre dos preconceitos e dogmas captados consciente e inconscientemente.

Esta visão inexoravelmente leva a uma mudança de comportamento: as pessoas que passaram, durante um período de tratamento, pela experiência de vivenciar encarnações e também puderam sentir a existência do mundo espiritual, não só vêem os sintomas melhorarem, mas entendem que são as suas atitudes que vão determinar a manutenção da saúde física e mental.

Percebemos que tanto a visão distorcida sobre o que é obsessão quanto a idéia preconceituosa ou a simples negação do espírito devem ser deixadas de lado, pois assim o material arquivado no inconsciente fluirá com mais naturalidade e, depois, caberá a cada um acreditar ou não.

Mesmo o fato de não se crer nestes aspectos, não prejudica o tratamento em si, desde que a pessoa ao menos se permita liberar o que está dentro do seu inconsciente. Por exemplo, pode-se sonhar com um homem voando, porém o raciocínio logo diria: Mas nenum homem voa! E, conseqüentemente, desprezaria a idéia, sem dar chance dela se desenvolver, por achá-la ilógica.

Com a Terapia de Vida Passada também existe este tipo de comparação: mesmo que não se queira crer nas vidas passadas, a pessoa deve aceitar que está vivenciando idéias e sentimentos que estão dentro dela e, portanto, são reais e influentes na conjuntura pessoal.

Com a obsessão e a influência espiritual é a mesma concepção: uma paciente que diz estar ouvindo ou sentindo alguém dizer uma frase,

ou talvez que percebe frases se formando no seu consciente e sabe que não são seus pensamentos, deve aceitar esta situação como real. Todavia, dentro do consultório existe a situação do relaxamento que conduz a mente a um estado alterado de consciência, "abrindo" as possibilidades sensoriais; existe a busca das causas para determinados problemas e sintomas, e que só serão percebidos e vistos fatos relacionados com o caso; há um terapeuta preparado para entender e ajudar tanto na regressão quanto em possíveis "comunicações".

Não há porque temer, ou desacreditar, ou renegar um pensamento, afinal tanto eu, quanto o paciente, estamos centralizados num objetivo comum, que é a resolução do problema. Assim, encarando a obsessão como uma ocorrência comum, cuja manifestação dentro do consultório nada tem de espetacular — o paciente transmite os pensamentos ou palavras que lhe vêm à mente —, podemos lidar melhor com a idéia da influência espiritual, afastando as imagens de possessão transmitidas pelas obras e películas de horror.

Relembrando: se o nosso padrão mental atrai pensamentos semelhantes ao que estamos emitindo, fica claro um dos motivos da obsessão – um espírito, ao sentir afinidade com a pessoa, onde percebe uma coincidência de gostos, hábitos, vícios, vontades etc., "acomoda-se" em torno dela, passando a compartilhar da sua vida, do dia-a-dia, enfim, torna-se uma presença constante. Este tipo de obsessão, apesar de comum e comentado inclusive na obra da Dra. Edith Fiore, um dos importantes nomes da Terapia de Vida Passada nos Estados Unidos, não é tão habitual no trabalho que realizo. O que observo é que, na maioria dos casos de obsessões, elas estão relacionadas com as vidas passadas dos pacientes, onde ficaram débitos, pendências, rancores, mágoas, enfim, sentimentos fortes e atuantes ainda hoje, demonstrando uma afinidade baseada em emoções que nada mais são que pensamentos emitidos numa intensidade muito maior e mais profunda.

# Espíritos do presente

As pessoas que estiveram próximas a nós nesta vida atual e já desencarnaram também podem estar próximas, exercendo influência espiritual. É comum pacientes perceberem a presença de entes queridos que já morreram, com o pai, a mãe, um irmão, primo, namorado ou cônjuge. Verifico que estas pessoas já desencarnadas, com freqüência, tiveram outras vidas em comum com o paciente, e assim percebemos que a afinidade não foi estabelecida apenas nesta vida.

Foi este o caso da paciente que me procurou com diversos sintomas, entre eles a depressão, sensação de fome exagerada, cansaço e enxa-

queca. Na anamnese, ela me contou que, antes do casamento, teve dois namorados que foram assassinados. Depois da primeira morte, passou a sofrer de depressão e, gradativamente, todos os outros sintomas foram surgindo.

Contudo, hoje ela é casada e vive bem com o seu marido, num relacionamento estável, gosta muito dele e o considera uma pessoa muito boa. Esta tranquilidade no lar não evita a depressão, a vontade de não fazer nada. Mesmo estudando e trabalhando, chega em casa e se entrega ao desânimo, não fala com ninguém.

Também tem muito medo de engravidar, acredita que se tiver um filho ele será doente e não poderá cuidar dele. Inclusive, não acha nada bonito uma mulher grávida. A sensação de que corre o risco de ser assassinada também é constante. E não apenas ela, mas qualquer pessoa próxima ao seu convívio poderá morrer violentamente, segundo imagina.

Todos estes sintomas vinham se agravando nos últimos anos. A eles se somaram dores no peito e nas costas. "Eles nunca saíram da minha cabeça", disse ela, referindo-se aos antigos namorados...

Meus pais são pobres, tenho mais ou menos 5 anos de idade. A vida é boa, pelo menos penso assim. Certo dia, entram homens na minha casa, armados, levam minha mãe e eu. Quero ficar junto a ela, mas eles nos separam, quando chegamos num local, um grande campo. Fico sabendo que em pouco tempo ela morreu, de tanto trabalhar sob o sol.

Existe um rapaz com quem me dou bem. Acho que nos gostamos. Nesta época tenho por volta dos 16 anos. À noite, sinto-me cansada e triste, devido a esta vida sofrida. Todos os homens apanham, e o capataz, que gosta de mim, agride o rapaz que amo, pelo prazer de me ver sofrer. Tenho ódio dele.

"Se vier morar comigo, eu paro de bater nele", chantageia o homem. Porém, não aceito e ele me ameaça. A situação fica muito difícil, e este capataz acaba matando meu namorado, esfaqueado na barriga.

Fico sabendo e fujo, assustada e desorientada. Chego próximo a uma árvore, é noite, e durmo. Sou encontrada pelo capataz neste local, e levada de volta. Tenho que trabalhar novamente. Nesta época estou grávida, e o capataz, que continua a me atormentar,

diz para não ter a criança. Não ligo para o que ele quer, mesmo tendo um relacionamento com ele.

Digo que terei o filho. O parto acaba ocorrendo quando estou sozinha, mas tudo dá certo. O tempo passa, e engravido novamente. Desta vez, o capataz diz que não me quer mais, e vai embora com outra mulher.

Tenho as contrações em casa, mas o bebê não está bem, ele nasceu morto. Eu preciso de ajuda, deixo meu filho em casa e saio. Vou para a estrada, quero quem alguém me ajude, é dia, não agüento mais andar, tenho muita dor e deito no chão. Não resisto por muito tempo. Um homem me encontra, não há mais nada a fazer.

O capataz com quem vivia soube do ocorrido, e como a mulher não queria meu filho, acabaram dando a criança.

A paciente não via mais nada, e então perguntei se ela podia ver o porquê de tanto sofrimento. O que ocorreu numa vida anterior a esta, que pudesse causar tudo isso? Você consegue ver?

Sim, tem pessoas brigando. Estou apavorada, tenho um amante que está brigando com meu filho. Meu filho é morto com uma punhalada. Saio correndo, fujo com o meu amante. Andamos muito até chegarmos a uma casa.

Tenho por volta dos 40 anos. Vamos viver em outra cidade, somos muito pobres, não tenho roupas e sinto muita fome. Meu amante, chorando, me culpa e diz que não queria fugir. Eu digo que o amo, e choro também. A situação, para nós, está precária. Ele começa a mendigar, sinto-me culpada. Algum tempo depois, ele some.

Estou sozinha, tenho muita fome, estou muito magra, fraca e velha. Fico pensando por que ele me abandonou. Estou morta...

Volte para antes deste período, e veja como foi a sua infância...

Tenho mais ou menos 12 anos e vou me casar – meu pai, um comerciante, me prometeu. Para mim, é como se fosse uma brincadeira. Casamos e ficamos morando na casa do meu pai. Meu marido é bom para mim.

Os anos se passam, estou gorda e tenho um filho, mas não gosto da criança pois prefiro sair, me divertir fora de casa.

Estou um pouco mais velha. Vou freqüentemente a um bar, onde encontro muitas pessoas, bebo e me divirto. Neste local acabo me engraçando com um homem, mas ele tem medo de ter um relacionamento comigo, já que é empregado do meu pai. Fico triste, mas não vou desistir, quero tê-lo para mim.

Nós nos encontramos em casa, e ele continua me recusando. Eu ignoro meu filho – nesta época ele está com 18 anos, é bom, e o pai gosta muito dele. Meu filho tem muito ciúme de mim.

Um dia, porém, ele cede, e nos tornamos amantes. Estamos certa ocasião bebendo, na rua, meu filho aparece e reclama que a minha roupa é muito decotada. Também não gosta do fato de estarmos bêbados, perde a paciência, empurra-me, chutando, e parte para cima do meu amante. Ele o mata com uma facada na barriga, como já contei anteriomente. Ninguém faz nada, fugimos e vamos viver em outra cidade.

Depois que morri sozinha, meu amante acabou voltando e descobriu que eu já estava morta. Não passou muito tempo, e ele caiu num lago e morreu afogado, sem forças.

O meu marido morreu triste e amargurado, por ter perdido o filho, e por eu ter fugido.

Então, como a paciente não via mais nada, solicitei para que ela fizesse um repasse, e buscasse perceber se realmente não havia mais nada em relação a esta vida. E ela disse:

- Sim! Estou vendo! Há alguém aqui. É o espírito da pessoa que foi meu amante, e matou meu filho!
  - E o que ele deseja? Por que está com você?
- Ele diz que é o moço que eu amei na primeira vida que vi, naquela plantação, e foi assassinado pelo capataz. Fala que o filho que eu tinha na barriga, naquela vida, era dele, e por isso o capataz não o quis. Revela também que foi o meu segundo namorado nesta vida atual, que morreu assassinado também...

A paciente completou dizendo que ele estava muito aflito, e permaneceu junto dela porque queria revelar toda a ligação que eles tinham. Foi necessário muito diálogo para que ele aceitasse se desligar e acompanhar os Mestres de Luz. Embora o tratamento tenha tido outras sessões, como é normal, entendi que estas duas vidas foram das mais significantes em relação aos sintomas: numa vida, morreu com muita fome, e hoje, sente vontade compulsiva de comer; numa vida teve o filho assassinado – em outra, morreu deixando um filho para criar: na vida em que morreu após o parto, estava exausta, andou muito – hoje sente um cansaco exagerado, tem medo de engravidar e nem gosta da imagem de mulher grávida; hoje a depressão a deixa sem vontade de fazer nada, apática – na vida passada, quando o amante foi embora, também ficou sem reação, deprimida, e morreu magra e faminta; como viu o filho sendo assassinado, hoje tem medo de ser morta, ou que entes próximos sejam mortos; enfim, as dores que sente hoje nas costas e no peito estão relacionadas com o espírito que estava próximo, ampliando a sensacão de amargura, tristeza, aflicão... Depois desta sessão, a paciente teve uma melhora impressionante e, com apenas mais algumas sessões, optamos pela alta.

Outro caso de influência espiritual de uma pessoa desencarnada, que viveu muito próxima a um paciente e que lhe acarreta sintomas em sua vida atual é o que se segue:

A reclamação principal deste homem que procurou meu consultório era enxaqueca. Fortíssimas dores de cabeça o atormentavam, há tempos, e ele já não sabia que caminho tomar para, pelo menos, aplacar este incômodo. Entre várias vidas, vimos a seguinte, que foi muito significativa:

Sou uma criança olhando pela janela de um sobrado de fazenda. Ao longe admiro uma árvore. É entardecer, e estou triste. Tenho mais ou menos seis anos, a casa é grande e espaçosa. Há uma mulher mexendo no fogão, é minha mãe. Desço as escadas, chega um homem, meu pai, e vamos jantar. Somos nós três na mesa. Eu sempre olho pela janela, melancolicamente – sou uma criança triste.

Num determinado período, meu pai perde o emprego, e temos que mudar de casa. Ele consegue emprego num sítio, onde há um sobrado. Minha mãe também começa a trabalhar, e tem muito medo de me deixar sozinho em casa, pois há bastante mato em volta.

Sinto-me mais sozinho ainda, a tristeza aumenta e fico muito tempo olhando pela janela.

Certo dia, enquanto estou sentado no parapeito, perco o equilíbrio e caio, é muito alto. Meu pai me encontra, leva-me nos braços para dentro de casa, deixa-me na cama, mas já estou morto. Permaneço em pé, ao lado, e vejo quando meu corpo é sepultado. Meus pais ficaram muito tristes, minha mãe chora muito. Vejo que meu pai é o mesmo pai que tive na vida presente (o paciente perdeu seu pai quando tinha 10 anos de idade) e ele chora muito.

- Pergunte se ele sabe que já morreu, peço ao rapaz, que responde:
- Sim, ele sabe, mas fala que gostaria de estar junto da família, para poder cuidar de todos.
- Durante todo esse tempo, será que ele não recebeu ajuda de espíritos amigos, os mentores não o chamaram?
- Sim, ele responde. Mas preferiu ficar aqui, para cuidar de nós.

Durante algum tempo, conversei com este espírito, com o intermédio do paciente, e pouco a pouco ele foi se convencendo de que era chegado o momento de partir. Ao final, ele apenas pediu ao filho que tomasse conta da mãe, e foi embora.

### O que sente o obsediado?

Os efeitos que uma obsessão pode causar variam muito pois, conforme vimos, devemos analisar todas as causas diretas e indiretas que podem ocasionar um sintoma, um determinado comportamento, reafirmando que a vontade individual tem um papel preponderante na recuperação ou agravamento de um estado, inclusive obsessivo.

É justamente esta a questão que impediu, até hoje, um melhor estudo dos processos obsessivos, dos sintomas e possíveis soluções: como cada grupo, seja ele técnico, religioso ou filosófico, outorga para si o conhecimento da verdade, não há interesse de pesquisar em outros grupos, outras culturas – reconhecer que existem recuperações com outros métodos e formas de visão requer humildade e desprendimento. Enfim, preconizar o poder da vontade própria como determinante para a doença ou saúde descredencia qualquer ser humano a se julgar intermediá-rio da vontade divina.

Contudo, se analisarmos casos diversos dentro da medicina, aliando uma visão espiritual ao problema, poderemos formular algumas conclusões, que se não comprovam a existência e influência da obsessão, deixam indícios claros deste fato.

Principalmente no trabalho com a TVP, como veremos adiante, verificaremos que os espíritos exercem uma influência maior do que se imagina na vida das pessoas.

A técnica da Terapia de Vida Passada permite tornar mais explícito e lógico o que as religiões e culturas distintas reconheciam como influência diabólica, maus espíritos, possessão – a TVP acaba dando uma outra característica ao que antes poderia ser visto como misticismo ou crendice, uma vez que se apóia não em um conceito pré-estabelecido, mas nos relatos extraídos dos próprios pacientes.

Foi através da observação destas ocorrências em seu consultório que a psicóloga americana Fiore pôde constatar uma série de características dos sintomas da obsessão (por ela definida como possessão):

- ▶ a debilitação física, causada por doenças, stress, abuso de drogas ou álcool facilitam e são facilitadas pela influência;
- ➤ a "possessão" afeta os sintomas hormonais e pode resultar em tensão e distanciamento entre parceiros matrimoniais ou parentes;
- ▶ fadiga e exaustão são sintomas comuns;
- ▶ dores e características "refletidas" dos espíritos desencarnados podem aparecer repentinamente;
- falta de concentração e problemas de memória corriqueiramente fazem parte dos sintomas;
- obesidade às vezes relaciona-se com as inclinações gastronômicas do espírito obsessor;
- ▶ ansiedade, temores e fobias também surgem da "possessão".

Todos estes sintomas são comuns a uma infinidade de pessoas e, com certeza, a Dra. Fiore não quis afirmar que quem está com estes sinto-

mas também está possessa. Porém, pensa-se que a obsessão leva o sujeito ao manicômio, devido a um estado psicótico – isto é real, mas refere-se ao estado que Allan Kardec definia como subjugação, onde pensamento e vontade do sujeito estão quase à mercê do espírito desencarnado.

Contudo, as modalidades de obsessão mais freqüentes são as definidas pelo espiritismo kardecista como *simples e fascinação*. Na primeira, a pessoa é perseguida, com tenacidade, geralmente sem tomar conhecimento, por um espírito desencarnado – são nessas situações onde podem ocorrer os famosos fenômenos de efeito físico. A *fascinação* consiste em um domínio mais sutil, e por isso mais perigoso, pois o indivíduo sob esta influência é levado a tomar atitudes sem que tenha consciência de que a sugestão não parte dele, embora sempre tenha o poder de decisão.

Nestes dois casos, que são apenas representativos, pois poder-se-ia subdividir os tipos obsessivos em outros mais, concentra-se o trabalho da TVP. O senso da realidade do paciente não pode estar perdido, caso contrário não seria possível a compreensão das causas da obsessão, das relações entre vidas passadas e sintomas presentes, inviabilizando o tratamento.

E não é necessário dizer que, mesmo eliminando os graves casos de subjugação, sobra uma infinidade de sintomas em que, tenho certeza, existe a participação da obsessão no agravamento do quadro. O trabalho com a terapia mostra que os espíritos perturbadores agem exatamente nos pontos fracos dos pacientes, às vezes amplificando traumas, semeando inquietação, enaltecendo o orgulho, prejudicando metodicamente, pouco a pouco, a evolução espiritual, tanto do atingido, como do agente. Se há, por exemplo, a tendência à obesidade, impressa no corpo biológico devido à história cármica da pessoa, onde certamente houve problemas de alimentação, o obsessor não apenas estará induzindo a vontade de comer além do normal no paciente: a sintonia entre os dois, o intercâmbio energético provocará um desgaste físico no corpo, e isto também provoca a sensação de insatisfação. Neste exemplo, notamos o problema de vida passada imprimindo, através do corpo astral ou perispírito, uma tendência biológica no corpo físico, agravado pela obsessão que o atinge tanto psiquicamente quanto organicamente.

Problemas sexuais, dificuldade em superar vícios, crises de relacionamento – familiar, conjugal ou profissional – medos de determinadas situações, agressividade, orgulho, insegurança etc., são situações que também surgem obedecendo a um esquema parecido.

Um outro sintoma, que chama minha atenção pela quantidade de ocorrências, é a ligação entre tensão pré-menstrual e obsessão: muitas pacientes, ao entrarem em regressão e reviverem vidas passadas relacio-

nadas com cólicas menstruais, percebem a presença de espíritos obsessores. Se for confirmada a teoria segundo a qual a influência espiritual ativa a glândula pineal, que por sua vez transmite "mensagens" para as demais glândulas endócrinas, causando mudanças hormonais, pode-se entender a relação entre problemas menstruais e a pré-disposição para obsessões. Seria interessante entender que — caso exista a obsessão — exatamente nestas ocasiões os sintomas recrudescerão, ampliando sintomas e trazendo um comportamento diferente do normal. Passado o período menstrual ocorre uma "calmaria" temporária, até o próximo ciclo. Estes casos são tratados com sucesso pela TVP.

Nem todas as sensações, entretanto, são manifestadas em sintomas graves, quando existe a influência espiritual perturbando o paciente. Uma outra característica que percebo em alguns casos é a atuação num ponto sutil, mas capaz de causar profundos desequilíbrios na vida da pessoa: a força de vontade. Muitas vezes o paciente se cobra por sentimentos como a preguiça, a falta de rotina, a indisciplina, a desorganização etc. O espírito obsessor, sabedor desta dificuldade, está também inspirando o agravamento destas sensações, lançando idéias que geralmente a pessoa julga ser dela mesma, como: "Deixa prá lá, amanhã você faz...", ou "Que besteira! Prá que se esforçar com isso agora?"

O fato de uma pessoa tomar a iniciativa de começar a terapia também pode significar um aumento da influência destes obsessores, quando buscam induzir o paciente a não fazer a terapia ou, se tiver começado, a não prosseguir. Como foi falado, quando alguém se dispõe a realizar a TVP, as vidas começam a emergir do inconsciente, trazendo lembrancas, sensações muitas vezes desconhecidas, desconforto em muitos casos e, inclusive, realçando os laços que unem espíritos obsessores ao paciente, pois vidas que eles tiveram em comum estão ressurgindo. Os espíritos que influenciam então trabalham com a idéia de evitar que o paciente possa concluir o tratamento, se desligando destas vidas e quebrando os elos que os unem – e muitas vezes é isto o que ocorre. Pacientes que esperaram muito tempo para iniciar o tratamento, e até iniciam a terapia animadamente e buscando a resolução dos problemas, subitamente mudam de atitude, e acabam desistindo. Pode ser que eles não tenham se identificado com o método e isto é compreensível. Porém, diversas vezes percebo, nos diálogos, que este tipo de paciente não aceita as mudanças de atitude que o conhecimento de erros do passado exige, para que a terapia possa surtir efeito. Por exemplo, pessoas irrequietas, tensas, nervosas, às vezes não admitem que possam ter sido brutas e violentas em alguma encarnação anterior, mesmo tendo toda esta energia agressiva represada em seu íntimo.

É óbvio que ninguém irá transformar algumas atitudes repetidas durante tanto tempo, da noite para o dia. Porém, é preciso força de vontade e decisão em querer superá-las. E a obsessão age neste exato ponto, semeando dúvidas, desconfiança, impedindo a quem desiste de ver que todas estas sensações são reais, e estão dentro deles mesmos, causando efeitos visíveis.

Para ficar mais claro os tipos de interferência que percebo no consultório, quero recontar agora alguns casos verdadeiros, em que a obsessão esteve presente. Cabe lembrar que ela é sempre mais um agravante do sintoma, e não a única causa.

O leitor poderá verificar, em algumas descrições de vida passada ou diálogos com espíritos, situações em que existe uma tensão emocional próxima a uma encenação teatral, onde as frases soam como clichês, sem profundidade...

O paciente está sempre expressando sentimentos e situações, e algumas vezes ele utiliza palavras que não transmitem o real significado do ocorrido.

Contudo, noto pelas contrações faciais, lágrimas, espasmos musculares e entonação da voz quando a situação é mais ou menos tensa, e trabalho sobre esta percepção, em que a expressão corporal e a energia dispensada nestes momentos são muito mais significantes que uma frase bem formulada.

Durante o tratamento de TVP, normalmente ocorre do paciente não se sentir muito bem, no intervalo entre uma sessão e outra, geralmente de uma semana. Isto é decorrente do fato de que o sintoma, como foi falado, está ligado a várias vidas passadas, e em uma sessão trabalhamos uma ou duas, às vezes três vidas – porém, outras surgem no limiar da consciência, durante a semana, como se estivessem em camadas sucessivas. Espíritos que porventura estejam ligados a uma ou mais vidas destas que estão aflorando, logicamente exercerão a influência de forma mais ativa, pois a sintonia também está realçada. Tal fato ocorre inclusive fora do âmbito da TVP, quando determinado fato no nosso cotidiano desperta lembranças de vidas passadas, acionando automaticamente sentimentos que estavam latentes, trazendo também obsessores que estejam envolvidos nestes fatos. Um casamento, uma separação, o nascimento de um filho, a

perda de um emprego, uma briga, a morte de alguém, são fatores que, se estiverem relacionados com algum trauma do passado, desencadearão uma série de conseqüências inesperadas, deixando a pessoa confusa por não achar lógica nas sensações que está enfrentando.

Isto aconteceu neste caso curioso, porque o paciente apresentou duas queixas bastante singulares, embora muito inconvenientes e preocupantes para ele.

O rapaz não relutou em afirmar o motivo da sua presença:

- Tenho medo de engravidar uma mulher!
- Mas, qual mulher? perguntei.
- Não é uma em específico. Já faz algum tempo que esta idéia fixa, de que não posso engravidar uma mulher, me ocorre.

Este paciente me contou que, após uma grande desilusão amorosa, além de ter fixado com mais intensidade na sua consciência este pensamento, outra impressão passou a incomodar muito:

— Penso várias vezes que gosto de homens. Mas nunca gostei, não sei o que está acontecendo! Nunca fui homossexual...

A situação foi transformando o rapaz em uma pessoa aflita, deprimida, tensa, com vontade de morrer, e ele buscava uma solução. Naturalmente realizei a anamnese de praxe, inquerindo todo o histórico do paciente, desde a infância até o momento da consulta, para depois iniciar a regressão.

Após o relaxamento, solicitei ao inconsciente dele que procurasse o motivo de estar tão deprimido, com vontade de morrer:

- Vamos, veja se encontra um momento passado que tenha originado estes sintomas... solicitei.
  - Não consigo ver nada.

Insisti durante um tempo, para logo em seguida mudar a pergunta:

— Então tente descobrir o motivo desse medo de engravidar uma mulher. Qual a razão para esta idéia insistente? Você pode ver a origem?

- Não, vejo luzes, nada claro, não consigo firmar o pensamento sussurrou. Mas espere, acho que vejo um rosto!
  - E você sabe quem é ele, o que ele quer?
  - Ele diz que o deixaram sozinho, apenas isso.

Pedi então que ele procurasse perceber se houve alguma vida onde ele deixara este homem sozinho.

Sim, começou o paciente. Vejo uma mulher, ela se encontra dentro de uma caverna, ampara uma criança enrolada num pano, um bebê... Esta moça é índia, os cabelos são negros, usa um adorno com penas na cabeça, esta índia sou eu...

Eu saio para buscar lenha e frutos na floresta, estou caminhando quando sinto uma dor lancinante em meu peito, recebi uma flechada mortal.

— Descreva como foi sua vida antes deste ferimento, o que aconteceu?

Há uma menina nua deitada numa tenda – sou eu, devo ter por volta dos onze anos de idade. É um ritual, tem uma festa, o povo dança, é uma tribo grande, e estou feliz. Esta cerimônia foi o meu casamento...

Agora me vejo um pouco aflita, com medo. Continuo deitada, há um homem comigo, com cabelos compridos, ele faz sexo. É um homem bom, carinhoso, eu gosto, e não tenho mais medo. Ele sai...

Vivo junto dele, num ritmo normal, fazendo as coisas que o nosso povo faz. Depois de um tempo, engravido, ficamos ambos felizes com a notícia. Mas nesta época, eclode uma guerra com outro povo, existe a tensão entre nossos homens. Ocorre uma invasão, no meio da luta as mulheres tentam fugir, corro, tenho muito medo.

Eu subo numa elevação, consegui trazer algumas coisas comigo, olho para trás e não vejo ninguém. Encosto num pinheiro para descansar, sinto meu peito arfando, estou cansada e nervosa.

Vou ter o bebê. Ele está nascendo, fico contente quando consigo pegá-lo nos braços – o protejo com um pano, e encontro a caverna onde procuro me abrigar. Faço uma fogueira para esquentar, estou cansada mas devo buscar alimento, e por isso vou para a floresta. É neste momento que recebo a flechada e morro.

Mas não é só! Estou vendo o índio, era o meu marido, ele está triste, diz que me perdeu e há muito queria me rever. Por isso diz que o deixei sozinho...

Também foi morto na guerra com o outro povo. Ele grita, faz gestos como os índios fazem...

Eu inicio então um diálogo, usando o paciente como intermediário, procurando explicar a este espírito que ele já está morto fisicamente, desencarnado, e aquela vida faz parte do passado tanto dele quanto do espírito do paciente. Mas, por mais argumentos que eu use, ele, apesar de triste, não quer ir embora. Sempre através do paciente, o índio diz que já percebe a presença de espíritos amigos que estão procurando ajudá-lo a partir para outro plano, mas ele não vai. Então solicito ao paciente que procure ver qual situação, que vida houve anteriormente gerando esta necessidade deles, como índios, terem se separado, e a índia ser morta, impossibilitando a continuação da vida em família, criando o filho recémnascido...

Consigo ver um homem com roupas de nobre. Usa capa e espada e cavalga entre colinas de vegetação baixa e esparsa. Existe uma mulher morena, com lenço na cabeça. Eu sou o cavaleiro, o homem que usa espada, esta mulher é minha esposa. Vivemos bem, num local aprazível, temos uma vida alegre, com posses que são de minha família, não preciso trabalhar. Costumamos ficar na sala, onde gosto de tomar vinho.

Mas ocorre uma luta. É na minha casa, nesta mesma sala, há um outro cavaleiro, ele me cobra algo e eu dou risada, faço pouco caso da opinião dele. Ele desembainha a espada e me ataca. Sou um bom lutador, mas ele me fere no ventre, do lado esquerdo. Dói muito, sinto o sangue ensopar minha roupa, estou morto.

Pela minha condição familiar, eu era mais importante que este homem que me matou. Ele me devia obediência, e até éramos

amigos: lutávamos juntos, éramos cavaleiros e nobres, matamos muita gente, invadimos muitas terras...

Mas ele gostava da minha mulher. Por causa dela, acabamos brigando, ele me chamou de vagabundo, ele arrumou a confusão para poder se livrar de mim. Mas ela não quis ficar com ele, depois da minha morte – e ele, tomado de ódio, a matou também.

Este índio que aqui está foi o homem que me assassinou e também matou a mulher.

Estes fatos imprimem uma relação de afinidade muito forte, pois estão envolvidos sentimentos de culpa, vingança, busca de regeneração, entre espíritos que participaram de uma ou mais vidas pregressas como parceiros, seja através da vida conjugal, amizade ou parentesco. Expliquei ao espírito desencarnado que ele, ao assasinar o amigo numa vida, por um motivo vil, destruindo uma família e cortando o relacionamento de um casal, teve que sofrer a conseqüência na vida como índio, inclusive casando com a pessoa que ele matara na vida anterior e que hoje é o paciente.

Quanto ao meu paciente, ele também viu outras vidas que tiveram relação com o fato de ter sido morto como índia, não tendo a oportunidade de continuar nem a vida a dois, nem podendo consumar a maternidade. Um exemplo foi esta vida como cavaleiro, onde destruir lares e matar era uma prática comum. Podemos entender, portanto, que a presença obsessiva é um ampliador de sintomas que, em certos casos, sutilmente conduzem a pessoa a tomar certas atitudes e comportamentos estranhos a ela. Apesar de a vida já estar acionada naturalmente, este paciente começou a ter sensações homossexuais e o medo de engravidar uma mulher em muito era devido à proximidade do espírito obsessor que, a princípio, não tinha intenção clara de prejudicar.

Por este ângulo, compreendemos ligações obsessivas de forma bem menos rígida que a imaginada: este espírito que se identificou como "índio", como disse, esteve durante muito tempo procurando pelo outro espírito com quem tinha um débito – isso quer dizer que ele não estava o tempo integral junto ao paciente. Ao serem acionadas as vidas passadas que tinham relação com os sintomas, a afinidade entre os dois espíritos – o encarnado e o desencarnado – se refez, permitindo a reaproximação e, conseqüentemente, o esclarecimento.

### O diálogo de desobsessão

O diálogo entre o terapeuta, o paciente e espíritos obsessores deve ser lógico, coerente, embasado tanto no conhecimento da vida passada, quanto nas teorias da reencarnação e da lei de causa-e-efeito, pois um desligamento só é efetivamente realizado quando existe a compreensão de ambas as partes, e o perdão recíproco. Só se compreende e se perdoa quando se conhece toda a situação, quando se sabe dos motivos e conseqüências de um fato, e isso é trazido pela regressão, em que são vistas com detalhes todas as circunstâncias envolvendo o espírito do paciente.

De forma geral, sempre falo, nos diálogos de desobsessão, que o paciente deitado no divã não é mais aquela pessoa vista na vida passada pois, conforme o próprio espírito viu, a pessoa morreu, e aquela vida acabou... Digo que as lembranças estavam gravadas no inconsciente do paciente, e o obsessor também sabe disso. Mostro a existência das encarnações, onde o corpo morre, mas o espírito continua, e cito as vidas do paciente como exemplo. Às vezes peço ao espírito que observe o aspecto físico do obsediado, e repare que não é igual ao que ele conheceu em outra vida, assim como também peço que ele observe o seu aspecto físico, vendo que a matéria não existe mais...

Sempre ao final de cada sessão, após ter trabalhado uma determinada vida, desde o nascimento até a morte, depois de esmiuçá-la, solicito ao inconsciente do paciente se ele ainda percebe alguma coisa que não tenha sido relatada. Caso seja detectada a presença de algum espírito, é feita a orientação através do diálogo. Às vezes ocorre do paciente não conseguir regredir a um momento passado – pode ser uma defesa dele mesmo, tentando bloquear um sentimento ou sensação que não quer expor; porém, pode ser também a presença de um ou mais espíritos, que não desejam que a vida, ou parte dela, seja vista, eliminando assim os elos que os prendem ao paciente e, portanto, fazendo com que eles sejam "desligados" após o diálogo. Geralmente o paciente, neste caso, diz que há alguma interferência atrapalhando a regressão, e muitas vezes visualiza um rosto, uma pessoa ou mesmo um olho. Logo inicio o diálogo com este ser, indagando o porquê dele estar ali, por que está atrapalhando, qual o seu objetivo. "Não quero ver nada e não quero que ele veja", é a resposta que recebo constantemente. Como desejo uma resposta mais concreta e insisto novamente, ele às vezes fala que o paciente o matou, ou o prejudicou muito. Assim, solicito que este espírito fique ao lado, para que toda a situação seja relembrada, pois o paciente não se recorda mais. "Depois voltaremos a conversar", digo, e então peço ao paciente que ele vá até a vida onde ocorreu a divergência comentada pelo obsessor.

Novamente, a importância de se ver a vida inteira, porque o desligamento é baseado no entendimento mútuo de toda a situação que envolveu obsessor-paciente, e caso faltem detalhes fundamentais, a desobsessão não será realizada. Por exemplo, um paciente vê que, ao nascer em uma vida passada, sua mãe morreu devido a complicações no parto. É comum esta mãe se apresentar como influência durante toda esta encarnação passada, e caso não seja visto este detalhe – da mãe morrendo no parto – fica difícil descobrir esta presença e realizar o desligamento. É também por este motivo que não faço uma sessão separada para buscar obsessores.

Em todos os casos de desligamento, ao terapeuta cabe o poder de persuasão, imbuído de noções claras de justiça, amor e perdão – ele não vai "brigar" com o espírito manifestante, mas mostrar-lhe como a realidade espiritual é mais ampla que a visão estreita de alguém tomado por um único sentimento, seja ele de ódio, ou apego. Para isto, além da crença na influência espiritual, o terapeuta também deverá procurar constante atualização em obras que tratam sobre o assunto, passando-as pelo crivo da razão e seriedade, além de trabalhar sempre com a sensibilidade apurada. Por exemplo, quando um paciente não consegue regredir a uma vida, cabe ao terapeuta perceber se existe alguma influência buscando impedir a regressão, para não correr o risco de se deixar de lado uma vida que terá grande significado na solução dos seus problemas.

O leitor não deve esquecer que tudo é comunicado por intermédio do paciente – ele funciona como o médium descrito em capítulo anterior. Muitas vezes eu falo uma coisa, e o paciente responde: o espírito está dizendo que... Outras vezes a comunicação é feita através da incorporação do espírito no paciente. Isto quer dizer que as respostas vêm sempre na primeira pessoa, mas são subordinadas à vontade e ao controle do paciente que está consciente. Os pacientes que seguem as doutrinas nas quais a incorporação mediúnica é comum, e estão acostumados ao chamado "trabalho mediúnico", possuem maior facilidade em transmitir as mensagens dos espíritos. Mas ser um médium experiente não significa estar imune aos obsessores, como percebo no consultório. Inclusive muitos médiuns que trabalham em desobsessão, em que teoricamente as entidades seriam captadas com maior facilidade, verificam que somente quando determinadas vidas passadas são reveladas é que surgem estes espíritos.

É comum a obsessão se caracterizar pelo obsessor desejando cobrar alguma atitude que o espírito do paciente tenha tomado em encarnação passada. O espírito se vê como vítima e quer vingança. Por isso, às vezes peço ao paciente que procure outras vidas em que, ao invés de agressor, ele tenha sido também vítima do obsessor – a lei de causa-e-efeito existe e, geralmente, ninguém agride alguém gratuitamente. Quando se torna necessário para a compreensão, peço ao próprio espírito que veja um momento passado que justificasse, perante a lei do carma, ele ter sofrido nas mãos daquele que hoje é o paciente, ou seja, eu o levo a ver as suas próprias vidas passadas.

De qualquer modo, o desejo de vingança turva a visão do obsessor, no sentido de não permitir que ele perceba a existência de novos caminhos a seguir, em que a única condição para evoluir é se desapegar do fato ocorrido, entendendo que a vida passada foi decorrência do que ele mesmo plantou. Desistindo da vingança, que as próprias regressões demonstram não ter razão de existir, perdoando, ele entenderá que também poderá reencarnar, recebendo novos corpos, novas oportunidades de evolução.

Isto representa uma ajuda para o próprio obsessor: enquanto ele estiver preocupado em encontrar e ficar ao lado de outro espírito (no caso, o paciente), interferindo em sua vida, ele também sofre infelicidade, tristeza, insatisfação.

Geralmente costumo perguntar ao obsessor onde ele esteve durante todo o tempo enquanto o paciente passava pelas sucessivas encarnações, e eles respondem, via de regra, que permaneciam ao lado, embora em alguns casos afirmem que estavam em outros lugares e só se aproximavam periodicamente. Há casos em que os espíritos foram trazidos à terapia por espíritos mentores com o intuito de ajudá-los – vendo toda a regressão do paciente, os obsessores podem compreender e se liberar deste passado, o que significa perdão e fim da obsessão.

Por último, temos casos em que existem vários espíritos em conjunto, obsediando. Na realidade, eles não precisam estar ao lado do paciente todo o tempo – estão mentalmente conectados e se aproximam quando querem, como uma rede de computadores que podem se comunicar, como também podem encerrar a comunicação. O que facilita a criação desses "links" é o quadro de passividade mental em que o encarnado se apresenta. Ele se torna vulnerável por vários motivos, mas principalmente por sentimento de culpa. Para o obsessor, desligar-se da situação de obsessão é um grande alívio, pois poderá, então, seguir para locais de descanso, recuperação e aprendizado, onde outros espíritos o estarão auxiliando, até que chegue o momento de uma nova reencarnação.

Contudo, neste processo do diálogo entre terapeuta e espírito, também ocorre entendimento distorcido. Às vezes, o obsessor procura entabular um acordo, um trato, do tipo: "Se você deixar eu voltar como filho dele, eu prometo ir embora". Nunca devemos fazer acordos com entidades, mesmo porque não há como cumpri-los.

É importante observar a existência de permanente assistência de espíritos elevados, auxiliando tanto no esclarecimento dos obsessores envol-vidos, como na proteção necessária para o bom desempenho do trabalho.

Assim, se um obsessor começa a compreender, durante o diálogo de desobsessão, que aquela vida vista pelo paciente realmente faz parte do passado, mas reluta em acreditar, digo a ele que procure ver os Mestres de Luz, espíritos amigos que amparam tanto o trabalho terapêutico, quanto o paciente e o próprio obsessor, e ele os vê.

Pode-se perguntar: como saber se realmente existem os Mestres de Luz? É simples: da mesma forma que ocorre a sintonia que atrai os obsessores – pensamentos negativos, como raiva, aflição, ansiedade, preconceito, orgulho, vaidade etc. –, os bons pensamentos, as ações destinadas à ajuda, a vontade de evoluir, também sintonizam espíritos evoluídos, preocupados com a ajuda e o apoio. A eles eu chamo "Mestres de Luz", embora outros dêem outra denominação. E da mesma forma que os pacientes relatam ver os espíritos obsessores, igualmente falam dos protetores, descrevendo-os claramente.

"A alma nos planos superiores sente a simpática atração da alma nos planos inferiores e, correspondendo-lhe, estabelece uma conexão psíquica (uma espécie de telepatia muito exaltada) entre ambas e, por este meio, produz estreito contato mental e a união espiritual de amizade, que são muito mais vivos e perfeitos do que se dá nas amizades terrestres. Além disso, (...) a alma que se acha num plano superior pode realmente visitar, com todo o ser psíquico, outra alma que se acha num plano inferior", diz Ramacháraca, em *A Vida Depois da Morte*.

### Quando é grande o desejo de vingança

Como diz o provérbio: cada caso, um caso. No relato visto anteriormente, percebemos um espírito que se aproximou do paciente no momento em que as vidas passadas foram acionadas, formando um elo de ligação entre os dois. Porém, não existia uma grande cobrança entre eles, o rancor não era profundo, como em outros casos, onde o ódio e a vontade de prejudicar são explícitos.

Imaginando estarmos num estágio evolutivo mais desenvolvido que há centenas de anos, estes instintos quase irracionais não deveriam mais existir. No entanto, podemos entender que, durante uma vida de evolução espiritual, passando por um grande número de encarnações, cometemos muitos erros, como também muitos acertos, e a evolução se dá num incessante jogo de créditos e débitos intercalados.

Se fôssemos comparar com a vida escolar, evoluir não significaria passar de ano, mas ser aprovado numa série de matérias, e reprovado em outras. Todos estão evoluindo, logicamente, mas uns mais, outros menos – além disso, alguns evoluem sobremaneira num sentido, burilando alguns vícios, mas deixando outros por melhorar. Inclusive "muitas faltas que cometemos nos passam despercebidas", como diz o *Livro dos Espíritos*.

Estas faltas, que hoje podem parecer aceitáveis, de pouca gravidade, também podem conter elementos ainda não aperfeiçoados, "matérias" que faltam aprovação, levando as pessoas aos surtos de violência, estado de melancolia, não significando, porém, que por isso a pessoa seja um espírito pouco evoluído. Pessoas que têm a vida absolutamente calcada na normalidade, podem cometer desatinos inexplicáveis, originados em pequenos desvios que não foram percebidos ou corrigidos devidamente. Estes pontos fracos facilitam o acesso aos espíritos que se sintonizam com essas falhas, e por isso é importante o auto-conhecimento em busca do equilíbrio destas imperfeições, para que as conseqüências não tomem proporções incontroláveis.

Luiz, um homem maduro, sabia da necessidade de buscar o equilíbrio: extremamente ansioso, tinha problemas com a obesidade e o excesso de álcool. Além disso, um fato que muito o incomodava eram algumas crises de violência, que pareciam dominá-lo, sem razão aparente. Uma coisa sem tanta gravidade o contrariava, e pronto: estava arrumado o motivo para uma explosão.

Quando veio me procurar, também narrou outras duas queixas significativas: por algum motivo, sempre estava envolvido em acidentes – oito no total, onde quase perdeu a vida. Inclusive na sua primeira sessão, estava com a perna inteiramente engessada, até o fêmur, devido ao último deles. E, curiosamente, a última queixa tinha relação também com os acidentes: disse que sempre antes de acontecerem as fatalidades, tinha pesadelos com o demônio.

Já estávamos trabalhando estes problemas há um mês e, durante uma sessão, em que buscávamos a origem da sensação de enjôo e dor-de-cabeça que o atormentou na semana, ele narrou:

Tem um barco, eu estou dentro, remando. Muitos estão remando, sinto cansaço e dores pelo corpo. Um homem grita, e nos

bate com um chicote. Sinto ódio dele. Meu estômago está enjoado.

É noite. Paramos em alto-mar, porém o cansaço, a falta de um mínimo de conforto me impedem de dormir – fico pensando, triste e cansado. No dia seguinte estou fraco, tenho fome, a água que nos dão é pouca. Os remadores reclamam, gritam, se revoltam, e então somos mais agredidos. Temos que continuar. Não há como resistir: correntes prendem nossos pulsos, uns aos outros, lado a lado...

O barco é grande, um barco "viking". Estou muito tempo remando, não tenho mais resistência, dói todo o corpo. Minhas forças acabam, eles vão me matar – jogam-me no mar, morri.

— Luiz, veja como você foi aprisionado, como foi sua vida antes de ir para este barco – solicitei.

Onde moro há um castelo. Não moro dentro do castelo, mas na vizinhança. Tenho pai, mãe, o mar é próximo, eu pesco e gosto muito desta atividade.

Tenho uns quatorze anos, mais ou menos.

Ocorre um ataque. Pessoas rudes invadem a região, matam meus pais, dominam o castelo. Várias pessoas são feitas prisioneiras e conduzidas aos barcos. Somos transformados em escravos, e temos que remar. Durante muito tempo levo esta vida, meus pés estão cheios de feridas. E desta forma eu morri.

- Você sente mais alguma coisa? Há algum pensamento neste momento?
  - Sim. Eu gostaria de matar a todos...
- Então, procure encontrar um momento passado que tenha originado esta vida como escravo. Você pode ver por que teve que passar por estes sofrimentos?

Há fumaça, uma fogueira. Uma pessoa está em chamas, enquanto outras, em volta, parecem se divertir com a cena. Eu estou morrendo queimado. Sinto falta de ar, a fumaça me sufoca, meu corpo arde, morro com muita raiva desta gente.

— Volte então para antes deste momento, veja como era sua vida.

Sou um homem muito ruim, um bruxo. A casa onde moro é grande, escura, e moro sozinho. Devo ter uns trinta anos. Eu mato pessoas. Eu as pego no campo, amarro, bato nelas, e as levo na carroça.

São mulheres. Eu corto o pescoço delas, e sinto uma imensa alegria nisto. Rezo, faço magia negra, ofereço a cabeça delas e queimo o corpo.

Há uma entidade, um espírito que se comunica comigo. Ela pede mais vidas, quer que eu continue matando, para poder ganhar dinheiro. É o demônio com quem sonho hoje.

Eu tenho um negócio, faço consulta para as pessoas e cobro por isso. Mas não sou honesto – minto muito, engano todos, invento coisas, só me interesso pelo dinheiro.

Algumas pessoas da região começam a desconfiar de mim, principalmente por causa das mentiras que falo. Em pouco tempo, descobrem os desaparecimentos e desconfiam de mim. Reuniram um grupo e foram até minha casa.

Chegaram. Estou realizando um ritual, não há como reagir. Batem muito na minha cabeça, empilham lenha, feno, me amarram com raiva. Eu também tenho ódio deles. Ateiam fogo.

— Então volte para antes de se tornar bruxo, veja como foi sua juventude.

Sou um jovem pobre, moro numa casa simples, pequena, com um homem, e já sou ruim, tenho maus sentimentos.

Discuto com este homem, coloco a culpa da pobreza sobre ele, mas não há resposta. Nesta época, conheço outra pessoa, ele me convida para ajudá-lo e assim poder ganhar um dinheiro.

Ele quer que eu rapte pessoas, e conforme eu as entrego, recebo minha recompensa. Mora na casa grande, e depois de alguns anos, transmite o que sabe sobre magia negra para mim. Ele me ensina a entrar em contato com o espírito que lhe dá as ordens.

Quero ficar com tudo que é dele, vou matá-lo. Sou mais jovem, e com uma faca, luto e o atinjo várias vezes. O bruxo está

morrendo, o sangue escorre em abundância dos ferimentos, mas ele promete que vai se vingar e me perseguir. Digo que não tenho medo. Seus olhos me fitam firmemente, enquanto a vida vai abandonando o corpo. Jogo o cadáver no poço e trabalho com as consultas, sempre me comunicando com aquela entidade que dava as ordens, até o dia que me pegam.

Assim que eu morro vejo um homem com capuz, muito feio, exalando uma energia muito ruim... É quem eu matei, e veio me buscar.

A desobsessão foi realizada nos moldes já descritos anteriormente. A terapia continuou, e o decorrer das sessões demonstraram que este espírito que se apresentou como obsessor também estava relacionado com outras vidas passadas do paciente, ambos foram vítimas e algozes, não havendo culpado ou inocente. Neste caso, não foi apenas um obsessor que surgiu nas regressões: o 'demônio' com o qual o paciente sonhava era outro espírito. Tanto o espírito do mago que ele matou quanto a entidade a quem serviam eram responsáveis pelos sonhos, em que aparecia o 'diabo' e, logo em seguida, ocorriam os acidentes. Trabalhavam em conjunto para se vingarem do paciente.

Esta obsessão estava envolvida com sentimentos muito negativos, e com certeza influenciava os pesadelos do paciente, além das crises de agressividade, embora muito deste comportamento fazia parte da própria história do paciente. Desejo de matar, raiva, ódio e vingança são sentimentos fortes, que atraem obsessores sintonizados na mesma faixa vibratória. Não é de se espantar que houvesse pesadelos, mal-estar e sintomas do gênero.

Em muitas das obsessões, conforme minha experiência com a TVP, fui percebendo que existem casos onde um plano espiritual superior está orientando a vinda dos obsessores, no sentido de que eles possam absorver a lógica das sucessivas vidas que são vistas no consultório. Existem relatos de pacientes que mostram existir grupos de espíritos que estão por perto, aprendendo com as regressões, e vão, pouco a pouco, se desligando, sobrando apenas alguns que se auto-intitulam tenazes, persistentes. Mas, mesmo estes, que sempre possuem algum laço mais forte que os une ao paciente, acabam se convencendo do erro em permanecer neste plano que não é o ambiente ideal para o desenvolvimento na forma espiritual.

### A atração é recíproca

Apesar de espíritos obsessores serem atraídos devido a pensamentos em sintonia, o motivo principal da ligação são as relações de vida passada – mesmo o paciente tendo evoluído através de diversas encarnações, sentimentos, como culpa, rancor, mágoa, o prendem à situação e ao obsessor. Este, por sua vez, praticamente estacionou na escalada evolutiva, bloqueado por um sentimento negativo relacionado com a vida pregressa.

Para que o paciente possa se prevenir deste tipo de obsessão, a "profilaxia" recomendada é a mesma descrita por grande parte das religiões: oração e vigília aos pensamentos e atitudes. Como diz Kardec, em *Obras Póstumas*, "antes de procurarmos dominar os maus espíritos, é preciso dominarmos a nós mesmos. De todos os meios de conseguir a força para alcançar aquele desiderato, o mais eficaz é a vontade auxiliada pela prece, nascida do coração e não aquela que consiste em palavras, em que a boca toma mais parte do que o pensamento. É preciso evocar o anjo de guarda e os bons espíritos para que prestem auxílio na luta; mas não é bastante pedir-lhes que afastem os maus espíritos; é principalmente necessário que não tiremos do pensamento a máxima: Ajuda-te, que o céu te ajudará".

Às vezes recebo casos em que, mesmo havendo boa intenção em progredir e controlar os vícios, singularmente certas atitudes inconscientes dele não apenas atraem os obsessores, como também não permitem que estes espíritos partam.

Amanda pode ser um exemplo deste caso. Apresentando um certo número de sintomas, um deles, tão comum no mundo moderno, a preocupava: tinha uma aflição muito grande de ficar sem dinheiro. Contudo, não era pobre. Trabalhava como profissional autônoma, tinha algumas posses, não havia muita razão lógica para esta preocupação.

Este pânico a acompanhava freqüentemente. Durante várias sessões, tal sintoma foi trabalhado, juntamente com outros, mas a penúltima sessão foi muito significativa para o caso dela.

Há um navio muito antigo, pirata – começa Amanda. Sou uma mulher e vivo com o proprietário do barco, que possui outras embarcações – ele rouba, e eu o ajudo no planejamento dos saques e assaltos...

— Volte para antes deste momento e veja como era sua vida – solicito.

Vivo num castelo, querem me casar com um determinado sujeito, mas não tenho a menor vontade — eu amo outro homem. Minha família não aceita a negativa, e internam-me num convento. É um período muito difícil, acumulo uma raiva enorme da situação e fujo.

Não vou mais voltar para minha casa. Começo a me virar na rua, até que conheço este pirata, e ele me leva para viver no barco. Sou inteligente, e ajudo na estratégia dos ataques às outras embarcações, que nos trazem muito dinheiro.

Estamos sempre em luta. Certo dia, quando invadimos um navio, sou atingida por um pedaço de madeira que acerta minha nuca. Sinto uma dor aflitiva – é a minha morte. O pirata não se conforma com a perda, chora muito, fica desesperado.

- Espere diz a paciente. Acho que ele está aqui. Posso vê-lo.
- Então, vamos conversar com ele. Pergunte por que ele permanece com você, peço.
- Ele me ama. E eu o amo também sei que ele me protege e não quero que vá embora retruca Amanda, para o meu espanto.

Tenho então de argumentar não apenas com o espírito obsessor, mas também com a própria paciente, que se mostrou contrariada com a idéia de que eu pudesse afastá-lo dela. Dialogando, soube que ele ainda não reencarnara após aquela vida, e sempre esteve ao lado dela.

Tive que explicar que ele não era um espírito protetor, que o interesse dele era uma atração que não tinha mais sentido na vida atual, e a presença dele trazia muitas conseqüências negativas à paciente. Pedi ajuda aos Mestres de Luz e foi feito o desligamento. Ao término da sessão, quando conversávamos, a paciente ainda não admitia que eu fizera o correto, e também afirmava não querer a partida dele.

Na outra sessão, ela não se apresentou bem. Teve vários sintomas que já haviam sido trabalhados, como dor de cabeça, enjôo, e disse que percebeu uma influência espiritual, mas recebeu uns passes em centro espírita e passou. Fizemos o relaxamento e procurei

trabalhar os mesmos sintomas; no entanto, não vieram vidas novas, apenas o inconsciente repassou algumas vidas que já havíamos visto anteriormente.

Combinei então que daria a alta, com a condição de que ela voltasse se fosse necessário. Passado uns dez dias, ela ligou:

- Sabe, Elaine. A dor na cabeça, em especial na nuca, não passou, e até se espalhou para os ombros. Procurei até um massagista, mas não adiantou nada. Alguns dias atrás, saí com uma amiga, e contei tudo o que aconteceu, desde a terapia até o obsessor pirata. O curioso é que ela é beata convicta!
  - E o que ela falou? perguntei, curiosa.
- Você nem vai acreditar. Estávamos num restaurante, jantando, e na mesa eu contara estas experiências. Então ela olhou bem fundo nos meus olhos e disse que estava vendo o pirata, ali, ao meu lado!
  - Que mais?
- Ela disse que ele estava falando várias coisas e não estava muito contente. Dizia que eu estava querendo mandá-lo embora, e que se isso acontecesse a minha vida ruiria, porque tudo só dava certo devido à presença dele comigo. Falou que seu nome era Luiz Velazquez, e que não adiantava eu ir no homem gordinho (era o massagista). Por fim, falou que eu deveria voltar à terapia...

Não tive dúvidas – marquei outra sessão com a moça, para esclarecer o que estava acontecendo. Quando sentamos para conversar, percebi que ela estava diferente:

— Eu andei pensando em tudo aquilo que você me disse, sobre o espírito que eu não sabia se era certo mandá-lo embora. Acho que está com a razão. Fui até uma médium e ela me disse que ele realmente estava influenciando negativamente minha vida, e não poderia mais permanecer comigo.

Comecei a verificar cada detalhe da minha vida, e percebi que, principalmente na minha vida amorosa, tive muitas dificuldades, nunca os meus relacionamentos deram certo, e acho que isto tem relação com esta obsessão.

É, Amanda. Creio que sim. Mas podemos ainda ver se há alguma relação dos seus sintomas com aquela vida passada, no barco, ok? Ela concordou, e então fizemos a regressão:

Estou no mar, naquele mesmo navio, sou a mulher, confiro a carga, estudo os mapas, e escrevo o diário de bordo. O homem que é meu amante, o pirata, é quem manda no navio.

Certo dia ocorre aquela luta com o outro barco. Eu também me visto de homem e luto como tal... Quando aquele madeirame se desprendeu, me acertando, eu não tive tempo de reagir, foi tudo muito rápido. Em poucos segundos estou morta.

Meu amante mata a pessoa com quem eu estava lutando, me segura, digo a ele que não queria morrer.

A minha morte o deixa muito triste, deprimido. Passa a beber em demasia, não cuida bem da tripulação e vê seus homens, um a um, indo embora. Este pirata sofre por se ver abandonado, fica muito revoltado com a solidão e pensa que só teve a mim. Não demora muito ele adoece, é cuidado por um velho, mas a morte chega rapidamente.

- E ele está aí, podemos conversar com ele?
- Sim, ela responde. Eu o vejo chorando, triste em relembrar todos estes fatos.

Explico ao espírito, mais uma vez, como foi a vida dele, a relação que teve com a moça que não era mais aquela sua amante... Ele vira a morte, tanto dela, como a própria. A paciente parece sentir um arrepio percorrendo seu corpo. E diz que ele levanta a cabeça, e agora compreende tudo o que ocorreu. Enfim, aceita ir embora com a luz.

Este caso demonstra uma afinidade não apenas subjetiva, mas patente, entre o obsessor e obsediado. A relação não é de rancor, mas sim de paixão.

Felizmente, para o paciente, as regressões são momentos que mostram os fatos tal qual ocorreram, facilitando a compreensão dos obsessores e sanando mal-entendidos.

### Não aceitar a morte de um ente querido

Estabelecer sintonia espiritual significa ter certos tipos de pensamentos e atitudes entre dois seres que culminará numa relação de afinidade, atraindo-os mutuamente. Isto serve para espíritos encarnados ou não: basta notarmos em nossa volta, na sociedade, e perceberemos pessoas com ideais e objetivos mais ou menos parecidos formando um grupo, onde quem não se ajusta, acaba se isolando. Assaltantes geralmente se cercam de pessoas desonestas e aí formam o seu círculo de amizade; outros que vêem na filantropia uma meta, se unem em grupos voltados ao benefício do próximo. Se o espírito é imortal, logicamente que a atração, a afinidade, não se quebrará com a morte.

Conscientes disso, alguns povos orientais, ao invés de chorar a morte de algum parente ou amigo, pelo contrário, comemoram, pois entendem que eles superaram uma etapa mais difícil, a encarnação na Terra, e que a vida espiritual dá muito mais liberdade e alívio ao "morto". Saudades? Sim, sentem, mas acreditam que um dia todos se encontrarão, como espíritos.

Já no mundo ocidental, a morte é encarada pelo seu lado mais doloroso: a separação de alguém que se ama e a incerteza do que será o "lado de lá", trazendo mais sofrimento.

Este paciente se vê numa vida onde sofreu morte prematura, ainda criança, e acabou sentindo seu espírito impedido de partir para uma dimensão diferente da da Terra, devido à incompreensão da mãe, naquela vida, se recusando a aceitar o fato da perda do filho.

A sessão foi iniciada a partir da reclamação de meu paciente, que dizia ter passado a semana sentindo algo preso à garganta, como se alguma coisa estivesse entalada, além de ter dores na nuca. Iniciamos então o relaxamento, e em pouco tempo ele começou a descrever:

Estou numa sala com um jarro na mão, minha mãe deposita uma moedinha nele e o coloca em cima da mesa. Tenho mais ou menos dois anos de idade. Eu subo na cadeira, e pego o jarro, indo depois brincar no chão: gosto do som das moedas, quando fico sacudindo o jarro, e por isso me divirto tanto. Coloco uma das moedas na boca.

Começo então a sentir falta de ar. Engasgo, estou tossindo, minha mãe vem correndo, percebe que algo está na minha garganta, e entra em desespero. Dá tapas nas minhas costas, quer que eu cuspa a moeda, mas não sai, ela aperta a nuca e sinto uma dor enorme...

Acho que, sem querer, ela apertou demais, parece ter quebrado meu pescoço, estou vendo tudo fugir da minha visão, e desmaio. Minha mãe continua gritando, ajoelhada ao meu lado, mas eu já morri. Estou bem, e queria muito que ela se acalmasse. Falo que ela não tem culpa, porém não escuta. Chegam pessoas, que procuram controlar a situação.

A partir deste dia, ela vive triste e deprimida – a culpa está em seu pensamento. Meu pai procura ajudá-la, dar-lhe força, ele aceita melhor a perda, porém não adianta. Minha mãe fica desorientada, em acesso de raiva, rasga todas as notas de dinheiro que vê, não quer fazer mais nada, descuida da própria higiene.

Como a situação não melhora, meu pai vai ficando cansado e coloca alguém para cuidar dela. E eu permaneço junto a eles, muito triste pois não consigo ir embora. Sinto-me como se estivesse molhado com as lágrimas dela, e nada posso fazer. Ela realmente fica louca, não reage a mais nada, é como se sua cabeça estivesse em outro lugar, longe.

É curioso: parece que estou num berço, e alguém fala que não posso sair devido às lágrimas dela. Minha mãe não quer nem comer – mesmo sendo forçada, não aceita alimentos. Meu pai fica muito chateado com tudo isso, e acaba desistindo de procurar ajudar.

No pensamento dela, posso ver que sempre passa a mesma idéia: 'se eu não tivesse deixado as moedas lá, nada teria acontecido'. Agora vejo tubos no nariz dela, em casa mesmo, que depois são desligados. Minha mãe fica uma semana sem aparelhos, enquanto meu pai reza para ela morrer. E é isso o que acontece.

Finalmente ele pode ter mais liberdade, casa-se novamente e tem outros dois filhos. Meu pai sempre lembra de mim, principalmente quando olha para as crianças, mas é diferente: não há sofrimento, ele até se sente feliz.

Vejo agora uma moça me pegando nos braços, colocandome uma roupa seca e me acalmando: agora tudo vai melhorar. Sou levado para um lugar onde tem muitas crianças e fico bastante alegre. Recebo um brinquedo: um teclado de sopro, e me divirto...

O paciente não viu mais nada referente a esta vida passada, porém falou estar vendo o espírito da mãe, que estava próximo. Pedi a ele que falasse com ela, perguntando por que ela ainda estava presente.

Ela diz que me queria vivo, mas que eu não morri, estava apenas dormindo, e eu sou o único filho que ela tem.

Percebe-se aí a confusão em que este espírito se encontra – não entende que o paciente não é mais aquele espírito da criança que morreu; nem vê a própria morte. Começo explicando o que aconteceu. Mostro que o filho morreu, mas teve outras vidas e agora está novamente encarnado, e ela poderia também seguir este caminho – tendo a oportunidade de reencarnar novamente, se compreendesse o seu real estado. Com o tempo, e um pouco mais de diálogo, o espírito aceita partir.

Vimos que este tipo de obsessão também não se caracterizou por desejo de vingança, ou mesmo um sentimento negativo contra a pessoa (o paciente) – a sintonia estabeleceu-se devido ao sentimento obstinado de culpa, e a não aceitação do fato da morte do filho.

### O aborto trazendo a obsessão

Vimos que a sintonia de pensamento pode atrair espíritos, tanto desencarnados como encarnados, principalmente se a sintonia é fortalecida por relações originadas em vidas passadas, onde os espíritos tiveram experiências comuns, e na maior parte das vezes ficaram ajustes a serem efetuados.

Vimos que nem sempre estes espíritos, quando obsessores, são seres malévolos, altamente perniciosos: na verdade, obsessor, paciente, seres de luz, todos são espíritos — o que difere são os graus de evolução, adquiridos através da experiência, dos erros e acertos nas encarnações e também nos espaços fora da vida material, onde também se trabalha, estuda e aprende. Ser um espírito obsessor não significa estar muito longe da atual "escala" de evolução da humanidade, mesmo porque entre nós podem conviver pessoas capazes dos crimes mais hediondos, enquanto outras têm vidas quase santificadas — se existisse uma "escala", ela deveria ter centenas de graduações.

As regressões atestam que aquele mesmo paciente que está deitado no divã, pessoa com família, trabalho e comportamento mais ou menos normais para esta época, já teve encarnações onde cometeu crimes atrozes, atos bárbaros, amorais. A diferença é que, enquanto a barbárie era comum e aceita anteriormente (e presente ainda nos dias de hoje), deixou de ser para este determinado paciente, cujo espírito vem evoluindo e aprendendo através das encarnações sucessivas.

Conclui-se, então, que nada impede que o paciente de hoje possa ter sido um obsessor no passado. Nada mais lógico, pois o obsessor de hoje certamente estará mais evoluído amanhã. Nesse sentido, é comum haver regressões em que o paciente se vê como o próprio espírito obsessor – tal situação é condizente com o nível espiritual que ele possuía naquele determinado momento, como veremos no próximo exemplo, onde a paciente viu-se desempenhando este papel.

Um detalhe torna esta narrativa mais curiosa e instiga a reflexão sobre o tema aborto e suas implicações espirituais, pois entende-se que, a partir da existência de um feto, já há um espírito destinado a encarnar, espírito este que, provavelmente, possui necessidade cármica de ser gerado por esta mãe em especial, e o aborto pode provocar o adiamento do programa.

Estávamos procurando a causa da falta de ar constante que a paciente sentia. Ela havia até se inscrito num curso de mergulho, mas ao entrar na piscina ficou apavorada e, quando chegou a hora de entrar no mar, não conseguiu, teve muito medo de ficar sem respirar, e desistiu. Usando a frase "não posso respirar" como chave de abertura do inconsciente, em pouco tempo ela começou a narrativa:

Há uma mulher, ela é violentada e engravida. Revoltada, desesperada, pensa em me abortar. Não faça isso! – tento di-

zer a ela. Mas é em vão: o ódio contra o homem e contra mim é enorme.

Ela vai até um matagal, cutuca a vagina com algo pontudo, o sangue começa a sair. 'Se você fizer isso, não sei do que serei capaz', imagino. O ar começa a me faltar, quero respirar, não consigo, tenho ódio, pavor, estou morto. Ela sangra muito e desmaia. Depois, surge alguém que a auxilia, e com cuidados e o passar do tempo, ela se recupera.

Desejo me vingar de tudo isso. Junto-me a outros espíritos, que entabulam um pacto de fidelidade. 'Não há espíritos bons', dizem-me, enquanto prometem que haverá um tempo para a desforra.

Sem nenhum sentimento, começamos a interferir na vida das pessoas – onde há harmonia, criamos confusão. Sempre que podemos, deixamos o lugar onde estamos, que é frio, nos aproximamos da Terra e passamos a interferir.

Vejo neste momento uma mulher que vai engravidar. É frágil, descrente da vida, vou aproveitar esta gestação porque tenho vontade de destruir. Nasci e sou uma criança estranha, irrequieta e sensível – muitas coisas me incomodam.

Tenho por volta dos três anos, e odeio quando minha mãe quer me tocar. Sempre que ela procura estar comigo, choro muito. Ela me acha esquisito, e não consegue se aproximar. Não sou filho único – há uma irmã; também tenho pai, mas a relação com todos desta casa é muito difícil.

Os anos passam, agora estou com dez anos, e vivo fechado, sem amigos, acham-me doente, anormal. Desejo apenas ficar em casa, escondida das pessoas, e por isso acabo despertando a raiva de meu pai e o ódio de minha mãe. Não faz mal, não me importo nem um pouco com o que eles sentem e até faço questão de demonstrar meu mau humor e minha insatisfação.

Minha irmã acaba se casando e sai de casa, e ficamos nós três morando nesta casa. Uma idéia fixa começa a me perseguir: penso que poderíamos morrer nós três juntos. Morrer nós três, morrer nós três... a idéia vai tomando vulto, até eu planejar tudo: vou comprar veneno num bar, colocar na comida de todos nós, e será o fim.

E assim eu faço: no jantar, comemos todos a comida envenenada e vamos nos deitar. Pouco tempo é necessário até que os

sintomas comecem. Meu estômago está queimando, eu vomito muito sangue, meus pés ficam frios, penso que é melhor morrer... E assim eu morro.

— Volte para um momento passado antes de ter sido abortada – solicito – para entender porque tinha que passar por aquela experiência.

Eu mato pessoas com gás, é uma guerra, algo relativamente moderno. Eu as coloco numa sala com os pés e mãos amarrados, todos agachados, acumulo mais ou menos vinte de cada vez. Então, saio e ligo o gás. Imagino que para eles é uma morte tranquila. Depois, os corpos são retirados e queimados.

— Volte então para antes deste momento, veja como foi a sua infância...

Moro numa casa no campo, tenho família. Não somos pobres, tenho mais ou menos quatro anos. Vou crescendo, tenho agora por volta dos dez anos, e gosto de brincadeiras maldosas — minha irmã reclama, mas eu sinto prazer.

Sou jovem agora. Desejo ir para a guerra – é época de alistamento, e eu quero ingressar no exército. Sou convocado, e vou para longe, onde há conflitos. Lá, descubro que matar é muito simples. Os oficiais percebem que sou uma pessoa fria e cumpridora de ordens, e mandam-me para aquela sala. Sabem que não vou hesitar em obedecer.

Prisioneiros são trazidos, eu só faço o que me pedem. Certas vezes tenho medo de respirar o gás... Conforme o tempo vai passando, começo a sentir cansaço de tudo isso, não quero mais fazer este trabalho.

Imagino que eu poderia acabar com tudo, afinal, não há sentido na vida que levo. Decido entrar na sala e ligo o gás: quero sentir o que eles sentem. 'Tanto faz morrer ou não', penso. Sei que será uma morte rápida. Minha cabeça dá voltas, a mente vai ficando confusa, estou fraco, deixo-me recostar na parede, dobro meu corpo. Acho que foi melhor para eles e será melhor para mim também. Estou morto...

Ainda vejo o meu espírito. Ele está indo para um lugar onde tem bancos de pedras. É um local onde todos que aqui estão cometeram erros, e estão aprendendo. Ouvimos histórias e nos mostram fatos que ocorreram. Dizem que podemos ajudar as pessoas mas, em primeiro lugar, devemos ajudar a nós mesmos. Falam de amor – e os espíritos estão dizendo que nós nunca amamos.

Aquela mulher que será violentada precisa da criança, que serei eu. Eles dizem que se ela permitir, será bom para ambos. Penso que agora poderei ter a chance de amar, mas sei também que terei problemas com esta mãe, porque ela tem dúvidas, muitas dúvidas. Devo aprender mais, comentam.

Enfim, aconteceu tudo aquilo que já falei: fui abortado, e eles, estes seres, quiseram me ajudar. Mas eu não permiti — achei que iria amar pela primeira vez e me senti enganado quando ela não me quis. Escolhi então seguir aquele grupo de espíritos para poder me vingar.

Após a alta, a paciente finalmente conseguiu se livrar das queixas e, principalmente, da falta de ar que tanto a incomodava. No entanto, o importante, para o desenvolvimento do nosso capítulo, é entender o contexto onde o espírito, tomado por sentimentos destrutivos, vê na obsessão um caminho natural. Como foi dito, existem diferentes tipos de pessoas na Terra, e a lógica diz que, ao morrer, cada uma delas levará consigo as características e sentimentos que carregaram durante a vida – "o que foi caridoso, continua, depois da morte, a desejar o bem de seus semelhantes; o que foi malfeitor, continua a desejar todo o mal aos que ainda penam na Terra", diz Adolfo Bezerra de Menezes, em A Loucura sob Novo Prisma.

### A influência dos obsessores sobre o terapeuta

Compreendendo a obsessão como presença espiritual, envolvendo transmissão de energias que são capazes de influenciar o organismo, é aceitável que algumas sensações sejam percebidas pelo próprio terapeuta, quando um paciente se apresenta obsediado. O imaginário popular, sempre atento, definiu algumas reações de desconforto perante o mau-olhado

de alguém como "quebranto". Pigarro, bocejo, cansaço e sono, alterações nos processos fisiológicos, inclusive nos sonhos e na alimentação, significam uma troca de energia entre as auras, fazendo aumentar o consumo de oxigênio, interferindo no nosso ritmo respiratório. As relações entre contato com espíritos obsessores e mudanças no ritmo respiratório ainda não são claras, mas servem de exemplo para mostrar que a obsessão é capaz também de atingir o organismo de pessoas próximas, como é o caso do terapeuta.

Alguns autores também situam as secreções como doação de energia, energia condensada. O fluido se materializa e é nesse momento que a energia do terapeuta é doada para os obsessores – por isso existe a necessidade da proteção espiritual, para que se reponha essa energia.

De maneira geral, creio que as entidades obsessoras sempre exercem influência sobre o terapeuta, em níveis diferentes dependendo da "vibração" do espírito e da sensibilidade do terapeuta. Para que a vida diária não seja prejudicada é bom que haja sempre um preparo espiritual para que se possa separar as sensações provenientes do obsessor das que são de origem do terapeuta.

# Capítulo 6

## Problemas atuais – influências do passado

Pensar que a influência espiritual está envolvida em muitos dos problemas que se apresentam à humanidade não é incorreto. Os casos com os quais trabalho mostram que sintomas dos mais diversos – depressão, angústia, fobias, alergias, tensão pré-menstrual, frigidez, impotência, ansiedade, alcoolismo, obesidade, entre muitas outras – a maior parte das vezes estão relacionados com presenças espirituais.

Incorreto é culpar unicamente espíritos por algum problema que surge, culpar o "encosto".

Em Terapia de Vida Passada, verificamos que as "más companhias" são procuradas ou atraídas pela própria pessoa, devido à afinidade de pensamento, gostos, vícios, desejos, entre elas. De qualquer forma, sempre é mais proveitoso procurar avaliar uma situação sob vários ângulos, com a mente aberta para reconhecer seus erros, e então, com certeza, outras causas de um determinado problema – seja sintoma físico ou emocional – surgirão.

### Sintomas, doenças: culpa de quem?

Que não é de um espírito que se aproxima atraído pela afinidade, somente, não é. Mas que existe essa influência, e muitas vezes ela agrava os sintomas, isto é correto.

O saneamento moral tonifica a saúde espiritual, dificultando a sintonia com espíritos pouco evoluídos. No entanto, laços de outras encarnações, desvios de conduta, insistência em pensamentos desconexos enfraquecem as "defesas", tornando-nos vulneráveis à aproximação desses espíritos — os pacientes no meu consultório atestam que esta é uma situação até corriqueira, e embora seja muito incômoda, quando bem trabalhada e

entendida pode ocasionar momentos de grande crescimento, tanto para o espírito obsessor como para o obsediado.

Por outro lado, quando não existe a vontade do indivíduo em mudar seus hábitos e atitudes que estão provocando a sintonia com o obsessor, a situação tende a se agravar, principalmente porque é difícil perceber a influência que uma mente exerce sobre a outra: o espírito (que pode ser inclusive encarnado) costuma realçar os impulsos e vícios de forma que, geralmente, o influenciado acaba pensando que é apenas uma sensação dele mesmo. Assim, a pessoa que tem tendência à agressividade, sente na inconsciência uma incitação à violência, fazendo-o ver insultos onde não existem, irritação em momentos desnecessários, impaciência, e assim por diante.

Quem tem dificuldade em controlar a libido, vê em cada ser do sexo oposto uma oportunidade de acasalamento. O obsessor, neste caso, funciona como o colega do escritório, que diz: "Eu daria tudo para sair com ela, hoje à noite... E você?"

Sem esquecer que a influência é sempre recebida pelo pensamento, é fácil imaginar que pode haver obsessão em qualquer situação: desde a discussão do casal por um motivo banal, passando pela compulsão em fumar, comer ou beber, chegando até os casos mais graves, como suicídio e homicídio.

Vou reafirmar que influência espiritual não pode ser colocada como única responsável por determinado sintoma. Um exemplo tão comum nos dias de hoje é o *stress*. Este mal que atinge grande parte da população no mundo inteiro é um exemplo natural e comprovado de um problema provocado por vários fatores e que, em caso extremo, desencadeia outra série de conseqüências. Assim, o ser humano, submetido a um ritmo de trabalho e de vida muito mais intenso do que pode agüentar, está sujeito a irritabilidade acima do normal, insônia, redução da resistência física, aceleração dos batimentos cardíacos, alta da pressão arterial, aumento da produção de ácidos do suco gástrico, problemas sexuais, entre outros. É o que a medicina reconhece como sintomas decorrentes do *stress*.

Por coerência, deve-se acreditar que apenas a vida estafante – que é, sem sombra de dúvida, profundamente perniciosa à saúde – não pode receber inteiramente a culpa pelo *stress*, pois cada um de nós é um espírito, que pode ser mais ou menos paciente, compreensivo, tenaz, indolente, e assim por diante. Aceitar as dificuldades do cotidiano de uma forma mais tranqüila ou, pelo contrário, fazer tudo com mau humor, má vontade, é uma questão pessoal.

E são justamente estas características de comportamento que darão a abertura ou não para espíritos obsessores. O problema é que, muitas vezes, o cidadão é levado a crer – e até gosta da idéia, porque é mais cômoda – que a causa de determinado problema está fora do seu controle. Esse seu problema é genético, diz o especialista, mesmo sem ter certeza do que está dizendo.

O mau humor – que citei como uma questão pessoal, ou seja, que cada um pode procurar controlar e modificar a partir de um esforço próprio – está associado ao *stress*, como também pode estar associado à depressão e à distimia. Esta última doença, definida como depressão crônica de baixa intensidade, é caracterizada pelo desânimo, tristeza, irritação, ansiedade e insegurança – são os "antipáticos compulsivos" que, diferente de quem é depressivo, não possuem altos e baixos no quadro clínico: o mau humor é constante. Devido à ciência ter descoberto que o nível de serotonina (substância presente entre os neurônios, nas plaquetas do sangue e na parede do intestino) no organismo está relacionado com depressão, insônia e ansiedade, pressupôs-se que ela é culpada por estes estados. Pergunto: e o ser humano, no controle de todo o organismo, qual a responsabilidade dele?

Outro exemplo, que tanto preocupa e assusta a sociedade moderna, é o aumento do consumo de drogas. Culpar obsessores, o traficante ou amigos que se drogam pelo vício não é correto. Alguns setores da ciência buscam encontrar um gene responsável pelo vício, mas ainda nada foi encontrado.

O que se sabe de concreto sobre a tendência da pessoa em usar drogas vem de pesquisas recentes, realizadas pela Fundação Oswaldo Cruz, do Brasil, Universidade do País Basco, da Espanha e a Universidade de Los Andes, da Colômbia. Tais estudos mostraram que a inclinação para o vício começa em casa. Após pesquisa entre jovens viciados e outros que, submetidos aos mesmos apelos, não se viciaram, concluíram os especialistas que a presença de alguém como modelo, imposição de limites ao jovem, regras morais e religiosidade, diálogo entre pais e filhos, participação de todos nas atividades da família, entre outros itens, foi a "vacina" que imunizou jovens do vício.

Isto também representa o saneamento moral citado, que dificulta a presença de obsessores. Por quê?

Podemos inferir que a energia envolta neste ambiente de compreensão, respeito e cumplicidade é mais poderosa que o apelo do prazer instantâneo e fugaz dos tóxicos. Não devemos nos esquecer de que o pensamento é a "mola" propulsora das nossas atitudes, é a energia básica para tudo que iremos desempenhar, e também tem o dom de aglutinar, atrair pensamentos semelhantes. Esta família que acolhe e ampara, sem dúvida estará emitindo pensamentos construtivos, responsáveis, e neste ambiente é mais fácil bons espíritos – encarnados ou não – serem atraídos, unidos pelos mesmos sentimentos.

Já a pessoa envolvida profundamente com drogas, ou em situação de *stress*, não pode estar emitindo pensamentos positivos, sublimes, porque estará tomada por sentimento de insatisfação, egoísmo, revolta, impotência – conseqüentemente, espíritos afins serão atraídos.

Dessa forma, podemos listar uma extensa relação de sintomas psicossomáticos onde existe a abertura para a aproximação obsessiva – não importa se, aparentemente, o sintoma é grave ou não.

### Instabilidade profissional

Os casos que vou expor a seguir foram selecionados com o objetivo de mostrar a variedade de queixas dos meus pacientes que, em maior ou menor grau, estavam relacionadas com influência espiritual, percebida durante a regressão no consultório.

Para quem olha de fora, às vezes imagina que obsessão só pode ocorrer de forma tenebrosa, em situações que envolvem crimes e vinganças terríveis. A realidade, no entanto, é um pouco diferente: aquelas instabilidades que temos diante de algo que nos contraria; a irritação que se avoluma mesmo quando não há muito motivo; impulsos contrários a nossa vontade... Em fatos aparentemente sem importância pode-se detectar influências externas, sem ser necessário achar que o "belzebu" vai surgir a qualquer momento.

A principal queixa deste rapaz era não conseguir criar vínculos em nenhum emprego, mesmo atuando na área que escolheu como carreira: a publicidade.

Já havia passado por inúmeros empregos e na semana em que decorreu esta sessão, estava justamente iniciando um novo trabalho, onde foi incumbido de organizar o lançamento de uma campanha publicitária.

Desde que se formara não conseguia nem sequer gostar da carreira que havia abraçado. E neste último emprego, então, o pânico era total: o jovem não conseguia dormir nem comer, sentia sintomas como secura na boca, calafrios, estava prestes a abandonar o trabalho, sem coragem de voltar ao escritório.

#### Então fizemos a regressão:

Sou um político, estou em um palanque. Isto tudo é uma enganação, eu sou uma fraude. Fui colocado aqui para ser manipulado, eu quero acabar com isso, mas se eu falar a verdade, eu morro. O povo está na miséria. As pessoas passam fome e acreditaram nas promessas que fiz. Aquelas que me ajudaram só pensam em roubar, ganhar dinheiro.

Olho para o lado, eles me dizem para eu falar o de sempre, parece que percebem que eu estou diferente. Vejo a morte nos olhos deles – porém, vou enfrentá-los. Vejo as pessoas à minha frente, logo abaixo, e grito que eles estão sendo enganados. Cito nomes, falo os desvios que estão acontecendo, peço à multidão para me ajudar, e neste momento estou sendo agarrado pelos outros políticos corruptos.

Procuro me debater, há um burburinho percorrendo os presentes, alguns populares procuram invadir o palanque, começa uma luta entre civis e soldados, enquanto sou arrastado para fora dali, em meio a socos e pancadas...

Sou jogado dentro de uma casa, eles vão me enforcar. Procuro reagir, lutar, porém não há o que fazer, eles são muitos e eu estou dominado.

— Você é um canalha, fraco, covarde, e vai morrer por isso! Gritam os algozes, enfurecidos.

Passam uma corda pelo meu pescoço, amarram-na no madeirame que sustenta o telhado, e me penduram. A corda fica tensa e vibra com o meu corpo estrebuchando. Estou morto. Um pano escuro e grosso é colocado sobre meu cadáver, e sou levado para uma carroça. Devia ter uns 32 anos.

— Volte para antes desta situação. Como foi a sua infância? – perguntei.

Sou um menino pobre, minha casa é bem simples, tenho pai e mãe e um irmão mais velho – ele tem 10 anos, e eu, 5. Desde pequeno sou ambicioso, quero ser alguém importante.

Minha mãe percebe isso, e incentiva:

— Quero que você seja uma pessoa de sucesso! Preconiza.

Na verdade, ela também está cansada de ser pobre, e vê no meu futuro uma chance para melhorar de vida. Vou estudando, sou orientado para ser um político, porque tenho facilidade como orador, e sou um líder. O problema é que não gosto muito de estudar – penso que existem maneiras mais fáceis para alcançar o poder, sem precisar perder muito tempo.

Tenho agora por volta dos 17 anos, e já estou envolvido com pessoas que podem me ajudar numa futura carreira política. Há um amigo, uma pessoa que cresceu comigo, ele me acompanha nos planos e na ambição – queremos mudar do lugar onde moramos, vamos traçando estratégias para ingressar na vida política, procuramos nos aproximar de pessoas influentes...

Conseguimos dinheiro com alguns políticos influentes, não tenho nenhum escrúpulo em selecioná-los: se são honestos ou não, tanto faz – o que importa é até onde eles podem me levar.

No começo, não tenho sorte, não consigo nenhum cargo. Eu e meu amigo não desistimos: vamos buscando mais dinheiro e então um político mais velho e experiente me conhece, sente meu potencial, e começa a investir na minha carreira.

Passo a frequentar locais para fazer a minha imagem, durante três anos vamos trabalhando este lado, viajando pelas vilas, conversando com o povo, deixando que todos me conheçam. Sempre financiado por um dinheiro que depois eu descobri ser subtraído dos impostos. Tornei-me um líder respeitado, digno de confiança.

Faço muitos comícios, e neles exalto a minha intenção em eliminar a miséria, o meu compromisso com o bem-estar de todos, sou sempre aplaudido e me sinto poderoso. Porém, ainda sou jovem, e finjo uma estrutura que não possuo. Só que o meu caminho não tem volta. Sou eleito, sinto-me vitorioso, fazemos uma festa pela vitória, bebemos e jogamos. Talvez motivado pelo álcool, começo a sentir um vazio dentro de mim e a impressão de que tudo não passa de uma grande farsa. Falo aos companheiros que estou indisposto e me retiro.

Mesmo não gostando muito do que faço, encobrindo os constantes desvios de dinheiro debaixo do meu nariz, também me aproveito economicamente: tenho uma casa melhor, finalmente minha mãe vê realizado o sonho que a tanto tempo perseguia – não é mais uma miserável.

A minha consciência, pouco a pouco, vai me incomodando mais e mais. Chego certa vez em casa e digo para minha mãe que tudo é uma mentira. Mal tenho tempo de acabar a frase — levo um violento tapa no rosto.

— Não seja idiota! Este sentimento seu vai passar.

Olho para ela, vejo meu pai, que resmunga:

— Eu sabia onde isto iria parar... Ela sempre te dominou.

Era verdade. Apesar de submisso, meu pai tinha consciência, percebia que minhas motivações, e as da minha mãe, não eram honradas. Vou para meu quarto, fecho a porta, penso em todo o dinheiro que estou ganhando, enquanto o povo vai sendo enganado e começa a cobrar providências, pois eu prometera demais.

Sinto-me pressionado. Acho que não vou agüentar, preciso tomar uma decisão. Durmo, exausto e aflito. Acordo com meu pai anunciando que os políticos estavam em casa, e queriam conversar.

- Estão te aguardando!
- Já vou, pai. Penso no que fazer, procuro recompor minha imagem e auto-confiança, para que eles não percebam meu estado.

Desço as escadas, vejo todos me olhando com aquela satisfação e cumplicidade dos desonestos, cumprimento-os e marcamos uma reunião. Nela, procuro expor minhas idéias, digo que estou sendo pressionado pelo povo para tomar medidas eficazes contra a miséria:

- Deveríamos usar melhor o dinheiro que captamos! Lanço a idéia, esperando o retorno.
  - Isso mesmo, colega! Vamos ajudar os pobres!

Ele estava brincando. E cai na gargalhada. Todos riem, não me levam a sério e pensam que estou fazendo uma piada também.

Outras reuniões ocorrem, porém são muitos os que me cercam, e estão interessados apenas nos projetos pessoais.

Não sei o que fazer. Em casa, só posso dizer as coisas para meu pai, que me ouve, mas não opina, porque é simples e sem muita cultura. Ele tem o costume de voltar constantemente a nossa casa antiga, e lá o encontrei certo dia, e fui dizendo:

— Pai, acho que será a última vez que você irá me ver. Eu sei qual é o meu destino e você também sabe. Vou ter que fazer alguma coisa.

Ele me abraça, faz um café, chora e me abençoa. Com suas palavras simples, diz que Deus sabe o que faz.

Estou arrependido de tudo o que fiz, de toda a minha luta por um poder sem sentido, mas sei que não adiantava chorar, não havia mais solução. Percebo que os pais desta vida passada são os mesmos que tenho hoje, na vida presente.

Vou ao encontro dos políticos, estão todos felizes com as conquistas de novos espaços. Procuro disfarçar meu estado de espírito, tomo um conhaque e peço a lista dos compromissos para o dia seguinte. Vejo que terei que fazer algumas visitas em vilarejos, e escolho o mais povoado para o início do dia – eu iria falar a verdade. Invento uma desculpa qualquer por ter escolhido aquele lugar, todos aceitam. Tenho a sensação de que vou morrer, e penso no meu pai.

A noite está escura. Da minha cama, ouço cada som provocado pelo vento, meus pensamentos estão em redemoinho, não consigo dormir. Vejo o dia clarear, o sol vai nascendo, esse é o último dia da minha vida. "Não realizei nada...", constato, decepcionado. Tomo um banho, me arrumo, desço.

Lá está minha mãe, preparando a refeição. "Ela em nada me ajudou – a nossa ambição nos destruiu." Fora de casa há uma carruagem me esperando, dois conselheiros me esperam.

Eles notam que estou diferente:

- Por que você está tão pensativo?
- É nada. Hoje é um dia decisivo...

Eles sorriem, e não entendem nada. Viajamos durante três horas. Chegamos no lugar, há muita gente, todo um aparato para receber a comitiva. Observo as mulheres jovens. Penso que fui infeliz em não poder casar com nenhuma delas.

Vejo que o palanque foi montado numa pequena elevação, de onde poderei observar todo o povo. Perguntam-me se estou preparado para o comício e respondo que sim.

— Será um dia decisivo – comento, enigmaticamente.

Respiro fundo, subo os degraus apavorado. Do alto, fico uns minutos parado e de súbito disparo todas as verdades:

— Vocês estão sendo enganados por estes homens que aqui estão! Gritei, apontando meus ex-colegas.

No começo há perplexidade de ambos os lados, e aproveito para continuar a denúncia, enquanto ninguém reage.

— Peguem nas armas. Matem estas pessoas que usam o dinheiro dos impostos apenas para enriquecer!

Enquanto os políticos me puxam, tentando me calar, vou gritando que é tudo uma mentira, que fui manipulado por eles e que não pude fazer nada em benefício da população porque não me deixaram. Vou sendo arrastado, mas vejo que a massa está se revoltando. O homem velho que foi meu mentor intelectual olha-me com ódio, e manda me matar. Meus braços estão presos, mas o medo e a excitação faz com que eu continue a berrar:

— Vocês vão pagar por isso, vão todos morrer também.

Sou pendurado na corda e em pouco tempo estou morto. Penso que gostaria de estar com meu pai, e me arrependo de tudo.

Vejo meu corpo balançando e também percebo que a rebelião se espalhou. Enquanto colocam meu corpo numa espécie de charrete, o povo se aproxima, entra no recinto e mata todos que ali se encontram. A turba em fúria age brutalmente, esfaqueando, espancando, desfigurando as pessoas, que nada podem fazer.

Deste povo, no mesmo dia, surge um líder honesto, que trabalhará realmente pelo bem-estar de todos, coisa que eu deveria ter feito, mas nunca tive coragem.

— E você não vê mais nada? – pergunto.

Sim, sinto como se aquele velho estivesse aqui.

— Veja o que ele quer. Tente falar com ele – peço.

Em pouco tempo, o paciente passa a falar com um tom diferente de voz, denunciando que as palavras partiam de outra fonte:

— Que você pensa, idiota? Você não vai se dar bem em nenhum trabalho. Se fosse esperto, poderia ter conseguido tanta coisa como político, mas nem isso conseguiu, não é mesmo? Tinha que trair a todos, me assassinar... Estou vivendo muito próximo deste plano, e há muito tempo não largo de você. E sei exatamente onde te pegar: nesta sua falta de confiança, incapaz!

Fui dialogando até conseguir que houvesse o desligamento entre o paciente e o espírito. Todavia, tinha outro obsessor, mais um daqueles políticos que morreram na revolta. Ele, durante o diálogo, afirmou o mesmo ódio contra o paciente, e esclareceu que o novo patrão a quem ele deveria prestar serviço também era um deles que reencarnara. Isto explicaria a energia negativa que dificultava o desenvolvimento do trabalho.

Percebemos que esta vida passada foi caracterizada fortemente pela sensação de incompetência, frustração e traição, sentimentos que estavam enraizados no inconsciente do rapaz, impedindo-o de se sentir satisfeito com qualquer trabalho que fizesse. Unidos a esta sensação, os obsessores estabeleceram a sintonia, acabando com qualquer tentativa de recuperação que o jovem ousasse tentar.

Logicamente, outras vidas passadas percorriam o mesmo histórico de baixa estima. Mesmo assim, o paciente ainda afirmava que tinha a sensação de pânico. Procurei, então, algum momento passado que pudesse ter relação com o medo excessivo e ele percebeu esta vida:

Estou num barco remando, solitariamente. Sou um homem, moro numa aldeia, tenho cerca de 30 anos de idade. Chego em casa, moro com minha mulher e filhos.

Eles me esperam, felizes. Vivo da pesca no rio, meu lar é uma cabana que eu mesmo construí, e tenho paz. Certo dia chegam exploradores armados, querem minhas terras.

— Cheguei primeiro, isso tudo aqui é meu! Respondo. Se quiserem, vão para baixo do rio, lá podem ficar...

Eles não estão nervosos, mas dizem que eu tenho que sair. Na verdade, onde moro há ouro, e é por isso que eles querem ficar. Eles dizem que vão retornar no outro dia. Fico apreensivo – não consigo dormir, temendo alguma coisa ruim.

Sinto cheiro de queimado. A casa está pegando fogo! Preciso tirar meus filhos! A fumaça me sufoca, está muito quente, pulo pela janela, o fogo consome a casa de madeira rapidamente, só eu me salvo.

A vida perdeu o sentido. Estou no meio do mato, desolado, sei que aqueles forasteiros são os culpados, e sinto um ódio mortal. A floresta é minha moradia, e durante uma semana preparo armadilhas para pegá-los. Conheço cada quebrada, cada igarapé, sei preparar veneno.

Volto até o terreno onde era a minha casa. Os assassinos estão lá, em volta de uma fogueira. Faço barulho propositadamente, eles se separam para me pegar. Os homens não conhecem a região, vou matando um a um. O último enfrento em luta aberta, quando vejo que ele não tem mais munição.

- Vou acabar com a sua raça, maldito! Você matou minha família!
  - Eu também tenho família. Não me mate!

Vejo-o como um verme, e não tenho piedade. Enfio a faca na barriga dele, várias vezes.

Depois da minha vingança, vou viver no vilarejo. Mas não tenho mais paz: a solidão e o desespero me dominam, começo a ter medo de tudo e me desespero. Eu amava minha família, não encontro mais motivação em nada, começo a mendigar e vou enlouquecendo. Conforme o tempo passa, vejo os espíritos dos que matei me perseguindo: eles querem vingança, querem que eu morra.

Estou louco, minha saúde está por um fio. Não sobrevivo muito tempo.

- Mais alguma coisa?
- Sim, há o líder daqueles forasteiros. Ele está aqui, e diz querer acabar comigo.

Mais uma vez, inicio o diálogo e, através do paciente, vou explicando ao espírito que a situação não corresponde mais à realidade. Mostro que o rapaz que está ali, deitado no divã, já evoluiu e está se desprendendo destes elos do passado, e não há mais como o espírito querer ficar ali. Digo que ele também pode seguir o mesmo caminho de evolução e, depois de alguma insistência, consigo fazer com que ele parta.

O leitor pode verificar que a obsessão se instala aproveitando os pontos fracos da pessoa e, assim, tanto a conjuntura proveniente das vidas passadas como as características de personalidade acabam levando a resultados desagradáveis.

### Neurose obsessivo-compulsiva

Como último recurso, os pais desta adolescente me procuraram, pois não sabiam mais como tratar a neurose da filha, dificultando a vida dela ao máximo. Desde os onze anos de idade, ela adquirira comportamentos estranhos e obsessivos com relação à higiene e à alimentação, temendo poder cair doente devido a alguma infecção ou contaminação improvável.

Para a infelicidade da moça, os sintomas não paravam por aí. Constantemente era acometida por dores nas costas e dor de cabeça; a insegurança, baixa estima e conseqüente sentimento de fazer tudo errado dominavam suas atitudes; tinha medo de altura; vergonha e medo de ser machucada ou magoada pelos outros; tensão pré-menstrual complicada e dolorosa; enfim – depressão. Apesar de tudo isso, ela acreditava na sua melhora, era uma moça meiga e estudiosa, e necessitava de auxílio para poder se desvencilhar de tantos problemas.

Surgiram 29 obsessores e foram sendo desligados, durante os quatro meses que durou a terapia da jovem. Quando ela recebeu alta, cinquenta e duas vidas passadas revividas, não sentia mais os sintomas, estava feliz e cheia de planos, como é normal para uma adolescente de 15 anos.

Este foi um caso incomum, devido à complexidade e espantosa velocidade na alta. A reprogramação cármica da paciente, o desligamento dos problemas gerados em outras vidas, o afastamento dos espíritos perturbadores, a força de vontade da jovem, e a dedicação e carinho de toda sua família levou a uma melhora que, de forma geral, é procurada através de tratamento psiquiátrico e administração de psicotrópicos durante longos períodos, nem sempre com resultados satisfatórios.

Não quis relatar a regressão completa porque seria difícil eleger uma ou duas vidas passadas que pudessem representar a origem de diversos sintomas, mas achei importante citá-lo por dois motivos: em geral consideram-se como causas da depressão a predisposição genética, um evento estressante, lesões na cabeça e doenças com disfunção da tireóide. No caso citado, se for tomada apenas a vida presente, não houve nada disso. Mas, se aceitarmos a idéia da vida passada, veremos que tudo isso ocorreu, mas em outras vidas. Além disso, havia a obsessão...

Assim, fica difícil acreditar que a depressão, euforia e fobias em geral têm causas exclusivamente físicas, originadas devido à falta ou ao excesso de substâncias químicas no sistema nervoso, como quer a psiquiatria ortodoxa. Seduzidos pela propaganda e induzidos pela facilidade de tomar um medicamento ao invés de mudar um hábito para melhorar o

sintoma, as pessoas passaram a se entupir de antidepressivos e tranqüilizantes, indicados até para o tratamento de obesidade, asma, enurese noturna, cólicas menstruais, dores na coluna, entre outros. Alguns psiquiatras não hesitam em prescrever antidepressivos para crianças a partir dos cinco anos de idade.

Não se deve negar os contínuos avanços que a medicina obtém no tratamento de doenças infecciosas e de diversos tipos de câncer, por exemplo. Mas também não se pode negar a eficácia de técnicas, como a acupuntura e a homeopatia que, junto ao corpo físico do paciente, vão além e buscam no desequilíbrio do corpo energético as causas de determinados sintomas. A Terapia de Vida Passada, como instrumento psicoterápico, atinge os sintomas ao trabalhar diferentes níveis de consciência do paciente, demonstrando também a relação doença, corpo e espírito. Creio que tudo isso deve ser levado em consideração, além de não esquecer de que a influência espiritual pode trazer grandes conseqüências para a pessoa perturbada, e isto geralmente não é aceito pela medicina tradicional.

Segundo o professor Carlos Toledo Rizzini, na obra *Evolução para o Terceiro Milênio*, "instalada, a obsessão deve ser considerada primariamente como uma forma de demência, uma psicopatia. As funções mentais alteram-se pela ação intencional ou inconsciente de outra mente; a razão declina, a vontade enfraquece, os sentimentos deterioram-se, os hábitos mudam etc. ... Provoca ainda instabilidade emocional, razão de choro, raiva, riso, ansiedade, apatia e fúria, sem motivo aparente, bem como sentimentos de culpa".

Enfim, o que foi colocado não quer dizer que a farmacologia não tenha nenhuma serventia. Há casos em que é necessária a administração de medicamentos, principalmente nas crises para ajudar no tratamento como um todo. Muitos de meus pacientes, quando iniciam a terapia, já utilizam alguma medicação que será eliminada pelo médico à medida que melhorarem. Imagino que o mal maior seja a quantidade de comprimidos e o tempo que eles são administrados – as conseqüências são conhecidas. São muitas as narrativas de pacientes que falam do mal-estar ocasionado por alguns tipos de remédios, em virtude de serem fortes e apresentarem muitos efeitos colaterais. Este é mais um motivo para que estes pacientes busquem formas alternativas de tratamento.

### Desarmonia conjugal e depressão

Este paciente estava casado há bastante tempo, quando me procurou. Segundo contou, o relacionamento conjugal estava muito bom, até

que, por volta de dois meses antes desta consulta, começou a desconfiar que a esposa não gostava mais dele e iria traí-lo. Na realidade, ele sabia que isso não era verdade e que não havia motivos plausíveis para acreditar nesta hipótese, porém a idéia fixa o perseguia, tornando-se uma obsessão. Resultado: o casamento começou a ficar comprometido, brigas se sucederam, o paciente estava sempre nervoso, e a vida do casal virou um inferno.

Buscando abrandar a tensão que o corroía, o rapaz foi procurar alívio na acupuntura. A terapeuta era uma pessoa sensível, e disse a ele que o problema era obsessão espiritual, indicando um centro espírita kardecista. Ele aceitou a sugestão, e começou a freqüentar as reuniões, onde lhe disseram que realmente havia uma obsessão, resultante de uma vida passada em que ele vivera com a esposa. E ali estava ele, na minha frente, desestruturado com toda a situação que, conscientemente, ele não desejava.

Iniciamos a terapia, buscando encontrar alguma explicação para o fato de uma relação estável começar a ter problemas sérios, sem haver uma razão aparente para isso. E o paciente viu a seguinte vida:

Moro numa casa grande, tenho mulher e criança, eu gosto muito deles. Sou homem. Trabalho com madeira, fabrico móveis. Nessa fábrica eu tenho escravos e mantenho um capataz para cuidar deles, fazer com que eles produzam cada vez mais. Sou uma pessoa gananciosa, ávida por dinheiro.

Tenho uns cinquenta anos. Minha relação com ela e com meus filhos é muito boa, nos entendemos bem. Mas tenho problema com os escravos. Estou sempre brigando, gritando ao capataz para controlá-los melhor, dar um jeito de aumentar a produção de móveis, e este funcionário pressiona os escravos, batendo com chibata e acorrentando-os, quando não obedecem.

A vida deles não é fácil. Estão sempre apanhando. Certa vez um deles vem falar comigo, pede clemência, pois estão todos muito cansados e não agüentam trabalhar no ritmo que eu exijo. Olho nos olhos dele e sei que está falando a verdade. Sinto dó deles todos, mas nada falo – devo demonstrar a minha força, minha superioridade. Viro as costas e vou embora.

Pedi ao paciente que voltasse para antes desta fase dos cinquenta anos, e visse como foi a vida dele...

Moro numa fazenda. Ela é do meu pai. Tenho uma infância normal, vou crescendo, meu pai é bom para mim. Estou com dezoito anos, e vou com ele ao mercado de escravos, ver como ele negocia. Sou ensinado como escolher, ver os mais fortes... Entendo que a vida deles é horrível, não gosto muito desta situação, porém não falo nada ao meu pai, com medo que ele me ache um fraco. Pouco tempo depois conheço minha esposa, ela é filha de um fazendeiro.

Nós nos casamos e estamos felizes. Ela vem morar na casa da fazenda, não gosta do jeito que são tratados os escravos, e pede que eu não permita mais a violência.

— Isto é necessário. Só assim eles trabalham – retruco, sem deixar espaço para discussão.

Quando tenho por volta dos trinta e cinco anos, meu pai morre, e deixa todas as propriedades para mim. Eu assumo tudo, e ajo como ele me ensinou. Meus filhos nascem, crescem, eu vou cuidando de tudo e o tempo vai passando.

Estou andando a cavalo, sinto uma dor aguda no peito, vejo que vou cair, e quando meu corpo bate no chão, já estou morto.

- Você ainda vê alguma coisa com relação a esta vida?
- Sim, diz o paciente. Vejo um espírito.
- Quem é ele. O que ele quer?
- É aquele escravo que veio pedir melhor tratamento e descanso. Mas ele não está só. Há muitos escravos com ele, todos estão me olhando fixamente, com expressão de ódio. Ele fala que quer me destruir, quer o meu fim e o da minha esposa também. Fala que não foi justo o que nós fizemos com eles e que merecemos morrer, pois este capataz é minha esposa da vida presente.

Conversei bastante com este espírito e com os outros, explicando a lei de causa-e-efeito, a reencarnação e, por fim, o desligamento.

O leitor pode entender que a obsessão, exclusivamente, causou a desconfiança do paciente em relação à esposa (nesta vida presente), trazendo dificuldades para o casamento, gerando brigas e desacertos. Isto é real, porém era uma prova para ambos frente ao que fizeram na vida passada. É necessário dizer que outras vidas também estiveram relacionadas com comportamentos e pensamentos do paciente, que igualmente influenciaram no problema conjugal.

Contudo, esta vida passada representou uma nova fase no relacionamento do casal que, pouco a pouco, voltou a se entender. E a terapia continuou. Continuou porque outros sintomas ainda não estavam completamente resolvidos, sendo que um deles, a depressão periódica, o estava incomodando profundamente. Vimos outra série de vidas, inclusive com a sua esposa e encontramos a presença de outro obsessor:

Estou dentro de uma barriga, iniciou o paciente.

Ela vai me abortar, eu não vou nascer! Meu Deus, não faça isso, deixe-me nascer... A mulher que seria minha mãe não me quer. Ela mora com um homem, mas ele é bêbado, bate nela, e por isso vai me abortar, não quer ter nenhum filho.

Ela está na casa dela. Junto à cama, há uma outra mulher, que fará o aborto. Ela introduz uma agulha comprida, sinto muita dor no coração, há muito sangue, minha mãe chora, sente também muita dor...

Nós dois morremos...

O paciente relata estar vendo um espírito ao seu lado. Não é a mãe, entretanto. É a mulher que fazia os abortos. E ele fala:

Ela diz que veio pedir perdão, porque está sofrendo muito. Diz que nunca parou de sofrer, por ter realizado muitos e muitos abortos.

Perguntei se ela nunca havia recebido ajuda dos espíritos de luz e ela respondeu por intermédio do paciente:

Não, eu nunca aceitei. Eu não mereço ajuda. Eu estou ao lado dele porque senti que ele também estava mal, deprimido, e então me aproximei. Antes eu apenas vinha e ia embora, mas depois que ele começou a se sentir aflito, eu fiquei aqui. Eu tenho dó dele, ele chora muito, como eu, e ficamos ambos tristes.

Este exemplo de obsessão novamente nos leva a pensar na facilidade como as pessoas depressivas podem agravar o seu estado, pelo simples estado de vibrarem numa sintonia onde predomina o desânimo, o sentimento de incapacidade, de falta de valor. Este obsessor só se aproximou porque sentiu que o tipo de pensamento era favorável. O paciente tornou-se vulnerável à obsessão.

"O estar transtornado, deprimido, amedrontado, enciumado ou invejoso são venenos que alteram a cor da aura para cores escuras e desagradáveis — e a desaceleram. Quanto mais fortes forem as emoções negativas, tanto mais fraca será a sua proteção!

É imperativo que você se mantenha no estado de espírito mais positivo possível, com a vida equilibrada em relação ao trabalho, ao lazer e ao repouso. Os espíritos entram numa aura enfraquecida com a mesma facilidade com que uma pessoa atravessa uma porta aberta", alerta a psicóloga norte-americana Edith Fiore, em sua já citada obra Possessão Espiritual.

#### Dermatite gerada pela proximidade espiritual

Com uma alergia que havia resistido a todos os tipos de tratamento dermatológico, o Sr. Orlando veio me procurar, buscando em vidas passadas a origem do problema que, periodicamente, ressurgia com toda a intensidade, deixando suas mãos cheias de "bolinhas".

Vimos várias vidas passadas que, em algum ponto, tinham relação com a alergia, mas esta, em especial, marcou o tratamento, devido ao contato espiritual curioso e esclarecedor.

Sou um homem, tenho meia idade, estou numa casa onde tem uma sala, uma cozinha, um dormitório, é tudo de madeira rústica.

Estou folheando um livro, quando subitamente fico afobado ao encontrar algumas anotações, pego uma capa e um chapéu e saio rapidamente. Há uma carroça e um cocheiro, falo a ele para andar rápido e, quando chegamos ao destino, procuro saltar com

agilidade, porém a idade não permite. Acabo escorregando, tropeço na calçada e caio, batendo a cabeça violentamente no chão. Sai muito sangue do lado esquerdo, percebo que muitas pessoas estão a minha volta. Já não estou mais no corpo, estou morto.

— Veja então o que ocorreu na sua infância, como foi a sua vida até este momento da morte...

Moro com minha família, tenho uma vida tranquila durante a infância.

Estou agora com 15 anos, escrevo, faço algumas anotações, tem uma sala ampla onde escrevo, não é minha casa, parece uma repartição. Estou fumando um cigarro e conversando com uma mulher, que veste um casaco vermelho.

Eu me caso com esta moça, e vamos morar numa casa pequena. Eu tenho novas idéias, sobre construir uma casa maior, e ela fica muito contente.

Depois, a casa fica pronta, tem chaminé e lareira, e já temos dois filhos – eles estão mocinhos.

Um dia a casa pega fogo. Só a minha mulher estava dentro, e ela morre no incêndio. Parece que ficou presa em alguma coisa na cozinha, e não conseguiu escapar a tempo. Nesta época, eu estava com uns 50 anos de idade.

O tempo passa, fico muito triste, os meninos se casam e fico sozinho, morando naquela pequena casa, onde os móveis são de madeira tosca. No dia da minha morte, eu ia levar uma informação para alguém, enrosquei o pé no estribo que tinha na calçada, e caí.

Após alguns momentos em silêncio, pergunto ao paciente se ele vê mais alguma coisa ou estava tudo terminado.

Sim, eu estou vendo a minha esposa, ela está aqui. Diz que veio hoje porque teve a oportunidade de me reencontrar. Ela está explicando que havia uma corda no chão da cozinha, e esta acabou se enroscando no pé, impedindo que conseguisse fugir com rapidez. Logo em seguida, uma viga de madeira se desprendeu do teto, caindo por sobre o seu corpo...

Diz que não veio para perturbar, e está num lugar bom, com muita luz. Também está falando – continua o paciente – que mais algum tempo nos encontraremos novamente, neste lugar onde está.

Minha esposa ficou muito preocupada por não ter se despedido nesta vida que vimos e por me deixar sozinho. Diz ainda que as panelas estavam no fogo, eram grandes panelas de ferro, quando derramou óleo no fogo e a chama aumentou, atingindo material de fácil combustão.

Está se despedindo, dizendo estar com muita saudade, e feliz por reencontrar-me. Manda-me um abraço e um beijo.

Notei que na vida vista nesta sessão não havia referência ao problema das mãos do Orlando e por isso solicitei que ele indagasse ao espírito se a morte no incêndio tinha relação com a dermatite, e o paciente respondeu:

Ela fala que não percebera, mas é verdade — quando caiu no chão da cozinha, suas mãos esfolaram no piso grosso, e depois queimaram muito. Não foi por mal, mas como havia uma ligação muito intensa comigo, quando se aproximava, provavelmente existia relação com as minhas mãos, que manifestavam o sintoma da alergia.

Direcionando-me ao espírito, digo que neste momento ela pode se libertar do problema das próprias mãos, pois seu corpo espiritual é perfeito e a emoção reprimida também está se liberando.

Findo o tratamento, o Sr. Orlando não mais apresentou o problema dermatológico. Conforme percebemos na narrativa, mesmo não existindo a intenção de influenciar negativamente o paciente, o espírito aproximava-se com uma "carga" emocional de saudade, justificativa e culpa, e estes sentimentos agiam sobre o perispírito do paciente, sendo daí transmitido até o organismo propriamente dito. Outras vidas foram vistas com relação a esta alergia, mostrando-nos que ela não era devida somente à influência espiritual.

Apesar desta esposa estar num lugar bom, ainda tinha gravado em sua mente o momento da morte com suas mãos queimadas e feridas. Isto explica como muitas vezes ainda trazemos as lembranças passadas para a vida presente, apesar da ajuda no plano espiritual. "Sendo o perispírito dos encarnados de uma natureza idêntica à dos fluidos espirituais, assimila-os com facilidade, como uma esponja se embebe de líquido. Estes fluidos têm, sobre o perispírito, uma ação tanto mais direta que, por sua expansão e sua irradiação, se confunde com ele.

Estes fluidos agindo sobre o perispírito, este, por sua vez, reage sobre o organismo material, com o qual está em contato molecular. Se os eflúvios são de boa natureza, o corpo sente-lhes uma impressão salutar; se são maus, a impressão é penosa; se os maus são permanentes e enérgicos eles podem determinar desordens físicas: certas doenças não têm outra causa."

Esta explicação vem de encontro ao ocorrido com o paciente Orlando, e está contida no livro A Gênese, de Allan Kardec, publicado pela primeira vez em 1868.

#### Medo de dirigir em estrada

Medos, traumas, fobias... Males que atingem grande parte das pessoas, que geralmente não encontram motivos racionais para eles. Entre eles, o medo de dirigir, por exemplo. Há pessoas com verdadeiro pavor de sentar num volante, sem nunca ter sofrido um acidente (nesta vida...), ou passado por uma situação traumática, como morte de parentes ou de amigos no trânsito etc.

Uma série de fatores podem estar, e estão, envolvidos com vidas passadas – geralmente mais de uma – problemas com a auto-confiança e a auto-afirmação, influência do meio social, educação e, inclusive, proximidade de espíritos, como foi o caso desta paciente.

O fato curioso neste caso é que a moça dirigia, mas o seu grande medo era dirigir em estrada – até o fazia, quando não havia escolha, porém era acometida de taquicardia, sudorese, ficava num estado de tensão angustiante, com uma sensação muito ruim...

A frase que usei como "chave" de abertura do seu inconsciente foi "tenho medo de dirigir na estrada". Após o relaxamento,

com a repetição contínua da frase, começaram a vir imagens, que a paciente foi relatando:

É de manhã, bem cedo. Há uma estrada, uma pessoa de capa preta parada, em pé, e eu estou dirigindo. Sou condutor de um carro escolar, desses modelos bem antigos, sou um homem e estou levando crianças. Elas gritam o tempo todo, a estrada parece que não tem fim.

Acho que me distraí, saí um pouco da estrada e atropelei aquela pessoa de capa preta! Meu Deus! Fico apavorado, nervoso, algumas crianças parece que viram e falam que tinha uma pessoa ali que caiu.

— Não falem besteira! Não vi nada! - minto, nervoso.

O ônibus não havia passado sobre o corpo da vítima — ela sumiu do meu campo de visão quando foi atirada por um declive. Não paro, e chego à escola — ainda estava escuro, pois era cedo. Vejo as crianças descendo do ônibus e interpreto, nos olhares delas, uma acusação de mentiroso.

Sinto-me culpado, nervoso e transpiro muito. Decido voltar para o local, e verificar o que aconteceu. Vejo uma cerca quebrada de arame farpado, por onde a pessoa deve ter passado. Eu queria descer mais, mas não dá, e então vou embora, retorno à escola.

Quando chega o horário, pego as crianças, passo pelo mesmo lugar e vejo, para meu espanto, que a cerca já estava arrumada. "Que estranho!", penso.

Nunca mais soube o que realmente aconteceu.

Eu moro numa fazenda, na casa do meu patrão, é como uma pensão onde ficam todos os empregados.

Não tenho esposa e, na época do acidente, tenho por volta dos 65 anos.

A partir deste fato, começo a ficar cada vez pior de saúde, não consigo tirar da cabeça que atropelei uma pessoa. Dizem-me que morreu um trabalhador na estrada, mas não sei se tem relação com o caso, porém, tudo serve para ampliar minha angústia.

Agora me vejo em frente ao portão da pensão – vou morrer sem saber a verdade... Sinto uma dor muito aguda no peito, caio, bato a nuca numa pedra, dói muito, alguém vem me socorrer, tento dizer atabalhoadamente que matei alguém, estou morto.

Pedi à paciente que visse a vida antes do incidente, como foi a infância e a juventude, e ela descreveu uma rotina simples, onde não houve casamento nem grandes mudanças. E então, ao perguntar se via alguma coisa a mais, ela respondeu:

Eu estou vendo uma mulher, uma senhora, foi ela quem caiu! Está dizendo que não tive culpa, que naquele acidente ela não morreu e até saiu andando do local. Fala que foi trabalhadora da mesma fazenda onde eu vivia, mas como os alojamentos eram separados, eu não a conhecia bem.

É interessante – está me falando que a culpa dela estar perto de mim é minha! Sempre que estou com medo de dirigir em estradas, chamo por ela...

#### — E o que mais ela diz?

Fala que está num lugar escuro... Naquele acidente, a intenção era o suicídio, ela queria realmente se atirar na frente do ônibus, e até ficou com raiva de mim porque não deu certo.

Foi usada sexualmente pelo dono da fazenda, e como estavam os filhos dele indo para escola, queria morrer e levá-los juntos, como forma de vingança...

...Contudo, ela acabou mais tarde se matando com uma faca no peito.

Este espírito ainda conta que sua mãe, nessa vida passada, morreu no parto, e ele (o motorista) foi criado pelo dono da fazenda – este fato ainda não havia sido visto na sessão que fizemos, mas foi confirmado posteriormente, pois pedi que voltasse e revivesse tal fato.

Prosseguindo no tratamento, conseguimos finalmente desligar os traumas presos aos sintomas, inclusive o medo de dirigir em estradas.

O leitor deve ter notado que, neste caso, a paciente, através do seu medo e da culpa que ficou impressa em seu inconsciente, atraía o espírito que, de certa maneira, foi envolvido pelas circunstâncias – não havia uma forte ligação cármica entre eles, apesar do acidente ter a presença dos dois. O médico Antonio Cerejo de Almeida

diz, em seu texto publicado no Boletim Médico-Espírita nº 10, que "a recordação dessa ou daquela falta grave, principalmente daquelas que repousam recalcadas no espírito, sem que o desabafo e a corrigenda funcionem por válvulas de alívio às chagas ocultas do arrependimento, cria na mente um estado anormal que podemos classificar de 'zona de remorso', em torno da qual a onda viva e contínua do pensamento passa a enrolar-se em circuito fechado sobre si mesmo, com reflexo permanente na parte do veículo fisio-psicossomático ligada à lembrança das pessoas e circunstâncias associadas ao erro de nossa autoria".

Entende-se que, dessa forma, a pessoa pode adquirir traumas e fobias – como o pavor de guiar em estradas dessa paciente – ou até lesionar o organismo. De qualquer forma, este tipo de sentimento acaba servindo de porta de entrada para as obsessões.

#### O paciente foi o obsessor

O obsessor geralmente é visto como um agente externo interferindo na vida atual, um intruso mal-intencionado, um espírito com pouquíssima evolução. Porém, assim como existem vários graus de obsessão, não é necessariamente um "ser das trevas" sempre o causador da obsessão.

A cultura ocidental costuma interpretar tudo de forma linear e parcial – quando se fala em evolução, pensa-se em algo contínuo, ininterrupto, sempre crescente, não havendo espaço para oscilações, melhora e piora... Costumamos também imaginar a dualidade não da forma taoísta, em que duas forças se opõem e, ao mesmo tempo, se completam, mas apenas como forças antagônicas: o mal e o bem, o certo e o errado, o forte e o fraco, o justo e o injusto, e assim por diante.

Geralmente explico aos pacientes que eles não se espantem ao ver vidas onde, aparentemente, foram algozes, praticaram atos abomináveis pois, muitas vezes, vêem outras encarnações onde foram justos, às vezes até aparentemente melhores que nesta vida presente. A importância das reencarnações não está no julgamento – melhor, pior – mas no aprendizado, na depuração, no conjunto de erros e acertos que progressivamente, mas não linearmente, levam à evolução.

Por isso também não se deve encarar espíritos obsessores como seres malignos, mas apenas espíritos em evolução.

Neste aspecto, fica mais fácil entender como um paciente, que hoje nada cometera de tão grave e repugnante, pode se ver como um espírito obsessor, em encarnações anteriores, com a mente centrada unicamente em prejudicar outros seres.

Este paciente, nesta sessão que vou narrar, chegou muito irritado. Havia brigado com a esposa, que reagira de maneira indiferente a algo que, na visão dele, era muito importante. Teve vontade de bater nela e até de abandoná-la. Esta já era sua terceira esposa e estavam juntos há dois anos.

Resolvi procurar a origem do problema de relacionamento com as parceiras, e ele iniciou:

Há uma grande festa num palácio, um salão muito bonito, cheio de gente. Sou uma mulher e estou descendo uma escada, vários homens estão me esperando embaixo – estou muito bonita e feliz. Sou alguém importante, solteira, e meu pai está me apresentando aos nobres.

Primeiramente, danço com meu pai – ele é baixo e gordo, é um rei. Depois, os jovens me tiram para dançar, divirto-me bastante.

Neste momento, a festa já acabou, os criados estão arrumando, e eu me recolho aos aposentos. Tenho mais ou menos dezesseis anos, aprendo música, boas maneiras, ensinam-me muitas coisas pois, dizem-me, serei um dia uma rainha, e rainha deve ser culta.

Agora já tenho vinte anos. Sou muito vaidosa. Porém, a situação não está muito boa: meu pai está preocupado com a política, outro povo quer invadir nossas terras, e ele diz que terei que casar. Não entendo...

— Um príncipe de outro reino virá conhecê-la, filha. Prepare-se – diz ele.

Certo dia ele aparece – é bonito, charmoso e educado. Ele preencheu amplamente minhas expectativas, e até causou ciúme nas outras moças nobres, que olhavam com inveja ao vê-lo passear comigo, nos jardins. O casamento é marcado, devia ser algo rápido, e ele se vai.

A festa é bonita, meu pai está alegre, e meu noivo vem com sua comitiva – a mãe o acompanha, parece muito severa e fechada; o pai não pôde vir. Minha futura sogra vem falar comigo, e nitidamente não simpatizou comigo:

- Você está em condições de ser rainha? Perguntou, desdenhando.
- Sim, minha senhora. Eu já sou rainha, e aqui é o meu reino, e por isso exijo respeito.

Percebi que minha vida com ela não seria fácil, mas no momento não me preocupei. A igreja estava enfeitada com lampiões, velas, flores, entro com um belo vestido longo. Todos os nobres compareceram, na festa dançamos muito.

Ao final, me entristeço, pois é o momento da despedida. Meu pai diz que ficará bem, pede para eu visitá-lo, quando puder, e solicita ao meu marido que cuide bem de mim.

Partimos numa carruagem, eu, meu marido, que se chama Raul e a mãe dele. Ela me olha muito séria, parece que não gostou do casamento. Eu choro muito, estou tensa e triste.

A viagem é longa e cansativa. São três dias para chegar até o castelo que seria meu novo lar. É um lugar escuro, úmido, muito diferente de onde eu morava. Meu quarto vive na penumbra e eu estranho, pois antes eu tinha janelas grandes, por onde o sol entrava.

Começo a conhecer meu marido: ele é frio, seco e rude. Todo o charme que ele tinha era apenas encenação. Sou maltratada, ele me bate e tenho raiva.

— Você é um monstro nojento!

Ele ri, dá um tapa em meu rosto, arranca minha roupa, se despe, e me obriga a fazer sexo com ele, de forma violenta, rude. Fico machucada, grito, mas ninguém me ouve... Choro, baixinho, enquanto ele se levanta, se veste, e diz, meio que sarcasticamente:

— Com o tempo você se acostuma.

Sinto nojo e uma tristeza muito grande. Sou trancada no quarto, inventam-me a desculpa de que o castelo é perigoso e que lá estaria protegida. Periodicamente Raul me domina, me violenta – estou ficando com ódio terrível dele. Vou matá-lo.

Já tenho uns 26 anos. Posso sair do quarto, mas sempre acompanhada da mãe dele. Até hoje não engravidei, e ela diz que sou fraca e boba. Na verdade, ela me odeia – se pudesse, me matava. A rotina dos abusos continua, e isso me faz sentir muito só, e usada.

Passeio pelo jardim, que é feio e mal cuidado. Peço para poder visitar meu pai, mas não me permitem. Certo dia chega um nobre, um duque, é do meu reino e quer saber como estou. Conto tudo a ele, que fica indignado, mas diz não poder fazer nada, porque o casamento foi um acordo que meu pai fez para o reino não ser invadido.

'Fui vendida, traída e usada', penso, amargamente.

Este duque se vai, deixando-me mais só e desanimada. O tempo passa e a situação só piora. Não tenho mais vaidade, fiquei gorda e feia, sinto-me fraca e com ódio de todos. Nem sou mais procurada pelo meu marido, que já tem outra. Quero morrer. Com uma faca afiada, corto meus pulsos e espero a morte chegar, enquanto meu sangue escorre pelas feridas. Sinto muito frio, a cabeça vai perdendo a lucidez, ainda penso em vingança. Estou gelada, meus músculos enrijecem, não posso mais me mexer, estou morta.

Mas ainda posso me ver, da mesma forma como eu era, quando estava viva. Estou num lugar escuro, outros se aliam num projeto de vingança. Vamos voltar ao castelo, à noite. São muitos, pessoas que moravam também no castelo, e sempre estão de volta, atormentando os ocupantes. Eles mexem com todos, que as vezes se sentem estranhos.

Eu fico olhando, não entendo direito o que acontece, vejo que estes espíritos são muito brutos. Dizem-me que também tenho que ser como eles: Você é muito fina, doce, isto é besteira! Tem que ser como nós! – aconselham.

Observo que sai algo pegajoso do nariz deles, e do meu também – então colocam esta substância nas taças e as pessoas se sentem mal. Meu marido está com outra mulher, uma bonita moça e penso que ambos vão ter que sofrer. Mentalmente carrego todo o meu ódio naquela coisa, aquela secreção e quero que engula, mas ele não o faz.

Falam para colocar na taça, pois diluída em água é mais fácil – assim eu ajo. Faço o mesmo com a mãe e a mulher. Devo ficar no castelo – aqui ninguém me vê mesmo, e também há muitos outros espíritos.

Ensinam-me a ser forte, a não ter compaixão... Entro no meu quarto, observo, vou a lugares do castelo onde nunca estivera. Te-

nho muitos amigos, todos nós sentimos muita raiva, odiamos, e eu gosto disso. Fazemos todos ficarem doentes.

— Você não é poderoso, não estragou minha vida? Agora você é meu objeto... – falo no ouvido do meu marido, que não escuta.

A mãe dele está morrendo. Fico ao lado da cama, aguardando, ela morre e consegue me enxergar. Leva um grande susto. Com muita raiva, levo-a para uma caverna, junto com meus amigos.

Neste lugar onde estou, também há um rei. Fala que já fiquei muito tempo no castelo, e devo agora aprender mais, junto a ele, que vai me ensinar tudo. Sinto-me cada vez mais forte. Sou orientada nos procedimentos para deixar alguém doente, até a morte, em pouco tempo transformo-me num chefe, num líder.

Muitos me obedecem, tenho vários subordinados, andamos em grupos. Saímos somente à noite, e percorremos diversos lugares, espalhando doença, raiva, angústia...

Vejo agora que não consigo mais ficar na caverna. Ouço uma voz suave, conhecida, que me chama: Ruth, Ruth... Há muito tempo não me chamam por este nome. Meus companheiros falam para não ir, pois quem vai, não volta mais. Mas eu vou, desvencilhome dos que me agarram, ando em direção a uma luz.

Saí da caverna, é dia claro, observo que minhas roupas estão em frangalhos, como uma mendiga, deformada, cheia de feridas, pareço um animal. Chego num lugar bonito, tem um rio, árvores, brisa gostosa...

Uma pessoa, uma mulher bonita, brilhante, me recebe, me lava, eu não a reconheço, mas faço o que ela pede. Recebo uma roupa para vestir e sou encaminhada para uma casinha, onde há diversas camas, e sou convidada a deitar.

- Você está com ódio? Pergunta-me este ser.
- Não, não sinto mais nada.

Meus olhos vão se fechando, sinto-me como entorpecida, não vejo mais nada.

Meu paciente, nesta vida passada, demonstrou que o seu estado de espírito, onde o ódio, a raiva, o rancor e todo o tipo de sentimento negativo imperou, acabou aproximando-o a espíritos obsessores com o mesmo tipo de sintonia – não foi difícil, assim,

tornar-se um deles. Mesmo não tendo sido uma pessoa ruim, malévola durante a vida, o fundamental foi o que se passava no seu íntimo. Como o desejo era de vingança, e os pensamentos semelhantes se atraem, o espírito do paciente não apenas contentouse em fazer o mal, como treinou para ser mais eficiente neste objetivo.

Às vezes alguns pacientes me dizem coisas do tipo: "Ah! Mas eu nunca fiz nada de mal pra ninguém!" E eu sempre reitero a necessidade de, além de não praticar o mal, fazer o bem, praticar atos de amor, caridade, dar de si sem exigir nada em troca – isto significa um treino, um fortalecimento pessoal. Apenas não fazer o mal é mais comodismo que boa intenção.

É necessário um pouco de esforço para manter o equilíbrio de atitudes e pensamentos. Estagnar, achando-se bom o suficiente, é estar muito próximo do orgulho, outro tipo de sentimento extremamente pernicioso e fonte de aproximação para espíritos obsessores.

Este mesmo paciente, em outra sessão, percebeu uma vida onde, segundo os conceitos da época, havia feito tudo dentro das regras, mas isto não era suficiente – acabou gerando mais débito cármico, que teria que ser compensado em encarnações posteriores...

Apresentando-se para a sessão reclamando de cansaço e desgaste emocional, iniciamos a regressão buscando a origem destes sintomas recentes.

Vejo um estádio onde há lutas, muita gente para assistir. Eu sou o responsável pela organização, e também possuo escravos para lutar. São gladiadores.

Nesta época tenho mais ou menos trinta e cinco anos, e sou muito zeloso com o meu trabalho. Os escravos são guardados em celas e, nos dias de festa, são retirados dois a dois, e lutam.

Alguns lutam até a morte, mas nem sempre isto acontece: quando um lutador está prostrado, a platéia decide se deve morrer ou não.

Tem muitos oficiais romanos comparecendo nestes eventos. Me considero uma pessoa feliz: tenho uma bela casa branca, com jardins, muitos criados para me servir, uma bela esposa, filha de senador, e também tenho uma menina.

Como o paciente interrompera a narrativa, ficando alguns segundos sem falar, solicitei ao seu inconsciente que visse como foi a infância.

Sou filho de um político importante, acho que também era senador. Somos muito ricos, moramos nesta mesma casa descrita anteriormente. Tenho professores particulares para meu aprendizado, pois devo ser uma pessoa letrada, devido à minha importância na sociedade.

Meu pai também negocia escravos – são pessoas aprisionadas durante as invasões, nas guerras, e depois são negociadas no mercado – ele vai ao mercado constantemente, e me leva junto, para aprender a função.

Ensina-me a escolher os melhores homens e mulheres para serem comprados. Os homens fortes são transformados em lutadores, usados nos confrontos na arena, diversão muito popular e com grande audiência.

Minha futura esposa mora perto de casa, nossas famílias são muito ligadas e eu acabo me casando por um acordo entre elas, não há amor, o casamento é só uma convenção social. Para me divertir, freqüento uma casa de banho, muitas vezes acompanhado do meu pai, onde tem escravas que nos servem sexualmente. Neste local os homens se encontram, discutem política, jogam. Funciona como um clube, e ainda tem as escravas, sempre belas e bem cuidadas.

Já estou na idade de poder comprar os escravos sozinho. Acorrentados pelas mãos e pelos pés, geralmente eles não têm muita chance de tentarem escapar, mas às vezes ainda há revoltas, reprimidas com violência pelos guardas. Os escravos gladiadores treinam todos os dias, com programação de horários, e boa alimentação. Sempre freqüentando este meio, percebo que eles têm um grande vazio no olhar, mas isto não me importa.

O meu negócio é organizar as lutas, mas começo a encontrar problemas em arrumar mais escravos, pois o público está sempre decidindo pela morte dos lutadores que perderam o combate, e isso me deixa numa situação difícil.

No mercado, não há mais escravos fortes. Decido falar ao meu pai, pedindo que ele interceda junto aos superiores, para a re-

solução do problema. Ele chega até o imperador, que argumenta ter o crescimento do império distanciado as fontes de escravos, mas por outro lado não poderia deixar o esporte acabar. Por ordem dele, escravos fortes eram trazidos diretamente a mim, vindos de regiões longínguas.

Penso que agora as coisas vão voltar ao normal, porém os escravos começam a se recusar a lutar. É uma religião onde o Deus proíbe a luta – temos que chicoteá-los, ameaçá-los, mas eles não reagem. Muitos abaixam a cabeça, se ajoelham, e ficam esperando a morte. O povo se revolta, e exige a morte de todos eles.

Fica difícil encontrar gladiadores, e sinto-me encurralado. Resolvo tirar a comida daqueles que não lutam, depois tiro a água, mas são teimosos, não mudam de idéia. Nem com pancada resolve.

Estou com uns cinqüenta anos de idade, e nesta época surge uma idéia do imperador. Devemos comprar leões e tigres e fazê-los lutar contra as feras. Alguns são devorados, outros conseguem matar os animais, e a freqüência do público aumenta, todos querem ver o espetáculo.

O tempo passa, tenho setenta anos. Estou muito cansado e não gerencio mais o negócio das lutas – passei o controle para o meu genro, pois minha filha já é casada.

Neste período estou tranquilo, tenho um netinho que é minha alegria, e da minha esposa também. Somos muito ricos, temos muitos escravos, enfim, minha vida foi feliz. Vou morrer tranquilamente no quarto, com muitas pessoas me rodeando. Estou morto.

Encontro então meu pai. Ele havia morrido bem antes de mim, e me conduz a um lugar frio e escuro. Caminhamos até uma caverna, onde uma tocha mal consegue iluminar os arredores. Tem muita gente ali. Reconheço alguns políticos e alguns colegas do meu pai.

Estas pessoas estão assustadas, e eu também me sinto aterrorizado. Por que estou neste lugar? O que aconteceu? Fui uma pessoa boa, importante, seguimos, eu e meu pai, todas as regras corretamente, e não entendemos o que fazemos naquele local.

Tudo é pavor e medo. Certo dia aparecem seres que nos arrastam, nos levam à força.

— Não quero ir! Não quero!

È inútil resistir. Sou jogado num lugar onde havia muitos dos escravos que lutavam para mim. Eles me odeiam, dizem que

eu os matei, me agridem, espancam, querem que eu lute com eles agora.

Estou com medo, e choro.

— Eu não sei lutar... – resmungo.

Não sei quanto tempo demorou este tormento. Parece uma eternidade. Sinto como se me desse sono, e acordo em outro local. Estou nascendo de novo...

É uma aldeia. Sou muito pobre e a vida é bem rústica. Meu pai me ensina a caçar, porém sou preguiçoso e dorminhoco, não gosto deste tipo de esforço.

Cresço, fico um jovem alto e forte. Certo dia ocorre uma invasão, e levam-me preso. Primeiro pensam que eu seria um bom lutador, mas dizem que o império está muito longe, e devo então servir nas galeras, como remador.

É uma vida ingrata: eu remo num barco grande, vários homens estão juntos neste tormento, é noite e estou cansado... Não posso parar, a todo momento somos chicoteados. Meu corpo todo dói. De manhã eu desmaio e eles me batem mais ainda, mas não sinto nada – só penso em dormir. Jogam-me no porão, num cubículo, nem percebo exatamente onde é, porque não tenho mais força para nada. Existem outros escravos que substituem os que não consequem mais remar...

Sou largado lá, não sei durante quanto tempo, e acordo com dores atrozes por todo o corpo.

— Tenho que fugir daqui! Planejo, meio inconscientemente. Sinto muita fome, e eles me trazem um caldo. Dizem-me que dormi um dia e uma noite. Já é outro dia, doem demais os braços. Quem não agüenta mais é jogado ao mar. Tenho pavor de ser atirado.

Desmaio outra vez, e sou chicoteado. Como não levanto, deixam-me no porão. Começa a faltar gente para remar, e eles ficam preocupados. Há um general, é um barco romano, e este militar quer chegar até um porto, ainda distante de onde estamos.

Falta um dia e uma noite de viagem, mas ele quer chegar lá a todo o custo – vão invadir um lugar. Finalmente, estamos chegando no porto, mas o inimigo está atento e esperando a nossa vinda. Há uma luta feroz, mas os escravos estão acorrentados, nada

podem fazer. Eles afundam nosso barco, morremos muitos, todos afogados.

— Então volte – solicito – para antes daquele momento em que você foi capturado. Veja a sua vida como era antes deste episódio.

Moro numa casa de pedras, numa vila. Tenho pai e mãe, meu pai caça para comer. Minha roupa é de pele, bem grosseira. Ensinam-me a caçar e fazer os trabalhos de homem.

Agora tenho uns dezoito anos. Estou sendo repreendido pelo meu pai, que me chama de preguiçoso e diz que durmo demais. Chega um vizinho, avisa-nos que devemos fugir para a floresta, pois está ocorrendo uma invasão, soldados bem armados que matam as crianças e os velhos, mas levam homens e mulheres como escravos.

Tenho medo. Vamos partir, mas não dá tempo, a vila é invadida durante a noite. É uma confusão muito grande, eles entram com tochas e espadas nas mãos, há gritos por toda a parte, não posso escapar, sou capturado.

Meu pai está comigo, também preso. Somos enjaulados, ele está desesperado e diz que não vai viver, não vale a pena. Chegamos ao porto, são muitos escravos, e devemos embarcar nos navios. Meu pai, porém, se recusa, e por isso é amarrado num poste e chicoteado até a morte. Eu sou jogado num barco, e logo depois designado para o remo.

#### — Ainda há alguma coisa que você vê ou sente?

Sim, vejo mais uma coisa. Na noite da invasão foi planejado um revezamento entre os homens que iriam vigiar a aproximação dos romanos, pois a intenção era fugir logo ao amanhecer. Porém, no meu turno, acabei dormindo e foi justamente neste momento que eles nos surpreenderam. Talvez se eu tivesse dado o alarme, isso não teria acontecido.

Pudemos perceber as implicações cármicas em viver em desacordo com as leis naturais do respeito, da harmonia, da caridade – uma vida onde se plantou a escravidão, o martírio, o desamor, acabou gerando outra onde o paciente sofreu violências semelhan-

tes às que causou, mesmo não fazendo nada além dos costumes da época.

As regras de conduta social em muitos aspectos não coincidem com as regras de conduta moral – isto vale tanto na antigüidade, como nos dias atuais. Enquanto que os desvios que se faz dentro das leis que regem a sociedade são punidos pela lei, as falhas morais e de pensamento causam efeitos dentro da própria vida de cada um. Asssim, não adianta apenas "não fazer o mal", comportar-se dentro dos padrões, mas é muito importante a vigilância de pensamento, a prática de atos dignos, como forma de progresso interior. O autor Pastorino, em Técnica da Mediunidade, também concorda com este aspecto, e esclarece: "Para desenvolver a mente, temos que mantê-la em treino constante, sem jamais largá-la abandonada, a fim de que não seja atingida por pensamentos discordantes, provenientes de outras mentes encarnadas ou desencarnadas. A mente jamais deve permanecer em passividade". E continua: "Só a mente capacitada a manter-se estável pode desenvolver-se. Daí a necessidade dos exercícios de concentração mental, de atenção aplicada, de estudos sérios, de reflexão precisa, e de tornar-se 'criador', não apenas receptor de formas mentais. Quem deseja desenvolver sua mente tem que vigiá-la a cada segundo de suas horas de vigília, para só permitir que ela produza vibrações construtivas. Dessa forma, firmará uma tônica básica de elevação que lhe facilitará a tarefa".

#### A cabeça parece que vai explodir

É muito comum receber pacientes com enxaquecas. Não é para menos: segundo pesquisas, um a cada cinco brasileiros sofre deste mal, perfazendo o assustador número de trinta milhões de pessoas atingidas. A ciência busca a explicação para ela, e descobriu que a dilatação e contração irregular dos vasos sangüíneos localizados nas têmporas é efeito e não causa para as dores de cabeça crônicas que acometem três mulheres a cada um homem. Observaram também que a deficiência momentânea na produção de serotonina (a mesma substância relacionada com a distimia e depressão) também tem relação com as dores, e por isso os novos medicamentos buscam imitar a ação da serotonina, procurando "enganar" o organismo.

Pode haver um componente genético de hereditariedade nos casos de enxaqueca, mas sabe-se também que certas situações ou comportamentos disparam o "gatilho" para as crises: ingerir algum tipo de alimento, situações estressantes etc.

Apesar de importante, o lado científico não é levado em conta na hora da regressão — oriento-me nos sintomas e nas descrições realizadas pelos pacientes, procurando perceber as interligações entre problemas, vidas passadas, influências espirituais e comportamento na vida presente.

A paciente cuja sessão vou descrever, também era acometida de seriíssimas crises de enxaqueca, não resolvidas com nenhuma forma de tratamento. As duas vidas passadas que escolhi para exemplificar o caso referem-se ao problema em dois aspectos: um é o estritamente físico, orgânico, em que uma encarnação com problemas cerebrais possui óbvia relação com a enxaqueca. O outro aspecto é o detalhe constantemente observado: a culpa por um ato falho do passado perdurando até hoje.

A paciente queixou-se de ter sofrido uma crise de tosse durante a semana, além da dor de cabeça e de um sentimento de angústia, apesar de já terem diminuído um pouco estes sintomas desde o início do tratamento. Fizemos o relaxamento baseados no que ela havia descrito, iniciamos a regressão.

Há um homem na floresta, sozinho, andando. Ele é muito grande, anda de forma desajeitada, tem uma deformação no rosto e sua cabeça é desproporcional. Mora num casebre. Este homem sou eu...

A todo o momento só penso na solidão. Devo ter uns trinta e cinco anos, minha cabeça dói muito, e quando isto acontece ando de um lado para o outro, desesperado.

Minha vida é simples: caço para comer, pego lenha, vivo na floresta. Do lado esquerdo da cabeça há uma ferida muito grande e exposta, ela não sara nunca e eu não sei o que fazer. Tenho medo das pessoas, e eles tem medo de mim.

Vim de um lugar distante, fugindo das pessoas que não me queriam por perto. A vida é só isso. Passa um pouco o tempo, eu começo a andar com dificuldade, a cabeça dói sem parar, estou com febre alta. Penso que é horrível estar sozinho, Deus me ajude! Como dói... estou morto.

— Veja o que aconteceu com você antes deste momento... Como foi sua vida?

Já nasci com esta deformação. Minha mãe tem muita pena de mim e meu pai é distante, como se tivesse medo de mim. Moro numa aldeia, e as crianças fogem de mim. Isto causa uma grande tristeza, sinto-me sozinho.

Só converso com minha mãe, tenho mais dois irmãos, eles me acham estranho também. A deformação, com o tempo, vai aumentando, a ferida na testa começou como uma bolha e vai crescendo, ficou uma ferida que minha mãe procurava tratar com ungüentos e curativos. Não adiantava nada.

Não posso sair para ir a nenhum lugar, porque todos me olham assustados — eu também tenho medo de todos. Minha mãe morre, ela era a única pessoa que eu tinha. Agora não falo mesmo com ninguém. Meus irmãos se casam e, para o meu pai, é como se eu não existisse. Eu planto e pego lenha. É o que faço todos os dias. Meu pai vai se casar outra vez, e diz que construirá uma cabana bem longe, onde poderei ficar sem molestar ninguém e ninguém me molestar. E faz a casinha que já vi, no meio da floresta.

Como a paciente não viu mais nada, procurei encontrar a causa por ter vivido de forma tão melancólica e sofrida, com um defeito tão grave e por isso perguntei se ela poderia ver algum momento passado, uma vida, que gerasse este sofrimento todo. Pela lei do carma, nada existe sem uma razão: quando existe uma encarnação muito difícil, sempre há outra, anterior, que gerou as dificuldades devido ao próprio comportamento da pessoa. A relação de causa-efeito é vista sempre, em todos os casos, simplesmente porque não existe efeito sem causa. A paciente descobriu a seguinte vida:

Uma moça bonita, um salão de baile com alguns amigos, ela dança muito. Eu sou esta moça, e estou feliz. Todos querem dançar comigo, me sinto prestigiada. Afinal, também sou orgulhosa...

Volto para a casa com os meus pais – moro numa casa bonita. Estou feliz porque sou o centro das atenções, sou jovem, tenho dezoito anos, todos querem namorar comigo, eu saio com vários, porém não gosto de ninguém.

Sou leviana. Os moços brigam por minha causa e eu até incentivo, só para me divertir. Há um jovem, em especial, que está apaixonado por mim, eu lhe dou esperanças, mas não quero nada sério. Ele vai até meu pai, pede minha mão em casamento, meu pai acha ótimo.

Explico a ele que não me interesso pelo moço, e ele aceita minha opinião, mas pede que eu não crie falsas esperanças no coração deste rapaz. Eu sou jovem, quero mais é aproveitar a vida – até tenho pena dele, por outro lado não respeito os sentimentos de ninguém e uso todo o mundo, jogando uns contra os outros.

Na verdade sinto este moço como um fraco. Anos depois acabo casando com outro rapaz, mesmo não gostando dele.

O primeiro pretendente fica desesperado, e atira no lado esquerdo da cabeça, procurando na morte uma paz para seu sofrimento. Porém ele não morre, e fica com uma deformação feia, entra em depressão e acaba falecendo pouco tempo depois.

Meu marido me ama, é um sujeito bondoso e carinhoso comigo – quer fazer tudo por mim. Eu, porém, não mudei meu comportamento. Mesmo após o casamento, flerto com todos, ainda conservo toda a minha beleza e, por isso mesmo, não quero engravidar e ter filhos – um desejo muito grande do meu marido.

"O corpo é meu e faço o que quiser!", respondo a ele, quando insiste na idéia do filho. Nossa vida começa a ficar desarmoniosa – sou egoísta, faço o que eu quero, e assim não gosto de ninguém.

Agora já sou uma senhora. Meu marido e eu estamos distantes, quase não nos falamos mais. Apesar da idade, continuo muito bo-nita e tenho consciência de que usei disso a vida toda. Vivo praticamente sozinha, não ligo – eu me basto. Meu marido sofre calado, não reclama.

Neste momento já sou bem velha, sofro do coração, há uma empregada comigo, sinto cansaço e dificuldade em respirar. Ainda converso muito pouco com meu marido, não há quase nada a dizer. Só que nesta hora vejo que a beleza não me deu nada; fui leviana, egoísta, e na hora do sofrimento, percebo que sou igual a qualquer um. Tenho medo de ser castigada...

Morro com muita falta de ar...

— Você vê mais alguma coisa referente a esta vida?

Aquele rapaz que gostava de mim está aqui! Ele está muito nervoso, quer vingança. Diz que eu levei a juventude dele embora, só deixei angústia e sofrimento.

Fala que sofri muito pouco em relação ao que ele sofreu, e que mereço muito mais.

— Pergunte a ele se está se sentindo bem no local onde se encontra – pedi à paciente.

Não, não. Ele continua sofrendo, diz que gostaria de poder descansar.

Realizei o diálogo, esclarecendo, com paciência, que não era necessário continuar junto à paciente, agora que pôde ver que a vida onde ela fora leviana acabou originando uma outra encarnação muito sofrida, e depois, através das encarnações sucessivas, ela foi depurando seus erros e não era mais aquele personagem frívolo, sem sentimentos. Os laços de afinidade estavam rompidos, e ele aceitou partir...

A paciente, após encerrado o tratamento, que teve várias vidas com problemas referentes à cabeça, declarou-se livre da enxaqueca que tanto a atormentava. Até o último contato que tivemos, tudo estava em perfeita ordem.

#### Meu marido está muito distante

Problemas conjugais estão, muitas vezes, segundo percebo através da TVP, também relacionados com acertos entre as partes, decorrentes de problemas cármicos, além de ser constante a presença de obsessores. Comumente o paciente conta que gosta muito do parceiro, entretanto, por qualquer motivo entram em confronto, brigam por qualquer coisa, disputam autoridade dentro de casa...

Esta situação é comum, ocorre em diversas famílias, entretanto os pacientes que procuram a terapia buscam alcançar a harmonia porque, enfim, amam os parceiros e gostariam que tudo fosse diferente. Querem encontrar a causa de tanto desacerto sem motivo aparente.

Neste caso que vou narrar, a paciente disse, na anamnese, que o marido a tratava mal, não com violência, mas era frio, distante, não dialo-

gava. Também era fechado e triste, não participando da vida familiar, nem com relação aos filhos.

Conforme o trabalho terapêutico foi se desenrolando, vimos muitas vidas, diversos espíritos obsessores surgiram e se desligaram, mas nesta sessão, em especial, a própria paciente disse ter sentido que era a mais significativa em termos de melhora no relacionamento, tanto que foram necessárias apenas mais duas sessões até a alta.

Neste dia, a paciente chegou ao consultório um pouco aflita.

— Tivemos uma briga feia! Foi logo dizendo.

Quando perguntei o motivo, praticamente já sabia qual a resposta:

- Foi uma coisa banal! Eu disse uma coisa, ele não gostou, ficou muito nervoso, parecia fora de si. Elaine, eu nunca vi ele agir daquela maneira! Parecia incorporado...
  - Mas como ele estava, o que ele falava?
- Era estranho, falou muitas coisas, com um tom de voz diferente do normal. Fiquei apavorada, tanto que comecei a rezar e até chamei a vizinha para orar comigo... Depois ele se acalmou, algumas horas mais tarde. Porém, disse que não tinha consciência de ter se transformado. Mas eu senti como se tivesse alguém no canto da sala.

Fizemos o relaxamento, e solicitei ao inconsciente dela que fosse até a casa, e verificasse se existia alguma coisa estranha, que pudesse ter causado aquela sensação nela.

Há um espírito mesmo! Eu o vejo, ele me olha com muita raiva, ódio, diz que eu e meu marido fizemos muito mal...

— Você pode perguntar que mal é esse?

Eu estou vendo ele caindo num poço, é como uma lembrança.

— Então continue, veja o que aconteceu, por que ele está caindo no poço?

Nós o jogamos. Sou uma mulher, meu marido de hoje também está presente, é um homem. Ele está junto, e após atirar o corpo, vai se afastando. Eu não consigo sair do local, fico em pânico e penso que não deveríamos ter feito isso. Ele volta e me puxa pelas mãos, entramos numa carruagem e fugimos.

— Tinha que ser assim – ele fala, quase como desculpa. Chegamos numa casa, não estou me sentindo nada bem. Quero deitar.

— Então volte, veja como foi o começo desta vida, quem você era, o que você fazia?

Sou uma menina, estou com minha mãe e irmãs, descemos de uma carruagem com rapidez e entramos em casa correndo, felizes. Tenho uns seis anos, e minha vida é muito boa. Possuo pai e mãe, ele é um homem elegante e ela é muito fina. Estudamos em casa mesmo, temos boas condições financeiras.

Vejo-me agora com dezesseis anos – bela, estou sendo arrumada num vestido cor-de-rosa muito bonito, meus cabelos ostentam um lindo penteado, vou conhecer um rapaz.

Com os braços dados a ele, vamos à festa, onde me divirto e danço muito. Este namoro não dá certo. Passam-se os anos, já estou com dezoito, e meu pai me apresenta a outro jovem bonito, educado, fino. Já sei! É o espírito que está aqui!

#### — E o que mais ocorre? Continue...

Nós namoramos durante um tempo, ele sempre vem em casa e acabamos nos casando. Vamos morar numa casa bonita, ele é muito bom para mim. Em pouco tempo estou grávida, nasce um menino, e meu marido continua muito carinhoso. Mas ele tem um amigo, é o meu marido da vida atual...

Eles sempre estão juntos, planejam fazer algo. Os dois são médicos, trabalham num hospital, e têm planos de aumentá-lo. Por isso sempre estão reunidos. Até me acostumei com a presença deste homem em casa, quando ele começa a me olhar de maneira diferente. Por sua vez, o meu marido já não me dedica a mesma atenção de antes.

Percebo o desejo deste homem quando ele me fita nos olhos, e isto vai me envaidecendo, a ponto de até me arrumar melhor quando sei que ele virá.

Meu marido é uma boa pessoa e tem um bom coração, mas devido aos problemas profissionais, já não me olha mais, não me dedica mais atenção, e certo dia seu amigo aparece, quando sabe que estou sozinha em casa. Acabo me entregando a ele. Ele diz que gosta de mim, que eu o atraio muito – não sei se acredito, mas acabo gostando desta aventura, porque muda a minha rotina.

Diversas vezes ele volta, e agora sou eu que evito o meu marido, que também começa a estranhar a situação. Com o passar do tempo, meu amante começa a dizer que temos que definir a situação.

- O que você quer dizer com isso?
- Temos que viver juntos, nós nos amamos, não é justo a situação continuar assim...

Eu penso nos filhos – já tenho dois, e não sei se quero acabar com o casamento. Falo isso a ele, que não se conforma, sai bravo e deixa-me um desafio: "Ou eu, ou ele!"

Este homem só vem em casa, agora, acompanhado do meu marido, e me ignora. Começo a sentir falta dele, até que não resisto e digo que quero ficar com ele. Porém, ele não pode largar o hospital e eu não quero largar meus filhos, e planejamos matar meu marido.

À noite, coloco algo na bebida do meu marido, e ele dorme profundamente. Sem que ninguém nos veja, colocamos o corpo dentro de uma carruagem e andamos bastante, até aquele poço, que é bem fundo. Jogamos o corpo...

Em seguida eu me arrependo, penso que não deveria ter feito isso... Ele me deixa em casa e recomenda dizer a todos que meu marido saiu de casa e não voltou mais. Sinto-me mal, culpada, mas isso até ajuda, pois todos acreditam que é devido à situação. Tenho remorso.

Meu amante diz para eu esquecer tudo. "Mas como? Nunca mais serei a mesma!" Fico triste, deprimida, vivo sentada triste, meu vestido é preto. Uma senhora ajuda nos cuidados das crianças. Não tivemos mais relações. Os anos passam, ele continua no hospital.

Eu vivo revendo as cenas da noite do crime, vejo seu corpo caindo no poço e desaparecendo. Ando curvada, com roupas escu-

ras, fico velha rapidamente. Sei que vou morrer. Sento na cama, dói, então deito de lado, uma dor aguda atravessa-me o peito, e morro.

Meu amante se entregou cada vez mais ao trabalho e também envelheceu, morrendo doente, no hospital.

— Chame o espírito para conversar, e peça perdão – solicitei. Iniciamos então o diálogo, mostrando que o sofrimento dos dois já começou naquela vida, e depois, em encarnações subseqüentes, também tiveram que pagar o débito cármico, pois esta lei é natural. Mostro a evolução que a paciente teve, as sucessivas vidas onde aprendeu a reparar seus defeitos, e explico ao obsessor que este caminho também deve ser feito por ele, pois insistir em vingança é estacionar na escala evolutiva. Com um pouco mais de diálogo, o espírito concorda em partir com os Mestres de Luz, deixando a proximidade do casal.

A paciente foi, gradualmente, melhorando de forma geral – principalmente o relacionamento com o marido foi se transformando, inclusive com ele dando mostras de maior cooperação e compreensão. Mais duas sessões, como falei, e ela teve alta, sentindo-se radiante.

Uma curiosidade neste caso foi que, durante todo o tratamento, ela só usou roupas escuras e, justamente nesta sessão que descrevi, ela veio com roupas claras e alegres. Durante a regressão, ela narrou que, após o assassinato do marido, só usou o preto, durante anos...

O inconsciente nos induz a hábitos que, muitas vezes, não percebemos. Além disso, não se deve esquecer da presença espiritual, trazendo as sensações desta vida passada bem mais reais e presentes.

Contudo, ao mesmo tempo em que as visões negativas do passado e a culpa trouxeram a obsessão, existe a contraparte, ou seja, ao buscar o perdão e a mudança de atitude, o inconsciente da paciente pôde perceber naquela mesma sessão a presença de mais um espírito:

Vejo um senhor, ele me dá a mão e diz estar contente comigo. Ele olha por mim, e fala que devo sempre manter o pensamento firme porque sempre haverá gente me ajudando. Diz, enfim, que vai conversar comigo em breve, e que, mais um período, nos encontraremos. Sorri e se despede...

É muito comum, nos casos que envolvem problemas conjugais ou de relacionamento, encontrarmos várias vidas onde as pessoas já estiveram juntas, não apenas como casal, mas também como pais e filhos, amigos, patrão, empregado etc. Recebo constantemente pacientes nesta situação, muitos dos quais relatam que anos e anos de casamento e harmonia, subitamente parecem ruir, às vezes devido à presença de um terceiro dentro da relação, pessoa que geralmente surgiu do nada, sem intimidade, e vai minando o relacionamento do casal. Durante a terapia, vidas como a que acabamos de ver surgem, trazendo as evidências que demonstram a causa dos problemas.

# Capítulo 7

### Atraindo a proteção espiritual

Obsessores, espíritos perturbados: tem-se a impressão de que a vida do ser humano está absolutamente cerceada, dificultada, oprimida pela presença espiritual negativa – de fato, a maioria dos pacientes percebem, durante o estado de relaxamento, a presença de companheiros do passado, unidos a eles por fatos vividos em comum em encarnações anteriores.

Esses espíritos, mesmo que caracterizados, às vezes, de demônios malfazejos, devem ser vistos como espíritos iguais aos outros, no sentido de estarem em evolução, com condições de mudar comportamentos, conforme vimos nos exemplos dados – o desligamento da afinidade entre paciente e espírito, a energia envolta no trabalho terapêutico, a proteção espiritual dos mestres, a lógica e argumentos sensatos e uma postura equilibrada do terapeuta são peças importantes para esta mudança.

Portanto, não há como negar que a obsessão, de certa forma, contribui para agravar os sintomas dos pacientes, mas devemos fazer o exercício de procurar perceber uma situação em toda a sua plenitude, sem se prender a um único aspecto. Já foi dito anteriormente que não se pode culpar a obsessão, exclusivamente, por um sintoma — o paciente cuja vida está "cerceada" possui seus problemas pelos débitos cármicos que traz consigo, pelo comportamento adquirido nesta vida através da experiência e educação recebida, pelos pensamentos que emite, pela soma das virtudes e vícios que acumulou nas encarnações anteriores, e a obsessão é um elemento a mais. Mas o espírito obsessor, assim como o espírito do paciente, pode mudar. A sintonia entre eles pode ser rompida.

Quando o ser humano desfruta da sensação de viver em plenitude, em que até o simples ato de respirar é algo gratificante, ou quando se descobre a recompensa íntima por um ato digno, de caridade, o espírito, imediatamente, também sintoniza-se com espíritos que "vibram" nesta mesma faixa, os nossos mestres, anjos, protetores, que exultam com os sentimentos puros emitidos nestes momentos.

Tenho a convicção de que, assim como o nosso mundo é povoado por pessoas de diferentes níveis, o mundo invisível, espiritual, também o é: não estamos cercados apenas de obsessores ou espíritos de pouca evolução – também existem espíritos elevados, dedicados na orientação e na proteção, como é descrito na história de todas as culturas.

E buscar estes protetores espirituais nos momentos de dificuldade ou nos momentos de agradecimento é uma prática que está presente em quase todas as religiões, sejam elas ocidentais ou orientais, primitivas ou modernas, politeístas ou monoteístas... Uma das formas mais eficazes que os povos encontraram para entrar em contato com os espíritos protetores foi a oração.

#### Oração e TVP

Afinal de contas, orar não é só uma prática religiosa?

Orar transpõe os limites de qualquer religião e, por ser universal, significa uma forma de comunicação entre o ser humano e o mundo invisível, cuja repercussão possibilita interferências, mudanças, até no mundo físico. Quero deixar claro que não estou me referindo a um tipo especial de oração, nem a uma forma professada por esta ou aquela linha religiosa, com frases decoradas ou espontâneas. Mais que a forma, o importante é a intenção, o sentido com o qual ela foi proferida – mental ou oralmente.

Já vimos que o pensamento é uma energia, e a oração é uma energia direcionada, feita em estado de concentração, propiciando muitas vezes o estado alterado de consciência – isto transforma o ato de orar num instrumento poderoso de auto-controle, equilíbrio e inclusive auxilia na recuperação de sintomas – fato comprovado cientificamente.

Todos estes argumentos passaram ao largo, no início do meu trabalho com a TVP, pois eu utilizava a oração de forma intuitiva: a prece sempre esteve presente no meu cotidiano, desde os tempos de infância, que foi se transformando em algo mais pessoal, menos presa a ritos e dogmas religiosos com os quais fui criada. O estudo da espiritualidade, obsessão, mediunidade, reencarnação e carma, que influenciou a minha forma de pensar e agir, hoje, deixou clara a importância da oração, como prática de vida, e foi com satisfação que percebo uma aceitação maior, nos meios médicos, deste método heterodoxo de bem-estar.

No entanto, crer na prece apenas por ser prática comum, não é suficiente. Se buscarmos a lógica que possa demonstrar as relações entre oração, espiritualidade, melhoria de sintomas e proteção, vamos encontrar

alguns pontos comuns. O principal, imagino, seja o vínculo entre a oração e a mediunidade.

A mediunidade é o dom, de certa forma comum, que as pessoas têm de entrar em contato com realidades não-perceptíveis aos órgãos sensoriais conhecidos. Sonhos premonitórios, intuição, mediunidade auditiva, visual, psicográfica etc., são graus e tipos diferentes da manifestação do mesmo fenômeno.

Seguindo este exemplo, a oração representa o caminho inverso — enquanto no processo mediúnico a pessoa está recebendo vibrações e energias de outra mente e local, o ato de orar emite vibrações, energia, pensamento para outra realidade ou mente.

Se analisarmos, veremos que a oração é o único e exclusivo momento em que o ser humano está se dirigindo totalmente a Deus ou a entidades do mundo invisível, usando para isso a força mental e a concentração, geralmente ignoradas em atividades do dia-a-dia, demonstrando explicitamente a crença numa interferência ou mudança no nosso mundo físico.

O praticante da oração é o médium, e a oração é o veículo que enviará a mensagem até os seres espirituais. Assim, a oração também passa a ser objeto de trabalho dentro da Terapia de Vida Passada, se a enxergarmos como um "meio de comunicação" eficiente e poderoso, e não apenas como um ato religioso, repetitivo e improdutivo. Porém, a oração não se resume unicamente em um meio de comunicação – o seu alcance e seu poder de influenciar mudanças psicológicas, físicas e espirituais é tão fenomenal que passa hoje a ser objeto de estudos pela medicina ocidental.

A Dra. Edith Fiore recomendava a oração principalmente como método preventivo às obsessões: "As orações são muito valiosas. Invocam fontes poderosas de ajuda – as mais elevadas. ... Se você não for cristão, diga qualquer oração ou afirmação com as quais se sentir à vontade", indica, em *Possessão Espiritual*.

O uso da reza como profilaxia pela área médica, cuja abordagem não alcançava as fronteiras espirituais, começou a ser difundido nas últimas décadas, mas encontra muita resistência no meio científico, o que não é de se estranhar, uma vez que é necessário crer, em primeiro lugar, antes de receitar. Larry Dossey, médico americano e especialista sobre o tema – eficácia da oração na melhora das doenças – também entende ser natural a resistência do meio acadêmico: "Praticamente, todos os médicos de orientação científica sentem isso. Simplesmente, é difícil conservar um instinto espiritual se a pessoa percorre o caminho da ciência. A mensagem da educação médica moderna é clara: a pessoa tem de escolher entre abordagens lógicas, analíticas, racionais ou a irracional, religiosa, supersticiosa e 'vinda do he-

misfério direito', na qual cabe a prece", explica em *As Palavras Curam*. Porém, Dossey, que também enfrentou dificuldades de cunho pessoal antes de aceitar o uso da prece na prática da medicina, entende que, cada dia mais, a ciência e a espiritualidade se aproximam, deixando o confronto entre ambas apenas para os exaltados e preconceituosos.

Para verificar a eficácia da oração em tratamentos médicos, uma série de pesquisas, especialmente nos EUA, foi realizada, usando metodologias diversas. Por exemplo, o cardiologista Randolph Byrd escolheu aleatoriamente um grupo de 393 pacientes internados na unidade de cardíacos do Hospital Geral de San Francisco, onde 192 pacientes receberiam orações advindas de grupos religiosos fora do hospital, enquanto que os outros 201 internos não receberiam as preces.

O método adotado buscava o mais absoluto rigor experimental: tanto os pacientes, quanto enfermeiros e médicos desconheciam quem estava recebendo as orações; os diversos grupos religiosos incumbidos de orar conheciam apenas o primeiro nome do paciente e uma descrição dos sintomas; cada paciente que recebia a prece, tinha entre cinco a sete pessoas orando por ele.

Passados dez meses, os resultados foram tabulados e surpreenderam:

- ▶ o grupo que recebeu oração foi cinco vezes menos propenso a precisar de antibióticos;
- ▶ foi três vezes menos propenso a desenvolver edema pulmonar;
- ▶ ninguém deste grupo necessitou de entubação pela traquéia, enquanto que doze do grupo que não recebeu as preces necessitaram deste procedimento.

O autor de *As Palavras Curam* deixa claro que não existem provas da eficácia da prece em nenhuma das pesquisas realizadas — em todas é possível levantar argumentos quanto à metodologia e resultados, mas afirma que as evidências da melhora dos pacientes também são grandes, principalmente se a pessoa observar os resultados com sensibilidade e coerência, sem ansiar por milagres e curas espetaculares.

A união proposta entre a oração e a ciência não se resume a estas pesquisas – elas são apenas uma parte do que parece uma grande caminhada rumo à espiritualidade. Segundo explica Paul Pearsall, neurofisiologista, em *A Arte de Fazer Milagres*, "no mundo quântico – onde tudo é muito, muito pequeno e se desloca muito, muito rápido – não existe nada parecido com 'isolamento'. O princípio quântico central é de que tudo e todos são uma só coisa. Embora a individualidade efetivamente exista, ela não tem nenhum significado fora do contexto da conexão". A isto o autor

denominou princípio da unicidade, e a oração seria o elo entre um ser e outro e estes a Deus. "Quando oramos não 'roubamos energia' de algum tipo de satélite cósmico. Nós oramos com Deus e não para Ele, e oramos unidos uns aos outros e a Deus. A oração é imediata, instantânea e transcende o tempo e o espaço", afirma.

#### A prece e a relação com o espírito

Creio que a oração não pode ser desprezada, nem pelo paciente, nem pelo terapeuta de TVP, seja pelo fato dela agir como coadjuvante nos tratamentos, seja pelo fato principal de ser necessária a busca de um equilíbrio após regressões que envolvem obsessão. As pesquisas com os pacientes americanos obviamente não buscam esclarecer a participação espiritual como agente de cura envolvido na oração, demonstrando somente a eficiência na cura física. Mas a lógica indica este caminho mais amplo, mais abrangente.

Segundo foi afirmado anteriormente, no mundo quântico – o nosso mundo – tudo está interligado, e este conhecimento científico vem ao encontro do conhecimento xamânico que, de maneira geral, considera o universo e a realidade como uma grande teia de aranha. Se estamos todos nesta teia de aranha, logicamente que a doença não é causada por um único e solitário aspecto, assim como a cura também deve ser alcançada através da coesão de uma série de técnicas. Assim, os xamãs utilizam um repertório terapêutico que envolve cantos, ervas, inalação, sons, sugestão, dança, passes... E desobsessão e oração também...

A visão adotada pela TVP é a do homem integral — vê o paciente como mente, corpo e espírito. Provavelmente esta tendência holística, integrativa, será ampliada cada vez mais, pois vivenciamos uma transformação nos caminhos terapêuticos gerada pela própria ineficiência dos conhecimentos ortodoxos. Patrick Drouot, físico e pesquisador sobre estados alterados de consciência, também aposta neste sentido: "Buscamos a causa física de uma doença, nunca suas causas mentais e espirituais. A tendência começa realmente a inverter-se. Os médicos são talvez chamados a desaparecer sob sua forma clássica para reaparecer sob uma forma nova. Mas antes eles deverão aprender a penetrar no interior de si mesmos para buscar as causas das doenças", afirma, em O Físico, o Xamã e o Místico.

Embora incipiente, alguns grupos médicos estão começando a adotar, no Brasil, o que se convencionou chamar *preceterapia*, como complemento ao tratamento. No entanto, o reconhecimento da presença espiritual não é aceito por todos e, mesmo entre profissionais que trabalham

com esta hipótese, existem divergências quanto a incorporar a idéia como instrumento de trabalho, dentro do consultório.

Dentro da minha especialidade, a Terapia de Vida Passada, não posso impor obstáculos quanto à aceitação da presença espiritual no tratamento, pois é o próprio paciente quem descreve, comunica, interpreta o espírito ou espíritos desencarnados que participam nas regressões. E este não é um fato incomum, quando se trabalha com pacientes em estado de relaxamento. A terapia de desligamento espiritual, utilizada por vários psicólogos e psiquiatras norte-americanos, em que a presença espiritual e a desobsessão são tratadas como realidade, surgiu justamente pela interferência verificada em pacientes que estavam sob estado alterado de consciência.

Segundo o texto *The Three Faces of Regression Therapy* (As Três Faces da Terapia Regressiva), que pode ser encontrado na internet – www.spiritweb.org – reconhece-se a desobsessão, ou desligamento, como um tratamento paralelo e complementar à Terapia de Vida Passada, e o método utilizado para o afastamento do espírito obsessor é muito parecido com o que utilizo. Basicamente, são seis passos: descobrir e identificar quem são os espíritos; saber o porquê deles estarem presentes junto ao paciente – qual a intenção deles; dialogar com as entidades; fazer o desligamento; realizar, junto ao paciente, a mentalização da luz que o protegerá – eu utilizo a imagem dos Mestres de Luz; enfim, prosseguir no tratamento, em que a TVP é recomendada.

Neste contexto, é fácil verificar que a oração tem um lugar especial e importante no processo da desobsessão e na manutenção do equilíbrio mental e espiritual do paciente. Como afirma o Yogue Ramacháraca, em 14 Lições de Filosofia Yogue, "tudo o que uma pessoa tem que fazer é pedir mentalmente a ajuda dos que são capazes de dá-la e imediatamente atrairá a si as ondas do pensamento espiritual, forte e protetor, que emana constantemente da mente dos protetores da raça, encarnados e desencarnados".

Culturalmente falando, imagino que não há dificuldade em aceitar o estudo da eficácia da oração e da realidade das presenças espirituais, já que as pessoas não só aceitam esta idéia como a praticam efusivamente, orando por tudo e para todos, e percebendo manifestações que só podem ser explicadas pela participação espiritual externa e pelo animismo — o problema é que a ciência ocidental acabou segregando estes conceitos, taxando-os de misticismo, e o paciente, de maneira geral, admite ficar calado ao invés de se expor a uma censura ou crítica do profissional. O neurologista Núbor Facure, em seu trabalho diário, adotou uma postura diferente: além de realizar uma entrevista cuidadosa com cada paciente, incentiva que este comente livremente suas manifestações clínicas, interpre-

te o quadro e possa explanar além dos limites ditos científicos. "Podemos dizer que é quase regra geral o interesse dos pacientes em nos relatar experiências que eles pretendem identificar como mediúnicas ou espirituais", afirma Facure, no Boletim Médico-Espírita  $n^{\varrho}$  10.

Parece que, dependendo da atitude do médico ou profissional de saúde, ele poderá manter um relacionamento mais aberto e produtivo com o paciente, em que os temas espirituais devem estar presentes, principalmente no caso da TVP, em que são inerentes.

Os anos de experiência que adquiri no trabalho com regressões, nos quais atendi espíritas, católicos, evangélicos, ateus, místicos etc., pude formular opinião quanto à presença dos espíritos junto às pessoas tratadas, a possibilidade de comunicação através da mediunidade dos próprios pacientes, e o benefício do uso da prece neste trabalho, só vieram confirmar na prática alguns textos que antes, para mim, eram apenas teoria: "... somente a conduta reta sustenta o reto pensamento e, de posse do reto pensamento, a oração, qualquer que seja o nosso grau de cultura intelectual, é o mais elevado toque de indução para que nos coloquemos, para logo, em regime de comunhão com as esferas superiores", afirma Francisco Xavier, em obra creditada ao espírito André Luiz, em Mecanismos da Mediunidade. E continua: "Na floresta mental em que avança, o homem fregüentemente se vê defrontado por vibrações subalternas que o golpeiam de rijo, compelindo-o à fadiga e à irritação, sejam elas provenientes de ondas enfermicas, partidas dos desencarnados em posição de angústia e que lhe partilham o clima psíguico, ou de oscilações desorientadas dos próprios companheiros terrestres desequilibrados a lhe respirarem o ambiente. Todavia, tão logo se envolva nas vibrações balsâmicas da prece, erque-se-lhe o pensamento aos planos sublimados, de onde recolhe as idéias transformadoras dos espíritos benevolentes e amigos, convertidos em vanguardeiros de seus passos, na evolução".

## Os amigos espirituais estão sempre próximos

Fazer com que o paciente vá se desligando de padrões gravados em vidas passadas, que lhe trazem sintomas na vida presente, é o trabalho da Terapia de Vida Passada. Todo este material, que também está interligado às influências espirituais – amigas e não amigas – permanece dentro do inconsciente da pessoa, até o momento em que conseguimos liberar tudo, gradativamente, no decorrer do tratamento.

Sendo um material de responsabilidade do próprio paciente, é lógico que quanto maior o esforço dele em sintonizar boas influências, em ter

convicção na sua força para alterar comportamentos que o incomodam, em crer na superação de problemas, mais fluidez dará ao tratamento. Orar ajuda muito neste aspecto, trazendo o sentimento de fé, uma energia incrivelmente poderosa. Não é à toa que Jesus falava, há dois mil anos: "Se tivésseis fé do tamanho de um grão de mostarda, diríeis a esta amoreira: Desarraigate daqui, e planta-te no mar, e ela vos obedeceria." (Lucas, 17:6)

E não há motivo para não acreditar nesta força que cada um possui. Neste próximo exemplo, encontraremos uma paciente que enfrentou diversas dificuldades, viu vidas passadas onde exerceu o livre-arbítrio, comprometendo algumas encarnações futuras, mas soube entender que o principal era buscar o seu equilíbrio, confiando numa energia superior, pois assim ela superaria seus problemas, fato que realmente aconteceu.

Este foi um caso mais longo que a média. A paciente apresentava diversos sintomas, mas a principal queixa era uma enxaqueca fortíssima, que já durava cinco anos, e resistente a diversos tipos de tratamento a que ela se submeteu. A dor era constante, e quase sempre estava acompanhada de enjôos, mal-estar, dor na nuca, cansaço. As crises deixavam-na prostrada na cama, por um período de quatro dias, mais ou menos. Ela também relatou que uma sensação de fome constante a atormentava, e este incômodo representou um ganho de peso além do aceitável.

Numa das últimas sessões antes da alta, foram vistas em regressão duas vidas que demonstraram um sentimento ainda presente na paciente – o orgulho excessivo, que estava impedindo o seu pleno desenvolvimento e a compreensão do que realmente era fé. Esta situação ficou mais evidenciada pela mensagem de um amigo espiritual, ao final da última vida passada, onde suavemente ela foi repreendida...

Eu tenho navios que trazem cargas. Há um rapaz que rouba mercadorias e acabo descobrindo. Não tenho dúvidas – num acesso de fúria, mando cegá-lo. 'Se ele não enxerga, não vai querer roubar mais...'

Depois que meus homens vazam seus olhos, fico imaginando se fiz a coisa certa, mas só durante um tempo, depois esqueço. Porém, este homem, depois de cego, fica revoltado, sempre arruma brigas e confusões, e então mando jogá-lo no mar. Por mais que ele implore, não tenho dó...

Não sou casado, mas saio com muitas mulheres. Com o dinheiro, consigo ganhar muitas coisas, sou uma pessoa importante.

Embora eu pareça um mercador honesto, dono de navios, faço muitas transações ilegais, mas mantenho uma aparência para a sociedade não perceber.

Um dia meu navio é atacado: homens pulam no convés, lutam e matam avidamente. Eu caio, bato a cabeça. Dói muito... O sangue escorre pelo ferimento, meus cabelos estão ensopados, sinto fumaça, há fogo no navio, morremos todos.

Assim se encerrou esta vida – retornamos à infância e à juventude, mas ela não viu nada significativo. Outra queixa que a paciente relatara na sua anamnese era uma rinite alérgica que também a incomodava – percebemos que esta morte, em meio a um incêndio, também tinha relação com este sintoma. Enfim, vimos uma atitude que a acompanhou durante muitas vidas, de acordo com o que se passou durante toda a terapia: o sentimento de orgulho, o pensamento voltado para a satisfação dos prazeres pessoais, exclusivamente. Este sentimento, embora hoje já bem atenuado devido ao aprendizado das diversas encarnações, ainda trazia efeitos, marcas na vida presente... Em outra sessão, verificamos uma vida onde buscávamos o porquê da sensação de fome que passou a acompanhá-la repentinamente...

 $\acute{E}$  uma igreja, uso uma roupa bem comprida, sou jovem – creio que sou um seminarista. Eu limpo o local, cuido da capela...

A paciente encontrou um pouco de dificuldade em ver algo além disso. Aproveitei os segundos de silêncio e solicitei que ela voltasse para antes deste momento, para quando ainda era mais jovem.

Moro numa casa simples. Neste local, devemos estudar com muita disciplina. Tudo é bem rígido: devo acordar muito cedo, comer pouco, inclusive de manhã. Também há os dias onde devemos jejuar.

Agora tenho por volta dos vinte anos de idade. Sinto-me dividido quanto ao que fazer da minha vida: uma parte me diz que devo ficar, pois onde estou tenho segurança, e até gosto – além disso, tenho receio do que seria fora daqui.

Eles vigiam muito o lado sexual – se alguém é pego errando, chega a ser expulso. A vida é bem disciplinada. Estudamos muito na biblioteca, e falamos de muitos assuntos, mas não de sexo.

Tem um padre bem gordo conosco. Resolvi perguntar por que ele engordou tanto, se comemos tão pouco. Ele respondeu que quando era mais moço, tinha um apetite sexual muito grande, e por isso comia sal para poder ficar aqui – isso alterou o seu metabolismo e ele inchou. Porém, não adiantou muito – deixou de ser um homem ativo, ficou passivo, e mesmo assim manteve relações sexuais dentro do seminário, encobertado por um superior.

Começo a imaginar que tudo é muito monótono, já não tenho mais a mesma vontade de antes em continuar neste lugar. Designam a biblioteca para os meus cuidados, e então começo a trabalhar com os livros e registros também. Vou percebendo que estudei muito e não faço nada de produtivo com o que sei – só às vezes saio para realizar alguma confissão ou extrema-unção.

Estudamos até biologia, e fazemos experiências com plantas e animais. Todo o conhecimento que adquirimos não passamos para ninguém — o povo continua ignorante. Algumas pessoas, entre nós, têm a idéia de abrirmos uma escola para as crianças da região, porém os superiores não aceitam. Falam que nós somos os privilegiados...

Tenho agora cerca de quarenta anos, e começo a sentir uma dor aguda nos braços. Algumas manchas escuras começam a aparecer sobre eles, e por isso procuro um médico. Ele usa uma roupa bufante de veludo, acho que não é desta região. O especialista recomenda-me uma série de coisas, mas os sintomas vão piorando. Meus dedos começam a endurecer, não consigo movimentá-los direito, tenho dificuldades até para comer.

A pele escura começa a aparecer em outras partes do corpo. É como se estivesse afundando a pele e, no local, fica preto. As pessoas passam a ter medo de mim, não se aproximam, com medo de pegarem a doença também. Já não me alimento direito, sinto-me um inútil, um peso para todos e desejo morrer.

É, acho que é melhor morrer mesmo... Não estou mais comendo, e vou ficando fraco. São vários meses definhando, e eu esperando a morte. Em meu leito, só fico pensando em tudo o que aprendi, tanto conhecimento adquirido que não me serviu para nada, não trouxe alegria, nada fiz de útil...

Morro desta forma, melancolicamente...

— E você vê mais alguma coisa com relação a esta vida?

Sim, vejo um espírito. É o meu pai desta vida que acabei de ver. Ele pede para não culpá-lo pela vida que tive, pois não queria que eu fosse para o seminário – a decisão foi minha. Diz que o orgulho me levou a querer ser padre – ter a sabedoria, o conhecimento, era minha meta, e não a vocação ao sacerdócio.

A palavra viva só se conhece vivendo - é dando que se recebe, ele fala. A letra do livro é morta, e a letra viva é a vida - ambos são necessários. O caminho certo traz alegria, porém eu trago o sentimento do orgulho em muitas vidas, e isto vem atrapalhando o meu caminho.

O espírito está dizendo que quando se acredita em algo maior, o orgulho morre e nos tornamos humildes. E se despede...

Em seguida, outro espírito se apresentou, deixando uma mensagem:

"Você quer ajudar os outros, mas primeiro tem que saber o que quer, pois, do contrário, não conseguirá ajudar. Não lhe cabe julgar a vida e a morte — aceite que as pessoas têm amparo e o auxílio que poderá dar é de maneira diferente.

Eu não tenho forma... É para você não me idolatrar, apenas me aceitar. Nesta vida passada que você viu, eu apareci, mas você não me aceitou... Pense nisso. Quando dormir, imagine esta energia sem forma e permita receber a força maior – você só poderá ajudar aos outros quando se ajudar, primeiro. Você se julga humilde – a pessoa humilde deve ser fiel a si mesma, confiar em seu coração..."

Pensar apenas na sua própria satisfação — física, material ou intelectual foi uma característica presente em diversas vidas, ao longo do tratamento desta paciente, o que atraiu muitas influências espirituais. Ela participa de um grupo filantrópico e por isso o mentor lhe explicou que não adiantava apenas fazer caridade, mas era necessário evoluir — uma coisa não exclui a outra. Evolução é mudar a si próprio, ter flexibilidade para a auto-avaliação. Tanto a caridade

como a evolução devem caminhar juntas, e ela, mesmo prestando trabalhos beneficentes há anos, não havia perdido o orgulho.

Vimos apenas duas vidas - como dono de navios e como padre, para demonstrar que o orgulho pode se camuflar em diversas situações, em diversos níveis sociais, ou de hierarquia, ou étnico. Por isso a ligeira repreensão do espírito amigo fazia sentido. A paciente já não era mais um dos diversos personagens vistos em regressão: havia progredido moral e espiritualmente. Porém, sentia ainda dificuldades com alguns hábitos enraizados em seu inconsciente, e decidiu liberar-se de tudo o que estava travando o seu desenvolvimento – a partir dos sintomas. A TVP deu-lhe a oportunidade de poder seguir mais conscientemente seu caminho, conhecendo o que se passava intimamente e, portanto, podendo evitar cometer os mesmos erros de outras vidas. A mensagem do amigo espiritual mostrou-lhe, em primeiro lugar, que ninguém está só nesta jornada, e sempre que a ajuda for solicitada, ela surgirá... Mostrou, por último, que se não houver um mínimo de vontade em crer em algo superior, não importando forma, característica, bastando apenas confiança, corre-se o risco de nada encontrar.

Espíritos protetores muitas vezes estão presentes em diversas encarnações, orientando e intuindo a pessoa, exigindo apenas que ela confie nesta proteção, tornando-se aberta à ela.

Conforme diz Allan Kardec, no *Livro dos Espíritos*, o espírito protetor está ligado ao indivíduo "desde o nascimento até a morte, e freqüentemente o segue depois da morte, na vida espiritual, e mesmo através de numerosas experiências corpóreas, porque essas existências não são mais do que fases bem curtas da vida do espírito".

#### A importância de confiar na própria capacidade

Todos passam por situações difíceis na vida. Cada um carrega consigo os registros cármicos do que fez em vidas passadas e colhe as conseqüências dos próprios atos, numa lei justa e inexorável, apesar de que a sua aplicação não é totalmente compreensível ao nosso raciocínio. Quantas vezes ouvimos alguém falar: "Nossa, ele fez tanta coisa errada, mas tem uma vida tão boa...".

Porém, não é bem isso o que ocorre. Vemos, pela seqüência das vidas passadas de determinada pessoa, que toda ação gera uma reação, embora isso não quer dizer que após uma vida de "algoz" se segue outra como "vítima". Durante a terapia, somente as vidas que têm relação com os sintomas do paciente é que são trazidas à tona, e isso quer dizer que pode haver, entre as vidas vistas no consultório, outras vidas que serviram para aprendizado em diversos sentidos para o paciente, mas que não precisam ser vistas no processo terapêutico.

Devemos também estar cientes que muitas vidas pacatas e tranquilas podem ter ocorrido. Outras, onde o paciente soube administrar situações difíceis também aconteceram, provavelmente, de tal forma que aliviaram muito do carma "negativo" da pessoa. Para se entender a vida do espírito de maneira mais abrangente, percebendo a tênue linha evolutiva que se apresenta conforme as encarnações vão se sucedendo, é necessário deixar de lado a visão imediatista e dualista: o que parece errado hoje, pode parecer certo amanhã, e vice-versa.

Assim, todos passam por situações difíceis na vida – mas todos já tiveram situações melhores anteriormente, nesta ou em outras vidas. Antigamente, as sociedades e culturas praticavam atos de selvageria, como estupro, genocídio, escravidão etc., que eram aceitos pela moral e pela ética da época.

Vendo por este prisma, percebemos que evoluímos, pois essas ações não são mais aceitas pela maioria da população do planeta.

Logicamente existem muitas situações desagradáveis mas, por outro lado, há melhorias: a expectativa de vida aumenta, conforme o desenvolvimento tecnológico, as condições sanitárias e a medicina evoluem. Os meios de transporte e de comunicação não param de se desenvolver. A produção de alimentos, nas áreas desenvolvidas, também cresce – falta uma melhor distribuição, mas o homem já tem a capacidade de produzir mais. O conforto que o desenvolvimento material trouxe é inegável.

E o homem, como ser espiritual, também evoluiu. Vidas e mais vidas passadas onde ele pôde depurar seus erros, descobrir o amor, a caridade, a responsabilidade, o trabalho se sucederam. Os atos bárbaros descritos anteriormente deixaram de ser aceitos. Além das vidas passadas, o espírito também esteve em contato com outros planos, fora da existência física, em que teve a possibilidade de um grande aprendizado. Por isso a capacidade do homem – o espírito encarnado – é quase infinita, como afirmam a maioria das correntes filosóficas.

Quando o hinduísmo diz que o macrocosmo está no microcosmo indica, entre diversas outras deduções de cunho metafísico, a grande potencialidade do espírito humano. O budismo segue o mesmo raciocínio:

"Para aqueles que têm fé, Ele oferece oportunidades para que se tornem como Ele".

O poder de transformação de cada um é importante, e é constantemente atestado no consultório pelos pacientes. A partir do momento em que eles adquirem esta certeza, vemos homens e mulheres não apenas resolvendo seus problemas, mas com a disposição necessária para enfrentar as situações desagradáveis que a vida apresenta, sem entrarem em "colapso". E isto é muito gratificante de se verificar.

No relato a seguir, veremos este sentido de superação, em que a paciente pôde vencer diversos problemas, originados em vidas passadas, que criaram dificuldades para a convivência nesta vida presente.

Um dos problemas comentados pela paciente foi a sensação de não receber carinho, afeto, compreensão dos pais, mesmo com ela se esforçando em ser boa filha – isso resultou numa grande mágoa, levando-a a tratá-los com indiferença, passando meses sem vê-los e nem ao menos telefonar.

Buscando a origem deste desentendimento, encontramos a seguinte vida:

Eu vivo com luxo. Sou uma mulher, e detesto as pessoas simples. Moro num palácio, tenho muitos empregados, trato-os com severidade – não admito erros. Quando erram, mando castigá-los de diversas maneiras: humilhação, castigos físicos, agressão à família...

Sou a esposa de um senhor muito rico, que me trata bem, e tenho por volta dos vinte e seis anos. Não tenho filhos. Minha vida é muito prazerosa: leio muito, gosto de banhos, recebo amigos – o poder me dá felicidade.

O tempo vai passando, agora tenho trinta e cinco anos, e me sinto vazia. Um sobrinho meu será nosso sucessor, que herdará toda a fortuna e poder, porém meu marido não gosta dele. Vou envelhecendo, mas a ganância pelo luxo só aumenta. Devo ter uns cinqüenta e dois anos, e estou doente: há um caroço em meu corpo, é como um câncer.

Fico apavorada. Não quero morrer assim, deformada, doente – minha vaidade é muito grande, e planejo me matar. Vou ingerir veneno. Falo ao meu marido, ele assente – acha melhor eu morrer, do que padecer doente. Diz que é um castigo divino. Preparo-

me especialmente para o suicídio: tomo um longo banho, escolho uma roupa elegante, faço a maquiagem... Tomo o veneno. Sinto a boca muito seca, o coração vai batendo cada vez mais lentamente, morri...

Pedi a ela que voltasse para antes da vida de casada, e visse como foi a infância.

Meus pais são ricos, são os mesmos pais que tenho hoje, na vida presente. Sou cuidada para casar com homem rico – este é o sentido da vida que recebo como ensinamento. Vejo que eles são muito parecidos comigo. Aprendi a escrever, pintar seda, tudo para agradar os homens. Minha mãe fala que nasci para o luxo e que jamais devo abaixar a cabeça para ninguém. 'Existem dois tipos de gente: o que manda e o que recebe ordens', diz ela. 'Os deuses são bonitos e altivos, e ter o poder de decidir sobre os subalternos é um poder divino', completa.

Acabo conhecendo meu futuro marido: ele é famoso e poderoso na região. Sou bonita, jovem, bem situada socialmente, e nos casamos. Minha vida continua frívola: faço o que eu quero, mando castigar os empregados que me desagradam, não preciso tocar as mãos neles – há pessoas encarregadas pela punição.

Penso que os pobres não têm classe e, por isso, são inferiores. Vivemos no Japão, na época dos grandes senhores de terra.

Não vejo mais nada...

— Faça um repasse, e veja se realmente não há mais nada que a prenda a esta vida – pedi à paciente.

Estou vendo um espírito. É o meu marido dessa vida passada, e ele está dizendo que estou confusa: eu quero ser boa, mas não posso, não devo me igualar àqueles humildes, que foram nossos empregados. Fala que está inconformado comigo, pois eu mudei muito, e ele não vai deixar eu continuar nesta mudança.

Dialogo com o espírito, buscando convencê-lo a partir. Mesmo com sua relutância em desligar-se, dizendo estar enraizado junto à paciente, vou conseguindo, pouco a pouco, realizar o desligamento.

Depois de alguns minutos, ele aceita partir, comentando que um grupo de espíritos está com ele, e que todos partirão.

Ao todo, o tratamento durou nove sessões. As queixas principais eram: depressão desde a infância, insegurança e baixa auto-estima. Estes sentimentos provocavam grandes obstáculos na vida dela.

Em outra sessão, onde estávamos buscando a origem de sua dificuldade com a vida profissional – embora profissional liberal autônoma, estudiosa e esforçada, sentia insegurança em tudo que deveria fazer para progredir na carreira, que não deslanchava – surgiu o seguinte:

Vejo algo horrível. Um lugar escuro, há muito tempo, parece ser na Idade Média, num castelo sombrio, onde se faz magia. Sou um homem.

Não existe estrutura familiar aqui, e nada que se relacione com Deus. Pertencemos a um grupo, e tudo fazemos por dinheiro, poder e prazer. Eu sou o líder deste pequeno grupo.

Aqui é o reino do mal, não se ouve a palavra de Deus, não usamos a palavra perdão, nem amor... Somos os filhos do mal. Detemos o poder da comunicação com os espíritos e aprendemos a incorporar o mal. Somos o próprio demônio e as pessoas nos temem, pois temos poder e fazemos morrer reis, príncipes, padres.

Também adquirimos o dom de fazer chover, queimar... Gente importante vem pedir coisas, muitos nos procuram, e por isso podemos usufruir do conforto e da segurança proporcionada pelos nobres e pessoas com boa situação financeira.

Creio que aqui é a França, e percebo que há turbulência com o povo: os pobres não estão satisfeitos, os nobres estão assustados, mas dentro do meu castelo sinto-me seguro.

Falam em injustiça social, há pessoas passando fome porém eu não me envolvo com estes problemas. O movimento vai crescendo, ganhando força, a Corte está muito assustada e vem pedir ajuda. Fazemos muitas magias para que surjam epidemias entre o povo, buscando enfraquecê-lo, mas sinto que minha força já não é a mesma.

O que fazemos não está mais surtindo efeito, e começo a cobrar daquele que sempre me deu poder. É um espírito, com o qual busco fazer uma barganha, prometendo mulheres virgens, crianças, mulheres grávidas, e ele aceita.

Mas eu não consigo cumprir a minha parte do trato, prometi coisas demais, a cidade está confusa, não tenho mais poder, o magnetismo que eu sentia no castelo também está deixando de existir.

Estou enlouquecendo. Ouço vozes, zombam de mim, e surgem feridas por todo o corpo. Sinto como se elas queimassem. Num momento de lucidez, peço a Deus que me deixe morrer – fui um ser humano miserável, e por isso sei o que me aguarda do outro lado. Tenho medo. Acabo morrendo assim, insano e abandonado.

A paciente pára de falar um instante, e então peço que ela volte para a infância desta vida.

Meus pais são pastores de ovelhas. Gosto de viver aqui. Dizem que sou esquisito, meu pai fala que sou estranho e que pareço ter o diabo no corpo. Eu ouço coisas, e ele me diz para controlar isso.

— Isto não depende de mim! Respondo, embora ele não aceite que tudo o que sinto não seja invenção minha.

Mas ele insiste que, se eu não parar com isso, todos iremos para a fogueira. Porém, eu continuo ouvindo vozes, e fazendo acontecer coisas: certo dia, coloquei fogo no celeiro. Outra vez, um homem pegou fogo, como uma combustão. As pessoas começaram a falar para meu pai que o filho era bruxo, começaram a incomodar minha família.

Eu acabo fugindo, mas pegam meus pais e os matam amarrados e queimados, completamente indefesos.

Destruíram minha casa – nessa época, tenho mais ou menos dezesseis anos. Ando pelas ruas, até o dia em que um bruxo me encontra, fala comigo, diz que me descobriu pelo poder da bruxaria e me faz uma proposta:

— Se você quiser ter o poder, eu posso lhe ensinar o caminho. Eu aceito imediamente, afinal, não tinha nada a perder. Sou levado até o palácio dele. O bruxo tem uma esposa, e me tratam bem. Neste período, aprendo coisas, e ele pede que eu ensine outras que sei, principalmente como falar com as entidades.

Digo que isto é um dom que tenho e que não posso ensinar. Vivo com os dois durante uns dez anos. Com o passar do tempo, nossa relação vai se deteriorando, não nos entendemos mais, eu

começo a achá-lo muito pequeno, muito fraco, vejo-me como um sujeito mais poderoso e com interesses bem maiores. Algumas pessoas da alta burguesia começam a apreciar meu trabalho, e por isso decido matá-los, e ficar só. Enveneno-os e jogo os corpos no poço.

Mudo para um castelo maior, e quando perguntam dos dois, falo que ficaram doentes, adquiriram uma moléstia contagiosa e acabaram mudando para o interior, longe de tudo e de todos, se isolaram...

Sou muito respeitado, e todos acreditam em mim. E minha vida prossegue assim, eu vou fazendo magias e adquiri alguns seguidores, até morrer louco, como relatei.

Esta vida foi vista na etapa final da terapia. Eu havia trabalhado todos os sintomas, inquirindo sobre momentos passados que tivessem relação com os problemas que a paciente sentia na vida presente, e como ela não via mais nada, solicitei ao seu inconsciente que pudesse ver uma vida onde não houve tanto sofrimento, onde ela pôde realizar coisas positivas para o seu crescimento, e ela disse sentir a presença de um espírito amigo, que lhe queria comunicar algo:

Tem uma voz lá no fundo... Diz que está tudo bem. Pede que eu conviva com determinadas dores e não devo me afligir com nada, pois tudo será atenuado. São espíritos amigos...

Estou tranquila, sinto firmeza. Dizem-me que muita coisa já foi revelada, e por enquanto é o suficiente. Agora estará em minhas mãos saber o que fazer com tudo o que descobri. A paciente chora copiosamente, e continua: "Estão muito felizes, agradecem ao trabalho e mandam muita luz. Dizem que estava difícil se aproximarem, pois uma energia impedia, mas agora estão satisfeitos em poder ajudar novamente. Pedem para que eu não desperdice esta chance, pois será difícil haver outra, e se despedem....

Esse tipo de aconselhamento, em que o espírito protetor solicita que o paciente confie e aproveite a chance é comum – geralmente estão se referindo a alguma missão, uma situação com a qual a pessoa irá se defrontar, e deverá se esforçar para cumpri-la da melhor forma possível. Nota-se, porém, que os espíritos-guias não falam qual a direção que se

deve tomar, não tecem elogios eloqüentes nem críticas mordazes – apenas orientam, com firmeza e bondade, como um pai zeloso que busca dar auto-confiança ao filho para que ele possa enfrentar as dificuldades da vida.

Dessa forma, deixando claro que sempre que o paciente necessitar os espíritos-guias estarão presentes, e ao mesmo tempo dando-lhe autonomia para decidir sobre o próprio futuro, mostram que todos têm força, capacidade de seguir o seu caminho. É, portanto, imprescindível confiar nesta capacidade – ela é a base para o progresso, em todos os sentidos.

#### Confiar em si e no invisível

Muitos pacientes dizem ter dificuldades em acreditar em espíritos, em outros planos de existência e até em vidas passadas, embora quase todos acreditem numa força superior que pode interferir na vida do homem – Deus, ou outro nome que se queira dar.

Embora eu explique todo o processo terapêutico para cada paciente, não procuro expor a idéia das vidas passadas, a lei do carma, obsessores e espíritos amigos além do razoável, pois a principal razão para o paciente crer em algo além da matéria são as próprias regressões.

A pessoa em estado de relaxamento está plenamente consciente e ciente de que todo o material visto está "emergindo" do seu próprio inconsciente. Quando verifica outras vidas, ou obsessões e espíritos amigos, não é apenas um de seus sentidos que está captando sensações: o corpo inteiro é um captador e, por isso, sente diversos fenômenos.

Aos que dizem que tudo o que é visto não passa de imaginação, deve-se entender que as sensações não podem ser provocadas pelo simples esforço criativo. Não há nenhuma lógica em alguém procurar um tratamento e passam a fantasiar e a fingir situações para agradar ao terapeuta ou a quem quer que seja.

É compreensível que, naturalmente, a própria educação recebida, o ambiente de trabalho, a sociedade e todo o acúmulo de informações recebidas via TV, rádio, cinema, internet, jornais, revistas, painéis etc., acabam inserindo muitas idéias religiosas, morais e éticas, incorporadas mesmo quando não há consciência disso. Conceitos como céu e inferno, bom e mau, demônio, anjo, pecado, a doença como defeito orgânico, hereditariedade determinando inclusive personalidade etc., tudo isso é constantemente insinuado, de forma subliminar ou evidente, acabando por provocar reações do tipo:

— Eu não acredito!

Sempre falo aos meus pacientes que eles devem acreditar no que vem de dentro deles. A maioria deles aceita, e muitos, após a terapia, partem para o estudo da espiritualidade, da mediunidade, acabam aceitando que tudo o que se passou na terapia tem sentido e merece uma maior dedicação.

O exemplo que vou relatar retrata esta situação: uma paciente me procurou porque sonhava demais durante a noite, sonhos agitados que a deixavam completamente exausta no dia seguinte, e esta situação se repetia há vários anos. Não eram pesadelos: sonhava com pessoas que já morreram, outras vezes se via fora do corpo, voando. Sonhava também que estava estudando. Outra queixa apresentada era uma dor de cabeça freqüente, na testa, além de dores nas costas; ficou ansiosa e perdeu o controle sobre sua alimentação o que lhe trouxe significativo aumento de peso. Algumas dores no braço direito também passaram a incomodá-la e, finalmente, a última queixa era sobre a tensão pré-menstrual, que surgiu repentinamente.

Após a quarta sessão, esta paciente já estava se sentindo muito melhor. Havíamos trabalhado todos os sintomas, porém nada do que vimos justificava o problema dos seus sonhos. Comecei a pensar que a causa seria outra, talvez estivesse ligada à mediunidade.

— Parece que estes sonhos têm algo a ver com mediunidade – disse à paciente.

Nestes casos, como já foi comentado no capítulo sobre mediunidade, a pessoa tem habilidades inatas, percepções com as quais não existe mais nada a fazer que não seja compreendê-las, estudá-las, controlá-las, pois são naturais aos seres humanos – mesmo que uns sejam menos sensitivos que outros.

Ela me disse que já haviam falado a este respeito mas, mesmo se interessando pelo espiritismo, chegando a ler várias obras e acreditando em vários aspectos dos pressupostos, nunca se interessara em saber o que realmente estava ocorrendo com ela mesma, o porquê dos sonhos, qual a utilidade em se ter sensações mediúnicas... Procurei dizer que, de modo geral, todas as pessoas dotadas de alguma habilidade como médium devem utilizá-la, pois existe um motivo para isso. Pela Terapia de Vida Passada, percebemos que os médiuns devem utilizar esse dom para a própria evolução. Ignorá-lo, além de poder trazer conseqüências físicas (mal-estar, descontrole, desarranjos hormonais etc.), deixa de lado a questão cármica: o indivíduo está deixando de cumprir um compromisso numa encarnação, que ficará pendente para um tempo futuro, gerando, no mínimo, frustra-

ção ao espírito. Quanto ao incômodo dos sonhos descontrolados, aconselhei-a a, antes de deitar, orar, conversar mentalmente com o espírito protetor, pedindo-lhe ajuda e esclarecimento do porquê das sensações que a estavam atrapalhando.

Terminamos esta sessão e na semana seguinte ela disse que, antes de dormir, fez como havíamos combinado – conversou com seu mentor espiritual e disse a ele que se os sonhos fossem um sinal de que deveria desenvolver a mediunidade, ela assumiria o compromisso de assim proceder. Depois disso, conseguiu dormir melhor durante toda a semana. Também conseguiu controlar a ansiedade, iniciando um regime e conseguindo regular o apetite. O único sintoma que persistia era a dor no braço direito, e foi isto que usamos para iniciar a regressão. Após o relaxamento, usando a frase "me dói o braço direito", repetidas com insistência durante algum tempo, ela iniciou a narrativa:

Há alguém me puxando, estou num campo, caída, e estão querendo me salvar. Sou mulher. Estou muito machucada, cheia de sangue. Ele fecha meus olhos, eu morri. Tenho por volta dos trinta anos.

— Volte – peço – para antes do momento da morte, e veja como foi a sua vida...

É uma cidade muito pacata, tudo é branco. Tenho por volta dos dezesseis anos. Eu estudo, e começo a namorar um soldado. Mas ele vai para a guerra, deixando-me muito triste.

Na região onde moramos, há um vulcão. Certo dia, ele entra em erupção, explode, deixando tudo coberto de cinzas. É muito quente, tudo fica enlameado, é uma grande confusão, foi assim que eu morri. A pessoa que procurava me salvar era o meu namorado, que havia retornado, era quem puxava meu braço.

É interessante. Esta noite eu sonhei com ele. E ele está aqui, e quer falar algo. Diz que é médico e é meu guia espiritual. Fala que preciso cuidar de crianças, e estará sempre me protegendo. Nós já tivemos uma vida em comum – completa ele.

— Então vá até esta vida, veja como foi, o que aconteceu?

Sou a mãe dele. Somos ricos. Estou muito orgulhosa, pois o meu filho se formou médico. Além dele, tenho mais uma filha. Ele tem muito sucesso na profissão e demonstra um lado muito bonito: atende muitas crianças e faz muita caridade. Nós não precisamos do dinheiro, e por isso eu o apoio muito.

Meu filho se apaixona por uma moça, porém ela o despreza, o considera tolo por fazer tanta caridade – esta mulher é muito orgulhosa. Ele então conhece uma moça mais simples, que não é tão rica e prepotente, e se casa. Ela também o apóia muito, o ajuda nos trabalhos.

Sou casada, meu marido é bem-humorado, adora fazer brincadeiras e somos muito felizes. Os anos passam assim, dentro desta traqüilidade. Já me vejo velha, num hospital, estou morrendo. Meu filho está ao meu lado – ele não teve filhos...

Ele me agradece por eu sempre tê-lo apoiado, e eu digo que o amo muito. Morro e, muitos anos após, também velho, este filho desencarna. Nesta época, há várias pessoas ajudando-o no trabalho com as crianças, que ele desenvolveu a vida inteira.

#### — Há mais alguma coisa a respeito desta vida?

Sim, percebo que há um outro espírito aqui. É da filha que tive nesta vida passada. Está me pedindo para continuar a fazer o que o irmão dela fazia. Ela trabalha com adolescentes, no plano espiritual e me assegura que a atividade que eu desenvolver será muito gratificante. Ela também estará me ajudando.

O fato de eu ter dormido bem durante a semana foi porque me comprometi a trabalhar a minha mediunidade e os sonhos eram um aviso...

Enfim, completa dizendo para eu não me preocupar muito com o meu filho (na vida presente, a paciente estava inquieta com um dos dois filhos), pois ele deverá ter uma vida muito bonita e ser meu companheiro nesta missão. Por isso, devo contar tudo isto a ele, explicar o que está acontecendo, levá-lo junto aos estudos de mediunidade, pois ele também irá ajudar muita gente, será um sujeito honesto – um grande homem, como eu sempre imaginei.

A paciente acabou o tratamento sentindo-se muito bem, fazendo planos para ter mais filhos – tinha dois de um primeiro casa-

mento, ambos já adultos. Neste segundo relacionamento, tem uma vida harmoniosa, fato que não ocorreu no primeiro, e em todos os outros aspectos planeja se desenvolver igualmente bem, principalmente no que trata da sua mediunidade e do trabalho que deverá realizar com crianças. A paciente entendeu que "As missões são determinações que se estabelecem para um espírito, antes da encarnação. Elas servem para possibilitar a evolução de que o espírito necessita, e são assumidas voluntariamente. Quando um homem se afasta da principal razão da sua existência, pelo envolvimento com interesses materiais, o resultado é a tristeza de sua alma, que deseja realizar uma tarefa e não consegue evoluir", diz Celina Fioravanti, em Causas Espirituais da Depressão.

Os espíritos amigos que se apresentaram para minha paciente mostraram-lhe que existe um caminho, que ela, inconscientemente, já conhecia. Porém, aceitar este caminho, recusá-lo, ir por outra direção, inclusive se negar a crer nos espíritos era e sempre será uma opção pessoal.

#### Os diferentes tipos de proteção espiritual

O fato de acreditar em mensagens espirituais pode abranger alguns aspectos diferentes. Existem aqueles que se recusam a crer nos espíritos e em qualquer forma de manifestação que possa vir da parte deles; há também os que crêem na existência espiritual, mas vêem restrições quanto à possibilidade da comunicação entre os espíritos desencarnados e os encarnados; também há pessoas que acreditam em comunicações, mas selecionam o que acham confiável, do que não crêem; e há os absolutamente crédulos: acreditam nos anjos, nos Mestres, nos gnomos, nos extraterrestres, nos intraterrestres, nas entidades, nos orixás, nos santos etc.

Não importando o credo de cada um, ou o nome do espírito amigo, cada pessoa que pretende julgar uma suposta mensagem espiritual deve, antes de aceitá-la ou negá-la, passá-la pelo crivo da coerência. Percebemos que uma comunicação mediúnica é uma decodificação de estímulos eletromagnéticos, transformados pelo médium em imagens e palavras. Conforme a sintonia ou freqüência da pessoa, ela captaria mensagens vindas de espíritos de evolução semelhante. Como diz o autor

Hermínio Miranda, em *Diversidade dos Carismas*, "... antes de ser um bom médium – desenvolvendo e treinando suas faculdades –, o indivíduo tem de procurar ser uma boa pessoa. Pessoas desarmonizadas podem dispor de excelentes faculdades mediúnicas, mas, se não se reeducarem, serão instrumentos de espíritos também desarmonizados, dado que é a programação da desarmonia que os espíritos encontram nela ao se manifestar. O que equivale dizer que não é a mediunidade que se desarmoniza ou se desequilibra, mas o médium. E é assim que o médium vai sendo arrastado, cada vez mais, para o exercício de uma faculdade atormentada, de vez que rejeita, automaticamente, por incompatibilidade, os espíritos harmonizados que poderiam ajudá-lo nas suas tarefas, e como que se oferece aos que estão desquilibrados. Chama-se a isto sintonia".

Por isso, não apenas a mensagem deve ser analisada pelo seu lado construtivo, instrutivo, incentivador, orientador, mas o médium também deve se esmerar em ter um comportamento equilibrado, para que o conteúdo da mensagem não esteja comprometido. Muitas vezes, ele próprio pode estar imaginando perceber um espírito iluminado, um guia espiritual, quando a realidade é outra. Como já foi dito, há diversos níveis espirituais.

Assim como existem muitas gradações de espíritos obsessores, a literatura também distingue diferenças entre os espíritos protetores. O *Livro dos Médiuns* traça uma série de características segundo as quais é possível reconhecer a qualidade e a superioridade deles. Por exemplo, o linguajar deve ser digno, sem uso de expressões jocosas: "dizem tudo com simplicidade e modéstia, não se gabam jamais", afirma Kardec. Os bons espíritos somente dizem o que sabem, enquanto que os pouco evoluídos falam de tudo com segurança, sem a preocupação com a verdade. Segundo o *Livro dos Médiuns*, "reconhecem-se, ainda, os espíritos levianos pela facilidade com a qual predizem o futuro, e precisam fatos materiais que não nos é dado conhecer. Os bons espíritos podem fazer pressentir as coisas futuras quando esse conhecimento for útil, mas não precisam jamais as datas; todo anúncio de acontecimento com época fixada é indício de uma mistificação".

Ainda seguindo esta linha lógica e austera, continua o texto: "Os bons espíritos jamais ordenam: não se impõem, aconselham, e, se não são escutados, se retiram... Não lisonjeiam: aprovam quando se faz o bem, mas sempre com reservas; os maus dão elogios exagerados, estimulam o orgulho e a vaidade, pregando a humildade, e procuram exaltar a importância pessoal daqueles a quem desejam captar".

Uma questão colocada no *Livro dos Espíritos* esclarece muito bem como é exercida a proteção de um espírito por outro, o porquê dela ser oculta e não ostensiva. A explicação para este aspecto foi: "Se contásseis

com o seu apoio não agiríeis por vós mesmos e o vosso espírito não progrediria. Para que ele possa adiantar-se é necessário que exercite as suas forças, sem o que seria como uma criança a quem não deixam andar sozinha. A ação dos espíritos que vos querem bem é sempre de maneira a vos deixar o livre-arbítrio, porque se não tivésseis responsabilidade não vos adiantaríeis na senda que vos deve conduzir a Deus. Não vendo quem o ampara, o homem se entrega às suas próprias forças; não obstante, o seu guia vela por ele e de quando em quando o adverte do perigo".

#### O conteúdo das mensagens

Muitas pessoas imaginam, muitas vezes influenciadas pela mídia, que a função de um espiríto protetor é nos avisar sobre grandes catástrofes ou nos fornecer soluções para os problemas que aflingem a humanidade.

A forma de pensar ocidental, imediatista, apega-se muitas vezes a resultados instantâneos: considera-se que caso se plante algo, na próxima safra se colherá; se der algo hoje, amanhã (bem cedo, de preferência), se receberá; trabalhando muito, o retorno também será profuso... Mesmo existindo na vida uma relação de causa-e-efeito em tudo, estas relações não são tão óbvias e obedecem a uma lógica própria, que muitas vezes não é a esperada. Todos os meus pacientes vêem vidas em que a infelicidade foi muito maior que as alegrias – contudo, geralmente nestas vidas o aprendizado e o crescimento foram maiores. Portanto, a infelicidade não foi um fator negativo...

Usando este mesmo raciocínio, esperar que um espírito protetor faça ou revele algo que julgamos muito importante, pode, na realidade, representar um embaraço que não temos condições de medir as consequências. Por isso, as mensagens vindas através dos pacientes são sempre sóbrias, o que não quer dizer que não tenham conteúdo. Pelo contrário, algumas possuem o dom de sintetizar certas noções que estão se organizando no consciente do paciente, ajudando-o sobremaneira a ajustar os seus passos, averiguar seus erros e decidir com sabedoria.

Eu estava trabalhando o medo de altura deste paciente, e ele regrediu até esta vida passada:

Estou numa árvore, situada num morro – subi nela para pegar um fruto. Estávamos andando pelas montanhas, eu e um

grupo de jovens, e por bravata, querendo demonstrar mais coragem que os demais, resolvi subir naquela árvore. O galho se quebra, eu despenco de grande altura, rolando morro abaixo. Meu corpo fica preso entre arbustos, e eu grito de medo e dor: Tiremme daqui!

Mas não há jeito de chegarem até este local. Meus colegas vão buscar socorro, e trazem alguém com cordas. No local onde estou, também há perigo: posso cair ainda mais, e provavelmente se isto acontecer, será fatal. Estou apavorado, desesperado, penso a todo instante que vou cair, sinto tontura, muitas dores pelo corpo, acabo desmaiando.

Parece muito tempo que fico neste estado. Alguém procura me jogar uma corda, mas eu não seguro – tenho medo de me mexer. Com muito esforço, acabo conseguindo ser preso à corda, retiram-me deste local e levam-me, de maca, para ser tratado. O caminho é muito acidentado, e a cada solavanco, grito de dor. Sou levado até uma cabana, onde recebo cuidados.

Aquela situação, onde eu estava dependurado a grande altura, prestes a cair, não sai da minha cabeça. Fiquei muito tempo de cama, até melhorar.

A casa onde moro é muito simples, de madeira, tenho mãe e um irmão mais novo comigo.

Ainda não estou completamente recuperado, e minha mãe está brava comigo, porque não vou poder ajudá-la, por um bom tempo – ando com dificuldade, e não tenho muita força. Antes da queda, eu cortava lenha e ajudava na pequena plantação, de onde tirávamos nosso sustento.

O tempo passa, minha mãe permanece magoada comigo — mais um pouco e ela adoece, pois vem trabalhando dobrado, e seu corpo não tem mais resistência. Fica fraca, com dores, e eu acabo ficando triste por ter tido aquele ato de desatino, prejudicando a minha vida e a da família também. Sinto-me culpado pelo estado da minha mãe.

Agora já consigo trabalhar. Foi um tempo difícil – chegamos a passar fome... Minha mãe está de cama. Tem uma doença que dói todo o seu corpo. Ela não fala, quando estou ao seu lado, apenas me olha. Com os cuidados, minha mãe se recupera um pouco, porém não pode mais trabalhar.

Eu estou bem, mas esta época que se iniciou com o acidente, nunca saiu da minha cabeça. Também fico arrasado ao ver minha mãe desse jeito. Com os anos, ela morre, muito fraca.

Sou culpado pela morte dela, penso. Tenho um irmão menor, que não entende a situação. Os anos passam, ele se casa, e eu trabalho e vivo triste, relembrando tudo o que ocorreu. Nada me dá prazer na vida — vivo só e amargurado.

Estou velho, não consigo mais trabalhar. Tento colher alguma coisa, não enxergo muito bem, perco o equilíbrio, caio num grande buraco, dói muito a perna, não consigo levantar. Grito por socorro, mas não há ninguém por perto. Fico talvez uns dois dias neste lugar, e me arrependo de ter sido tão orgulhoso e intransigente. É assim que morro.

#### — Volte para a sua infância, e veja como foi.

Meu pai foi requisitado para lutar longe daqui, pelo rei. Tenho uns doze anos de idade. Minha mãe chora muito, entra em desespero, e eu prometo ao meu pai que serei o homem da casa e cuidarei de tudo.

Eu a ajudo e, com dificuldades, vamos vivendo. Sinto uma grande necessidade de ser aceito pelas pessoas da vila – tenho complexo por ser pobre e morar afastado. Sempre falo que tenho que fazer algo para me destacar, e minha mãe diz que é besteira.

O pessoal da vila vai fazer um passeio, e quando chega perto daquele morro, acontece tudo aquilo que já vi antes. Eu queria me mostrar a todos, e como ninguém ousava subir naquele morro, eles me desafiaram e eu me arrisquei.

Passei toda a vida lembrando de tudo, eu dependurado, minha mãe trabalhando arduamente, adoecendo, morrendo... Essas imagens ficaram gravadas na minha mente. Não vejo mais nada.

— Então, vamos fazer um repasse por esta vida, tente perceber se realmente não ficou mais nada, nenhuma lembrança ou sensação — solicitei.

Realmente não vejo mais nada. Mas sinto que há um espírito aqui comigo.

#### — Quem é ele? Veja o que ele quer.

 $\acute{\text{E}}$  o espírito do meu pai desta vida passada. Ele está deixando uma mensagem.

Em seguida, o paciente começa a falar em primeira pessoa:

Boa noite! Eu fui o pai dele nessa vida, nem pude estar com eles no momento da minha morte, devido a uma guerra estúpida que só os ambiciosos fazem.

Isso faz parte do ciclo da vida, eu hoje compreendo assim... Queria dizer que também sofri muito com o sofrimento deles três e que da minha parte fui muito intolerante com os seres do plano espiritual. Eu não aceitava a infantilidade deste filho, eu o considerava culpado pelo sofrimento da mãe e provoquei muito sofrimento a ele na mesma vida. O vínculo cármico dele era com a mãe e com o irmão. Eu agora já estou em outro momento.

Tenho certa evolução, e me permitiram vir aqui pedir perdão pela minha intolerância e pelo sofrimento que causei. Hoje se faz mister que eu peça desculpas porque assim limpamos esse ranço, essa mágoa do nosso perispírito. Aquele momento foi triste para ambos e agora este nosso encontro deve ser para uma nova vida e se o Pai permitir talvez nos encontraremos novamente. Peço perdão a Deus e a ele por ter colaborado naquela sintonia negativa.

A minha esposa tinha um vínculo cármico com o filho, comigo era uma intercessão que tínhamos, que fiz com livre-arbítrio, de tempo anterior. Obrigado. A sua mãe dessa vida passada é a mesma da vida presente.

Em seguida, ele recebeu essa mensagem do seu mentor:

Boa noite! Agradeço a oportunidade de estar aqui e poder falar. É uma lição saber que Deus criou seus filhos para serem felizes e terem saúde e só os desvios do livre-arbítrio criam os problemas. Deus nos criou para sermos alegres, perfeitos e quando dizemos isso às pessoas, elas não aceitam, não entendem.

Nessa vida que viram foi o mau uso de suas potencialidades que gerou os problemas, o mau uso das potencialidades, sejam físicas, intelectuais ou espirituais. Que sirva como um exemplo: ele viu que criou na sua mente, devido ao orgulho, a necessidade de ser aceito, de aparecer, e algo que parece tão pequeno se torna tão grande em decorrência, que depois é difícil apagar da mente.

Ainda assim o plano espiritual lhe dá a oportunidade de ver o erro, de olhar para o momento que cometeu a imprudência e avaliar dentro de si os mecanismos que Deus criou para que cada um cresça e se libere de seus traumas. Mas muitos fogem dos caminhos espirituais que os libertam – e são infinitos esses caminhos...

Por isso vim aqui para poder limpar essa marca do perispírito. Dia virá em que o homem poderá regredir sozinho e limpar suas manchas. Mas cada vez mais as pessoas usam o livrearbítrio errado. Para este irmão agora está sendo um momento maravilhoso. Ninguém deve ter medo de fazer esse trabalho, pois quem não estiver preparado não verá ou só verá aquilo que for permitido.

Esse trabalho, as regressões, não são para satisfazer orgulho pessoal e sim para apagar nódoas, medos do passado e ajudar cada um a encontrar a si mesmo. Quem vem e vê é porque lhe é permitido, chegou sua hora. São liberados os momentos de conflitos que, sozinho, não se consegue reavaliar, são momentos que ficaram marcados no perispírito. Você, minha filha (ele se dirige a mim), pode ter certeza e segurança no seu trabalho que está no caminho certo. Ainda está longe a hora em que cada um conseguirá fazer isso sozinho.

Que ele agora aprenda que o orgulho é uma arma que devassa e precisa ser controlado. É por falta desse controle que muitos jovens se metem com drogas, velocidade, loucuras, e jogam suas oportunidades fora, granjeando sofrimento para o futuro.

Que Deus os ilumine. Virei sempre que o Pai o permitir.

Esta mensagem, embora tocasse profundamente o íntimo do paciente, que sentia ser o orgulho uma dificuldade a ser combatida, também tem sentido universal, servindo a todos como um alerta, ao mesmo tempo que conscientiza quanto à necessidade do desenvolvimento individual...

A seguir, uma mensagem espiritual, recebida por uma paciente ao final da sessão, em que fatos concretos que iriam ocorrer foram expostos. Embora o objetivo não tenha sido este, esta comunicação acaba se transformando em indício de veracidade tanto da vida passada, vista na regressão, como da manifestação espiritual. Vamos à sessão, em que a paciente iniciou descrevendo uma vida no tempo da escravidão:

"Sou um feitor. Trabalho numa plantação e sou responsável por muitos escravos. Devo ter cerca de 30 anos, e na minha função, trato muito mal os escravos: chicoteio-os diariamente, exijo sempre o máximo deles, quero que trabalhem muito – eles têm medo de mim.

Meu patrão deseja ter muito lucro, e fica contente quando o serviço rende. Aí, deixa-me fazer o que quero. Moro aqui mesmo na fazenda.

Algumas vezes, penso que não desejaria fazer tudo o que faço, porém, para deixar o patrão contente, e quem sabe subir de cargo, torno-me rude e insensível. Os escravos estão cansados e sofridos. Mas os anos se passam e não sou promovido. O patrão, ao contrário, vai ficando cada vez mais rico – isso deixa-me com um sentimento de injustiça, e resolvo não judiar tanto dos escravos. "Não vale a pena ser tão estúpido", penso. Já não ponho tanta gente de castigo – antes, eu mandava bater muito e eles ficavam fracos. Também os deixava sem comer.

Agora, não faço mais isso. Mando até dar mais comida. Há uma escrava muito bonita e começo a gostar dela, porém ela tem medo de mim.

O patrão começa a reclamar que não estou tão bravo, e eu retruco que não existe a necessidade de judiar tanto. Ele não aceita, fala que a produção caiu um pouco, mas digo que os escravos trabalham melhor assim.

Começo a proteger a moça que gosto, tento conquistá-la, ela não quer, não gosta de mim. "Quero me casar com você!", falo, recebendo dela apenas incredulidade e medo. "Você é ruim!". "Já melhorei muito", respondo, mostrando que trato melhor os escravos. Mas ela diz que não vai dar certo. Dirijo-me então ao patrão e falo que quero me casar com esta escrava. Para minha surpresa e alegria, ele fala que ela será minha, um presente...

A escrava não gosta da idéia, não quer ir comigo, mas eu a obrigo. Na nossa convivência, ela insiste para que eu não bata mais em ninguém, diz que tem raiva de mim e que preciso melhorar. Não adianta eu responder que é necessário ser rude para que os escravos trabalhem, e ainda insisto que o patrão precisa de dinheiro. Mas com o tempo ela vai dobrando a minha resistência, e começo a me tornar mais humano.

"Você está ficando mole!", percebe o patrão. Eu não ligo. Os escravos começam a gostar de mim, e estou vivendo bem com a minha mulher. Temos um filho. Alguns anos depois, a fazenda aumenta, e mais um feitor é contratado para dividir as tarefas comigo. Logo no início percebo que ele é muito ruim, é violento e quer que eu seja como ele. Resisto muito, faço de tudo para não ter que bater nos escravos, e ele me chama de mole.

Este capataz diz que minha mulher deve ir trabalhar na lida, na terra, e eu bato nele. Buscando criar intriga, ele vai falar ao patrão que muita coisa está errada, e sou chamado para uma conversa. O patrão pergunta o que está acontecendo comigo, falo que o outro sujeito é muito rude e não há a necessidade de ser assim. "Eu prefiro esta maneira. Você está despedido", ele fala. Sinto um malestar, falo que gosto da fazenda e gostaria de permanecer. "A fazendo é minha, quem manda sou eu e você está fora!"...

Fico com muita raiva do capataz, mas saio e logo arrumo outro emprego, numa outra fazenda. Minha mulher precisa trabalhar. Sou capataz, e converso muito com o meu novo patrão, que é boa gente. Falo para ele que os escravos trabalham melhor sem apanhar e que estou gostando daqui. A fazenda prospera muito comigo. Minha esposa é designada para trabalhos dentro da casa grande. Estou feliz.

O tempo passa, já estou velho e não sou mais feitor. Ajudo o patrão a fazer as compras e na administração. O feitor que me substituiu é bom e conversamos muito. Temos notícias de que a fazenda de onde saí trata muito mal os escravos. Certo dia estou vindo da cidade, conduzindo uma carroça, e o feitor da outra fazenda está me esperando. Ele me mata com um tiro. O patrão dele mandou-me matar porque acha que o fato de eu tratar bem os escravos sob minha responsabilidade acaba causando revoltas em outros locais. Minha mulher e meu filho ficam muito tristes, pois

estávamos muito felizes neste período. Porém, eles são amparados pelo meu último patrão e não passam necessidades. Não vejo mais nada.

— Então volte, veja como foi o seu período como criança, nesta vida passada.

Somos muito pobres, tenho família, e meu pai tem um bar, onde ajudo. Ele morre, e então arrumo emprego na fazenda, para conseguir dinheiro para sobreviver. Aceito o cargo de feitor, mas não aceito muito o fato de ter que usar da violência – todavia, faço o que tem que ser feito.

- E você vê mais alguma coisa em relação a esta vida?
- Sim! respondeu-me o paciente. Estou vendo o homem que me matou, aquele feitor. Ele fala que tem muita raiva de mim, porque eu queria ser bonzinho. Sente muita inveja, diz que gostaria de ser como eu, mas não consegue. Ele e o meu ex-patrão me acompanham desde aquele tempo, esclarece.

Da mesma forma descrita anteriormente, consigo convencer os espíritos a seguirem o caminho deles, deixando de perturbar o paciente. Logo em seguida, surge outra comunicação.

Vejo uma moça, é a minha mulher desta vida passada. Ela diz que estava me acompanhando para tentar proteger-me dos dois obsessores, que buscavam me desquilibrar. 'Estão envolvidos em muita raiva e inveja, mas agora já passou', ela fala. Também afirma que ganhei muito ao ajudar os escravos e, por isso, há muitos que gostam de mim. Diz para continuar no caminho da busca do equilíbrio e da bondade, nesta vida atual, tentando fazer o melhor de mim, pois é assim que deve ser.

Esta minha esposa diz que esteve comigo, na vida passada, para me ajudar a evoluir, e que consegui grandes progressos. Até hoje ela me protege. Porém, afirma que há muitos outros me ajudando, no plano espiritual. Enfim, esclarece que está se preparando há muito tempo para reencarnar, e é chegada a hora.

'Eu tenho uma nova missão. Vou reencarnar e serei filha da sua irmã, que em breve se casará. Tenho muito a ensinar a ela, e sempre permaneceremos, eu e você, unidas pelos laços de afinidade, pois gosto muito de você. Sempre que estivermos juntas, você terá a sensação de que já nos conhecemos, e então se lembrará desta conversa. Não se esqueça de que tudo que eu fizer será para ajudar a sua irmã, e ela mudará muito, após o meu nascimento. Tenho pressa, agora preciso ir.'

Minha paciente permaneceu alguns instantes em silêncio, visivelmente emocionada. Fizemos as relações entre os sintomas e tudo o que foi visto. O mais curioso, no entanto, foi que, pouquíssimo tempo após esta sessão, a irmã da paciente realmente se casou, e em questão de um mês, estava grávida – nasceu uma menina...

#### O caminho...

Sentimentos, vontades, interesses, disposição para agir, apatia, perseverança, tudo é muito variável, assim como é variável a diversidade espiritual à nossa volta. A cada esquina que passamos, cada canal de televisão que mudamos, nos deparamos com pessoas ofertando soluções, a verdade, o caminho. Se estão certos ou não, isso não vem ao caso. Cada pessoa tem a sua utilidade – esteja ela fazendo o que for, estará sempre sendo útil para o aprendizado, a evolução dela e de outros.

No entanto, existem aqueles que não aceitam mais as fórmulas mágicas, perceberam que nada se consegue sem o esforço, a vontade de progredir, a humildade em se reconhecer imperfeito, a coragem de voltar os olhos do subconsciente para o passado, aceitando aprender com os erros e acertos cometidos. É isto que a Terapia de Vida Passada demonstra, e é este tipo de público que a procura.

A TVP não é o caminho. Ela deve ser entendida como um instrumento terapêutico, porém um instrumento amplo, que vai não só auxiliar o paciente eliminando os sintomas que o incomoda: ela irá trazer-lhe uma realidade que muitas vezes insistimos em não aceitar. A sobrevivência espiritual, a reencarnação, o contato e a influência espiritual e o principal: a necessidade da responsabilidade de cada um pelos seus atos. Este é o verdadeiro auto-conhecimento, a consciência da trajetória da sua alma.

Às vezes alguns entendem que o caminho é o estudo extenuante da metafísica, ou da física quântica, ou da espiritualidade, ou da lei do carma, ou da ciência, e assim por diante. As regressões que presencio no consultório dizem outra coisa: o importante são os atos baseados numa moral fundamentada na caridade, na humildade, no amor ao próximo, no controle dos vícios, e isto não se prende a determinada filosofia, religião ou conhecimento – é universal.

Praticamente todas as vidas, todas as regressões que vejo deixam-nos claramente este sentido, como também foi o caso desta próxima vida:

Nesta sessão em específico, eu estava trabalhando o fato do paciente sempre se sentir muito irritado, principalmente quando tinha algo a ser resolvido, um problema, por exemplo. E ele, então, viu esta vida:

Um lugar no oriente, parece o Egito, eu trabalho com medicina e magia. Trabalho para alguém importante. A filha desta pessoa está doente e eu não consigo resolver o problema.

Ele me dá um ultimato: 'Se ela morrer, vou matar sua filha também'. Eu tento de tudo, mas não consigo curá-la, e então fico desesperado, não durmo, passo dia e noite lendo tudo que encontro, buscando encontrar uma solução. Ela piora, e esta pessoa importante não me deixa mais ver minha família.

Começo a pensar que vou perder esta, não há maneira de reverter a situação. Eu tenho uma situação privilegiada e sempre achei soluções, mas desta vez não tem jeito. Ela morre.

Tento explicar o que aconteceu, mas não consigo. Falo que os deuses me abandonaram, digo que não sou culpado, mas o pai dela me culpa:

— Não só os deuses te abandonaram, mas sua família também – sentencia ele. Se você tiver algum dom, então use agora.

Começo a gritar, entro em desespero, fico louco, sou preso. Na masmorra onde me encontro, não como mais, tenho delírio, não consigo entender o que se passa, e assim eu morro."

Pedi a ele que voltasse para antes deste momento.

Sou um menino que vive perto do templo, e o sacerdote diz que sou a reencarnação de outro sacerdote, devendo, por isso, ser preparado para assumir minha missão.

Acho interessante a idéia, pois a vida dos sacerdotes é boa, eles gozam da ajuda dos poderosos e têm tudo o que querem. Fico muito feliz, e minha família também. Mas eu não entendo o que é ser a reencarnação de alguém, e ter o dom – não tenho a menor noção do que devo fazer.

Sou requisitado, junto à minha família, pelo sacerdote. Vou morar no templo, e eu me encho de orgulho: sinto-me superior aos outros meninos, por ter sido escolhido. Começo a estudar e assistir rituais de cura, previsões. Eu gosto, e aprendo.

Esse sacerdote transforma-se no meu mestre, e passa todo o conhecimento para mim. Ensina-me a não tirar proveito pessoal das coisas que sei e aprendi – ele mesmo é o exemplo disso. Assimilo o que ele fala, mas quando pratico os exercícios sozinho, percebo as oportunidades que ele perde, as chances de ganhar benefícios para a família dele, e inclusive com relação às moças.

Minha tentação é grande – acho que os deuses não perceberiam os pequenos deslizes. Além disso, se quero ajudar alguém e este alguém quer pagar, que mal há nisso? E quem tem dinheiro, pode comprar os deuses...

O mestre está bem velho, eu o respeito muito e jamais iria me opor a ele. Neste final da vida, ele me repete os preceitos básicos e pede que eu os siga fielmente. Eu prometo, e pouco tempo depois, ele morre.

Agora sou o médico, o sacerdote, o curandeiro. Tenho dinheiro, sucesso, poder e influência. Eu não achava errado o que aprendi, mas sempre surge uma oportunidade, aqui e ali, de se tirar proveito, de usar o poder e a influência, levando as situações para onde deseio.

Conforme vou me destacando, vai surgindo a inveja também. Muitos me temem, pelo meu poder, outros me odeiam, criando inimizades.

Surge o problema com a filha daquele senhor poderoso. Meus opositores colocam na cabeça dele que eu devo ter o poder de curála. Antes, ele jamais me desafiara, mas agora exige que eu a torne sã, novamente, deixando-me em situação muito difícil.

Meus inimigos são pessoas que eu desprestigiei, durante a escalada que tive. Fiz com que perdessem favores, e por isso eles viram neste momento a oportunidade de se vingar, fazendo intrigas.

Não vejo mais nada desta vida, mas estou vendo a pessoa que foi o meu mestre, nesta encarnação. Ele está proferindo uma mensagem:

O caminho da ambição desmedida leva à perda do conhecimento, do autocontrole, da clareza e da luz. Eu lhe repeti muitas vezes que jamais usasse aquele conhecimento por ambição. A solução estava ao lado dele todo o tempo – deveria esclarecer para aquele senhor a natureza da vida e o caminho que as pessoas devem seguir. Se tivesse meditado e pedido ajuda aos seus mentores, inclusive eu o teria orientado a dizer àquela pessoa as razões pelas quais a filha dele teria que partir, apesar da pouca idade, explicar a respeito dos desígnios divinos e as lições que este fato representaria para a vida daquele senhor.

Mas ele (o paciente) não soube aproveitar para si os ensinamentos que recebeu. Quantas vezes lhe disse que os valores dos conhecimentos, dos rituais, o conhecimento do corpo, das ervas, dos minerais, eram inúteis sem a pureza divina interior, porque precisamos dela para extrair a energia que eles podem nos dar...

A pureza divina interior é superior à matéria. Eu lhe ensinei que a minha paz, serenidade, sabedoria, não se deu ao acaso, foi fruto de muitas vidas com sofrimento, meditação, amor, humildade, caridade.

Por isso, agora – o tempo do plano espiritual é nada com relação ao tempo material – ele pode ter acesso ao conhecimento que já teve, mas será nada, se não colocar em prática, se a sua divindade interior não tiver energia para tirar proveito e absorver o que as coisas da natureza podem lhe dar.

Renovar-se intimamente é cultivar a essência divina. Que nesse momento se faça a luz a ele, mas que não esqueça que lhe cabe mantê-la acesa através do seu interior. Senão ela se apagará como já ocorreu e só restará angústia e sofrimento.

Uma vez já lhe passei o ensinamento. Agora fiz um resumo do que lhe ensinei, principalmente das coisas mais importantes que foram aquelas que naquela época ele não deu valor.

Que ele peça perdão, não a mim, e sim a ele mesmo pela sua ambição e ignorância para com as coisas divinas. Que Deus o abençõe nesta nova jornada e lhe dê forças para não perder tudo como já perdeu, por estar com os olhos vendados. Obrigado por mais esta chance de passar o conhecimento que aprendi através das vidas. Que a luz permaneça neste ambiente e com vocês...

Este mesmo paciente recebeu, na última sessão da terapia, uma outra mensagem que faz alusão à esta vida no templo, e por isso resolvi transcrevê-la. Deitado no divã, em estado de relaxamento, o rapaz começou a falar como se ele mesmo estivesse ao lado, enquanto um outro alguém usava suas cordas vocais:

Boa noite! Que a paz do Senhor esteja presente. É muito importante que ele agora comece a ter o sentimento de amor ao próximo, que é mais importante do que qualquer ciência. O verdadeiro conhecimento é o que aprendemos sentindo as pessoas e a si próprio. É mais importante aplicar o conhecimento com o amor, colocar o amor a serviço da arte, da ciência e do próximo. Só isso leva à evolução. Fora da caridade não há salvação. Essa frase não se aplica somente na religião, mas também na ciência. Se não for assim, não logramos o êxito. Aqueles que pedem são ajudados e este moço agora passou por uma grande libertação e amplitude de novos horizontes.

Coloque mais amor, sentimento, emoção na sua vida. Você barrava a emoção pensando que este tipo de atitude é sinal de fraqueza e falta de conhecimento. É um engano! A emoção aliada ao amor é um grande fator de energia que se torna poderosa dentro das pessoas; o amor deve ser aplicado em cada prática da vida.

Tem que trabalhar o amor, o sentimento, a caridade. Não se deve ter medo de evoluir, a evolução é necessária. Por isso Jesus Cristo disse que a passagem da evolução espiritual é estreita. Agora você viu como o caminho do orgulho, da preguiça, do ódio atravancam a evolução. O caminho da verdadeira coragem é o do crescimento.

Muitos falam que é preciso coragem para fazer maluquices, como se faz muitas hoje em dia, mas a verdadeira coragem é dizer não na hora de seguir um caminho errado. Agora não tem que ter mais medo do crescimento.

Paciência, tolerância para com o próximo, porque muitos desses próximos já estiveram juntos a você.

Por que não crescer, evoluir espiritualmente, que é a grande meta de cada um, para que se possa ter oportunidades em mundos mais evoluídos, onde impera o amor?

Essa é minha mensagem de amor e carinho para você. Assim desejo que utilize seu livre-arbítrio da melhor maneira possível porque se descortina uma nova oportunidade. Agora o templo (a vida passada onde ele fora o sacerdote) está entre o céu e a terra, onde há muitas moradas. Se o céu não tem limites, por que colocar limites na sua vida? Não há paredes nesse templo, por que colocar paredes em frente de si mesmo? Não se pode impor limitações na aplicação do amor e do crescimento. Quero que tente plantar uma flor numa pedra e espere, vai demorar para nascer, mas se aplicar amor, irá desenvolver esperança, tolerância, paciência, e fará crescer esta flor na pedra.

Deve meditar enquanto ela cresce...

A maior parte das comunicações que os pacientes recebem, apesar de serem de cunho pessoal, muitas vezes abordam aspectos genéricos, que podem ser aproveitados por todos. Neste último caso, se realça a necessidade da responsabilidade maior quando se está trabalhando com aspectos espirituais – no caso, o paciente se vira como sacerdote. Qualquer pessoa que lide com a "boa-fé" das pessoas, seja ela um padre, pastor, sacerdote, vidente, místico, ou mesmo profissionais da saúde, devem estar atentos a este detalhe, não só pela influência que podem exercer, mas também devido às energias com que estão lidando.

Como foi dito na comunicação, a "punição" pelo mau exercício do sacerdócio veio através das vidas passadas, e não exatamente como um castigo, mas como uma consegüência natural e inexorável.

É a visão da física quântica: se cada partícula está unida a um todo, apesar da consciência individual, a cada ação estará reservada uma reação, embora esta seja imprevisível. Uma analogia sobre a vida, de profundidade incontestável, foi obtida pelas palavras de uma feiticeira da Libéria, país da África Ocidental, abordando aspectos do livre-arbítrio, da necessidade da ação, confiança no caminho e, principalmente, percepção dos indícios que a vida nos reserva, orientando o melhor caminho com sutileza, indícios estes que muitas vezes passam despercebidos pelas pessoas. Assim foi descrito em *Povos Primitivos e Manifestações Supranor-*

mais, do pesquisador e estudioso da espiritualidade, o italiano Ernesto Bozzano:

"Acho-me perdida numa floresta imensa e desconhecida, na qual se me apresentam tantas direções a tomar quantos os pontos que estão num círculo e nada sei sobre o que me espera. Em qualquer direção em que me voltasse, para qualquer uma delas, mas em quaisquer dessas direcões, existe um Destino preestabelecido que me espera. Em qualquer uma delas já está fixado o que me deverá acontecer, no sentido de que, tudo o que me aconteca, já existe em todas as direcões, e que depois torna-se inevitável para mim. Não obstante, há o fato de que meu Destino variará enormemente na razão da direção que tomarei. Assim, por exemplo, se me encaminho para uma primeira vereda, encontrarei uma árvore da qual colherei frutos saborosos e nutritivos. Se me dirijo a uma segunda vereda, esperar-me-á a emboscada duma pantera que me despedacará. Se me dirigir a um terceiro caminho, toparei com uma límpida nascente que me dessedentará. Se me volto para uma guarta via, caio numa armadilha de elefantes e morrerei ferida numa selva de varas agucadas. Se preferir um quinto caminho, encontrar-me-ei numa tribo amiga que me culminará de atenções hospitaleiras. Todos esses eventos estão igualmente fixados no meu futuro, assim como se fossem escritos sobre as varetas dum legue e todas são verdadeiras em potencial. Mas também é verdade que, nessa floresta da vida humana, não existem processos de lógica capazes de revelar qual seja o caminho melhor para o qual se caminhe. Deveremos dirigirnos para a direita ou esquerda? Assim como do nascimento à morte, estamos em contínuo movimento para qualquer direção e que, se também permanecêssemos firmes, determinaríamos com isso uma forma especial de direção na vida, pois sucede que numa existência humana não possam dar-se incidentes a tal ponto insignificantes e nulos para resultarem falhos de ações potenciais com respeito à orientação do nosso futuro."

A profundidade deste texto se reflete na proposta exemplificada do carma: a vida humana está marcada por uma infinidade, milhares de acontecimentos que podem significar morte, acidentes, prazeres, encontros, separações, ostracismo, solidão etc. O conceito óbvio do "bateu, levou", "olho por olho..." é mais uma alegoria um tanto sem sentido. O homem caminha por esta trilha carregando consigo todas as características do que pode ser sua vida no futuro, devido às atitudes passadas, mas isto não significa que a vida é um jogo pré-determinado. A Terapia de Vida Passada demonstra esta realidade, principalmente quando abre a possibilidade do paciente se desligar de cargas emocionais, sintomas e

traumas, possibilitando uma vida mais plena e feliz – se o destino estivesse marcado, não haveria como buscar uma melhora, o progresso emocional, material e espiritual.

Às vezes pode ficar a impressão de que, por se solicitar ao paciente que veja um momento passado ligado a um determinado problema atual, a relação é imediata à causa. Porém, o paciente provavelmente viveu uma, duas, três, dezenas de vidas entre aquela que ele está regressando e a encarnação atual, em que outros tipos de problemas ocorreram, outros foram sanados... O texto acima, produzido pela narrativa de uma pessoa de cultura tão diversa da ocidental, parece fazer uma ponte entre o modo de pensar duro, imediatista, racional, e o pensamento oriental, mais suscetível a crer em forças imateriais, em que o efeito é conseqüência de uma causa bem ampla e, às vezes, não tão lógica ao simples raciocínio.

Enfim, para que as mensagens possam inspirar confiança, já que não seria coerente crer em tudo o que é dito, existem regras. Como diz o *Livro dos Médiuns*, os espíritos superiores "devem ser não somente muito bons, mas, por outro lado, eminentemente lógicos e racionais. Pois bem! Passai seus sistemas pelo crivo da razão e do bom-senso, e vereis o que deles restará".

#### Desabrochando espiritualmente

Os pacientes que passam pela Terapia de Vida Passada são pessoas normais. Alguns participam de religiões em que a presença espiritual é aceita, fazendo parte da doutrina, mas a maior parte, apesar de conhecer um pouco sobre a espiritualidade, não se envolve em nenhuma prática religiosa. Dedicam-se ao trabalho: são empregados, empregadores, profissionais liberais, autônomos, donas de casa, enfim, pessoas comuns.

Surgir a espiritualidade para estas pessoas, portanto, não significa deixar a vida social, o trabalho, os amigos, para se dedicar a uma causa, a uma missão. Talvez este seja o grande sinal da evolução que está se iniciando na humanidade: cada um, responsável por si e pela sua família, se permite ir além dos interesses materiais do conforto, do prazer, da conquista que o dinheiro pode proporcionar, e começa a aceitar um mundo invisível, presente e influente em cada um, com o qual nos relacionamos a todo instante, quer tenhamos consciência ou não.

E a consciência está surgindo, sendo até extremamente necessária, pois somente o equilíbrio entre o material e o espiritual permitirá um crescimento pleno, fato que geralmente será apenas comprovado em encarnação posterior, como vemos nas regressões. Portanto, a vida cotidiana, levada com responsabilidade e maturidade, é um grande instrumento para

o desenvolvimento de cada um, e por isso deve ser conduzida com percepção, uma vez que cada detalhe pode estar significando um degrau a mais ou a menos na escala evolutiva – se é que podemos fazer este tipo de analogia grosseira.

O mesmo raciocínio serve para quem tem algo, uma missão a realizar, além da grande missão de levar a vida de forma responsável. Um trabalho com crianças, doentes, idosos, excluídos, qualquer trabalho nestas características deve estar embasado, primeiramente, na vida individual e social sadia. E a perseverança deve ser redobrada, pois o trabalho assim o exigirá.

A sessão a seguir é de um rapaz que viu várias vidas em que observou ter cometido vários erros. Depois de vistas todas as vidas referentes aos sintomas apresentados, solicitei que ele fosse até uma vida feliz, como sempre faço ao encerrar um tratamento. Apesar de ser a última sessão, o paciente ainda sentia-se um pouco tenso neste dia e iniciou a narrativa.

Sou o responsável de algo muito alto, e fico preocupado se a obra vai cair ou não. Sou um homem, na faixa dos quarenta anos, não sou desta região, sou um projetista.

Estou construindo uma igreja, é uma construção difícil. Sinto-me tenso com a responsabilidade — estamos erguendo uma torre muito alta, não consigo o material que eu queria, tenho que arrumar outro. Acabam morrendo alguns operários, deixando-me mais nervoso. Alguns momentos, gostaria de parar, mas não dá.

Enfim ela fica pronta, e posso voltar para minha cidade. Regresso, estou no meu escritório, que é bem longe do local da construção. Dou uma última checada nos cálculos da igreja – acho que está tudo em ordem.

Trabalho para o governo, faço obras. Eu gosto do que faço. Estou bem velho agora. Vou morrer em casa, sinto como se a energia estivesse se esvaindo, lentamente, até a morte...

Pedi ao paciente que visse como foi a infância desta vida.

A minha vida é muito boa, com muita brincadeira, tenho uma família feliz. Eu estudo, tenho grande capacidade de aprender,

e isso deixa-me satisfeito. Aprendo num lugar aberto, há pessoas para ensinar, não é um lugar formal – é próprio para estudar. Parece bem antigo, como a Grécia.

Os anos se passam, eu estou jovem e me caso. Gosto da minha esposa.

Já trabalho construindo e, devido a isto, tenho viagens constantes, às vezes acompanhado da minha mulher, outras vezes não. Sou realizado.

Vou ser pai. Como a gravidez ocorre durante uma obra, levo a esposa comigo. É na Itália, onde estou construindo aquela igreja.

Os anos passam, tenho mais um filho. Minha esposa morre, velha, e eu morro quando meus filhos já são moços.

#### — Há mais alguma coisa a respeito desta vida?

Vejo um homem, era um mestre desta vida passada. Diz que andei meio perdido, fiz algumas coisas erradas, e que agora está na hora de acertar – só depende de mim.

Houve alguns períodos turbulentos [vidas passadas], nos quais me deixei levar... Fala que devo ter uma nova visão da vida – o mundo está passando por uma nova fase e até agora eu estava fora disso, não estava sintonizado com as mudanças. Ele quer me ajudar a entender o que está acontecendo, e que devo olhar para dentro de mim, analisando tudo com calma e ponderação, e então começarei a compreender.

Sempre foi meu protetor espiritual, diz ele, e completa: você tem uma missão espiritual que, para realizá-la, é necessário desabrochar. Há um longo caminho pela frente, e por isso devo ir com calma e paciência.

Este mestre parece ser muito inteligente. Está falando que devo mudar as referências que tenho do mundo. É uma dinâmica de vida que eu vou descobrir, e para isso devo olhar eu mesmo, pois ele não quer tirar o meu mérito – porém, estará sempre pronto para ajudar.

Está terminando, dizendo que não é mais necessário ver nada, agora. Todo o caminho dependerá de mim, do meu esforço, da minha abertura. Sinto como se eu quisesse ver alguma coisa, mas ele diz que não é o momento. Para o que eu devo fazer, estou suficiente-

mente esclarecido – só falta fazer a minha parte, mesmo que eu não queira. E fala para confiar em mim, e que, sempre que necessitar, devo pedir ajudar a ele."

Através da TVP fica claro que algumas pessoas vieram para a Terra com uma missão, um trabalho espiritual que precisa ser feito, necessário para seu progresso e evolução. Ao pensar em todas as vidas que presenciei, fica bem aparente esta noção: coisas que foram começadas ou mal feitas, hoje precisam ter uma continuidade. A terapia funciona como uma preparação e um alerta, um chamamento para que a pessoa não perca a oportunidade. Por isso, neste caso o mentor ao final disse: faça, cumpra sua missão, mesmo que não queira. Se o indivíduo renegar o seu caminho, novos problemas surgirão e principalmente um sentimento de vazio e insatisfação muito grande prevalecerá.

Isto não é uma ameaça, de forma alguma, mas apenas uma decorrência da lei do carma, que é constante e absolutamente justa. E, como já foi dito anteriormente, devemos considerar viver a vida de forma sábia e ponderada – com a mente aberta a todas as percepções, materiais e imateriais – como nossa grande missão.

## Conclusão

Houve um tempo em que a visão do homem não alcançava além do horizonte. A dificuldade de comunicação era tamanha, as distâncias eram tão grandes que obrigatoriamente a sociedade foi se aglutinando em núcleos. Nestes núcleos, indivíduos que possuíam habilidades mediúnicas, ou muita lábia, ou ainda uma fé sincera, quiçá tudo isso junto, formavam em torno de si um cortejo de seguidores. Cada um pregava a sua própria proximidade com Deus, ou deuses, e garantiam possuir a verdade suprema. A ciência não existia, ou melhor, era aquela compreendida pela observação da natureza e recebida através de intuições, algo que, na essência, não difere muito de hoje.

E assim as pessoas foram aprendendo a viver com suas verdades e também suas mentiras, superstições e crenças. Isso ocorreu no mundo todo. Cada pequeno grupo de pessoas mantinha os seus ritos, sua cultura, seus conhecimentos.

Mas o progresso é uma lei natural. As sociedades foram aumentando, as menores iam sendo incorporadas por outras, povos dominavam povos, culturas se fundiram, a comunicação ganhava novos horizontes. E onde ficou a verdade que servia para aquele pequeno grupo? Ela também sobrevivera nesta sociedade, mas camuflada de uma forma que pudesse ser atingida pela maioria.

E a evolução continuou. Ao mesmo tempo em que o homem buscava o bem-estar material, terras iam sendo povoadas, a população se multiplicava e o planeta Terra "encolhia".

Hoje somos seis bilhões de habitantes, e conhecer a cultura dos povos de qualquer recanto da Terra não é mais privilégio de poucos estudiosos. A televisão, o cinema, o telefone, o rádio, as grandes corporações, os imigrantes e, é claro, a internet estão transformando o planeta na chamada "aldeia global", literalmente.

É uma verdadeira revolução, já em andamento. Não se está globalizando apenas política e economia, mas também religiões, filosofias, ciência, moral, leis...

Aquele desenvolvimento social, cultural e espiritual inegável que veio desde a antigüidade até os dias atuais está se unindo numa coisa só,

e disso sairá uma nova consciência, apta a nortear o destino da humanidade como um todo, e não mais como povos e raças separadas.

Muitos valores serão mantidos, outros descartados. Este livro abordou conceitos que foram intuídos através dos tempos pelos nossos ancestrais de todas as raças, como a existência da espiritualidade, a comunicação entre espíritos, a reencarnação, a mediunidade, a força da oração, a lei de causa-e-efeito, e estes valores, por estarem presentes na tradição de quase toda a humanidade, e por não poderem ser negados pelo conhecimento atual, continuarão presentes e serão cada vez mais tratados com maior seriedade e estudo.

A ciência, é claro, continuará a sua busca pelo conhecimento, porém os valores descritos acima não devem ser desconsiderados – com certeza novas descobertas acrescentarão dados e poderão até mudar alguns conceitos sobre o espírito, por exemplo, mas a essência permanecerá, talvez com outros nomes e roupagem.

Em busca das origens dos problemas que afligem o ser humano, a TVP percorreu os caminhos que a psicologia trilhou no século XIX, chegou à sobrevivência espiritual e às encarnações passadas. Encontrou a possibilidade da comunicação entre espíritos encarnados e desencarnados, utilizando-se de um "veículo" de certa forma não explorado: o próprio paciente. Nada é forçado, nada é imposto, crenças não são colocadas em questão, nem o objetivo da TVP é provar isto ou aquilo.

Aceitar a espiritualidade não mais como manifestações místicas, sob o controle de alguns poucos iniciados, detentores da verdade suprema, também significa evolução. Segundo meus pacientes vêem, a espiritualidade é algo absolutamente normal, um desdobramento da vida na Terra, onde a mente consciente e a inconsciente sobrevivem, e a comunicação e troca de energias são intensas.

## Um novo conceito para paciente, terapia e terapeuta

Em muitos pacientes já posso perceber que, mesmo quando não conhecem muito a respeito da reencarnação, espiritualidade, lei de carma, poder da oração, estão predispostos a aceitar as evidências que a Terapia de Vida Passada demonstrará. Mas o fato mais importante, situação que se bem entendida significará a possibilidade da mudança em todos os sentidos, é que os pacientes aceitam que a origem dos problemas que os afligem está dentro de cada um, e que para melhorar é necessário o próprio esforço.

E, conforme sucedem-se as sessões, eles vão percebendo a evolução que vieram conquistando no decorrer das encarnações e se vêem recompensados por terem renascido, tendo a oportunidade de fazer melhor o que ficou pendente. Além disso, a visão que os pacientes possuem sobre a morte, o espírito e o sentido da vida modifica-se, muitas vezes partindo rumo ao estudo e à prática mediúnica, pois eles próprios viram espíritos, conversaram com eles, sentiram a energia, numa realidade vivida com tamanha intensidade e naturalidade que os transforma a ponto de querer buscar um caminho espiritual, necessidade não sentida antes da terapia.

Claro que isto não é regra geral: o único motivo que conduz um paciente até o meu consultório é o seu desejo de buscar soluções para os problemas. Todas as outras decorrências podem ou não acontecer, de acordo com a vontade de cada um.

Este é o lado do paciente. Já a TVP, como disse no livro *A Evolução da Terapia de Vida Passada*, exatamente por abordar o paciente como um ser orgânico, mas também espiritual e – pelo menos da forma como trabalho – suscetível à influência espiritual, também apresenta-se como um conceito revolucionário, tanto pelo aspecto teórico, como pelos efeitos práticos.

A TVP acaba se confrontando com a medicina e a psicologia tradicional: situa a doença, em diversos casos, longe da genética, embora não negando que padrões genéticos possam estar relacionados com determinadas doenças (estar associado não significa ser a origem); distancia-se da psicanálise por não utilizar a livre associação nem a interpretação como técnicas de abordagem do paciente, ou seja, não busca encontrar significados ocultos nas palavras, nos trejeitos, sonhos, lapsos etc.; não percebe, pela narrativa dos pacientes, a existência dos arquétipos junguianos; se apóia em conceitos que, embora milenares, eram (e ainda são, em parte) desprezados pela ciência moderna, como reencarnação, influência espiritual e carma; não se utiliza de psicotrópicos, pois entende-se que eles apenas escamoteiam os sintomas, sem atingir as causas.

Devemos entender que todas estas características não foram inventadas por estudiosos para depois serem colocadas em prática. O processo da TVP foi sendo descoberto e praticado em concomitância com as situações descritas pelos pacientes e, devido aos excelentes resultados, foram se estabelecendo normas de trabalho.

Algumas práticas – hoje deixadas de lado – foram experimentadas: por exemplo, a regressão sugerida pela ingestão de drogas. Utilizando apenas o relaxamento, a pessoa continua consciente de todos os objetivos e de todas as emoções que ocorrem durante o processo, num estado que lhe permite ver as vidas, avaliá-las e reavaliá-las. Com o uso de drogas, ocorre a alucinação, uma vez que a química do cérebro é afetada, tirando do

indivíduo a capacidade de avaliação crítica. O conteúdo torna-se distorcido, misturam-se fantasia e realidade, as influências de pensamentos de seres encarnados e desencarnados ocorrem desenfreadamente, sem controle, e pode-se ter visões de obsessores, entre outros fenômenos.

Tanto a TVP como as práticas meditativas budistas e iogues dispensam o uso de qualquer substância desse gênero.

Enfim, se existem pacientes com comportamento e visão mais próximos do terceiro milênio, se a Terapia de Vida Passada sinalisa para a mudança de paradigma apregoada por Fritjof Capra, os terapeutas — independente da área de atuação — também devem acompanhar esta evolução.

Trabalhar com um ser humano significa interagir com ele, tanto física, quanto espiritualmente. Querendo ou não, acreditando ou não, estamos a todo instante emitindo e captando pensamentos, vontades, decisões e energias. A responsabilidade de tratar um paciente que pela própria condição encontra-se vulnerável é, portanto, imensa. Ele está não somente necessitando do apoio técnico, mas também de apoio "emocional".

A época em que vivemos é um período de busca: alguns saem à procura do prazer, do sucesso financeiro, da beleza física, do poder, da fama. Muitos querem saúde. Há quem deseje buscar a espiritualidade, conhecer caminhos diversos que levem ao conforto da alma. Outros nem buscam, satisfazem-se com o que a vida oferece.

Todos eles fazem parte deste todo, que é a espiritualidade, encarnada ou não. Estejamos situados onde quer que seja, adeqüemo-nos ou não a estes grupos, estamos todos ligados, e dependemos uns dos outros.

Quando os grandes mestres da humanidade falaram em tolerância, amar uns aos outros, não-violência, anteviam um mundo sem fronteiras, sem barreiras étnicas, sociais e econômicas. Estamos caminhando para esta realidade, onde a "aldeia global" está tomando consciência de sua própria existência.

Para se incorporar a este mundo em transformação, há necessidade de se despir da velha roupagem cultural e procurar captar o que existe de novo, sempre usando o bom senso e a ética para aceitar certos conceitos e rejeitar outros. E, muitas vezes, aceitar o novo significa revisitar conceitos antigos, utilizando a visão contemporânea.

Foi o que a Terapia de Vida Passada fez. Buscando a origem dos problemas, ela foi de encontro a vidas passadas. Perguntou a razão, redescobriu a lei de causa-e-efeito. Investigou o paciente, surgiu o espírito.

Mas, mais que isso: a Terapia de Vida Passada expõe a necessidade de atitudes controladas e pensamentos ponderados, pois fica clara a responsabilidade do paciente ante sua saúde e seu comportamento. O sujeito não apenas decide sobre o seu destino, como também interfere e interage com a espiritualidade.

Usando o bom senso, sem esquecer que a ajuda espiritual estará sempre presente quando solicitada com sinceridade e bons propósitos, cada um saberá o melhor a fazer. Afinal, a capacidade do ser humano é infinita e todos, todos, têm o poder de modificar a vida para melhor.

"Quanto maior for o recolhimento e a simplicidade do coração, tanto mais elevadas coisas penetraremos sem esforço, pela luz da inteligência, que do alto se recebe.

O espírito puro, simples e constante não se dissipa na multiplicidade das obras; tudo faz para a glória de Deus, sem cuidar de, em coisa alguma, buscar seu próprio interesse."

*Tomás de Kempis (1380-1471)* 

### Oração a Deus

Adoro-Te, recôndito Eu do Universo, alma do todo, meu Pai e Pai de todas as coisas, meu alento e alento de todas as coisas.

Adoro-Te, ó indestrutível essência, sempre presente no espaço, no tempo e além, no infinito.

Pai! Amo-Te, mesmo quando o Teu respiro é dor, porque a Tua dor é amor; ainda quando a Tua Lei é sofrer, pois o sofrer que a Tua Lei impõe é o caminho das ascensões humanas.

Pai! Entrego-me ao Teu poder: nele repouso e me abandono, implorando à fonte o alimento que me sustente.

Procuro-Te nas profundezas onde estás, e de onde me atrais; sinto-Te no infinito, onde não chego, mas de onde me chamas.

Não Te vejo e, no entanto, Tua Luz me enceguece; não Te ouço e, no entanto, sinto o tom da Tua voz; não sei onde Tu te encontras, e mesmo assim Te encontro a cada passo; esqueço-Te e Te ignoro e, todavia, ausculto-Te em todo o meu palpitar. Não sei individuar-Te e, não obstante, gravito em direção a Ti, centro do universo, como gravitam todas as coisas.

Potência invisível que reges os mundos e as vidas, Tu estás na Tua essência, acima de toda minha concepção. Que serás Tu, que não sei descrever nem definir, se só o reflexo de Tuas obras me ofusca? Que serás Tu, se já estou aturdido pela incomensurável complexidade desta emanação Tua, pequena centelha espiritual que todo me anima? O homem Te segue na ciência, Te invoca na dor, Te bendiz na alegria. Mas, na grandeza do Teu poder, como na bondade do teu amor, estás além, sempre além de todo pensamento humano, acima das formas e da transformação, como um clarão no infinito.

No rugir da tempestade está Deus; na carícia do humilde está Deus; na evolução do turbilhão atômico, no impulso das formas dinâmicas, no triunfo da vida e do espírito, está Deus, um Deus sem limites, que tudo compreende, estreita e domina, até mesmo as aparências dos contrários, aos quais encaminha para suas finalidades supremas.

E o ser sobe, de forma em forma, ansioso de conhecer-Te, desejoso de uma sempre mais completa realização do Teu pensamento, tradução em ato da Tua essência.

Adoro-Te, ó supremo princípio do todo, na Tua vestidura de matéria, na Tua manifestação de energia; no inexaurível renovar-se de formas sempre novas e sempre belas. Adoro-Te, conceito sempre novo, bom e belo, inextinguível Lei animadora do universo. Adoro-Te, ó grande todo, que ultrapassas todos os limites do meu ser.

Nesta adoração, aniquilo-me e me alimento, humilho-me e me levo; fundo-me na grande Unidade e com a grande Lei me coordeno a fim de que minha ação seja sempre harmonia, ascensão, prece e amor.

Pietro Ubaldi

# Bibliografia

A DOUTRINA DE BUDA. Bukkyo Dendo Kyokai. Tóguio, 1979.

ANDRADE, Hernani Guimarães. *A Transcomunicação através dos Tempos.* São Paulo : Fé, 1997.

\_\_\_\_\_Morte, Renascimento, Evolução. São Paulo : Pensamento, 1983.

ARMOND, Edgard. Mediunidade. São Paulo: Aliança, 1996.

BÍBLIA SAGRADA. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil. 1969.

BOLETIM MÉDICO-ESPÍRITA № 2. São Paulo : AME-SP, 1984.

BOLETIM MÉDICO-ESPÍRITA № 4. 2. ed. São Paulo : AME-SP, 1996.

BOLETIM MÉDICO-ESPÍRITA № 8. AME-SP – 91. São Paulo : FEESP, 1993.

BOLETIM MÉDICO-ESPÍRITA № 9. AME-SP – 93. São Paulo : FEESP, 1996.

BOLETIM MÉDICO-ESPÍRITA № 10. AME-SP – 95. São Paulo : FEESP, 1996.

BOZZANO, Ernesto. *Povos Primitivos e Manifestações Supranormais*. São Paulo : Fé, 1997.

CABRAL, Álvaro & Nick, Eva. Dicionário Técnico de Psicologia. São Paulo : Cultrix, 1974.

CAPRA, Fritjof. Sabedoria Incomum. São Paulo: Cultrix, 1988.

CHOPRA, Deepak. A Cura Quântica. São Paulo: Best Seller, 1989.

CORDÁS, Taki Athanássios (Organizador). Distimia. São Paulo: Artes Médicas, 1997.

DELANNE, Gabriel. A Reencarnação. São Paulo: FEB, 1979.

DOSSEY, Larry. Rezar É um Santo Remédio. São Paulo : Cultrix, 1996.

\_\_\_\_\_ As Palavras Curam. São Paulo : Cultrix, 1993.

DOYLE, Arthur Conan. História do Espiritismo. São Paulo : Pensamento, 1995.

DROUOT, Patrick. *Cura Espiritual e Imortalidade.* Rio de Janeiro : Nova Era, 1993.

\_\_\_\_\_O Físico, o Xamã e o Místico. Rio de Janeiro : Nova Era, 1999.

ELIADE, Mircea. *História das Crenças e das Idéias Religiosas*. Rio de Janeiro : Zahar. 1979. Tomo II v. 1. 2.

FACURE, Núbor O. Muito além dos Neurônios. São Paulo : AME-SP, 1999.

- FIORAVANTE, Celina. *Causas Espirituais da Depressão.* São Paulo : Pensamento, 1995.
- FIORAVANTE, Celina. Os Curadores do Espírito. São Paulo: Pensamento, 1995.
- FIORE, Edith. Possessão Espiritual. São Paulo: Pensamento, 1987.
- FRANCO, Divaldo Pereira & Joana de Angelis. *O Homem Integral.* Salvador : Alvorada, 1991.
- FRANCO, D. V. & MIRANDA, M. P. Nas Fronteiras da Loucura. Salvador : Alvorada, 1984.
- FRISCHAUER, Paul. Está Escrito. São Paulo: Melhoramentos, 1973.
- GROF, Stanislav. Além do Cérebro. São Paulo: McGraw-Hill, 1988.
- GROF, Stanislav & Grof, Christina. *Emergência Espiritual*. São Paulo : Cultrix, 1989.
- HATZFELD, Jean. *História da Grécia Antiga*. Lisboa : Publicações Europa-América, 1965.
- HESSE, Hermann. Para Ler e Guardar. Rio de Janeiro: Record, 1975.
- HICKMAN, Irene. Remote Depossession. Kirksville: Hickman Systems, 1994.
- HUXLEY, Aldous. A Filosofia Perene. São Paulo: Cultrix, 1944.
- KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. São Paulo: Lake, 1994.
- \_\_\_\_\_Obras Póstumas. São Paulo : Lake, 1995.
- O Livro dos Médiuns. São Paulo : IDE, 1994.
- \_\_\_\_\_\_ A Gênese. São Paulo : IDE, 1996.
- \_\_\_\_\_O que É Espiritismo. São Paulo : FEB, 1993.
- KLIMO, Jon. Channeling. São Paulo: Siciliano, 1990.
- LIMA, Oliveira. História da Civilização. São Paulo: Melhoramentos, 1954.
- LUCCA, Elaine Gubeissi de & POSSATO, Alexandre. A Evolução da Terapia de Vida Passada. São Paulo: Roca, 1998.
- MACHADO, Irene Pacheco & Luiz Sérgio. *Driblando a Dor.* São Paulo : Recanto, 1997.
- MACHADO, Irene Pacheco & Luiz Sérgio. *Universo de Amor.* São Paulo : Recanto, 1998.
- MACHADO, Irene Pacheco & Luiz Sérgio. *Lírios Colhidos*. São Paulo : Recanto, 1995.
- MASPERO, G. & KURT, Sete. *Textos Sagrados das Pirâmides*. Rio de Janeiro : Livros do Mundo Inteiro. s. d.
- MELLA, Federico A. Arborio. O Egito dos Faraós. São Paulo: Hemus, 1981.
- MENEZES, Adolfo Bezerra de. A Loucura sob Novo Prisma. Rio de Janeiro: FEB, 1989.

MENEZES, Milton. Terapia de Vida Passada e Espiritismo. São Paulo: Leymarie, 1998. MIRANDA, Hermínio C. Alguimia da Mente. São Paulo: Lachâtre, 1994. Diversidade dos Carismas. São Paulo: Lachâtre, 1998. v. I e II. \_ Condomínio Espiritual. São Paulo : Fé, 1993. \_ Diálogo com as Sombras. Rio de Janeiro : FEB, 1987. NOBRE, Marlene R. S. A Obsessão e suas Máscaras. São Paulo: Fé, 1997. PASTORINO, C. Torres. Técnica da Mediunidade. Rio de Janeiro: Sabedoria, 1975. PEARSALL, Paul. A Arte de Fazer Milagres. São Paulo: Pensamento, 1991. PERALVA, Martins. Estudando a Mediunidade. Rio de Janeiro: FEB, 1987. PERROY, Édouard. História Geral das Civilizações. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1957. RAMACHÁRACA, Yogue. Ciência Hindu-yougue de Respiração. São Paulo: Pensamento, 1999. Hatha-yoga ou Filosofia Yogue do Bem-estar Físico. São Paulo: Pensamento, 1965. \_\_\_\_ A Vida Depois da Morte. São Paulo : Pensamento, 1963. \_\_\_\_ A Ciência da Cura Psíquica. São Paulo : Pensamento, 1965. \_ 14 Lições da Filosofia Yogue. São Paulo : Pensamento. s. d. Curso Adiantado de Filosofia Yogue. São Paulo: Pensamento, 1962. RHINE, Louisa E. Canais Ocultos do Espírito. São Paulo: Bestseller, 1966. RIDALL, Kathryn. Como Entrar em Contato com seus Guias Espirituais através da Canalização. São Paulo : Objetiva, 1988. RIZZINI, Carlos Toledo. Evolução para o Terceiro Milênio. São Paulo: Edicel, 1987. SCHUBERT, Suely Caldas. Obsessão, Desobsessão, Rio de Janeiro: FEB, 1985. STEINER, Rudolf. O Conhecimento Iniciático. São Paulo: Antroposófica, 1996. As Manifestações do Carma. São Paulo: Antroposófica, 1991. TILAK, Swami. Reencarnação. Porto Alegre: FEEU, 1974. TORTORA, G. J. Introduction to the Human Body. New York: Harper & Row, 1988. TRADUCÃO DO NOVO MUNDO DAS ESCRITURAS SAGRADAS. São Paulo: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1986. VAN DEN BERG, J. H. Psicologia Profunda. São Paulo: Mestre Jou, 1970. WIESENDANGER, Harald. A Terapia da Reencarnação. São Paulo: Pensamento,

1991.

- WILSON, Ian. A Experiência da Morte. Rio de Janeiro: Campus, 1995.
- XAVIER, Francisco Cândido. Nos Domínios da Mediunidade. Rio de Janeiro : FEB, 1987.
- XAVIER, Francisco Cândido & André Luiz. *Libertação*. Rio de Janeiro : FEB, 1987.
- \_\_\_\_\_Nosso Lar. Rio de Janeiro : FEB, 1979.
- XAVIER, Francisco Cândido & Emmanuel. *O Consolador.* Rio de Janeiro : FEB, 1976.
- XAVIER, Francisco Cândido & Waldo Vieira. *Evolução em Dois Mundos*. Rio de Janeiro : FEB, 1958.
- \_\_\_\_\_ Mecanismos da Mediunidade. Rio de Janeiro : FEB, 1987.

#### Para adquirir esta obra acesse:

www.evoluzcao.com.br

evoluzcao.elaine@uol.com.br

#### ou pelo telefone:

- (11) 3044-5655
- (11) 3044-3102